

A *redenção*
DO

*Amá-la seria a cura para
as suas feridas*

ROMANCE ERÓTICO DE
SARA ESTER



A redenção
DO CEO

*Amá-la seria a cura para
as suas feridas*

ROMANCE ERÓTICO DE
SARA ESTER

A redenção

DO

*Amá-lo seria o cura para
as suas feridas*

SARA ESTER

Copyright © 2019 Sara Ester
Capa: Barbara Dameto
Revisão: Sara Ester
Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra ficcional.
Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Sinopse

Três irmãos. Três mentes tempestivas. Mas a união entre eles era sagrada independente de tudo.

A cumplicidade dessa família ia muito além do laço fraternal; juntos, eles administravam um império: O grupo González.

Hugo, Alejandro e David.

Ambos eram conhecidos não somente pela fortuna e todo o poder que ela traz, mas pela fama da sedução ao sexo feminino.

Homens conquistadores e libertinos.

Alejandro González era o irmão do meio, e dos três era considerado o mais tranquilo.

Sempre se orgulhou da maneira centrada que levava sua vida, assim como a forma que administrava os seus sentimentos quando exposto a situações tensas.

Contudo, o destino apresentou a ele um furacão cheio de curvas, tatuagens e cabelos coloridos... uma mulher totalmente disposta a bagunçar sua vida e sua cabeça.

O sentimento verdadeiro acontece de dentro para fora, e Amálie finalmente conhecerá o poder do amor em todas as suas formas, inclusive na sua fase mais dolorida.

Sumário

[Sinopse](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Blue Evy](#)

[Capítulo 1](#)

[Alejandro González](#)

[Capítulo 2](#)

[Blue](#)

[Capítulo 3](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 4](#)

[Blue](#)

[Capítulo 5](#)

[Blue](#)

[Capítulo 6](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 7](#)

[Blue](#)

[Capítulo 8](#)

[Blue](#)

[Capítulo 9](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 10](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 11](#)

[Blue](#)

[Capítulo 12](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 13](#)

[Blue](#)

[Capítulo 14](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 15](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 16](#)

[Blue](#)

[Capítulo 17](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 18](#)

[Blue](#)

[Capítulo 19](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 20](#)

[Blue](#)

[Capítulo 21](#)

[Blue](#)

[Capítulo 22](#)

[Blue](#)

[Capítulo 23](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 24](#)

[Blue](#)

[Capítulo 25](#)

[Blue](#)

[Capítulo 26](#)

[Blue](#)

[Capítulo 27](#)

[Alejandro](#)

[Último Capítulo](#)

[Blue](#)

[Epílogo](#)

[Blue](#)

[Prólogo](#)

[\(A proibida do CEO\)](#)

[Romeu e Eva](#)

[Agradecimentos](#)

[CONHEÇA OUTROS TRABALHOS](#)



Prólogo

Blue Evy

Passado

Eu não conseguia tirar o sorriso enorme do meu rosto enquanto sentia o zigue-zague delicado das mãos do homem que eu amava; do homem que tinha acabado de me fazer mulher.

A mulher mais feliz do mundo.

Soltei um suspiro bobo, e me aconcheguei um pouco mais àquele corpo quente e acolhedor.

— Como está se sentindo? — veio a pergunta de repente, quebrando o silêncio que nos cercava.

— Eu estou em êxtase — respondi com sinceridade. Em seguida, afastei a cabeça para poder encarar os olhos dele. — Nunca imaginei que seria tão bom.

O sorriso dele resplandeceu seu rosto completamente.

— Porque você, finalmente, confiou em mim. — Seus lábios tocaram os meus. — Confiou que eu fosse fazer valer à pena.

Seu corpo empurrou o meu, fazendo minhas costas baterem na cama improvisada. Gemi quando senti a dureza da sua intimidade contra meu ventre.

— E agora?

Sua boca desceu para meu pescoço, deixando beijos molhados por onde seus lábios passavam.

— Agora, você não é mais virgem. Então poderemos fazer sexo quando tivermos vontade — ele disse sem parar de acariciar meu corpo nu.

Eu ri.

— Não é disso que eu estou falando. — Belisquei sua cintura, fazendo-o dar risada.

Em seguida, ele amparou meu rosto; seus olhos firmaram meu olhar.

— Eu estou com você, entendeu? Ficaremos juntos até o fim — garantiu.

Alívio brotou de meus poros, assim como um sorriso em meus lábios.

Aceitei seu beijo avassalador, pronta para mais uma rodada. Pronta para me doar àquele homem que me fez descobrir o amor e o prazer.

Mãos e bocas em vários lugares.

Sensações jamais sentidas.

Mas de repente tudo parou, e o frio tomou conta dos meus ossos ao som daquela voz:

— AMÁLIE ADAMEC!

Pulei, buscando desesperadamente me cobrir; tentando me esconder do olhar decepcionado do meu pai.

— Papai, eu disse que eles estariam aqui — soou a voz aguda da minha irmã.

— Você não cansa de me fazer passar vergonha? — ele questionou, puxando o cobertor em que eu estava cobrindo minha nudez. — Eu venho tentando remediar esse seu lado rebelde há muito tempo, mas como perdoar essa promiscuidade?

Com os lábios trêmulos, eu hesitei a falar quando visualizei o semblante dele.

Estava sombrio.

Minha mãe e minha irmã estavam logo atrás, como se assistissem a algum espetáculo.

Um espetáculo de horror.

— Pai... — tentei me cobrir com as mãos.

— Cala boca, sua vagabunda! Onde foram parar os princípios que eu te ensinei, hein?

Ele retirou o cinto, e eu gelei por dentro.

Olhei para o lado, em busca de apoio.

— Eu e Valentin nos amamos, meu pai — falei em meio às lágrimas. — Nós vamos nos casar como ensinam as escrituras.

Senti um estalido do cinto em minhas pernas, e gritei.

— As escrituras sagradas ensinam que o sexo só deve ser consumado depois do casamento — rosnou, erguendo o cinto outra vez.

Voltei a gritar.

— Mas o Valentin vai se casar comigo, meu pai. Ele me prometeu. — Olhei para o lado, mas dessa vez não encontrei o mesmo olhar apaixonado de minutos atrás.

Aquele não era um olhar que me trazia segurança e calor.

Ele não disse nada.

Minha mãe não disse nada.

Todos ficaram assistindo a minha penitência.

Minha derrota.

Meu coração se quebrando em pedacinhos.

A morte da minha confiança no amor.

Dias atuais

“Era uma vez... Cecílie Adamec e Valentin Ambroz. E agora é a parte em que começa o nosso “felizes para sempre”. Venha comemorar conosco.”

Eu reli aquele convite de casamento tantas vezes que já tinha perdido as contas. Havia duas coisas que me deixavam desestabilizada, e uma delas era a minha família.

A outra era o Alejandro.

Entretanto, naquele momento, eu me via presa em um labirinto de emoções, porque para cada atalho, era uma sensação nova. Esperança? Ali em minhas mãos, eu tinha a chance de tentar mudar a visão que meu pai tinha a meu respeito; eu poderia reconquistar o amor dele.

Afinal, eu nem sempre havia sido a filha que deu trabalho; eu me lembrava dos momentos bons entre nós.

Droga!

Aquilo era loucura.

Eu estava sendo ridícula ao cogitar comparecer aquele casamento; cogitando rever minha família depois de tantos anos.

— Com licença, senhorita. Eu apenas gostaria de avisar que o seu acompanhante acabou de chegar — disse o garçom.

Respirei fundo, e assenti.

Guardei o convite na minha bolsa, em seguida, molhei minha garganta com um gole do vinho branco, que eu tinha pedido antes.

Ao erguer os olhos, quase engasguei ao me deparar com Alejandro, de pé e me oferecendo aquele sorriso que eu odiava amar.

Semicerrei os olhos.

— O que faz aqui?

Ele não respondeu, simplesmente tomou um lugar à mesa.

— Alejandro, não me faça ser mal educada com você.

— Ah, então você tem educação? — ele revidou, sarcástico. — Porque você só me mostrou seu lado rebelde até agora, tigresa.

Revirei os olhos, ignorando a forma como meu corpo reagia à proximidade com aquele homem irritantemente delicioso.

— Eu estou esperando alguém, então se puder me dar licença...

Ele me cortou, enquanto se servia com uma taça de vinho. Fiquei atônita com sua cara de pau.

— Você ainda não entendeu? A sua companhia sou eu. Você estava esperando por mim

Abri a boca para retrucar, mas hesitei.

Sacudi a cabeça, furiosa.

— Argh! A Luna te contou — Não foi uma pergunta.

Ele sorriu, se deixando cair contra o encosto.

— Sim. Agora estou aqui para me oferecer a você.

Joguei o guardanapo sobre a mesa.

— Eu agradeço, mas não quero.

Tentei me levantar, mas sua mão me segurou, impedindo meu movimento.

— Por que você tem tanto medo de mim? — Engoli em seco. — Por que só me afasta desde o dia que nos conhecemos?

— Você só quer me levar para cama — falei num murmúrio.

— Negativo. Estou aqui para te ajudar — disse com tanto fervor que me

senti comovida. — Eu quero ser o seu acompanhante. Não é o que você quer? Um acompanhante para fingir ser o seu namorado? Luna não me deu detalhes, mas felizmente me contou o essencial. — Piscou maroto.

Olhei ao nosso redor, envergonhada por estar chamando a atenção das outras pessoas no restaurante. Então, eu voltei a me sentar.

— Vou precisar ficar um mês na casa da minha família, na República Tcheca. Será o casamento da minha irmã caçula, então terão alguns eventos até a celebração especial — falei. — Você é um CEO, Alejandro. Um homem influente e um dos três irmãos que administram um império. Não poderá se ausentar por muito tempo.

— Quem disse isso?

Olhei para ele. Meu coração estava acelerado, e meu cérebro lutava para raciocinar.

— Bom... — cocei a garganta. — Eu só salientei o óbvio.

Ele inspirou, depois se inclinou com os cotovelos na mesa.

— Não tiro férias, há anos, então eu me considero livre em todos os sentidos. — Não me passou despercebido a mensagem obscena por trás de suas palavras.

— Por que quer um namorado de mentira, Blue? — ele perguntou, quando teve certeza que eu não faria qualquer comentário. — Confesso que fui pego desprevenido quando soube disso, porque você não é o tipo de mulher que precisa contratar homens para ter companhia.

— Que tipo de mulher você acha que eu sou?

Visualizei a mordida sensual que ele deu, nos próprios lábios. Contorci-me disfarçadamente na cadeira.

— Uma mulher capaz de me deixar de joelhos sem qualquer esforço — ele respondeu, num tom rouco. — Uma fera presa num corpo delicado e completamente delicioso.

Arquejei, desviando os olhos. Levei uma mão ao meu pescoço, sentindo a umidade do suor na minha pele. Eu estava nervosa.

Alejandro me deixava nervosa.

— Se eu, por acaso, considerasse aceitá-lo como meu acompanhante, saiba que será tudo de mentira, entendeu? Eu não sou muito bem quista pelo

meu pai, então quero mostrar um pouco de mudança. Talvez mostrando que estou num relacionamento sólido, soe como responsabilidade aos olhos dele.

— Então tudo tem a ver com seu pai?

— Sim — falei com a voz fraca. Ergui os olhos. — Não terá qualquer contato íntimo. Não quero mãos bobas em mim além do necessário. — Voltei a esfregar o pescoço, sentindo-me quente por imaginá-lo protagonizando diversas cenas eróticas comigo. — Eu estava pensando em pagar uns...

— Não quero seu dinheiro, tigresa — ele me interrompeu. — Serei seu acompanhante por livre e espontânea vontade.

Abri a boca para falar, mas fechei. Aquele era o meu maior problema com Alejandro; ele sempre me deixava sem palavras.

Desde nosso primeiro encontro, ele vinha me infernizando, e nem era somente por suas ligações, onde ele me dizia coisas safadas, mas por sua imagem ter se enraizado no meu cérebro.

— Por quê? Por que está fazendo isso?

— Eu já disse. Você está precisando de ajuda, e eu quero ajudar — falou. — Além disso, eu e você estamos quase íntimos.

Fui obrigada a rir.

— Jesus! Você é muito cretino — comentei entre risos. Permanecemos nos olhando por alguns instantes.

— E, então?

Sacudi a cabeça, enquanto entortava os lábios.

— Você não é o rapaz que escolhi. Você vai me dar trabalho, porque é abusado e inconveniente.

— Eu não sou inconveniente — defendeu-se.

— Você me liga todos os dias para falar sobre suas sacanagens, Alejandro — revidei num sussurro.

— E você gosta, já que atende todas as ligações.

Droga.

Minhas bochechas esquentaram.

— O que eu vou ganhar ao escolher você? — perguntei, louca para mudar

o rumo da conversa.

Ele me mostrou todos os dentes num sorriso charmoso e perigoso ao mesmo tempo. Em seguida, apontou para si mesmo.

— Eu. Você ganha a mim.

— Ah, pelo amor de Deus!

Levantei-me, injuriada. Dei a volta na mesa, mas sua mão segurou meu braço.

— Ok, ok... Só me escute — ele pediu. — Não faço a menor ideia do que se passa no seu coração; não conheço a raiz da força que motivou você a querer cometer essa loucura, mas eu quero cometê-la com você. Talvez, porque eu nunca tenha feito nada de louco na vida. — Deu de ombros. — A verdade é que seu rosto não abandonou minha mente desde o momento que você me confrontou na empresa ao me confundir com meu irmão. Não estou dizendo isso para assustá-la, ou impressioná-la. Nada disso. Sou um homem sincero, Blue, e não tenho motivos para esconder meus sentimentos e vontades. Contudo, eu prometo que vou respeitar seu espaço e suas regras. Se me pedir para não tocá-la, então eu não tocarei — ele pausou. — Eu quero ir com você. Por favor, deixe-me ir com você, Blue.

Trêmula, eu puxei meu braço do seu aperto. Pigarreei:

— Partiremos dentro de dois dias. — Ele sorriu aliviado. — A propósito, meu verdadeiro nome é Amálie.

Dizendo isso, eu lhe dei as costas, me perguntando se a decisão de levá-lo não tenha sido uma loucura maior do que reencontrar minha família levando um namorado de mentira.



Capítulo 1

Alejandro González

Eu tinha acabado de repassar os últimos detalhes para minha ausência de trinta dias, quando visualizei a Blue caminhando em minha direção. Meu carro estava estacionado na frente da empresa, já que ela se recusou a me passar seu endereço, uma vez que, isso implicaria em uma intimidade desnecessária entre nós, que na opinião dela, não poderia existir. Guardei o celular no bolso e me preocupei em admirá-la enquanto a mesma dava passos cautelosos até mim, como se eu fosse algum selvagem prestes a atacá-la a qualquer momento. Na verdade, eu pretendia atacá-la sim, mas depois de um reconhecimento de campo.

Observei que o habitual visual despojado tinha dado lugar a um mais conservador. Suas madeixas, outrora, tingidas de azul, agora estavam descoloridas num tom escuro e, presos num rabo de cavalo. Ela continuava linda, ainda mais quando parou na minha frente me oferecendo aquele famoso olhar de desafio. O que ela não sabia era que quanto mais ela tentava me afastar, mais me puxava para ela.

Para conhecê-la.

Desvendá-la.

Tomá-la para mim.

— Bom dia — falei, tomando o cuidado de lhe entregar um dos meus melhores sorrisos. — Você está diferente.

— Ainda não consigo acreditar que você me convenceu a viajar de carro até a República Checa — resmungou, sem se dar ao trabalho de me cumprimentar e ignorando totalmente meu comentário a respeito do seu visual novo. — São quase vinte e duas horas de viagem, Alejandro, e isso se não tivermos nenhuma parada. — Ela cruzou os braços e o movimento chamou a atenção dos meus olhos para seus seios, que cresceram de tamanho. — Pare de tarar meus seios, droga!

Eu ri.

— Ok, ok... — fui até ela e peguei suas malas. — O dia ainda nem amanheceu direito, então você deve estar estressada com a interrupção do sono, além da tensão em saber que irá rever a família.

— Quem disse que estou estressada? — ela revidou, em seguida, abriu a porta do carro e bateu com força depois de entrar.

Sacudi a cabeça, achando graça. Porque ela conseguia ficar ainda mais linda, irritada.

Desde o dia que a conheci — meses atrás — na frente da empresa, quando me confundiu com David, eu a quis para mim. Nunca nenhuma mulher havia me enfrentado como ela; me excitado como ela, e sem ao menos se dar conta disso.

Passei a fantasiar momentos quentes entre nós dois, além de ligar todos os dias na intenção de interagir, embora ela não facilitasse em nada.

— Blue...

Ela me interrompeu quando entrei no carro.

— Amálie. Meu nome é Amálie, Alejandro. Você não pode me chamar de Blue na frente da minha família.

— Ok, mas ainda estamos em Madrid. Então, acalme-se.

— Eu estou calma.

— Não, você não está — retruquei —, porque só falta me comer vivo — brinquei, rindo e ligando o carro.

— A ideia de me ver presa dentro de um carro com você, por longas horas, não me deixa confortável, querido. Convenhamos que você seja um pouco abusado.

— Pense pelo lado positivo, oras — falei. — Teremos bastante tempo para absorver algumas informações de ambos. Como quer vender um relacionamento à sua família, se não sabe nada sobre mim e nem eu sobre você? Eu disse que viajar de carro seria interessante — acrescentei quando ela pareceu ponderar minhas palavras.

Quando coloquei o carro na rodovia, impedi que o silêncio tomasse conta de nós.

— Eu tomei a liberdade de fazer um roteiro de viagem. Está dentro do porta-luvas.

De soslaio, eu vi quando ela pegou o pequeno mapa com alguns rabiscos de anotações feitos por mim. Fiquei satisfeito quando visualizei um ensaio de sorriso em seus lábios carnudos e tentadores.

— Você é sempre organizado assim, ou isso foi apenas para me impressionar?

— Por quê? Funcionou? — Ouvir sua risada foi como estar no céu, tamanho foi o contentamento que senti. — Na verdade, eu sou o mais calmo e organizado dentre meus irmãos. Nunca fui adepto a atropelar as coisas. Por que apressar e correr o risco de não dar certo ou não ficar bom? Como você pode ver, eu programei algumas paradas durante a viagem, assim como um pernoite para descansarmos e chegar na casa da sua família com um ar leve e tranquilo sem ser o de dois zumbis.

— Você já pensou em tudo, então — concluiu com um entortar de lábios.

— Quase tudo. Ainda falta pensar numa maneira de fazer você dar para mim. — Olhei para ela, encontrando seu olhar chocado, e pisquei, maroto.

— Isso não vai acontecer, Alejandro, eu já disse — Sua voz soou falha, demonstrando seu desconcerto.

— E por quê? — questionei, confortável com o fato de que ela não pudesse fugir de mim, já que estávamos em movimento. — Eu sei que mexo com você, Amálie. — Seus olhos encontraram os meus quando ela me ouviu chamá-la pelo nome verdadeiro. Havia uma emoção diferente ali, mas não tive como descobrir, porque tive que desviar o olhar para o trânsito. — Você por acaso é virgem?

— O quê? — Seu tom era incrédulo.

— Eu perguntei se você é virgem, porque...

— Eu ouvi sua pergunta, Alejandro, apenas não entendi o sentido, oras. — Ela riu. — Você apenas está acostumado com várias mulheres se rastejando aos seus pés, hun? Diferente de mim que corro na direção contrária, e isso te incomoda. Incomoda tanto ao ponto de você pensar que faço isso, porque sou virgem. — Voltou a rir. — Você é ridículo.

— Me sentir intimidado por uma mulher que não dá a mínima para minhas investidas não faz de mim um ridículo — me defendi. — Eu apenas estou testando o solo em que estou pisando.

— Uhum... sei — ela desdenhou, enquanto ameaçava pegar os fones de ouvido para ouvir música.

— Nada disso! — Levei a mão do câmbio para pegar os fones e jogá-los para a parte de trás.

— Ei! — reclamou, chateada.

— Você não vai me ignorar, porque temos que ensaiar as informações que falaremos a sua família.

Ela bufou, mas acabou concordando.

— Ótimo — murmurei. — Como nos conhecemos?

Ela balbuciou um pouco, até entrar em um consenso consigo mesma.

— Bom, você pode ser um daqueles CEOs generosos, que não se importam em fazer doações exuberantes e...

— Mas eu sou um deles — cortei suas palavras, fazendo-a me encarar com a testa franzida.

— É sério?

Assenti.

— Sou o principal doador em diversas Instituições de caridade, e um dos embaixadores do projeto: Renovando las fuerzas — expliquei com orgulho. — Não vejo sentido ganhar tanto dinheiro e não ajudar os mais necessitados; aqueles que não possuem as mesmas oportunidades na vida.

— Eu concordo — Sua voz soou falha, como se estivesse se recuperando. — Mas honestamente, não imaginei que você pensasse dessa forma.

— Porque você decidiu me julgar primeiro, e conhecer depois — retruquei, embora mantivesse a diversão na voz.

Ela soltou uma risadinha.

— Ok, senhor CEO espertinho e generoso... — pigarreou. — Nós nos conhecemos no hospital em que trabalho, quando você, pessoalmente, decidiu entregar uma doação a Instituição.

— Certo. E nós transamos em alguma sala do almoxarifado, ou depois de alguns encontros?

Senti a pressão do seu tapa em meu braço e soltei uma risada acalorada.

— Não ouse falar essas coisas perto do meu pai.

— Por quê? — perguntei, entre risos. — Todo homem entende a força da testosterona, Blue, e o quanto é normal sentir essa vontade de levar a mulher para cama; e no nosso suposto caso, eu coloquei uma aliança no seu dedo.

— Não o meu pai, Alejandro — ela disse, olhando para fora da janela. Não consegui visualizar seu rosto, mas notei tensão no seu corpo e na sua voz. — Ele é um homem conservador — concluiu.

Abri a boca para comentar algo, mas ela me impediu:

— A propósito, precisamos de alianças.

Olhei para ela, que estava me encarando com intensidade. Não consegui falar nada e apenas sacudi a cabeça.

Quando decidi me escalar para aquela loucura, eu não fazia ideia do que me esperava, mas estava começando a me dar conta de que o passado de Blue seria tão surpreendente quanto à descoberta do seu verdadeiro nome.



Pouco mais de doze horas de viagem, paramos em Peyrolles, França, para passar a noite. Já tínhamos realizado outras paradas rápidas, assim como trocado a direção do carro em alguns momentos, mas realmente precisávamos de um descanso mais extenso.

Acabamos nos surpreendendo com a falta de quartos naquele pequeno hotel, o que obrigou Blue a dividir comigo o único cômodo disponível.

— Isso não significa nada, Alejandro — disse ela num resmungo. — Você vai dormir no chão — decretou, assim que entramos no quarto com suíte.

Dei uma olhada significativa para a cama.

— Mas tem espaço suficiente para nós dois ali — argumentei.

Ela jogou a pequena mochila num canto.

— Acontece que ambos sabemos que suas mãos não respeitarão meu espaço, e eu realmente estou cansada e precisando dormir, não quero me preocupar com seus hormônios.

Retirei meu paletó, sem deixar de encará-la.

— Não aceito isso — falei, sério. — Estamos nesse esquema, juntos, então a decisão das coisas precisa ter o mesmo peso para os dois.

— Oh, sério? Então, eu durmo no chão e você poderá ficar com a cama toda — murmurou, irritada. Em seguida, entrou no banheiro, carregando toalha e

uma muda de roupas limpas.

Trinta minutos depois, a porta do banheiro se abriu, e Blue saiu, com seus cabelos molhados e uma expressão revigorada. A blusa de alças finas me deixou vislumbrar boa parte do seu corpo na parte de cima, onde a pele estava coberta por lindas e impressionantes tatuagens. Ela parou e me analisou, sentado na cama. Em seguida, olhou para umas sacolas — que guardavam nosso jantar — depois fixou o olhar na garrafa de uísque em minhas mãos.

— O que está tramando?

Eu ri.

— Eu já percebi que você não é uma pessoa muito flexível, e sua palavra, geralmente, precisa ser a última — falei. — Eu quero dormir na cama, mas com você. Entretanto, estou disposto a reconsiderar se fizermos um joguinho.

— Que jogo? — perguntou, avançando seus dedos gulosos nas caixas de comida.

— Falaremos cinco afirmações um sobre o outro; a cada afirmação correta, precisaremos beber uma dose da bebida. Se você beber todas as cinco vezes, significará que acertei todas as afirmações, e isso me dará o direito de brincar de outro jogo com você. O jogo: 7 minutos no céu.

— E se você não acertar?

Dei de ombros.

— Aí a cama será toda sua. Aqui, e na casa dos seus pais.

Observei quando ela baixou a cabeça e pareceu ponderar minhas palavras enquanto mastigava uma batata frita.

— O que foi? Está com medo? — insinuei, na intenção de provocá-la.

Foi a vez de ela rir, em seguida, afastou as caixas do colo e veio para perto de mim.

— Você não me conhece, logo, não terá acerto algum. — Piscou um olho, confiante.

Animado, eu me ajeitei contra a cabeceira da cama. Blue dobrou as pernas no colchão, estabelecendo-se na minha frente. Uma breve olhada em seu rosto me fez enxergar aquele brilho de euforia, expectativa e excitação. Era agradável vê-la daquela forma.

Devagar e calmamente, eu enchi o pequeno copo com a bebida, em seguida, entreguei para ela. Respirei fundo e a encarei, ela me desafiava com o olhar.

— A sinceridade é a base para que esse jogo dê certo, ok? Se minha afirmação estiver certa, basta você beber — avisei, vendo ela assentir com a cabeça. — Certo. Você, Amálie, decidiu criar o pseudônimo Blue, como uma forma de libertação. Você estava cansada de esconder o seu verdadeiro “eu”.

Ela ficou me olhando por alguns segundos, antes de beber tudo em um único gole. Dei risada com a careta fofa que ela fez depois.

Enchi o copo.

— Agora é a sua vez — falei.

— Você nunca teve namorada — disse de modo abrupto.

Baixei os olhos para o copo, fazendo um pouco de suspense, mas não bebi.

— Namorei uma garota dos dezessete até meus vinte anos. Terminamos, porque ela teve que mudar de cidade — expliquei, me deleitando com a surpresa nos olhos dela.

Entreguei meu copo intacto a ela, que não escondeu o desapontamento no olhar.

— Você é uma mulher que foi ferida emocionalmente.

Sua testa franziu levemente, mas ela não fez nenhum comentário. Outra vez bebeu o líquido amargo num só gole.

Deu um gritinho no final, devido à sensação da bebida arranhando a garganta.

Novamente com o copo cheio, eu aguardei a pergunta dela para mim.

— Você, Alejandro González, só quer me levar para cama — afirmou, com o dedo apontado na minha direção. Soou quase como uma acusação na verdade.

Tranquilamente, eu lhe ofereci um sorriso perigoso. Obviamente que eu queria tê-la nua e debaixo do meu corpo, mas não era somente isso. Havia algo mais dentro de mim.

Com essa constatação, eu me recusei a beber, o que a fez arregalar os olhos.

— Você está trapaceando — acusou.

— Por que está dizendo isso? Acha que estou mentindo quando afirmo que não quero apenas transar com você? — ela não respondeu, mas eu continuei insistindo: — Qual o problema se o “improvável” acontecer e, eu acabar me apaixonando por você, Amálie?

Seu peito começou a subir e a descer com rapidez. Ela estava extremamente nervosa.

— O jogo acabou — decretou.

Antes que ela se afastasse, eu abandonei o copo cheio no criado mudo e segurei sua mão, freando sua fuga.

— Então isso significa que eu venci — murmurei. — Tenho direito a cama, e aos meus 7 minutos no céu com você.

Ela gaguejou.

— M-mas...

— Você está desistindo do jogo — atrolei sua tentativa de argumento. Eu me ergui, ficando na frente dela. Nossos corpos quase se tocavam, e eu conseguia sentir o aroma que escapava da sua pele de textura macia. — 7 minutos, Blue. 7 minutos. Não seja covarde e cumpra com o nosso acordo.

Ela mordeu os lábios, indecisa.

Soltando o ar de maneira cansada, ela foi até sua mochila e retirou seu aparelho de celular. Em seguida, voltou para perto de mim. Visualizei o cronômetro no visor do aparelho quando ela virou a tela na direção dos meus olhos.

Assim que ela depositou o celular no criado mudo, esbarrou as costas em meu peito, já que eu estava logo atrás. Aquele mero contato me fez gemer. Minhas mãos arrastaram-se em seus braços, para depois afastar o cabelo molhado do seu pescoço na intenção de beijar sua pele perfumada. Lentamente deixei minha língua escapar para fora da minha boca e, em seguida, arrastei-a naquela pele quente e sedosa. Meus beijos se tornaram intensos e sedutores; eu não queria parar; não queria que acabasse. Blue parecia um banquete; algo único e raro. Sua mão subiu e seus dedos afundaram em meus cabelos. Eu podia ouvir seus gemidos baixos, porém excitantes. E eles estavam me levando à loucura.

Pegando-me de surpresa, ela virou o corpo de frente para mim e, sem que

eu esperasse me beijou. Foi um beijo desesperado.

Necessitado.

Quase como um duelo.

Nossas línguas disputavam o espaço, ao mesmo tempo em que parecíamos querer nos ferir devido à força do nosso desejo.

Era cru demais.

Impaciente, eu levei as mãos por debaixo da sua blusa fina, e rosnei quando meus dedos sentiram seus seios desnudos. Brinquei um pouco com seus mamilos entre o polegar e o indicador, antes de abandonar seus lábios a fim de lambê-los com minha língua sedenta.

— Oh, céus... — ela deixou escapar ao sentir minha boca ali, naquela região sensível e macia.

Seu descontrole estava evidente para mim, assim como o meu. Eu nunca tive tanta certeza de algo na minha vida e, naquele momento, eu queria aquela mulher.

Para mim.

Somente para mim.

Ameacei me ajoelhar diante dela, mas ela novamente me surpreendeu quando, praticamente, me jogou sobre o colchão. Com os lábios entre os dentes, ela se ajeitou em meu quadril, ambas as pernas ao meu lado. Eu podia sentir o calor da sua intimidade sobre a minha protuberância.

Sua boca voltou a atacar a minha; mordendo; lambendo... sentindo. Seus dedos desfizeram os botões da minha camisa, em segundos, e logo suas mãos deslizaram por meu peito, causando-me arrepios deliciosos.

Eu não conseguia raciocinar. Nada daquilo passou pela minha cabeça, embora tivesse bolado todo o plano.

Mas Blue era uma mulher imprevisível.

Rangi os dentes em busca de controle quando comecei a sentir o calor dos seus lábios em meu peitoral exposto. Ela fazia questão de passar a língua com vontade, aliás, com tanta vontade que parecia estar saboreando um sorvete derretido. Olhei para baixo, a fim de apreciar aquela cena. Ela parou o rosto diante do meu pau. Estremeci quando seu olhar encontrou o meu. Não consegui visualizar a mesma Blue de minutos atrás; aquela ali era uma mulher decidida.

Uma mulher selvagem.

Assim que ela colocou as mãos na minha braguilha para abri-la, o celular começou a apitar quebrando aquela conexão surreal. Novamente nos olhamos, entretanto o meu olhar foi de êxtase para puro desespero em questão de segundos.

— Não, não, não... — implorei, assim que ela saiu de cima de mim. — Não ouse fazer isso comigo, Blue.

Ergui meu tronco, permanecendo sentado na cama, enquanto observava, atônito, ela pegar o celular e desligar o maldito alarme.

— Eu não estou fazendo nada — ela disse, olhando para mim como se nada tivesse acontecido entre nós. — Só estou cumprindo as regras do jogo. — Balançou o celular. — Acabou o tempo.

Eu fiquei sem palavras. Abri a boca várias vezes para falar, mas acabei hesitando em todas elas.

— Olha só, eu vou descer um pouquinho, porque preciso ligar para minha mãe — ela disse, simplesmente. — Eu quero avisar que chegaremos amanhã.

Desnortado, eu apenas assenti com a cabeça, como um robô.

No momento que me vi sozinho no quarto, olhei para baixo, para meu pau dolorido. Eu sabia que se tivesse insistido mais um pouco, ela cederia. Contudo, meu desejo seria saciado somente naquela noite, e não era isso que eu queria.

Blue não era mulher de uma noite só.

Mas uma mulher para a vida inteira.



Capítulo 2

Blue

Meus olhos estavam fechados enquanto minhas mãos se perdiam nos cabelos macios de Alejandro, que estava com a cabeça entre minhas pernas. O toque feroz de sua língua estava me desnordeando e enfraquecendo, e eu sequer estava conseguindo raciocinar com coerência diante daquele prazer absurdo que ele estava me proporcionando. Desesperada por mais, eu peguei uma das mãos dele e arrastei até um dos meus seios, implorando para que ele apertasse meu mamilo túrgido. Eu queria senti-lo com mais força. Queria que suas mãos estivessem por cada centímetro da minha pele...

Lambendo-me.

Mordendo-me.

Tocando-me...

— Eu quero mais...

Alejandro ergueu a cabeça, mordeu a parte interna da minha coxa, antes de voltar a me oferecer aquele rotineiro olhar selvagem, que me desarmava completamente.

— Basta pedir, querida. Basta pedir.

Enrosquei minhas pernas ao redor do seu pescoço, forçando sua cabeça contra minha boceta, que clamava por mais. Muito mais. Ela estava dolorida e nada parecia aliviar aquela ansiedade.

— Mas eu estou pedindo, droga! — reclamei, incapaz de conter meu incômodo. — O que você está esperando?

— Estou esperando você pedir, Amálie — ele disse, sério dessa vez. Meu nome verdadeiro através dos seus lábios piorou meu estado crítico.

Sem que eu pudesse impedir, Alejandro se levantou, afastando-se de mim. Eu estava nua, largada e mal comida. Irritação e insatisfação vibraram através de mim naquele momento.

— Alejandro! Volte aqui e termine o seu trabalho.

Ele estava em pé diante da cama, e me encarava com ironia escorrendo em seu olhar. Era como se meu sofrimento sexual o deixasse contente de alguma

maneira. Abri a boca para reclamar, mas algo me fez fechar os olhos com força. Assim que voltei a abri-los, eu não precisei de muito tempo para descobrir que aquilo não tinha passado de um sonho erótico.

— Posso saber que tipo de trabalho você quer que eu termine, querida?

Meu coração acelerou quando ouvi a rouquidão daquela voz ali, tão perto de mim. Virei a cabeça para meu lado esquerdo, e me deparei com a enorme silhueta do homem que vinha, há meses, mexendo com meu psicológico. E piorou consideravelmente depois daquelas malditas carícias que trocamos, horas atrás. Onde eu estava com minha cabeça quando permiti aquilo?

Decidi ignorar sua pergunta insolente, pelo bem da minha sanidade e da nossa convivência.

— O que está fazendo? Eu pensei que você estivesse de férias — comentei, ao notá-lo trabalhando em algo no seu laptop.

— E, eu estou — disse com veemência. — Estava apenas dando uma olhada em alguns e-mails e analisando um gráfico que precisava da minha atenção imediata, mas nada que atrapalhasse nossa lua de mel, querida. — Piscou para mim, piorando meu estado acalorado.

Coloquei os pés para fora da cama, ciente do olhar dele, que estava sentado numa poltrona do lado contrário. Eu não precisava ser um gênio para saber e entender a tensão sexual que pairava entre nós dois, mas precisava ser forte para resistir àquela tentação. Me envolver com Alejandro não seria uma decisão sensata, uma vez que, certamente um relacionamento com ele apenas me traria sofrimento desnecessário.

Decidida a não demonstrar qualquer reação equivocada, me preparei para sair da cama, mas tive meus movimentos freados por Alejandro, que apoiou ambas as mãos ao meu redor, no colchão. Enjaulando-me.

— O que pensa que está fazendo? — Minha voz subiu duas oitavas. Eu podia me embriagar do aroma que escapava da sua pele e da sua boca.

Era um perfume único e característico. Quase afrodisíaco.

— Estou apenas querendo dar um beijo de bom dia na minha namorada — respondeu, inclinando o rosto para tocar aqueles lábios deliciosos nos meus, mas eu consegui me esquivar a tempo.

Corri para o banheiro ao som da risada dele.

— Foge, *tigresa*. Foge — Ouvi-o dizer entre risos.

Com as costas contra a madeira da porta, eu inspirei com força como se tivesse acabado de chegar de uma longa corrida. Com os olhos fechados, minha mente foi invadida por recordações recentes e que apenas fizeram piorar minha situação desastrosa. Arrepios tomaram conta do meu corpo quando voltei a sentir o gosto de Alejandro em meus lábios, assim como o toque das suas mãos em minha pele.

As reações só não foram mais fortes do que minha covardia em assumir que desejava aquele homem como a nenhum outro, e aquilo estava me assustando demais.



— E, então? Fale-me um pouco da sua família — Alejandro pediu, depois de algum tempo de silêncio na estrada.

Inspirei com força, tentando encontrar as palavras certas para explicar a ele as particularidades dos meus familiares.

— Meu pai é um homem intransigente e muito conservador.

— Sério?

Assenti.

— Ele é o pastor responsável pela única igreja da pequena cidade, então está acostumado a reger tudo e a todos com mãos de ferro — complementei, tentando não permitir que meu passado doloroso ressurgisse aos meus pensamentos. Alejandro me olhou de soslaio e vi que suas sobrancelhas estavam arqueadas. Não soube dizer se ele tinha notado algo no meu tom, mas ignorei. — Diferente dele, minha mãe é a típica mulher submissa. Uma esposa exemplar, mas...

— Mas...? — incitou.

— Não foi uma boa mãe. Ao menos não para mim — respondi, surpresa por ter confessado aquilo em voz alta.

Alejandro ficou em silêncio, então aproveitei para continuar.

— Minha irmã, a noiva, é a única que tenho. Cecílie é mais nova do que

eu, e a preferida do nosso pai — expliquei, tentando manter meu tom de voz inalterado. — Ela sempre foi a filha que deu orgulho; a que seguia os conselhos; as regras; as escrituras... — entortei os lábios.

— Então, resumindo: você é a típica ovelha negra da família — disse Alejandro, me encarando de soslaio, contudo sem esconder a diversão no olhar e na voz.

Tentei segurar o riso, mas não consegui.

— Que jeito rude de falar — comentei entre risos. — Mas é basicamente isso mesmo — confessei, tomando fôlego. — Fui expulsa de casa por não ser capaz de agradar meu pai de acordo com seus preceitos bíblicos e morais. — Soltei um riso amargo. — Ele sequer olhou para trás. Sequer me estendeu a mão quando chorei, pedindo para que ele me perdoasse e me concedesse outra chance.

— Há quanto tempo você não vê sua família?

Havia tensão em sua voz, embora ele não houvesse tirado o olhar da estrada.

— Saí de casa com dezessete anos — respondi. — Estou com vinte e três anos agora.

O silêncio invadiu o pequeno espaço, tornando sufocante demais para suportar.

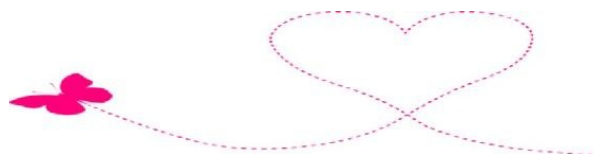
Minhas mãos tremiam e suavam.

Meu coração batia descompassado no peito.

Eu poderia mentir e dizer que durante todos aqueles seis anos, eu não senti falta deles. Poderia dizer que não sofri; que não chorei; que não passei dificuldades... porque certamente seria mais fácil. Mais fácil do que ter que admitir que eu nunca fui amada. Que a única pessoa que verdadeiramente me amou com toda minha essência tinha sido a Luna.

Me pegando desprevenida, Alejandro tirou a mão do câmbio e segurou a minha, com força. Não disse nada, mas também não precisou.

Pela primeira vez, depois de muito tempo, eu me senti confortada.



Český Krumlov poderia ser facilmente descrita com os adjetivos: “encantadora”, “charmosa”, “saída de conto de fadas”. A verdade é que aquela cidadezinha na República Checa, que ficava a umas três horas da capital, Praga, merecia cada uma das descrições clichês que recebia. Era complicado encontrar outras palavras para falar do lugar, e mais difícil ainda esconder minha euforia em estar ali outra vez, e depois de tanto tempo.

A autêntica e bela casa dos meus pais ficava em uma das ruas perto do rio. Havia uma vasta movimentação quando Alejandro parou bem em frente.

Ameacei abrir a porta do carro, mas minha mão travou na maçaneta, assim como meu corpo inteiro. De repente, comecei a me arrepender de estar ali. Imagens do que aconteceu, anos atrás, tomaram meus pensamentos fazendo com que eu tivesse náuseas.

“Você só sabe me envergonhar.”

“Eu não quero vê-la nunca mais, Amálie! Nunca mais apareça na minha frente.”

Desesperada, eu busquei os olhos do Alejandro, que parecia confuso com minha inquietação.

— E-eu... — pigarreei — Eu acho que estar aqui é uma péssima ideia, Alejandro. É melhor voltarmos para Madrid. — Engoli em seco antes de começar a rir descontrolada. — A última vez que vi meu pai, ele me fez garantir que eu nunca mais voltaria, então... ele me odeia, entende? Certamente também vai odiar me ver novamente.

Minhas mãos tremiam quando Alejandro as puxou para si. Nem notei que estava chorando quando ele passou o polegar abaixo dos meus olhos para enxugar as lágrimas.

— Você não precisa buscar a aceitação de ninguém, Blue — ele disse, com a voz doce. — E independente de tudo o que aconteceu no passado, não sei de todos os detalhes, e o motivo de eu estar aqui com você, já mostra o quanto você precisa dessa aprovação — pausou, tomando o cuidado de manter os olhos nos meus. — Mostre ao seu pai que você não seguiu os ensinamentos dele, mas que você é feliz. Que se tornou uma mulher bem sucedida. É isso que os pais desejam aos filhos, não?

Inspirei e expirei com força, absorvendo suas palavras.

— Você tem razão — falei, tentando me convencer. — Eu sou uma boa pessoa. Sou uma mulher digna.

Confiante, eu finalmente abri a porta.

A fachada da casa era magnífica e foi impossível que lembranças da minha infância não invadissem minha mente atormentada.

Dei a volta no carro e encontrei Alejandro a minha espera. Entrelaçando os dedos nos meus, ele me encorajou a dar o primeiro passo para dentro daquela casa que um dia chegou a ser o meu lar.

Meus olhos umedeceram assim que enxerguei a figura magra da minha mãe; ela estava saindo, mas parou quando me viu.

— Amálie?

A doçura da sua voz continuava a mesma.

Me afastei de Alejandro e, praticamente, me joguei nos braços daquela mulher, que não tinha sido a melhor mãe do mundo, mas era a única mãe que eu tinha.

— Oh, minha filha... — seus braços me apertaram com força.

Com saudades.

Com amor.

Seu olhar era de contentamento assim que nos encaramos. Estávamos chorando, mas mesmo com os olhos embaçados, eu fui capaz de enxergar as rugas e manchas escuras, provavelmente provenientes da falta de sono.

— Você continua linda — ela disse, emocionada. — Confesso que cheguei a pensar que nunca mais fosse vê-la, querida.

Passei a mão, grosseiramente, no rosto para enxugar as lágrimas, em seguida, apertei a mão de Alejandro.

— Esse é o meu namorado, mãe. — O sorriso dela aumentou.

— Muito prazer, senhora. Eu me chamo Alejandro — disse ele, de modo galanteador, beijando o dorso da mão da minha mãe. — Agora entendo de onde a Amálie herdou a beleza.

Minha mãe sorriu, envergonhada.

Ficamos sem jeito por alguns segundos. Então pigarreei:

— O papai está aí?

— Não, querida. Ele está na igreja — respondeu. — Sua irmã e o noivo estão recebendo alguns amigos, então... — ela se calou, nervosa.

— Mamãe...

— Eu sinto muito, filha. Eu realmente sinto muito — disse, com pesar. — Mas você foi embora e...

— Eu não fui embora, mãe — cortei, magoada. — Fui mandada embora. É diferente.

Ela pareceu engolir em seco.

Ameacei entrar, mas tive meu braço segurado por ela.

— Por favor, Amálie, não puxe encrenca com a sua irmã por causa do Valentim.

Meu coração apertou no peito. A dor esmagando-me por dentro. Assenti, incapaz de expressar o que se passava no meu interior.

— Quem é esse Valentim? — Alejandro quis saber, conforme avançávamos, sozinhos, pelo interior da casa. Apertei sua mão com a minha, sentindo-me extremamente nervosa. — Blue? — ele insistiu.

Comecei a ouvir a voz irritante da minha irmã.

— Valentim é o noivo da Cecílie — respondi baixinho. — Mas antes disso, ele foi o meu namorado. Aliás, o único namorado que eu tive.

Tive meus movimentos freados bruscamente. Nada me preparou para enfrentar o olhar mortal de Alejandro, que me encarava com uma acusação não dita de traição.

— Há algum motivo especial para que você tenha omitido esse detalhe de mim? — quis saber sem esconder o incômodo.

O choque se dissipou rapidamente do meu rosto, e eu disse:

— Pode abandonar esse tom acusatório, Alejandro — avisei, apontando o indicador. — Não se esqueça do seu verdadeiro lugar na minha vida — sussurrei. — E não é dos melhores.

Arquejei no momento que ele me agarrou, juntando nossos corpos. Seus lábios foram parar no meu ouvido, onde sussurrou:

— Aqui sou o seu namorado, *tigresa*. E quando me proponho a fazer

alguma coisa, eu gosto de ser o melhor. — Ele deixou um beijo no lóbulo da minha orelha. — Então, não pense que irei cobrir meus olhos.

— Não tenho nada a esconder.

— Eu realmente estou tentando acreditar que esse cara não signifique mais nada para você, Blue, porque sou honesto em afirmar que não terei paciência e nem estômago para simular o namorado corno.

Dizendo isso, ele simplesmente se afastou de mim, deixando-me com a sensação de vazio. E outras sensações que não consegui discernir no momento.



Capítulo 3

Alejandro

Honestamente, eu estava em dúvidas sobre diversas coisas desde que comecei a conhecer um pouco mais da vida e da família da Blue. O sorriso gracioso estampado no rosto da senhora Estela foi reconfortante, assim como o abraço verdadeiro que ela ofereceu a filha quando chegamos. Esse detalhe foi a única coisa que não me permitiu levar Blue para longe dali e salvá-la de, talvez outro episódio de desaprovação do seu pai e a costumeira aquiescência da mãe ao: "Minha palavra é lei" de Konrád Adamec. As únicas coisas boas que Blue pareceu receber de seu velho pai foram a sua força e inteligência, embora eu ainda não tivesse conhecido o tão temido homem.

— Amálie! Obrigada por ter vindo, querida irmã — O olhar curioso da quase cópia da Blue encontrou o meu. — Oh, eu não sabia que você traria alguém.

Antes que Blue pudesse falar, ou dar quaisquer desculpas, eu me atravessei:

— Eu sou o namorado dela.

As sobrancelhas da garota se enrugaram em confusão.

—... É um pouco surpreendente. — Ela voltou sua atenção para a irmã dela, mas antes desceu os olhos sobre mim com um interesse peculiar. — Valentim ficará feliz em revê-la, Amálie. Você sabe... — ela levou as mãos em seu próprio peito e espremeu. — Ele se sente culpado pelo que aconteceu no passado e... — se calou por um instante. — Eu espero, honestamente, que você tenha superado, irmã. Espero que você esteja feliz por mim.

Encarei a Blue, que estava com o rosto impenetrável, esperando por alguma reação. Qualquer coisa.

— Não se preocupe com nada. Apenas desfrute do seu noivo, querida. Pois, certamente foi um presente dado por Deus.

Antes que eu pudesse circular a cintura dela — apenas para dar-lhe uma linha de suporte — sua irmã se agitou para o burburinho de pessoas na outra parte da enorme casa; logo algumas mulheres surgiram em seus típicos trajes conservadores, e um homem de olhar presunçoso também. Deduzi de imediato

que aquele deveria ser o tal Valentim.

Eu alcancei e agarrei a mão da Blue novamente.

A mãe dela logo se juntou a nós, e me apresentou como namorado da filha para várias pessoas, para em seguida avisar que o marido havia chegado. Imediatamente o corpo da Blue estremeceu e, ela parou de conversar. Observei o momento que ela olhou por sobre meu ombro e pareceu petrificar no lugar. Konrád parou quando viu a filha e pareceu estudá-la. Abaixou o seu olhar para nossas mãos unidas, e algo escuro piscou em seus olhos.

— Amálie? — Seu tom traiu sua autoconfiança, demonstrando seu espanto.

— Meu pai.

O silêncio era sepulcral.

— A filha perdida encontrou o caminho de casa? — ele perguntou, rude, sem qualquer preocupação em magoá-la.

Blue estremeceu um pouco mais. Notei a umidade querendo se formar em seus belos olhos. Meu coração doeu.

— Sua filha não se perdeu, senhor — falei, a fim de quebrar aquele clima. Mas a verdade é que minha vontade era quebrar a cara dele por magoar minha garota. — Ela apenas estava trilhando o próprio caminho longe das asas dos pais. Não é maravilhoso? Amálie adquiriu uma profissão e é a pessoa mais incrível que eu já tive o privilégio de conhecer. — Eu me aproximei dele. — Muito prazer, eu sou Alejandro González, namorado dela.

O velho homem continuou me encarando com aquele egocentrismo inabalável e, eu não me surpreendi quando ele ignorou minha mão estendida.

— Querida, eu posso conversar com você em particular? — perguntou à mulher.

— É claro — Ela disse num tom desajeitado.

Eu a vi seguir o marido através da pequena multidão de pessoas desordenando a sala de visitas. A mulher me ofereceu um sorriso sem graça antes de desaparecer do nosso campo de visão. Blue veio até mim, e me abraçou apenas para sussurrar:

— Obrigada.

Eu estava sorrindo para ela, sentindo aquela conexão só nossa, mas fomos

interrompidos.

— Amálie, querida, venha conversar conosco — disse a mulher. — Estamos decidindo os últimos preparativos para o casamento da Cecílie, e acredito que você também queira participar, além de nos contar um pouco sobre sua vida fora daqui.

Blue me encarou num pedido silencioso de desculpas.

— Eu estarei bem aqui — garanti.

Acompanhei-a com os olhos, até que senti alguém se estabelecer ao meu lado.

— Ainda não fomos apresentados.

Analisei Valentim descaradamente, tentando controlar aquela fome de enchê-lo de porrada.

— Sou Alejandro, namorado da Amálie.

Ele me encarou de lado.

— Não sei o que você ouviu falar de mim, mas espero que isso não interfira no funcionamento do nosso bom relacionamento enquanto vocês estiverem aqui.

— Espero que não fique chateado, cara, mas Amálie nunca nem tocou no seu nome.

Ele franziu o cenho, e mudou as mãos para suas costas.

— Oh, claro — murmurou num tom abafado. — Infelizmente eu a magoei muito.

Olhei-o de cima a baixo, me perguntando o que Blue enxergou nele.

— Engraçado essa sua preocupação com Amálie, quando está prestes a se casar com a irmã dela — alfinetei.

Ele se empertigou, nervoso.

— É óbvio que me preocupo com Amálie. Ela é a irmã da minha noiva, então também é importante para mim.

Levantei uma sobrancelha.

— Por quê?

— Amálie e eu tivemos uma história, cara. Muito antes de você e Cecílie

surgirem no meio.

Eu quis desesperadamente enterrar meu punho na cara daquele cretino.

— Ela foi embora e abandonou você — indiquei.

Ele se aproximou de mim, de modo a falar numa altura que apenas eu escutasse:

— Na verdade, eu fui infeliz em não tê-la assumido naquela época, porque tive medo. Mas tenho plena certeza da minha importância na vida da Amálie, já que fui o primeiro homem dela.

Ódio vibrou através dos meus poros, embora um sorriso tão presunçoso quanto ele esticasse o canto dos meus lábios.

— Deixe-me ser claro. Você é um idiota, covarde e traidor. Foi apenas uma mancha na vida da Amálie. Já, eu? Sou o cara que proporciona orgasmos alucinantes. Sou o cara que possui o privilégio de me aconchegar a ela de conchinha e entre as pernas dela. — Guardei as mãos nos bolsos, ou não controlaria meus impulsos. — Amálie é uma mulher incrível em todos os sentidos. — Eu imitei sua expressão arrogante, em seguida, ri internamente quando a superioridade abandonou seu rosto. — Bom, com licença, *Valentina* — falei, propositalmente usando o nome errado. — Provavelmente devo me misturar. Para conhecer a família, sabe? Da minha garota. — Virei no meu calcanhar... antes que ele pudesse responder.

Desejei arrancar minha gravata. Aquele lugar estava me sufocando.

E, eu queria perguntar para Blue sobre todos os aspectos da sua relação com aquele idiota. Por que ela não mencionou a respeito dele? Aliás, por que ela omitiu o fato de ter perdido a virgindade com ele? De repente, eu queria saber cada detalhe. O pensamento dele tocando-a pintou minha visão com nada mais do que vermelho.

Eu era ciumento como o inferno. E embora aquilo não fizesse sentido, já que nossa relação não era, de fato, real, eu fui incapaz de não senti-lo.

Comecei a seguir as vozes até me deparar com uma sala ainda maior. Não demorei a encontrar Blue, sentada em um dos sofás e conversando. Sua expressão me dizia que ela estava odiando tudo aquilo. Eu encostei-me contra a parede em um dos cantos e inspirei o ar com força desejando algo forte para beber.

Valentim se reinseriu no meio das pessoas como o centro das atenções.

Entre uma conversa e outra e riso grosseiro, intercalados com discussões sérias de Deus-sabe-o-quê, ele continuava atirando-me dardos ameaçadores através do seu olhar.

Seu rosto de menino chorão dizia tudo. Tão claro como a água.

Percebi que não somente a Blue não era bem vinda ali, mas eu também. Tirando o fato de que a noivinha não parava de flertar comigo de longe.

Tão disfarçadamente quanto seu tom de voz escandaloso.

Alguns minutos passaram antes que Blue se erguesse. Observei ela pedir desculpas alegando que precisava descansar um pouco da viagem.

Vindo em minha direção, ela foi interceptada por Valentim, que cochichou alguma coisa a ela antes de puxá-la para um abraço. Suas bochechas se tornaram rubras e não precisei dizer o quanto aquela situação me incomodou, porque a decepção ficou estampada no meu rosto.

Virei as costas antes mesmo que ela pudesse me alcançar; seus dedos entrelaçaram nos meus e, ela me puxou para o andar de cima, em silêncio.

— Não fique bravo — ela disse, depois que entramos em uma das tantas portas. Era um quarto espaçoso. — Eu avisei que minha família não era fácil de lidar.

— E por que não avisou que tinha ido pra cama com o atual noivo da sua irmã? — rugi feito um animal selvagem.

Ela pareceu em choque por um instante.

O rubor estava novamente lá, enfeitando suas lindas bochechas. O que era surpreendente, considerando a *tigresa* que eu sabia que ela era.

— Como você...? Ele te contou?

— Ao que tudo indica, ele ainda não conseguiu superá-la. Existe alguma possibilidade, Blue? Preciso me preocupar com o fato de ganhar a fama de corno?

Ela riu.

— Isso é ridículo, porque nós não temos nada, Alejandro.

— Sério? Então, quer dizer que eu servi apenas de taxista de Madrid até aqui? — rosnei entre dentes. — Você não se importaria se por um acaso, eu saísse agora mesmo desse quarto e dissesse que nada entre nós dois é real, hun?

Sua mão segurou meu braço quando ameacei deixar o quarto.

— Não faça isso! O que foi? Qual é o problema?

— O problema é você, caralho! O problema é que você me deixa no escuro. O problema é que além de não conhecer a sua família, eu também não conheço você.

— Acontece que eu não escolhi você — ela rebateu, tão irritada quanto.
— Você se ofereceu para estar aqui.

— É, e você aceitou. Aceitou a minha presença, então pode engolir essa arrogância e falar direito comigo.

— Eu estou falando — disse com ar sarcástico. — Você é o único que está fazendo escândalo.

Abruptamente, eu a empurrei contra a madeira da porta.

— Você transou com ele, Blue? — voltei a perguntar, porque precisava saber. Precisava ouvir da boca dela.

— Sim.

— Ele a fez gozar?

— Céus, Alejandro, por que quer saber?

— Você colocou a boca no pau dele?

Nervosa, ela tentou me empurrar, mas eu a enjalei no lugar.

Ela revirou os olhos

— Não. Eu não o chupei.

— Você gozou? — insisti.

— Não.

— Boa resposta — falei, pairando meus lábios sobre os dela, mas sem beijá-la.

Ela apertou os lábios juntos, mas não disse nada.

Minha boca se inclinou num sorriso. Depois mergulhei minha cabeça na dobra do seu pescoço e escovei em sua orelha:

— Não se esqueça de que eu estou aqui como seu namorado, Blue. E, eu não terei o menor problema se tiver que lembrá-la desse detalhe quando necessário — Minha voz soou como uma carícia, embora a ameaça erótica

pairasse no ar.

Ela se inclinou para trás, a cabeça encostando-se na madeira da porta.

— Ah, é? E como pretende fazer isso? — desafiou.

— Beijar é contra as regras — sussurrei, encarando seus lábios carnudos e tentadores. Arrastei uma das minhas mãos pela lateral do seu corpo trêmulo. — Lamber e sugar seus mamilos são contra as regras. — Lentamente segui trilhando minha mão até a frente do seu vestido e agarrei a bainha. — Tocar e chupar a sua boceta também é contra as regras.

Eu a estava deixando incoerente em meus braços.

— Mas eu posso fazê-la imaginar — Não resisti à tentação, e agarrei suas nádegas de modo a pressionar nossas pélvis e fazê-la sentir minha excitação abundante. — Posso fazê-la desejar estar nua, debaixo ou por cima de mim, cavalgando no meu pau como a *tigresa* selvagem que você é.

Pelo seu olhar, eu sabia que provavelmente ela estava lutando internamente para me fazer parar, mas tudo o que escapou dos seus lábios foi um gemido. E, de repente, usando tudo o que ainda restava do meu autocontrole, eu me afastei dela, me deliciando com a decepção afiada em seu rosto ruborizado.

— Você se importa se eu usar o banheiro agora? Acho que preciso de um banho frio. — A arrogância não estava apenas no meu tom de voz, mas em meu rosto também. Fui até minha mala. — Aceito companhia se estiver interessada. Certamente seus pais não ficariam escandalizados com isso, querida. Somos adultos.

Pisquei para ela, que continuava na porta feito uma manteiga derretida, mas sem emitir qualquer som.

Minha cabeça caiu para trás, assim que entrei no banheiro da suíte e fechei a porta atrás de mim. Um gemido escapou da minha garganta. Eu estava tão quente quanto o sol; ardente como se estivesse passado pelo inferno. Suor fazia cócegas na minha testa. Meus membros tremiam e cresciam fortes.

Meu pau pulsava dolorosamente e tudo o que eu conseguia pensar era na Blue nua e espalhada diante de mim; um buffet repleto e completo de ofertas sexuais.

Naquele momento, não importavam as regras ou paredes emocionais entre nós, eu não tinha dúvidas de que a queria para mim.



Capítulo 4

Blue

Meu coração estava batendo muito rápido; havia uma ameaça de ataque de pânico. A todo o momento, minha mente me presenteava com a constatação da minha atual realidade; aquela em que minha família vibrou quando fui embora, mas agora estava vibrando com a realização do casamento da minha irmã. Com o homem que me desonrou. Com o responsável pela minha desgraça.

Ali, no quarto, enquanto Alejandro tomava banho, eu comecei a sentir como se o peso de todas as minhas péssimas decisões envolvesse meu pescoço como uma jibóia. Senti vontade de vomitar com o olhar do meu pai em minha mente. Eu queria apagar o meu passado. Quis exterminar todos os momentos que tive com Valentim.

Eu queria chamá-lo e mandá-lo enfiar a aliança que ele deu a Cecílie onde o sol não brilha, mas eu não tinha coragem de fazer isso. Ali, eu voltava a ser a Amálie. Longe de toda a tempestuosidade da Blue.

Longos minutos mais tarde, a porta do banheiro se abriu e Alejandro saiu por ela. Minúsculas gotas de água enfeitavam sua pele me fazendo desejar lambê-las. Seu olhar estava perigoso, pois ele me pegou roubando uma visão do seu corpo. Por que ele tinha que ser tão malditamente gostoso em todos aqueles músculos e pele exposta?

Minha boca se abriu num “o” enorme e mudo quando a toalha deslizou da sua cintura, amontoando-se aos seus pés. Alejandro ficou completamente nu diante dos meus olhos gulosos e, eu não tive outra reação, além de olhar e sentir minha boca salivando.

— É grande, né?

Arrastei meus olhos para o rosto dele, odiando a ironia e a diversão que encontrei ali. O calor queimou minhas bochechas, então me obriguei a desviar o olhar.

— Quer fazer o favor de se vestir? Eu não preciso dessa visão assustadora depois de tanto estresse — ralhei, ouvindo sua risada acalorada.

— Vou traduzir o seu: “visão assustadora” como algo extraordinário, porque sei do que meu pau é capaz, *tigresa*. — Voltei a encará-lo e peguei seu

sorriso perigoso. — Ele é assustadoramente incrível. — Piscou, maroto.

Rolei os olhos e decidi ficar em silêncio. Embora eu estivesse parcialmente deitada na cama — com as costas contra a cabeceira — meu corpo estava consciente da presença imponente de Alejandro a poucos metros de mim.

— Você está bem? — ele perguntou, depois de um tempo. O colchão afundou no lado contrário ao que eu estava.

Mordi o cantinho interno da boca, em dúvida sobre o que dizer.

— Eu... — me calei, sacudindo a cabeça. Um riso incrédulo escapou dos meus lábios. — Ele nem falou comigo, Alejandro. — Lágrimas intrusas escaparam, deixando um rastro em minha pele quente. — Meu pai mal olhou para mim.

Sem que eu esperasse, Alejandro segurou uma das minhas mãos nas suas.

— Respire. Apenas respire.

Senti um aperto em minha mão. Solucei.

— Eu fui apedrejada quando estava com Valentim, mas agora vejo minha irmã recebendo todo o apoio que eu não recebi. Isso não é justo, porque eu não sou um monstro. Eu sou boa, Alejandro.

— Eu sei, querida. Muito boa por sinal.

Soquei seu braço ao notar a mensagem erótica por trás de sua declaração, porém ri em meio às lágrimas.

— Palhaço.

Ele se aconchegou um pouco mais, e levou a mão ao meu rosto, enxugando minha pele molhada.

— A partir do momento que você precisa mudar a sua essência para agradar alguém, então esse alguém não te merece — ele disse com a voz rouca, olhando nos meus olhos. Minha cabeça estava girando. Seus dedos trancados com os meus, e seu cheiro amadeirado infundindo meus sentidos.

Sua habilidade tranquila de se infiltrar em meu coração, apesar de eu tentar pará-lo, estava me deixando enlouquecida.

— Obrigada — sussurrei, incapaz de falar qualquer outra coisa.

Permanecemos nos encarando por segundos que pareceram intermináveis, até que eu perdi a batalha e acabei desviando.

Ele pigarreou e se afastou, sem jeito, quando eu recolhi minhas mãos das dele.

— O que está pensando em fazer agora? Quer descer?

Soltei o ar, que estava segurando, aos poucos. Em seguida, me aninhei nas cobertas.

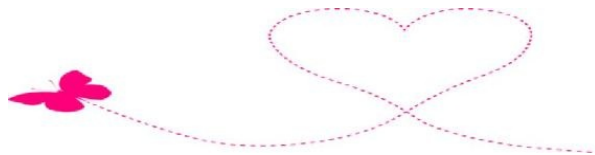
— Eu acho que podemos descansar um pouquinho, hun? — questionei, bocejando.

Ele riu.

— Se eu não soubesse o quanto nossa viagem foi cansativa, eu diria que você está morrendo de medo de descer e enfrentar o seu pai — acusou, e não resisti ao esticar meus lábios num sorriso. De olhos fechados, arquejei quando senti o toque suave da sua boca em minha testa. Não consegui ignorar aquele aroma irresistível que infundiu minhas narinas. Era incrível. Alejandro era incrível. — Agora durma um pouco, *tigresa*. Estarei aqui velando seu precioso sono.

Sorri, abobalhada.

Não sabia dizer em que momento minha mente desligou, mas o sono me venceu e dormi com o delicado toque das mãos de Alejandro em meus cabelos.



Eu estava sonolenta, mas comecei a sentir o toque suave de alguém. Espreguicei-me na cama e, lentamente, abri os olhos. O rosto de Alejandro estava a poucos centímetros do meu; bastava que eu esticasse meus lábios num bico para poder beijá-lo.

Mas não tive coragem.

— O que foi? — soprei com a voz rouca de sono.

— Desculpa, mas você estava roncando — ele disse, me deixando sem palavras momentaneamente, e isso facilitou para que ele conseguisse me roubar um selinho antes de se erguer, nos próprios pés.

— Por que fez isso? — questionei, incrédula.

— O quê? Beijá-la, ou falar que você ronca?

Praguejei, irritada com ele, mas decidi ignorá-lo ou atacaria seu pescoço com minhas unhas. Ao invés disso, eu saí da cama.

— Vamos sair — ele disse, depois que percebeu que eu não falaria nada. Voltei a encará-lo e só então percebi que ele tinha trocado de roupa para uma mais esportiva. — Sua irmã nos convidou para fazer um lanche com ela e seu noivo.

Arregalei os olhos.

— Você estava conversando com ela? — perguntei em desespero. — O que vocês conversaram? Você falou com meu pai também? Aliás, quanto tempo eu dormi?

— Ei, ei, ei?! Eu sou inocente, *tá* legal, inspetora? — ele brincou. Em seguida, veio até mim e segurou minhas mãos. — Você dormiu o suficiente para descansar um pouco. E como eu não consegui dormir, já que você ficava se debatendo a toda hora e resvalando esse corpo pecaminoso em mim, eu decidi descer.

— Eu me debati?

Ele sacudiu a cabeça, confirmando.

— Quer que eu diga o que você falou enquanto dormia?

— Eu não falei nada, Alejandro — falei rapidamente, mas sentindo o nervosismo me abater. — Você está mentindo.

A risada dele reverberou direto no meu núcleo, que se apertou em expectativa.

Pegando-me desprevenida, ele enlaçou minha cintura e forçou meu corpo no seu.

— Você estava implorando por mim... — ele sussurrou contra meus lábios. — Implorava para que eu aliviasse a sua dor. — Resfoleguei, sentindo arrepios por todo meu corpo mole.

Antes que eu pudesse responder, Alejandro encarou meus lábios, que estavam semi-abertos, e se afastou de mim, seguindo direto para minha mala.

— O que você está fazendo? — perguntei, depois de encontrar minha voz.

— Vou ajudá-la a se arrumar — respondeu simplesmente.

Arqueei minhas sobrancelhas.

— Eu acho que posso cuidar disso sozinha, Alejandro.

Ele me olhou de soslaio, e ignorou minha observação.

— Você renovou seu guarda-roupa antes de vir para cá? Porque não é possível esse monte de pano sem graça — ele ralhou. De repente, parou, com as mãos na cintura. — Tua sorte foi que eu dei um pulinho no centro da cidade e fiz algumas compras para você, *tigresa*.

Eu me sentei na cama, presa entre a surpresa e a incredulidade.

— Você comprou roupas para mim?

Ele não respondeu, porque estava mais preocupado em espalhar diversas roupas sobre o colchão. Uma mais linda do que a outra.

Quando ele ergueu, diante dos meus olhos, um vestido nude, eu avisei:

— Eu não vou me vestir assim, Alejandro. O que meu pai vai pensar de mim? Além do mais, esse vestido não vai cobrir nem metade das minhas tatuagens.

— Por que essa necessidade de ser quem você não é? — ele indagou, incomodado. — Você já é uma mulher adulta, Blue, e perfeita em todos os sentidos e com todas as suas imperfeições.

Mordi os lábios, mexida com suas palavras. Aceitei quando ele me ofereceu o vestido. Eu precisava ser honesta e afirmar o bom gosto dele. Todas aquelas roupas eram incríveis e extremamente refinadas.

— Meu pai é um homem conservador, Alejandro. Então temos que pisar em ovos perto dele. E, eu não estou tentando dar e ele a ideia de que quero pular no seu pescoço a qualquer momento.

Seus traços faciais se iluminaram, e ele se animou.

— Então, você já pensou em saltar em mim em algum momento?

Eu pressionei meus lábios, frustrada comigo mesma por não ter me expressado melhor.

— Não. Quero dizer, você é atraente, mas eu não tenho pensado sobre qualquer coisa além de conseguir conquistar a aceitação do meu pai — menti.

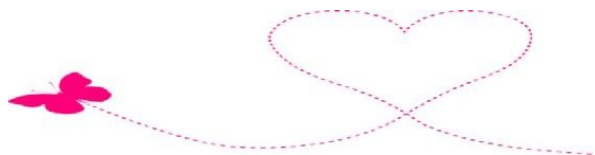
Ele sorriu e respirou fundo.

— Eu sei que isso é muito importante para você. E a cada dia, conhecendo você, eu me sinto mais orgulhoso da pessoa linda que você é, Amálie. Nunca

aceite menos.

Meus olhos umedeceram, mas não me permiti chorar. Ao invés disso, eu me levantei.

— Vamos lá, então — murmurei, animada. — Vou tomar um banho primeiro.



Alejandro e eu discutimos um pouco sobre a definição de sexy. No final conseguimos chegar a um acordo. Eu estava usando um vestido de algodão, alguns centímetros abaixo dos joelhos, e uma sandália plataforma. Mesmo que soasse ridículo, eu ansiava chamar a atenção do meu pai de forma positiva e não de uma maneira que fosse insultá-lo.

Honestamente, eu me surpreendi com a escolha do lugar.

— O papai sabe que vocês frequentam bares? — perguntei, assim que adentramos ao bar lotado. Havia uma multidão ali, bebendo algumas doses antes das sete.

Cecílie riu, e cutucou meu braço como se fôssemos melhores amigas.

— Ele já não está tão intolerante, querida irmã — ela disse. — Mas confesso que tive que praticamente implorar para que ele me deixasse convidá-la para o casamento. Acho que suas atitudes promíscuas do passado o deixaram traumatizado.

Estávamos alguns passos à frente de Alejandro e Valentim, mas ao ouvir tais palavras maldosas, eu tive que parar, porque senti minhas pernas falharem.

— Oh, entristeci você? — O sarcasmo no seu tom e expresso no seu rosto me fizeram querer vomitar. Eu tinha consciência de que nosso relacionamento fraternal nunca foi as mil maravilhas, mas estava disposta a passar por cima de tudo para poder viver em paz.

Mas naquele momento, eu estava muito interessada em meter a mão na cara dela.

— Por que você me odeia tanto, hein, Cecílie?

O sorriso sarcástico morreu. Prestes a responder, ela foi impedida pela

chegada de Alejandro e Valentim.

A mão de Alejandro pressionou a parte inferior das minhas costas.

— Lugar bacana. Eu tenho que dizer, minha imaginação nunca me trouxe para algo assim com você.

Minha boca se curvou para cima enquanto eu virava meu pescoço e encontrei Alejandro com um sorriso apreciativo nos lábios. Quando virei meu corpo completamente, ele me agarrou para um abraço rápido, mas antes que se afastasse, ele acrescentou:

— Sei que já disse isso, mas você está maravilhosa.

— Vocês não têm o costume de sair? — Valentim questionou, aproximando-se de Cecílie. — Um bom relacionamento, para funcionar, precisa evitar a monotonia, amigo. As mulheres não gostam de ficarem presas dentro de casa. — Dizendo isso, ele olhou para minha irmã, que sorriu para ele.

Náuseas me sufocaram.

— Amálie e eu nos damos bem, justamente por isso, não é mesmo, querida? — Encarei Alejandro, com as sobrancelhas arqueadas. — A cama é nosso lugar preferido. E acredite, caro amigo Valentim, não há espaço para monotonia entre nós. — Piscou um olho.

Mordi o cantinho interno da boca, lutando para não gargalhar da cara de pateta do Valentim, e da expressão atônita da minha irmã.

— Isso foi uma excelente resposta — cochichei enquanto caminhávamos pelo lugar em busca de uma mesa.

Ele estava vestindo um jeans rasgado desgastado e uma simples camiseta de algodão branca, mas estava incrível.

Seus lábios se curvaram e ele deu de ombros.

— Bem, espero que realmente não se importe, mas, às vezes, serei obrigado a usar a minha super inteligência para impressioná-la. — Piscou e, eu ri. Em seguida, ele inclinou a cabeça para sussurrar: — E sem falar no meu pênis enorme, claro.

Continuei rindo, porque realmente Alejandro era um homem com um excelente senso de humor, e conseguia fazer de um momento ruim algo bom.

Uma vez que, estávamos sentados, uma garçonete se aproximou e rapidamente pegou nossos pedidos de bebida. Incrivelmente a conversa fluiu

facilmente pelas próximas horas. Entretanto, eu não tinha certeza se isso se devia ao excesso de álcool no meu sistema.

— Acho que você já bebeu demais, querida — disse Alejandro, quando soltei uma gargalhada estrondosa sobre algo que Valentim falou.

— Eu estou feliz, querido — murmurei, com a voz embolada. — Feliz, porque minha doce irmãzinha vai se casar.

Alejandro se inclinou para trás e riu, e eu não pude deixar de admirar seus dentes perfeitamente brancos.

— Tê-la conosco é um prazer, irmã — ela disse. Em seguida, entrelaçou os dedos nos de Valentim, direcionando as mãos onde eu pudesse ver. — Valentim e eu sempre desejamos ter o seu apoio, independente de tudo o que aconteceu.

Peguei o restante da dose da minha bebida e sorvi num único gole. O líquido rasgou minha garganta, assim como a raiva e aquela sensação de injustiça e impunidade corroíam-me por dentro.

— Ora, ora, Valentim... você quer mesmo entrar para a família, não? Será que com ela você é homem?

O choque das minhas palavras deixou todos em silêncio momentaneamente.

— Amálie...

Cortei-a.

— Então, irmãzinha, ele comeu você antes ou depois de mim? Eu fiquei confusa agora.

— Já chega! — Alejandro se levantou. — O happy hour acabou.

Eu não conseguia parar de rir das expressões dos dois, que ficaram na mesa, enquanto eu estava sendo arrastada pelo Alejandro. No lado de fora do bar, ele me soltou e começou a caminhar na minha frente em direção ao estacionamento. Pisquei, confusa.

— Ei? — gritei por ele.

Sentindo minhas pernas amortecidas, eu tentei acompanhá-lo, mas tive um pouco de dificuldade. Eu não estava completamente bêbada, pois sabia exatamente o que estava fazendo.

— Ei? — voltei a gritar. — Alejandro! Espere por mim, droga!

Abruptamente, ele se virou na minha direção, e eu parei. Meu coração acelerou quando enxerguei a ira naqueles belos olhos.

Com o indicador apontado contra mim, ele rugiu:

— Eu não vim aqui para ser taxado como namorado frouxo enquanto minha suposta namorada esfrega a boceta na cara do cunhado por alguma razão infantil em querer provar alguma coisa.

— Ma-as... eu não... — me enrolei para falar.

Senti-me nervosa e culpada.

Vendo meu estado deplorável, ele inspirou fundo, em seguida, veio até mim.

— Eu gosto de você, Amálie.

Minhas bochechas esquentaram, enquanto eu lutava contra o sorriso tentando se formar nos meus lábios.

— Eu sei que seu coração é marcado por infinitas mágoas do passado, porque não é difícil imaginar o quanto o fato de presenciar o apoio que sua irmã tem da família, ao contrário de você, a magoa. — Eu não pude evitar, mas me encolhi um pouco com suas palavras. — Eu só quero dizer, isso é novo, eu sei, mas eu gosto de você. E estou preparado para ir tão lento quanto você quiser. Mas preciso ter certeza que não estarei lutando uma luta sozinho.

Ok, meu coração palpitou um pouco. Ele me entendia. Ele mal me conhecia, e me entendia.

Levei uma das mãos ao seu rosto e o acariciei.

— Obrigada, Alejandro. Eu aprecio isso.

— Isso quer dizer que eu tenho uma chance?

Minha boca se curvou de um lado com um sorriso. Em seguida, olhei para meu relógio de pulso.

— Eu estou bebendo, há algumas horas, sem parar, então não estou em condições para opinar em nada no momento.

A risada dele ressoou no silêncio da noite.

— Então, isso significa que preciso levar você para cama — insinuou.

— Só se for para me fazer uma deliciosa massagem — brinquei.

— Sério que não está a fim de brincar de gangorra no meu pau?

— No meu estado, é capaz de eu vomitar em cima de você.

Houve uma pausa de silêncio que caiu entre nós, e eu encarei o Alejandro.

— Se você não se importa, eu vou dormir no chão hoje.

Foi a minha vez de gargalhar.

— Frouxo.



Capítulo 5

Blue

Minha cabeça estava latejando dolorosamente quando acordei. Os raios solares batiam nas vidraças e refletiam no cômodo, iluminando-o. Abri e fechei os olhos algumas vezes, tentando encontrar alívio, mas não estava dando certo.

Ainda sonolenta, eu me remexi e meu corpo travou numa parede de músculos. Arquejei, assustada, e demorei para me dar conta do lugar em que eu estava, e com quem eu estava. Devagar, eu me afastei e sentei na cama. Alejandro estava dormindo de barriga para cima, apenas de cueca. Cretino! Eu sabia que ele tinha feito aquilo de propósito, apenas para me provocar.

Mesmo tentando, eu não consegui controlar meus olhos gulosos, que percorreram centímetro a centímetro daquele peitoral repleto de músculos; o calmo movimento da sua respiração me fez morder os lábios com força, porque seu abdômen subia e descia chamando a atenção dos meus olhos para sua pélvis. Precisei conter meu instinto faminto quando notei sua ereção suculenta. Céus! Aquela delícia parecia estar me chamando.

— Confesse que você está louca para brincar no parquinho.

Dei um gritinho de susto ao som daquela voz rouca de sono. Os olhos de Alejandro estavam em mim, acusatórios e desafiadores.

Senti meu rosto queimar, porque ele tinha me pegado no flagra. Há quanto tempo ele estaria acordado? Droga!

— Não estamos aqui para isso — falei, nervosa. Em seguida, eu saí da cama. — Ai, que droga! — Coloquei a mão na minha têmpora sentindo o latejar constante, e me lembrando de todo o álcool que ingeri na noite anterior. — Por que me deixou beber daquele jeito?

Ele riu sarcástico.

— Querida, se eu tivesse direito de voto com você, eu já teria te levado pra cama. Já teria chupado e fodido sua boceta de todas as formas possíveis. — Piscou, com ar cafajeste.

Mordi os lábios, evitando gemer. Minha vontade era a de me jogar em cima dele e exigir que ele fizesse comigo tudo o que vivia prometendo, mas me contive.

Pigarreei, visivelmente atordoadada.

— Argh! Você é tão... tão...

— Sincero? Decidido? Gostoso?

A risada dele piorou meu estado.

— Não. Arrogante. É isso. Você é arrogante. — Eu estava uma pilha de nervos. — E me faça o favor de dormir com roupas, ou empurro você para fora da cama da próxima vez.

Falando isso, eu me enfiei dentro do banheiro. Eu me sentia como se tivesse acabado de terminar uma maratona de corrida. Meu corpo inteiro tremia devido à adrenalina. Eu não era idiota ao ponto de afirmar que Alejandro não mexia comigo, porque ele mexia. Sempre tive uma vida sexual ativa depois que saí da casa dos meus pais, entretanto sem qualquer tipo de ligação afetiva, porque minha experiência com Valentim já tinha feito estrago o suficiente no meu coração. E Alejandro parecia estar buscando mais do que apenas sexo.

E esse “mais”, eu não poderia dar.

Respirando fundo, eu fui até a pia e grosseiramente joguei um pouco de água no rosto e na nuca. Cenas do vexame que eu fiz na noite passada invadiram minha mente e, eu amaldiçoei minha boca grande. Certamente Cecílie faria minha caveira para nosso pai, que já não estava feliz com minha presença ali.

Entristecida, com dor de cabeça e com o corpo cheio de tesão pelo Alejandro, eu saí do banheiro.

— Tome esse analgésico — Mal tive tempo para negar ou ver o comprimido, porque Alejandro enfiou na minha boca, em seguida, me ofereceu um copo de água. — Em apenas alguns minutos, você já vai estar melhor.

— Você foi lá embaixo assim? — questionei, segundos depois. Ele estava usando somente um roupão.

Ele se olhou.

— Queria que eu tivesse ido de cueca? — revidou, sarcástico. — A propósito, encontrei seu pai na escada quando eu estava subindo. Tentei ser gentil e comentei: Bom dia, senhor Adamec! Nossa, o dia mal começou e, eu já estou exausto. Amálie é uma mulher insaciável na cama.

Meu rosto empalideceu e cobri minha boca com uma das mãos.

— Não, você não disse isso.

Eu estava em pleno desespero, olhando para aquele homem que tinha o dom de mexer comigo de todas as formas possíveis. E, naquele momento, eu queria socá-lo até a morte.

Quando eu estava prestes a ter uma síncope, ele começou a rir.

— Eu estava brincando, Blue — garantiu entre risos.

A raiva tomou conta de mim.

— Seu desgraçado! — comecei a estapeá-lo, enquanto ele seguia para o banheiro.

— Você tinha que ter visto a sua cara — continuou zombando.

Rapidamente, eu peguei meu chinelo e joguei na direção dele, mas ele foi mais rápido e acabou pegando na porta. Bufeí ao som da risada dele.

Nervosa, e ainda sentindo os tremores no meu corpo devido ao susto e a raiva do Alejandro, eu ouvi o toque do meu telefone.

Varri os olhos ao meu redor e acabei encontrando o aparelho embaixo do meu travesseiro. O nome Luna brilhava na tela.

— Oi, amiga — Atendi. Em seguida, fui para a sacada do quarto, porque não queria que Alejandro escutasse a conversa. — Eu sei que fiquei de ligar antes, mas não tive tempo. Me desculpe.

— Não se preocupe com isso — ela disse. Ao fundo, eu podia ouvir os resmungos do Romeu, que ela devia estar amamentando. — Apenas me conte as novidades. Como foi a chegada de vocês?

Suspirei.

— Ah, foi como o esperado — respondi, me debruçando na balaustrada. — Ainda não tive um momento com meu pai, mas ele deixou claro que minha presença não é algo que ele aprecie.

— Oh, Blue. Eu sinto muito.

Luna sempre soube dos meus problemas familiares. Certamente que a semelhança do nosso passado facilitou a solidificação da nossa amizade, já que ela também havia sofrido muito por conta dos pais.

— Eu sei disso — murmurei.

Houve um instante de silêncio.

— E o Alejandro? — Senti uma provocação no seu tom de voz.

— Ah, ele está mais a vontade do que eu — falei e ambas demos risada.
— Ontem saímos com minha irmã e o noivo dela, Valentim.

— Aquele Valentim?

Rolei os olhos.

— Sim, o próprio.

De repente, a voz dela ficou distante e a ouvi conversando com o David, pedindo para que ele pegasse o Romeu dos seus braços, pois ele estava dormindo.

— Desculpa, mas meu braço estava pesando aqui. — Ela riu, e aproveitei para saber um pouco dela e do Romeu. — É uma fase cansativa, mas extremamente mágica — confessou. — David está o tempo todo do meu lado, e mesmo quando está na empresa, ele dá um jeito de estar presente, sabe? Ele é um homem maravilhoso.

— Fico muito feliz, minha amiga. Você é a melhor pessoa que eu já conheci e merece ser muito amada.

— Obrigada. — Ela disse. — E sua relação com o Alejandro? Blue, você sabe que ele está caidinho por você, e não minta para mim dizendo que também não está por ele, porque eu te conheço melhor do que ninguém.

Olhei para trás, a fim de ter certeza que ele ainda estava no banheiro.

— Eu me sinto atraída por ele sim — falei, mordendo os lábios. — Mas eu tenho medo, Luna.

— Medo?

— Eu exagerei na bebida ontem, e acabei dando vexame no encontro com minha irmã e o cretino do Valentim — pausei, sentindo-me ridícula. — A verdade é que no fundo, eu me sinto traída. Traída por meus pais. Pela minha irmã. Pelo Valentim. Por que fui julgada e minha irmã não? É óbvio que os dois transam, Luna. Minha irmã continua a mesma vaca manipuladora de antes.

— Eu odeio a sua família, Blue — ela disse com a voz indignada, e eu ri. — Você não merece passar por isso. Por que não volta pra casa? Sabe que mandei preparar um quarto especialmente para você, hun? Sem falar que Romeu vai adorar ter mais um par de braços para passear com ele.

Gargalhei.

— Estou sentindo uma pequena manipulação por trás de suas palavras,

hein?! Espertinha.

Ela riu.

— Mas é sério, Blue. — Voltou a ficar séria. — Não aceite menos do que você merece. Família não é formada apenas pelo laço sanguíneo, mas por quem verdadeiramente te quer bem.

Mordi o cantinho interno da boca para evitar chorar.

— Eu sei, Luna.

— Por favor, Blue, não se esqueça disso. Eu estarei sempre aqui para você.

Uma lágrima escorreu sem que eu pudesse controlar.

— Obrigada.

Conversamos por mais alguns segundos antes que eu desligasse.

Eu ainda estava na balaustrada quando Alejandro apareceu atrás de mim.

— O que aconteceu? — Ele quis saber quando analisou meus olhos vermelhos. Suas sobrancelhas se arquearam evidenciando sua preocupação.

Passei a lateral da mão sobre meu nariz e funguei.

— Não é nada. Eu apenas estava conversando com a Luna.

— Está tudo bem com ela? Aconteceu alguma coisa com o pequeno Romeu? E o David?

Eu ri do seu exagero.

— Pelo amor de Deus, homem! Eu disse que está tudo bem. — Segurei seu braço. — Acalme-se.

Pegando-me desprevenida, ele enlaçou minha cintura com a mão livre e grudou nossos corpos. Arquejei com o toque atrevido. Calor se espalhou pela minha pele, incendiando-me completamente.

— Vou me acalmar com um beijo seu, *tigresa*...

Ele usava uma camiseta azul que mostrava seus ombros largos, braços musculosos e peito esculpido. Alejandro era alto, e seu corpo era mantido ereto por um par de pernas feitas, de coxas e panturrilhas poderosas.

Borboletas se instalaram na boca do meu estômago e a adrenalina começou a percorrer meu corpo.

— Isso não vai acontecer — falei.

Sua mão apertou minha cintura e ele se inclinou para o meu rosto.

— Querida, você apenas está adiando o inevitável. — Ele piscou. — Tanto quanto eu, você quer sentir a potência do meu pau na sua bocetinha. Você quer sentir a minha boca entre suas pernas e pelo seu corpo inteiro. Chupando. Lambendo. Mordendo.

Eu rosnei para ele. Eu cheguei mais perto até que meu corpo estivesse colado com o dele. Eu realmente podia sentir o calor e a dureza do seu pau pressionado contra o meu estômago.

E, eu estava instantaneamente encharcada, porque meu corpo o queria desesperadamente.

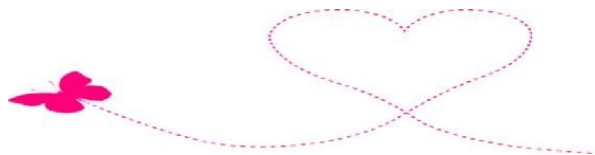
— Já acabou? — Sua mandíbula apertou ao notar o desdém no meu tom. — Bom, se me der licença, eu vou trocar de roupa, porque precisamos descer. Meu pai já deve estar tomando café e, eu preciso encontrá-lo antes que ele vá para a igreja.

Eu consegui me afastar dele e fiz o meu melhor para não sair correndo feito uma covarde.

Meus passos falharam um pouco quando cheguei ao quarto e ouvi Alejandro dizer:

— Não pense que vou desistir, Amálie. — Meus joelhos quase cederam quando ele pronunciou meu nome. Soou pecaminoso em seus lábios. — Quanto mais você luta contra, mais obstinado eu me torno para tê-la.

Eu não consegui dizer nada, porque estava sufocada com todas as reações que ele me fazia sentir. Então decidi ficar em silêncio e ignorar todos os alarmes do meu subconsciente.



Quando chegamos à sala de jantar, encontrei todos à mesa. Minhas pernas estavam moles quando afundei em um dos assentos. Eu dei uma rápida olhada para Alejandro quando ele deslizou ao meu lado. O odiei naquele momento por me fazer uma pilha de nervos durante o café da manhã, já que nosso breve impasse no quarto não saía da minha cabeça.

Ele se inclinou para baixo, lábios persistentes perto da minha orelha.

— Respire. Respire fundo, Blue. Vai dar tudo certo. — Debaixo da mesa, ele pegou minha mão e apertou, e desapareceu qualquer vestígio de raiva que eu nutria por ele.

— Eu estou bem — Eu falei quando Valentim entrou na sala de jantar. Seu olhar era poderoso quando ele pegou um assento em nossa frente e ao lado de Cecílie, que soltava dardos venenosos na minha direção através do seu olhar.

Com um suspiro, Alejandro soltou minha mão. Mas ele manteve seus ombros tensos, como se estivesse se preparando para uma guerra. E talvez isso realmente acontecesse, considerando que ele e Valentim estavam bloqueados em um olhar de morte de proporções épicas.

Meu pai fez sua presença na cabeceira da mesa, e quebrou a tensão. Valentim virou a sua atenção ao meu pai; seu rosto livre da fúria que estava ali um segundo atrás.

— Eu gostaria de agradecer a Deus pela presença de todos. É bom ter a casa cheia hoje — disse meu pai. Seus olhos pousaram em mim. — Não há nada mais satisfatório do que ter a família reunida e ver que os ensinamentos, embora duros, valeram à pena. Tê-la aqui, Amálie, descende e comprometida, mostra que se arrependeu dos erros do passado e, finalmente, seguiu pelo caminho certo. Levei um tempo para observar isso. Mas estou feliz por você ter voltado, filha minha.

Minha mãe se alegrou, disparando palavras eufóricas, mas eu mal conseguia falar. Algo sobre o discurso do meu pai arranhou as cicatrizes em meu coração.

Ele nunca pareceu tão orgulhoso de mim. Mas obviamente era um orgulho mentiroso. Superficial.

Senti uma ardência atrás dos meus olhos, e pisquei algumas vezes para manter as lágrimas na baía. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu choraria na frente daquelas pessoas. Pessoas que deveriam me amar, mas que só sabiam julgar. Apontar meus erros.

Para mascarar o meu estado emocional frágil, eu tomei um longo gole de café.

Era tão amargo como eu me sentia.

Tal como o discurso do meu pai.

Senti uma mão na minha coxa, e quando inclinei minha cabeça em direção a Alejandro, ele estava me estudando com aqueles olhos intensos dele. Ele não disse nada, mas ele não precisava. Seu olhar direcionado ao meu pai era quase assassino.

Eu cobri sua mão com a minha própria, silenciosamente agradecendo-lhe por estar ali por mim. Mas o ar se deslocou entre nós quando ele subiu a mão na minha coxa, fazendo meu corpo vibrar com calor. Meus dedos apertaram ao redor dele, porque eu estava presa na indecisão.

Parte de mim queria empurrá-lo. A outra parte queria incitar seu toque mais alto. Não resisti quando ele arrastou a bainha da minha saia.

Nossos olhares se encontraram em uma colisão fatal de desejo. Eu estava perdida.

Alejandro raspou o lábio inferior com os dentes quando ele deslizou sua mão entre minhas coxas, o calor de seus dedos quentes acariciando-me por cima da calcinha. Havia tanta promessa em seu toque, que tudo que eu conseguia enxergar era a ameaça no calor dos seus olhos.

A linha implacável de sua mandíbula era um lembrete da paixão e do prazer que ele poderia me proporcionar.

Tivemos nossa pequena conexão interrompida por um pigarro. Cecílie estava com os olhos desconfiados sobre nós.

— Está tudo bem com vocês dois? Você parece doente, irmã. Eu sabia que não era para você esbanjar na bebida ontem à noite.

A maldade estava lá, espreitando naqueles olhos angelicais.

Respirei fundo. Em seguida, afastei a mão de Alejandro do meu corpo.

— Você bebeu? Não é apropriado uma mulher beber — disse meu pai em tom de reprimenda.

— Querido, agora não é o momen...

Ele encarou minha mãe com aquele olhar duro que eu conhecia muito bem. Minha mãe se calou e abaixou a cabeça. Submissa. Sempre submissa.

— Amálie, eu estou feliz que esteja conosco, juntamente com seu namorado. Mas peço que não se esqueça dos modos, querida. Por exemplo, você e seu namorado estão dividindo o mesmo quarto. Você acha isso correto? O que as pessoas vão pensar?

Abri a boca para falar, mas acabei hesitando. Meu corpo inteiro tremia e minhas mãos estavam suadas. Era como se eu tivesse voltado a ser uma adolescente.

— Elas vão pensar que somos adultos — Alejandro se atravessou. Sua voz estava áspera. — Entretanto, eu não ligo para o que as pessoas pensam a meu respeito. Tudo o que me importa é a minha felicidade e a felicidade da Amálie. Eu a amo, então isso já basta.

Amor.

Ele me amava? Ou estava apenas agindo como o combinado?

Contudo, aquela palavra ficou na minha mente como um mosquito zumbindo seu canto no meu ouvido. Meu coração batia no fundo do meu intestino, e eu sabia que não seria capaz de comer nada durante o café — não com aquela percepção preocupante de que o que estava acontecendo entre eu e Alejandro estava crescendo em algo maior do que eu imaginava.

Algo aterrorizante.

Algo fora do meu controle.

Incrivelmente, meu pai pareceu gostar da resposta dele, porque ambos entraram numa conversa com Alejandro explicando sobre o ramo da empresa González.

Eu queria me acalmar, mas nada amenizava o pânico crescendo como raízes infinitas dentro de mim.

Se Alejandro pensava que me reivindicaria, ele estava extremamente enganado. Eu não pertencia a ninguém, além de mim mesma.



Capítulo 6

Alejandro

Os dias foram passando e minha paciência com a família da Blue se esgotando. A cada novo amanhecer, eu buscava reunir todo meu autocontrole para não mandar todos para o inferno e me mandar dali com a Blue.

A matriarca da família era visivelmente submissa; uma mulher totalmente isenta do direito às suas opiniões e ao direito de discordar do marido. E jamais modificava as suas convicções com respeito a um dado assunto. Por várias vezes, Blue foi pressionada, ignorada e maltratada pelo pai, e ela como mãe se calou. Algo que eu achava inadmissível.

A irmã era o típico lobo em pele de ovelha, mas talvez eu fosse o único a enxergar a maldade naqueles olhos. Ela parecia vibrar com o péssimo relacionamento da Blue com o pai delas; aprovava cada palavra cruel proferida por ele. E aquela triste constatação me fazia sufocar, porque eu amava meus irmãos e lutaria todas as batalhas deles se fosse preciso. Então eu não conseguia aceitar aquela situação.

O pai era o líder da família; um homem com tendência preponderante a ser insensível às necessidades das pessoas ao redor. Em uma das raras conversas que tive com ele a respeito de valores familiares, ele mencionou que atualmente existiam muitas “ideias e teorias” sobre o papel da mulher. Todavia, a questão básica não era a opinião da mulher sobre o que ela devia ser ou não, mas o que Deus requeria dela. Fiquei sem palavras na hora, porque realmente não sabia o que dizer. Mas a verdade é que eu conhecia aquele tipo de pessoa; pessoas como Konrád Adamec utilizavam o pouco de influência que tinham para tentar abafar o comportamento abusivo, revestido em crenças religiosas.

Meu coração estava apertado, porque naquele pouco tempo de convívio, eu pude conhecer um pouco mais da história da Blue; ela verdadeiramente amava a família e se sentia culpada por não ser capaz de agradá-los. Mas como seria possível a felicidade quando em um dos lados ela não se completasse?

Era justamente isso que eu estava me perguntando naquele exato momento. Estávamos participando do ensaio da cerimônia de casamento e, embora o tédio com tudo aquilo fosse abundante, meu foco estava estritamente na razão de toda aquela loucura.

Blue.

Eu e ela seríamos os padrinhos, algo decidido de última hora. Certamente, Cecílie quis, mais uma vez, ferir a irmã, considerando que ela e Valentin tinham um passado. O vestido das madrinhas, originalmente, seria de alças finas, contudo Cecílie pediu para que o da Blue fosse modificado de maneira que não mostrasse as diversas tatuagens. Fiquei tentado a mandá-la se foder, ela e todos com aqueles malditos preconceitos, mas preferi me calar e esperar pela reação da Blue, que optou por continuar aceitando receber migalhas.

Eu estava puto.

Puto pela minha impotência.

Puto pela intimidação da Blue diante daquela situação abusiva.

Puto com aquela mãe omissa. Com aquela irmã venenosa. Com aquele pai coberto de arrogância e prepotência.

— Você está com uma cara assassina, Alejandro — Ela sussurrou. Estávamos no fundo da igreja, aguardando o momento da nossa entrada.

— Seu vestido é horrível — respondi, ranzinza.

A risada chocada que ela deu encheu meus ouvidos.

— Oh, delicadeza em pessoa, eu agradeço a sinceridade — disse, deixando claro todo o seu descontentamento.

Soltei a respiração de maneira áspera.

— Não é você, Amálie, mas a escolha do vestido — Eu disse. — Já olhou ao redor? Você será a única diferente. Por quê? Por que continua aceitando isso? Você é linda e, perfeita do jeito que é. Suas tatuagens deveriam ser motivo de orgulho, porque elas são incríveis.

Assisti o movimento rápido da sua respiração e o momento em que ela engoliu em seco. Suas bochechas ruborizaram e seus olhos umedeceram, porém ela não chorou.

— Agradeço sua preocupação, mas estou tentando, Alejandro. Eu estou tentando...

Não aguentei ouvir suas desculpas e interrompi suas palavras:

— Aí está o ponto, porra! Está tentando agradá-los em prol de algo que não existe. Você não aceita, mas essa é a verdade, Amálie. Você é diferente deles

e isso não significa que seja algo ruim. Ninguém da sua família te aceita, porque não a respeitam.

O rosto dela ficou vermelho, porém com um sentimento que beirava a raiva.

— Alejandro, você não entende... — sibilou.

A igreja em que nós estávamos era magnífica, assim como todos os edifícios históricos daquela cidade. Prestes a abrir a boca para retrucar, chegou a nossa vez de ensaiar a entrada. Calei-me à contra gosto.

Com o maxilar trincado, eu caminhei com ela, odiando todos aqueles olhares debochados e acusatórios. Valentim estava no altar e seus olhos não estavam em nada, além da Blue, como se estivesse esperando por ela. Se o babaca continuasse com aquilo, então teríamos problemas.

Conversas reservadas podiam ser ouvidas através da igreja, juntamente com um toque musical. Eu peguei meu braço e circulei a cintura da Blue, ignorando o fato de estar saindo do protocolo.

Valentim trouxe o olhar na minha direção, e enxerguei aquele brilho de extrema irritação. Não era o ódio mal contido no rosto dele que me incomodava. Era a possessividade. O ar à sua volta que o fazia se sentir melhor do que eu.

Aquela expressão me dizia que ele achava que Blue ainda pertencia a ele.

A cerimonialista começou a reclamar e explicar alguns detalhes, mas eu pouco me importei. Blue e eu ficamos perto do altar, entretanto não retirei as mãos dela. Um suspiro audível escapou dos seus lábios, e adorei a maneira como as bochechas dela aprofundaram-se naquele rubor "sexy", que me excitava pra *caralho*.

— Você parece nervosa.

Ela levantou o olhar para o meu, e não consegui parar o sorriso minúsculo tomando conta da minha boca.

— Então, Amálie — Uma mulher, que estava bem ao nosso lado disse: — Vocês pretendem se casar também?

Blue se tornou rígida em meus braços, mas tentou responder:

— Bom, nós...

— Oh, irmã, se quiser poderá usar meu vestido — Cecílie ofereceu, se intrometendo na conversa. Olhamos para ela, que nos encarava com aquele

sorriso fingido. — Eu o empresto para você, querida. Para dar sorte. — Piscou.

As palavras dela gelaram minhas veias.

Blue endureceu ao meu lado, e eu peguei o olhar de pânico que ela lançou em direção ao pai dela, como se ele fosse ajudá-la.

O peito dela estava imóvel, e eu tinha certeza que ela estava segurando a respiração.

Limpando a garganta, eu me preparei para falar. Todo mundo caiu em silêncio, todos os olhos em mim.

— Bom, querida cunhada, eu agradeço sua proposta tentadora, mas acredito que tenho condições financeiras para comprar o vestido que Amálie deseja. Digo mais: eu posso comprar tantos vestidos, a ponto de encher essa igreja, por exemplo, e fazer sair pelo sino. — Os olhos dela se arregalaram, enquanto seu rosto ruborizava. Não me importei, porque não podia deixá-los fazer aquilo com a Blue. — Amálie é tão digna como qualquer pessoa aqui dentro, e merece somente o melhor que eu puder oferecer a ela.

Dei um passo para trás e encarei a Blue.

— Estou saindo daqui agora.

Não esperei ela responder e saí de lá a passos longos e rápidos. Meus punhos estavam cerrados e meu corpo todo tremia. Eu queria gritar. Expor o que estava acontecendo, porque não era possível que apenas eu achasse aquilo um absurdo. Não era possível que eu era o único com bom senso naquele lugar.

— Ei, o que pensa que está fazendo? — Tive meu braço puxado violentamente por uma Blue desesperada. — Você não pode sair assim e me deixar sozinha. O que vou dizer?

— Que tal expor em voz alta o quanto eles são horríveis com você? — revidei. — Você quer que eu volte? Eu volto, Blue, mas não farei mais parte dessa falsidade. Porque não tenho mais estômago para suportar essa aura de superioridade do seu pai, que não respeita nem a própria mulher. Ele me recebeu com desprezo, mas mudou o tratamento quando descobriu meu saldo bancário, assim como a venenosa da sua irmã, que só falta me comer vivo. — Parei de falar, ofegante. — Não gosto disso. Não sou adepto a aceitar injustiças e ficar calado, me desculpe. Eu sou assim, Blue. Esse sou eu, e qualquer representação contrária, eu sou incapaz de atuar.

Nós apenas nos olhamos, nossos peitos subindo e descendo enquanto um

observava o outro.

— Tá legal. Me tire daqui — disse ela, quebrando o silêncio tenso.

Pisquei, voltando a Terra.

— O que disse?

Ela se jogou nos meus braços e colou seus deliciosos lábios nos meus.

— Eu disse para você me tirar daqui — repetiu, em seguida, me beijou lascivamente. Nossos olhos se encontraram, quentes.

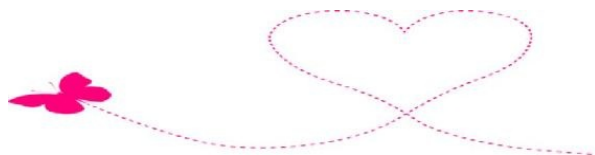
Segurei-a pela mão e entrelacei nossos dedos. Nada e nem ninguém nos impediria naquele momento, a caminho do meu carro. Meus batimentos acelerados me diziam o quanto eu estava nervoso, mas o meu desejo parecia se sobressair a minha pele, porque eu me sentia queimar por dentro e por fora.

— Blue, eu...

Ela mal me deixou falar e já voltou a me atacar com sua boca faminta, enquanto eu ainda me ajeitava no banco do motorista. A lateral do seu corpo ficou em cima do câmbio das marchas e suas mãos espalharam-se em todos os lugares que podiam alcançar enquanto nos beijávamos como se fora daquele carro o mundo estivesse acabando. Era desejo demais para controlar.

— Eu não quero conversar agora, Alejandro. Nada de conversa agora. — Ela soprou contra minha boca.

Seu aviso foi claro. Assenti, mordendo seus lábios com meus dentes, que rangiam com todo aquele tesão acumulado. Eu seria capaz de fodê-la naquele carro se ela deixasse. Mas ao invés disso, eu liguei o veículo e acelerei para longe.



Chegamos na casa dos pais dela e descemos do carro. A princípio, eu fiquei apreensivo com a ideia de transarmos ali, que era quase como um local sagrado, mas logo deixei aquela preocupação de lado assim que enxerguei a luxúria explícita nos olhos da Blue. Ela estava mais fora de controle do que eu.

Subimos às escadas com dificuldade, pois não queríamos desgrudar um segundo sequer do outro. No quarto, eu tranquei a porta e nos separamos. Blue

começou a tirar suas roupas, contudo mantendo certa distância. Segundos depois, eu observei suas mãos esticadas em seus lados, e ela estava se inclinando um pouco para mim, mas notei que era como se estivesse lutando contra si mesma da vontade de se aproximar de mim ou não. Meus olhos deixaram os seus e seguiram para seu corpo. Seu cabelo escuro estava enrolado e preso a sua pele; seu sutiã e calcinha eram as únicas coisas que a cobriam, e eu tive que lutar contra o impulso de agarrá-la e arrancar aqueles minúsculos tecidos com os dentes. Momentos atrás, do lado de fora da igreja, eu estava lutando contra o desejo de ir embora, porque ansiava mandar todos para o inferno. Mas Blue estava ali agora... seminua.

Quando seu lábio inferior desapareceu entre seus dentes, eu soube.

Ela me queria.

Desta vez, eu não pedi. Estava cansado de vê-la negar algo que claramente desejava. Eu bati seu corpo contra o meu. Meus braços a envolveram e eu a apertei com força quando nossas bocas voltaram a colidir. Ansiosa, ela abraçou suas pernas em volta da minha cintura, enquanto minhas mãos se moveram para baixo e seguraram o seu traseiro arrebitado. Apertei a sua carne com força, e ela suspirou, parecendo sentir a mesma emoção que corria através de mim. Seus lábios se derreteram nos meus; a intensidade de sua língua, misturada com sua respiração ofegante me deixaram inebriado. Caminhei de costas, ainda agarrado a ela, quando minhas pernas acertaram a beirada da cama, então eu coloquei-a sentada no colchão. Tirei minha camisa pela cabeça, e joguei-a de lado; bateu no chão de madeira enquanto eu a observava. Meu corpo estava tenso, dolorido de necessidade... por ela. Lentamente, eu me abaixei e comecei desafivelando o cinto, mas parei e olhei novamente nos olhos dela.

— Você tem certeza que...

Ela se ergueu e tomou minha boca com a sua, engolindo minhas palavras enquanto afastava minhas mãos e assumia meu cinto e as calças. Deslizando cada um dos seus dedos para que eles pegassem minha cueca com as calças; ela puxou para baixo enquanto beijava meu peito e meu estômago até que ficou cara a cara com minha ereção. Olhei para baixo e a vi lambendo os lábios, preparados para tomar meu pau na sua boca, mas eu a puxei para cima enquanto chutava os sapatos e as calças. Quando passei minhas mãos pelos seus ombros descendo para seus braços, ela tremeu. Lentamente, eu nos girei e me sentei na cama.

— Você pode fazer uma coisa para mim? — perguntei, com a voz rouca,

enquanto ela se estabelecia diante de mim.

— Diga — respondeu, seus olhos dançando através do meu corpo e minha ereção.

Apertando seus quadris, eu me inclinei para poder raspar meus lábios em seu baixo ventre.

— Vire-se e lentamente remova seu sutiã. — Eu quase perdi o ar quando ela se virou e desenganchou o sutiã e o deixou escorregar pelos braços até cair no chão. Eu não disse nada por um momento, apenas o som das nossas respirações rompeu o silêncio. Havia uma enorme tatuagem de leão que cobria suas costas completamente. Eu amava suas tatuagens. Era sexy pra *caralho*. Sem aguentar, eu me ergui nos meus pés e agarrei seus cabelos espessos, expondo seu pescoço de pele macia. Pele contra pele, minha ereção pressionada contra seu traseiro.

Colocando um beijo no seu ombro, eu sussurrei:

— Eu gostava do seu cabelo como era antes... — minhas mãos deslizaram em seus quadris, lento e dolorosamente, até que elas estavam logo abaixo dos seus seios.

— Com as mechas azuis? — quis saber num sussurro.

— Uhum... — confirmei, continuando minha descoberta pelo seu corpo. — Tudo o que eu conseguia pensar era em você, nua e quicando no meu pau com esses cabelos lindos banhando meu rosto. — Uma onda de arrepio correu através dela enquanto eu lutava contra o desejo de incliná-la contra a cama e acabar logo com aquele desejo. — Eu fantasiei sobre isso e muito mais. Qual seria a sensação da sua pele macia contra minhas mãos e meus lábios? Qual seria o gosto da sua boceta? Que sons você faria? — Quando voltei a beijar seu ombro novamente, meus lábios mal roçando sua pele, um gemido escapou dos seus lábios. — Droga, Blue — gemi enquanto beijava em direção ao seu pescoço, cada beijo ficando mais urgente. — É melhor do que eu jamais poderia ter imaginado.

Quando minha mão se moveu pelas suas costas e se enfiaram no seu cabelo, forçando-a a se afastar, ela empurrou de volta e manteve seus quadris firmes contra meu pau enquanto eu simplesmente beijava seu pescoço.

— Eu não acho que um homem já quis uma mulher tanto quanto eu quero você, Blue — soprei entre beijos. De repente, ela se afastou e virou o rosto para

mim, e eu peguei sua mão, empurrando, gentilmente, seu corpo sobre a cama. Puxando-a para mim, eu beijei sua barriga enquanto lentamente deslizava sua calcinha para baixo. Seu corpo tremia de desejo enquanto ela segurava meus ombros e me auxiliava no processo.

— Há tantas coisas que eu quero fazer com você, que eu preciso fazer com você, mas no momento... porra — gemi — Blue, você está encharcada. — Toquei suas dobras com meus dedos.

Pegando-me desprevenido, ela se ajoelhou e subiu em meu colo para montar em mim, mas minhas mãos firmes pararam sua tentativa. Quando ela me olhou, eu vi seus olhos cheios de luxúria.

— Ainda não — declarei. — Eu a virei de bruços, a fim de admirar sua nudez de uma maneira mais abrangente. — Eu quero memorizar cada milissegundo disso.

Mas nada me preparou para o que vi assim que ergui seu quadril.

— Você tatuou uma mira no seu cú? — perguntei, examinando aquele desenho ao redor do seu orifício minúsculo. Ela gargalhou, não dando a mínima para meu choque momentâneo. Aquela mulher não cansava de me surpreender.

— Sim. Mas são muitos estágios até brincarmos de tiro ao alvo.

Dessa vez fui eu quem deu risada. Arrastei minha mão pelo comprimento das suas costas.

— Estágios, hun? Tudo bem. Saiba que minha pontaria é exata e minha arma nunca falha. — Depositei um beijo em uma nádega, depois na outra. — Quantos estágios são?

— O suficiente para me convencer.

Assenti, deixando escapar um sorriso convencido.

Abruptamente, eu virei seu corpo de barriga para cima. Seu gritinho de susto logo deu lugar a um arquejo prazeroso, porque me estabeleci sobre seu corpo nu. Meus olhos se fixaram em uma rosa negra, tatuada entre seus pesados seios. Deixei minha língua sair para brincar com seus mamilos tenros. Enchi a boca com um, enquanto massageava o outro com meus dedos. Eu não tinha pressa. Podia ficar lambendo e chupando aqueles seios a tarde toda. Era deliciosa a sensação de vê-la toda entregue daquela forma; gemendo e implorando por mim.

Por meus toques.

Por minha língua.

Por meus beijos.

— Estágio 1 — falei, longos minutos depois, no exato momento em que senti que ela gozaria.

— O quê? — resmungou, mas ignorei seus lamentos.

Lentamente, eu fui descendo, arrastando minha língua pelo seu corpo febril. Seus gemidos enchiam meus ouvidos, enlouquecendo-me ainda mais. Entretanto, eu estava no controle.

Arreganhei suas pernas, apenas para constatar que ela estava totalmente lubrificada. Pronta para mim.

Sem esperar mais, eu abocanhei seu amontoado de nervos e Blue deu um pulo. Seu grito ecoou pelo quarto, me deixando plenamente consciente da sua excitação. Brinquei com seu clitóris por minutos intermináveis, rindo de seu desespero cada vez que eu retardava seu orgasmo. Era prazeroso vê-la se contorcendo debaixo de mim, e ainda mais ao saber que era eu a estar deixando-a daquela forma.

— Estágio 2 — falei depois de um tempo.

Voltei a virar seu corpo de bruços, passeando minhas mãos por todos os lugares. Minha língua começou a fazer um caminho perigoso para baixo nas suas costas, mas sem nunca chegar ao destino. Blue se remexia feito uma lagarta na areia quente, implorando por uma libertação, que não vinha.

— Estágio 3 — ditei.

Blue empinou o traseiro e disse com a voz ofegante:

— Foda-se esses malditos estágios, Alejandro. Brinque comigo de tiro ao alvo; mata-leão... faça o que quiser. Apenas faça!

Minha risada saiu espontânea, mas resolvi que ainda podia castigá-la um pouco mais.

Depositei a mão em sua nádega, em seguida, dei dois tapas fortes e rápidos deixando sua pele avermelhada. Lentamente deslizei um dedo no seu buraquinho enrugado, adorando ouvir seus gemidos de prazer. A safada estava quase gozando, pois sua bocetinha estava reluzindo abundantemente para mim.

Girei meu dedo dentro dela e inclinei meu corpo de modo a levar minha boca perto do seu ouvido:

— Vou deixar o *tiro ao alvo* para depois. Não estou muito certo de que você aguentará a potência do meu armamento, querida.

Em seguida, eu retirei meu dedo e saí da cama. Peguei uma camisinha dentro da minha mala e, instantes depois, eu retornei voltei a afundar o colchão. Blue estava de barriga para cima quando deitei sobre ela. Quando nossos lábios se juntaram, eu empurrei lentamente até estar dentro dela, tanto quanto eu podia ir. Passamos um bom tempo nos deleitando um do outro, lento e constante, profundo e rude. Eu não queria que acabasse, porque temia que ela voltasse a nos impor aquele distanciamento.

Mas não havia uma maldita chance de eu deixá-la me afastar. Eu a faria enxergar que nada voltaria a ser como antes. Que entre nós não havia outra forma de dar certo, que não fosse exatamente daquela maneira: ela nua e debaixo de mim.



Capítulo 7

Blue

Eu estava em total êxtase.

Abobalhada era a descrição perfeita para meu estado naquele momento. Alejandro e eu estávamos em silêncio, apesar de meus pensamentos estarem gritando.

Ao contrário do que imaginei, eu não estava arrependida. A intimidade que compartilhei com Alejandro apenas me fez ter certeza que era aquilo que meu corpo desejava desde a primeira vez que o vi.

— Está acordada?

Dispersei meus pensamentos aleatórios e me concentrei na voz rouca ao meu lado. Eu estava de costas para ele na cama, porém me deleitando com sua carícia em meus cabelos soltos e desgrehados de toda a recente atividade.

— Estou — respondi apenas.

Sua mão desceu dos meus cabelos e seguiu pela lateral do meu corpo nu, causando-me arrepios intermináveis.

— Quer conversar?

Não consegui parar o sorriso que se espalhou pelos meus lábios.

— Então você é daqueles caras conversadores depois da transa?

Ouvi sua risada espontânea.

— Nunca fui rude com nenhuma mulher depois do sexo, Blue — confessou. — Sempre me preocupei em garantir o conforto e bem estar da minha parceira, mesmo que não passasse de uma noite.

Virei meu pescoço para poder encarar seus olhos.

— É isso que está tentando fazer comigo? Tentando me deixar confortável?

E lá estavam seus dedos de novo... trilhando meu corpo e chegando até meu rosto. Havia um carinho diferente ali, mas decidi não me atentar muito àquilo.

— Na verdade, eu estou tentando entender o que aconteceu, *tigresa* —

disse num sussurro. — Não que eu esteja reclamando do sexo sensacional que tivemos, mas apenas gostaria de saber o que se passa na sua cabeça. Você é uma incógnita para mim.

— Eu sou?

— Sim, você é. — Sua mão voltou para meus cabelos, entranhando os dedos nos fios. — Me sinto intimidado, porque nunca sei o seu próximo passo.

Mordi os lábios, sorrindo.

— Eu apenas cansei de negar o que eu sinto, Alejandro. Você é um homem extremamente atraente e temos química, então não posso mais ignorar isso — optei pela sinceridade.

— Está falando sério? Você garante que não é uma pegadinha?

Dei risada.

— Eu estou falando sério, oras — falei entre risos. De repente, minha risada começou a murchar. — Sei que no fundo, você tem razão quando fala da minha família. — Suspirei. — Quando eu era menina, meu pai sempre me educou para ser uma princesinha, sabe? Uma mulher capaz de servir o marido, respeitá-lo e cuidar para que ele se sentisse confortável em todos os momentos. — Eu ri com a lembrança. — Então eu me questionava: e quem cuidaria de mim? Por que apenas eu teria que abaixar a cabeça e fazer todo o esforço, sozinha? Será que eu não merecia também? — Me virei de barriga e passei a olhar para o teto. — Por mais que ele me explicasse, dentro dos ensinamentos religiosos dele, eu não conseguia entender. E isso o irritava, e ele irritado não era algo bom.

— Ele agredia você? — A voz de Alejandro parecia engasgada.

Sorri, triste.

— Uma vez, ele me obrigou a passar a noite com os joelhos em cima do milho...

Ele me cortou:

— Puta que pariu, Blue! — esbravejou, extremamente furioso. — Que porra é essa? Isso não é maneira de se educar uma criança. Isso é covardia. Me desculpe, mas seu pai merecia a cadeia!

— Ele só estava tentando me educar, Alejandro — argumentei.

Nesse momento, ele se ergueu e se sentou.

— Pelo amor de Deus, Blue, você ainda está tentando defendê-lo? Isso é realmente assustador.

Ele saiu da cama e meus olhos admiraram seu traseiro avantajado.

Sentei-me, observando-o vestir a cueca.

— Confesso que é muito excitante quando você me defende, mas eu não estava buscando um herói quando decidi trazê-lo para cá — falei, séria. — Sei que eles parecem pessoas horríveis em suas particularidades, mas eles são minha família. Eu quero tentar acertar dessa vez, mesmo que você me ache patética por querer isso — Eu me calei, sentindo-me nervosa. De repente, percebi que eu era a única a estar nua agora.

Soltando um suspiro baixo, Alejandro voltou para a cama. Sua mão avançou em meu pescoço, acariciando minha nuca enquanto colava nossas testas.

— Você não é patética por ansiar um bom relacionamento com eles, Blue. Eu admiro você por isso. — Ele disse. — Só me mostra a mulher incrível que você é.

Sua boca buscou a minha num beijo intenso, mas eu coloquei a mão entre nossos lábios, impedindo que ele continuasse a me beijar.

— Por favor, Alejandro, não confunda as coisas aqui — murmurei. — Você me deixou alucinada com toda aquela demonstração de testosterona lá na igreja, tivemos um sexo maravilhoso, mas foi apenas isso. Sexo. — Ele ficou me olhando. — Não estou em busca de relacionamentos. Não quero dividir meus sonhos e planos com ninguém, assim como não tenho interesse em buscar carga desnecessária para meu coração. Estou bem da maneira que vivo.

Ele piscou.

— Acabou? — ele questionou.

— Se você entendeu a mensagem, sim.

— Ótimo! — Ele virou meu corpo, abruptamente. Gritei de susto. — Hora de brincar de tiro ao alvo.

Arquejei, voltando a sentir toda aquela adrenalina da expectativa correndo em minhas veias. Os toques ousados me fizeram esquecer qualquer alerta que meu subconsciente estivesse ecoando em meus ouvidos.

Tudo o que eu queria era sentir o prazer exorbitante que apenas Alejandro

podia me dar.



Eu não fazia ideia que horas eram e nem quanto tempo havia dormido nos braços de Alejandro, quando abri meus olhos.

O quarto estava escuro e o silêncio era ensurdecedor. Desvencilhei-me do aperto possessivo e joguei os pés para fora da cama. Eu estava dolorida entre as pernas e essa constatação me fez morder os lábios e virar a cabeça para o lado. Alejandro dormia serenamente; a satisfação banhava seu belo rosto, que não estava diferente do meu por sinal.

Ergui-me nos meus pés, sentindo arrepios com a frieza da madeira abaixo deles. Meus pensamentos estavam em desordem total, porque eu buscava focar nos planos seguintes, mas tudo que ocupava minha mente era o sexo com Alejandro. Era a maneira como ele dominou e amou meu corpo.

Obviamente que já havia tido diversos parceiros sexuais; uns memoráveis e outros nem tanto. Contudo, Alejandro conseguiu superar todas as minhas expectativas. Eu não queria admitir, mas ele me fazia sentir coisas; coisas que eu não queria sentir, mas que também não controlava.

Assim que entrei no banheiro, eu joguei uma água no rosto. Em seguida, enrolei os cabelos no alto da cabeça, finalizando com um coque. Peguei-me sorrindo ao relembrar da confissão do Alejandro sobre preferir meu cabelo com as famosas mechas azuis. No fundo, eu sabia que ele tinha razão quando afirmava que não era justo que eu mudasse minha personalidade para agradar minha família. Mas e se esse fosse o único jeito de orgulhá-los?

Inspirei profundamente antes de sair do banheiro.

Alejandro ainda dormia, contudo tinha virado de bruços e sua bunda nua havia ficado a mostra. Ignorei o desejo insano de atacar aquele corpo pecaminoso feito uma ninfomaníaca, e abandonei o quarto.

Nos últimos dias, eu me resignei a ir somente do quarto a cozinha e da cozinha ao quarto. Andar por aqueles corredores me trazia lembranças que me magoavam. Passei minha infância ali; brincando, me descobrindo. Nem tudo foram flores, mas também nem tudo tinha sido dor.

As luzes estavam apagadas e não encontrei ninguém. Estava preocupada com o que estavam pensando a meu respeito e a respeito do Alejandro depois do que aconteceu na igreja.

Uma vez no andar de baixo, eu decidi seguir para a parte de trás da casa silenciosa. A pequena capela continuava do mesmo jeito e não evitei me emocionar, porque foi impossível parar a enxurrada de recordações que tomou conta de mim.

Eu estava tão atordoada quando entrei no local, que não percebi que não estava sozinha ali.

— Mamãe?

Ela virou a cabeça na minha direção. A iluminação da capela estava baixa, mas foi possível notar as enormes olheiras abaixo dos seus olhos.

Passei por alguns bancos, até estar ao lado dela, que estava ajoelhada, mas se ergueu quando me aproximei. Ambas nos sentamos ao lado uma da outra.

— Amálie. — A mão dela buscou pela minha.

Sorri, emocionada.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu na igreja, mas o Alejandro... Ele...

— Ele ama você, meu amor. Não se preocupe com isso. — Sua mão tocou meu rosto com um carinho tocante, enquanto eu digeriria sua afirmação a respeito do Alejandro. — Você está tão bonita, filha. Sei que não parei para conversar com você desde que chegou, mas eu quero que saiba que estou muito feliz em tê-la aqui conosco novamente. Você é importante, Amálie.

Baixei os olhos, sentindo meu coração acelerar.

— Eu sou importante? Mas a senhora não brigou por mim quando o papai me expulsou de casa depois que o Valentim me deflorou.

Ela pareceu engolir em seco. Seus dedos entrelaçaram nos meus.

— Não me arrependo disso, porque foi necessário.

Arregalei os olhos, chocada.

— Foi necessário? — Parecia ter areia na minha garganta.

— Amálie, eu estava cansada de ver você apanhar do seu pai. Você acha que eu gostava? Meu coração doía dia e noite, porque minhas mãos estavam atadas. Quando me casei com seu pai, eu não tinha conhecimento de nada, filha,

sequer era alfabetizada. Eu tinha medo. Aliás, ainda tenho. — Ela parou de falar por um instante. — Então vi naquele momento, a oportunidade perfeita para que você tivesse a vida que queria. Sem privações. Sem regras.

Eu estava aos prantos.

— Eu sofri, mamãe.

— Eu sei, querida. — Ela me puxou para seus braços. — Mas você sempre foi tão forte. Tão independente. — Suas mãos subiam e desciam em minhas costas. — Você, Amálie, é melhor do que imagina. E não precisa da minha aprovação ou da aprovação do seu pai para ser feliz.

Afastei minha cabeça, mas continuamos atreladas.

— Por que o papai aceitou o casamento deles? Ele não aceitou quando foi comigo. — Expus minha mágoa em voz alta.

Vi que ela baixou a cabeça, mas respondeu:

— Cecílie está grávida.

Abri a boca em choque.

— Grávida?

Mamãe enxugou meu rosto delicadamente.

— Seu pai se obrigou a aceitar a relação, porque ainda é cedo e ninguém sabe. Então na percepção dele, não teria escândalo na igreja.

— Sempre se preocupando com a porcaria da imagem dele perante a igreja.

— Filha! — ralhou mamãe, em seguida, apontou para o altar. — Olhe o vocabulário. Estamos na casa de Deus.

Cobri a boca com a mão, envergonhada.

Suspirei.

— Eu vim aqui, porque sentia a necessidade de me consertar; de resgatar a antiga Amálie.

— Mas você não precisa disso, querida. Observei você e seu namorado durante a última semana, e vi o quanto vocês são felizes juntos. Você é feliz exatamente do jeitinho que é.

— Mas o papai não me aceita, mãe.

— O problema é dele — Ela disse. — Apenas aceite ser feliz, filha. Mesmo que longe daqui.

Um sorriso largo cresceu em meus lábios.

— Eu senti saudades...

Ela também sorriu.

— Eu sempre estive aqui e sempre estarei.

Voltamos a nos abraçar, e dessa vez, eu permaneci no aconchego daquele colo tão desejado nos últimos anos.

Não notei o tempo passar, mas quando mamãe avisou que precisava entrar, eu preferi ficar ali mais um pouco. Precisava refletir sobre tudo que ouvi.

Fechei os olhos quando senti seu beijo em minha testa como antigamente e nos despedimos. Aguardei até estar sozinha na capela, em seguida, me levantei e caminhei até uma das duas salinhas que tinha lá.

Era ridículo que eu desejasse estar ali depois de tudo o que aconteceu, mas meus pés pareciam ter vida própria. Nada mudou. Embora alguns móveis estivessem decorando o lugar — diferente de antes — eu conseguia visualizar cada detalhe na minha memória.

Abri a porta um pouco mais e entrei. Cenas de um passado turbulento invadiram minha mente.

— Você ainda se lembra?

Dei um gritinho de susto quando ouvi a voz do Valentim. Olhei para trás e o avistei parado na porta.

— Não sei do que você está falando. — Tentei sair, mas com ele na porta foi impossível, e sua mão apertou meu braço. — Solte-me agora — sibilei.

— Não minta para mim, Amálie. Não diga que não se lembra do nosso passado, porque ambos sabemos que ele foi importante.

— Importante para quem, hun? Para você poder fazer comparações sobre qual boceta é melhor, a minha ou da minha irmã?

O maxilar dele se tornou rígido.

— Me perdoe — murmurou, fazendo-me piscar. — Eu fiquei com medo na época. Éramos muito novos, Amálie. O que queria que eu fizesse?

Eu soquei seu peito, furiosa demais para controlar meus impulsos.

— Que me assumisse, caralho! Que ficasse do meu lado como você disse que ficaria. — Lágrimas inundaram meus olhos, mas não permiti que descessem. — Eu amava você, Valentim. Confiei que cuidaria de mim.

De repente, meu corpo foi bruscamente colado contra a parede

— Eu fui atrás de você — confessou, enjaulando-me com seus braços.

— O que está dizendo?

Sua mão se ergueu para tocar meu rosto, e não entendi se foi por causa do choque de suas palavras, mas eu permiti seu toque.

— Na rodoviária. Eu fui atrás de você — repetiu. — Quando descobri que seu pai a expulsou de casa, eu briguei com meus pais e fugi. Mas não cheguei a tempo, pois você já tinha ido embora pra-sabe-Deus-onde. — Ele começou a chorar. — Eu sei que isso não justifica minha covardia com você, mas eu precisava que soubesse. Precisava que soubesse que fui atrás de você.

Ficamos nos olhando.

Aquele homem havia sido meu mundo um dia. O lugar em que estávamos havia sido palco da nossa primeira vez, anos atrás. Era surreal que meu corpo estivesse reagindo a ele daquela maneira, apenas porque ele havia confessado ter ido atrás de mim. Ele estava noivo da minha irmã. Ele seria pai, caramba!

Eu estava prestes a empurrá-lo quando sua cabeça se inclinou e sua boca tocou a minha. Foi apenas um toque, mas o suficiente para me deixar em alerta.

Aquilo era errado.

Muito errado.

Malditamente errado.

— Não! — Afastei-o. — Você está com minha irmã, e eu estou com o Alejandro.

Eu estou? Porque falei isso?

— Amálie, eu...

Valentim voltou a me agarrar, mas ambos paralisamos ao som daquela voz:

— Amálie?

Parado na porta, e com cara de poucos amigos, estava Alejandro. E, eu tinha certeza que ele não entenderia que tudo não passava de um mal entendido.



Capítulo 8

Blue

Meu coração galopava no peito quando saí correndo atrás de Alejandro. Valentim tentou me parar, mas o ignorei por completo. Ele já tinha feito estrago suficiente.

— Alejandro? Espere. Droga!

Eu precisava fazê-lo entender que não estava acontecendo nada entre mim e Valentim.

Fomos parar na parte de trás da casa dos meus pais, que dava para a beirada do Rio Moldava, que cortava a cidade. Alejandro permaneceu de costas para mim, admirando a paisagem histórica diante de nós.

Senti-me intimidada com a maneira como ele estava me ignorando, porque eu não estava acostumada com aquele tratamento vindo dele. Engoli em seco, nervosa.

— Alejandro, não é o que você está pensando...

Calei-me com a risada dele. De repente, seu olhar encontrou o meu.

— “*Não é o que eu estou pensando?*” Consegue perceber a ironia por trás dessa frase? São palavras, geralmente, faladas por homens. Aliás, por homens que têm culpa no cartório.

Mordi os lábios, sentindo-me patética. Ele tinha razão em estar zangado, porque eu no lugar dele não ficaria nem um pouco feliz.

— Sei que parece clichê, mas eu realmente não estava fazendo nada com o Valentim. Ele tentou me beijar, mas eu não correspondi. Eu juro.

— Você passou a tarde toda dando a boceta para mim, Blue. Como acha que estou me sentindo agora depois de ver a língua daquele otário dentro da sua boca?

Fiquei vermelha. Era constrangedor tudo aquilo.

— Ele não estava com a... — me calei.

Engoli em seco quando ele deu alguns passos até estar mais perto de mim.

— O que está sentindo agora, Amálie? Gostou da sensação de provar a si

mesma que ainda tem domínio sobre aquele idiota?

— Eu não tenho domínio sobre ele.

— Mas tem domínio sobre mim — confessou, me fazendo parar de respirar por um instante. — E não pretendo ser feito de idiota.

— Não aconteceu nada, Alejandro. Por favor, acredite.

Ele era mais alto do que eu, então tive que erguer a cabeça para poder encará-lo nos olhos. A seriedade dele estava me fazendo contorcer por dentro. Minhas mãos suavam e, eu lutava para acreditar que minha agonia em fazê-lo entender aquilo nada mais era do que o medo de que ele fosse embora antes da hora, e não porque meu coração estava sofrendo com a ideia de que ele pensasse que eu o tinha traído.

Respirando contra meus lábios, ele passeou os olhos sobre meu rosto como se quisesse memorizá-lo. De repente, abriu um sorriso lindo. Daqueles que me desestabilizava. Antes que eu desfalecesse em minhas próprias pernas, seus braços enlaçaram minha cintura.

— Eu sei que não aconteceu nada, *tigresa*. — Ele se inclinou para beijar meu pescoço.

Abri a boca, atônita.

— Como assim, você sabe? — Tentei afastar seu rosto, mas foi em vão, porque seus beijos enlouquecedores continuaram.

— Eu ouvi toda a conversa de vocês. Então vi o momento em que você tentou empurrar o idiota — respondeu como se não fosse nada de mais.

Belisquei sua barriga, fazendo-o reclamar.

— Ai.

Apontei o indicador, bufando toda a minha ira. Um momento atrás, eu queria me desculpar, mas agora estava totalmente disposta a brigar.

— Você estava apenas brincando comigo?

Ele riu.

— Eu precisava descobrir se você tinha medo de me perder. — Deu de ombros, oferecendo-me o olhar mais cretino possível. — E confesso que seu desespero foi extremamente excitante, *tigresa*.

Sua rouquidão proposital na voz me deixou enlouquecida, mas não

transpareci.

— Somos um casal fictício, mas fiel um ao outro. Isso não é maravilhoso?

— Argh, você é um idiota.

Tentei escapar do seu agarre, mas ele não permitiu e me ergueu do chão enchendo meu pescoço e nuca de beijos. Minha tentativa de ficar séria caiu por terra quando suas mãos passaram a me castigar com cócegas.

— Um idiota que sabe te proporcionar deliciosos orgasmos, hun?

Gemi em meio ao riso.

Abruptamente, seus movimentos foram pausados e ele virou meu corpo para colar no dele. Ambos estávamos respirando com dificuldade, enquanto eu ainda sorria por causa da sensibilidade que a cócega deixou no meu corpo. Aos poucos, meu sorriso foi desvanecendo até que a luxúria se tornou a única emoção que pairava entre nós dois.

— Eu estou te odiando agora — confessei num arquejo.

Visualizei um leve franzir na sua testa e, sua mão subiu até acomodar meu rosto nela.

— Por quê?

— Mais cedo, minha mãe confessou que sempre desejou me ver longe daqui, porque isso significaria que eu poderia ser feliz com minha verdadeira personalidade. Ela disse que sempre foi orgulhosa de mim, e se tornou ainda mais ao ver a mulher que sou hoje.

— E isso é ruim?

Ignorei sua pergunta.

— Depois disso, Valentim me encontrou na capela. Ele me garantiu que foi atrás de mim quando soube que fui expulsa de casa. Ele confessou que não me abandonou.

— Por isso você está me odiando?

Neguei com a cabeça, enquanto espalmava seu peitoral.

— Fui presenteada com uma quantidade de informações para digerir, mas tudo que consigo pensar é em transar com você. — Seus olhos brilharam e ele me ofereceu um sorriso convencido.

— Minha mente apenas me sugere ideias onde você me fode em lugares

proibidos e de diversas maneiras. — Arrastei as mãos em seu peito e descansei-as por trás da sua nuca.

— E o que ela está sugerindo agora? — quis saber num tom de voz afetado, enquanto apertava minhas nádegas.

Peguei-me mordendo os lábios, e Alejandro pareceu encantado com o movimento. Gemi quando ele se inclinou e lambeu minha boca semi-aberta.

— Eu quero transar com você em cima de um cavalo, enquanto cavalgamos sem rumo — confessei minha fantasia em voz alta. — Quero sentir a potência do seu pau entrando e saindo da minha boceta a cada solavanco do animal.

Um rosnado escapou da boca dele, estremecendo-me da cabeça aos pés. Sua mão pegou a minha e a arrastou até o meio de suas pernas, onde senti sua ereção gigantesca. Arquejei, sentindo a excitação inundar minha calcinha.

Alejandro mal precisava me tocar e, eu já estava pingando por ele.

Ele puxou minha cabeça na sua direção, beijando agressivamente meus lábios, como se fosse um manjar que desapareceria a qualquer momento. Nossas mãos estavam tão desesperadas para apreciar a pele um do outro, que gemi com o aperto que Alejandro deu em um dos meus mamilos. Sem fôlego, eu me afastei e entrelacei nossos dedos levando-o por uma pequena trilha.

— Onde estamos indo? — ele perguntou, tão afetado quanto eu.

— Você já vai ver.

De mãos dadas, atravessamos um bom pedaço de terra até chegarmos ao terreno vizinho. Alejandro estava quieto e apenas se deixava ser guiado por mim como um cordeirinho. Sorri internamente desse pensamento, pois Alejandro estava longe de ser um cordeirinho.

Aquele homem era selvageria pura.

O puro pecado em pessoa.

Finalmente chegamos onde eu queria.

— Eu não acredito! — exclamou em um sussurro de espanto.

Soltei sua mão para poder abrir a portinhola do estábulo que abrigava um cavalo de pelagem preta e dourada. Raça que teve o seu início de criação a partir do século 17. Os cavalos dourados serviram aos propósitos militares e, principalmente, a agricultura na República Checa.

— Blue, isso não está certo — Alejandro freou meus movimentos, seus olhos estavam cautelosos. — Isso é invasão de propriedade.

— Eu sempre fiz isso quando era criança, e nunca fui pega. — Pisquei, marota.

Ele voltou a me segurar quando levantei a mão para acariciar o pêlo do animal assustadoramente grande, porém manso.

— Você só pode ter enlouquecido, porra! Vamos sair daqui agora. Agora, Blue.

A seriedade no rosto dele me deixou ainda mais insana. Agarrei seu pescoço e introduzi minha língua gulosa em sua boca para calar suas objeções. Eu não queria me preocupar com nada, além daquele desejo queimando e latejando entre minhas pernas.

— Venha... — ele me puxou pela mão —, preciso me enterrar nessa sua boceta agora. Chega de brincadeiras de criança.

Parei, forçando-o a parar também e me encarar.

— Blue...

— Nós vamos transar. Mas vamos transar em cima daquele cavalo. — Apontei para o animal. Um sorriso travesso iluminou minhas feições. — A menos que o grande empresário Alejandro González esteja com medo de cometer uma travessura como essa — insinuei.

Abruptamente, ele me segurou e caminhou comigo até firmar minhas costas em uma das paredes daquele celeiro. Nossas respirações misturaram-se ao barulho do que nossas próprias mãos faziam na tentativa de arrancar nossas roupas.

— O empresário Alejandro ficou em Madrid, querida. Aqui sou o homem. Um homem cheio de luxúria e coragem. — Sua mão desceu pelo meu corpo febril para se estabelecer entre minhas pernas, onde ele acariciou com vontade. Um gemido acalorado escapou dos meus lábios quando senti seus dedos em meu clitóris. — Se o seu desejo é ser fodida em cima de um cavalo, então vou ter o maior prazer de saciá-la, minha *tigresa*.

Sorri, lambendo os lábios em expectativa. Em seguida, voltei para perto do cavalo. Depois de alguns minutos, acariciando e ganhando a confiança do animal, eu o retirei para fora do estábulo. Alejandro me seguiu de perto, apenas esperando o momento de agir.

A luz da lua banhou nossos rostos, iluminando o desejo crescente em nossos olhos. Mordi os lábios assim que ele tomou a frente e subiu no lombo firme; sua mão me auxiliou para me ajeitar na frente dele, sobre a firmeza do animal. Meu coração batia descompassado; preso entre o tesão e a expectativa. O rosto de Alejandro se aninhou em meu pescoço, lambendo minha pele, enquanto suas mãos arrastavam a barra do meu vestido a fim de deixar minhas pernas à mostra.

— Abra a minha braguilha — Não foi um pedido.

Essa percepção me deixou ainda mais quente, porque eu gostava de um pouco de dominação.

Eu levei minhas mãos trêmulas para trás e, com um pouco de dificuldade consegui abrir o zíper e liberar sua ereção deliciosamente dura. Enquanto, ele massageava meu clitóris, por cima da calcinha, eu virei o pescoço para poder atacar sua boca. Meu corpo o queria desesperadamente como nunca quis outro homem.

Eu queria aninhar seu pau na minha boceta.

Queria suas mãos em mim.

Sua língua em minha pele.

Seus dedos deixando rastros ardentes em cada centímetro do meu corpo...

Aguardei um momento até que ele pegasse uma camisinha de dentro da carteira, entretanto levei meus próprios dedos a minha vagina, a fim de amenizar o desconforto enquanto esperava.

— Levante essa bunda gostosa para mim. — Obedeci. Arrastei a calcinha para o lado e, em seguida, sentei naquela delícia dura como uma rocha. Ambos gememos com o preenchimento. — Oh, porra de boceta gostosa. Encaixe perfeito para meu pau, caralho!

Devidamente conectados, eu estimulei o cavalo a trotar lentamente. Alejandro apertou meus quadris com força e gana.

— Deus! — exclamei ao senti-lo mais fundo.

O lugar em que nós estávamos era bem espaçoso, então nós tínhamos um vasto caminho a percorrer.

Eu me remexia, conforme o trote do animal, deleitando-me com o movimento intenso. Em determinado momento, Alejandro passou a falar

sacanagens no meu ouvido e isso me levou ao auge do prazer.

Nós dois parecíamos totalmente errados.

Mas dentro de mim a sensação era outra.

Nunca me senti mais completa. Em todos os sentidos.

Num movimento abrupto, Alejandro fez com que o cavalo cavalgasse mais rápido, intensificando a conexão dos nossos corpos e suas investidas dentro de mim. Gritei com a ferocidade com que seu pau passou a me invadir, rasgando-me de uma maneira extremamente deliciosa.

— Alejandro...

— Eu sei, *tigresa*... eu sei...

Fechei os olhos, incapaz de continuar guiando o animal; meu desejo era somente absorver todas aquelas sensações indescritíveis que estavam se apoderando do meu corpo febril.

— Eu vou... eu estou...

— Goze, *tigresa*! Caralho! Encharque meu pau com o seu mel, querida...

Mas na verdade, eu não queria. Desejava adiar ao máximo a minha queda, porque jamais senti tanto prazer em toda minha vida. E, certamente minhas loucuras sexuais não haviam sido poucas.

Incapaz de me segurar mais, eu desabei do alto do cume; minhas paredes pélvicas apertaram-se em torno do pau do Alejandro, ordenhando-o e arrancando dele o orgasmo esperado e tão poderoso quanto o meu. Seu rosnado foi tão assustador quanto excitante, enquanto ele mordida minha nuca.

Fiz o cavalo parar perto de uma árvore. Alejandro desceu primeiro, em seguida, me ajudou a descer também. Nossos peitos subiam e desciam conforme nos encarávamos de perto.

— Essa foi uma das maiores loucuras que eu já fiz — ele confessou sem fôlego. — Estou começando a desconfiar que você esteja me levando para o mau caminho.

Soltei uma risada divertida. Depositei os braços em torno do seu pescoço, lambendo e mordendo seus lábios carnudos.

— Não tenho ideia do que você está me acusando — murmurei entre risos.

Afastei-me ao som da risada dele.

O cavalo permaneceu por perto, aproveitando para se alimentar do gramado esverdeado a nossa volta. Sentindo minhas pernas amolecidas, eu me sentei abaixo da árvore. Alejandro não demorou a tomar o lugar ao meu lado. Seu suspiro me fez olhá-lo com curiosidade.

— Você é a mulher mais surpreendente que eu já conheci, Blue.

Sorri.

— Em que sentido?

Ele pareceu pensar e, eu belisquei sua cintura fazendo-o dar risada.

— No bom, é claro — falou, no fim. — É excitante a sensação de não saber o que esperar de alguém. Você me surpreende a cada dia, Amálie.

Fiquei sem palavras momentaneamente com sua confissão. Minhas bochechas ruborizaram, e decidi não comentar nada. Porque era desconcertante ouvi-lo pronunciar meu nome.

Ergui os olhos para admirar a lua.

— Quando eu era criança, vivia escapando do meu quarto para vir para cá, debaixo dessa árvore. Na época, eu ficava admirando a lua e fazendo planos para meu futuro. — Me virei para o tronco, e com os dedos, eu desenhei a letra ‘A’ do meu nome, gravada na madeira, anos atrás.

Alejandro acompanhou meus olhos e fez um muxoxo com a boca assim que visualizou a letra “V” ao lado da minha. Ambos, Valentim e eu, tínhamos escrito nossas iniciais ali na época.

— Esse V é de *viadinho* mesmo?

Não segurei a gargalhada.

— Éramos novos e, infelizmente, eu acreditava que ficaríamos juntos. — Eu podia sentir a pressão dos olhos de Alejandro em mim, embora eu não tivesse coragem de encará-lo. — Na nossa primeira vez, nós fomos pegos pelo meu pai; Cecílie descobriu onde estávamos e nos dedurou. Ao contrário do que pensei que aconteceria, Valentim me abandonou. Eu fui ridicularizada. Eu estava nua, não somente por fora, mas por dentro. Vulnerável ao extremo, e sozinha.

Alejandro buscou minha mão e, eu o encarei. Havia tensão irradiando por seu corpo.

— Mas por incrível que pareça, eu me senti estranha hoje depois que ele confessou que largou tudo lá atrás para ir atrás de mim. É ridículo esse

sentimento depois de tudo o que ele me fez passar, mas é o que estou sentindo. — Expirei. — Acredito que seja porque sempre guardei a mágoa de nunca ter tido alguém para lutar por mim, sabe? Valentim, minha mãe... Minha irmã sempre me odiou, e por motivos desconhecidos. Meu pai, bem...

— É um idiota — ele completou, e dei um sorriso triste, porque eu sabia que ele tinha razão.

Brinquei com nossas mãos, constrangida por algum motivo desconhecido.

— Você ainda o ama?

Encarei seu rosto. Seus olhos brilhavam estranhamente para mim.

— Valentim? — perguntei debilmente. Alejandro não disse nada, apenas continuou me encarando com impaciência como se dissesse que aquela pergunta era óbvia demais. Pigarreei: — Não sinto mais nada por ele. A covardia dele acabou com todo o amor que cheguei a sentir.

— Foi por isso que você se revoltou com os homens — Não era uma pergunta.

Franzi o cenho.

— Eu não sou revoltada com os homens — defendi-me.

— Você é desconfiada — afirmou, convicto. — Acredita que todos os caras agirão como a “*Valentina*.”

— Valentina? — repeti entre risos.

— Sim — disse, oferecendo-me um olhar zombador. Em seguida, ele me puxou para seu colo. — Por que só sendo um cara sem pau para deixar uma mulher como você escapar.

Meu coração acelerou.

— Uma mulher como eu?

Ele sacudiu a cabeça. Os lábios a centímetros dos meus, entreabertos.

— Meiga. Divertida. Gostosa.

— Alejandro, eu...

Ele calou minhas palavras com os dedos nos meus lábios.

— Você é uma mulher incrível e autêntica, Amálie. E embora não precise ouvir isso da boca de um homem, eu faço questão de explicar. Porque é a

verdade. — Ele continuou me encarando de um jeito perturbador demais para colocar em palavras. — Espero que um dia você possa enxergar essas mesmas qualidades por conta própria, e pare de tentar buscar aceitação de quem sequer conhece sua verdadeira essência.

Engoli em seco.

Uma, porque ainda tentava absorver tudo aquilo, e outra, porque os meus batimentos cardíacos se tornaram ensurdecedores aos meus ouvidos, incapacitando meu raciocínio, que se tornava pó diante daquele homem.

Cansado de esperar por qualquer reação minha, Alejandro simplesmente se inclinou e me beijou. Um beijo cativante e... apaixonado?

Desisti de tentar decifrar as emoções que se amontoavam no meu peito e apenas me deixei levar pelas sensações.



O dia mal tinha amanhecido quando alguém começou a bater na porta do quarto, insistentemente. Alejandro se remexeu, mas felizmente não acordou.

Ainda sonolenta, eu desci da cama e fui atender quem quer que fosse do outro lado da porta, no corredor.

Um vinco gigante se formou no meio da minha testa quando abri a porta e me deparei com Cecílie. Seu olhar era mortal na minha direção. Fiquei tão atônita que não consegui me esquivar do tapa que ela deu contra meu rosto.

— Mas...

Eu estava chocada.

— Eu espero que você esteja satisfeita, agora que conseguiu estragar meu relacionamento. — Ela estava em cólera. — O que foi? Não se conformou com o fato de Valentim ter me assumido, diferente de quando foi com você? Hun?

— Do que você está falando, sua louca? — questionei, com a mão esfregando o local do tapa. Olhei em ambos os lados do corredor, mas não havia ninguém. Estava tudo em silêncio.

Lágrimas não derramadas se formaram nos olhos dela.

— Valentim cancelou o casamento. Ele não quer mais casar.

— O quê?

Ela, simplesmente riu.

— Não precisa fingir surpresa, sua falsa, porque sei exatamente que era isso que você queria — sibilou entre dentes. Apontando o indicador contra mim, ela quase rosnou: — Saiba que isso terá volta, Amálie — ameaçou.

Eu não disse nada. Simplesmente porque não encontrei palavras no momento.

Fiquei olhando ela sumir no corredor, tentando digerir tudo o que tinha acabado de ser jogado na minha cara.

“Valentim cancelou o casamento. Ele não quer mais casar.”

Por quê? Essa foi a única pergunta que pairou em minha mente.



Capítulo 9

Alejandro

Eu estava tendo um sonho deliciosamente erótico com Blue; deleitando-me com a boquinha dela em volta do meu pau, quando o estridente som do meu aparelho celular atrapalhou o momento. Tentei me concentrar a fim de continuar sonhando, mas o encanto já havia acabado. A imagem já havia se perdido nas profundezas da minha mente. Praguejei enquanto abria os olhos, piscando para me acostumar com a luz intrusa. Estiquei o corpo para poder alcançar o aparelho em cima do criado-mudo. Olhei em torno do quarto em busca da Blue, mas não a encontrei em lugar algum.

Estranhei, mas ignorei, porque precisava atender a pessoa insistente do outro lado da linha.

— Não me diga que atrapalhei sua foda matinal? — Hugo indagou num tom cínico.

— O que quer? — rebati, sentindo o mau humor me abater. — Não venha com problemas pra cima de mim, porque eu estou de férias, Hugo. Férias significam paz.

Ele riu.

— Wou! Não estou ligando para informar nenhum tipo de problema, irmão. O que foi? Blue continua sendo difícil? Porque você está muito mal-humorado.

Soltei um suspiro, enquanto me preparava para sair da cama.

— Me desculpe — soprei, fadigado. — A família dela é horrível.

Levantei-me e permaneci diante da janela onde os raios solares refletiam diretamente em mim.

— Como assim? Estão maltratando você?

Eu quase ri da forma protetora como sua pergunta soou, mas não me surpreendi. Éramos protetores um com o outro.

— Pelo contrário, Hugo. Eles maltratam a Blue — respondi com pesar. Durante os próximos minutos, eu expliquei a ele as particularidades daquela família estranha dando ênfase nas atitudes abusivas do pai.

Hugo praguejou em diversos momentos da conversa.

— E como você está digerindo tudo isso? — ele quis saber depois de alguns minutos. — Conhecendo você, eu tenho certeza que está tendo dificuldades em aceitar injustiças, ainda mais contra sua *pupila*. Ela já sabe dos seus sentimentos?

Baixei a cabeça. Eu estava apenas de cueca, considerando que depois da loucura que fizemos na noite anterior, nós voltamos de madrugada, mas ainda tivemos *pique* para mais uma rodada de sexo. Blue era uma mulher insaciável na cama.

E, eu era faminto por ela.

— Não.

— Como assim, não? O que há com você? Alê, quando os González querem algo, eles vão e tomam.

Deixei escapar uma risada espontânea.

— Ok, *homem das cavernas*. Foi assim com a Lea? — Ele riu também. — Eu estou levando as coisas com calma, porque a Blue não possui um histórico muito bom no quesito amor. Então não quero empurrá-la antes que ela esteja preparada.

— Mas, às vezes, é exatamente assim que funciona, irmão — disse. — Na pressão.

Sacudi a cabeça.

— Não com a Blue. Ela é diferente da Lea e da Luna.

Houve um silêncio do outro lado da linha.

— Mas vocês dois já... — ele se calou, sem coragem de finalizar a pergunta.

— Digamos que eu e ela já ultrapassamos alguns estágios...

A risada orgulhosa preencheu meus ouvidos.

— Oh, porra, esse é meu irmão! — Sua risada me contagiou. — Nos vemos daqui a duas semanas?

Caminhei pelo quarto.

— Se tudo correr bem, sim. Não tenho como dar certeza de algo que foge do meu controle. Em se tratando da família maluca dela, tudo pode acontecer,

Hugo.

— Entendo.

— Está tudo bem com o pessoal? O pequeno Romeu?

— Não se preocupe — disse. — Romeu está praticamente monopolizando geral. Acredita que ele está roubando a Lea de mim? Aquele pequeno pedaço de gente já provou que é um mini sedutorzinho. Temos que ficar ligados, irmão, porque ele é perigoso.

Gargalhei alto.

— Hugo, ele não tem nem dois meses — comentei entre risos.

— Já pensou? E ele já possui todo esse poder com nossas mulheres.

— Ei, eu vou desligar — avisei. — Sei que eu falei que não queria receber problemas da empresa, mas não hesite em me ligar. A qualquer momento.

— Fique tranquilo. Cuide da sua mulher, irmão. David e eu estamos cuidando de tudo aqui na sua ausência.

Sorri, sentindo-me agraciado. Era reconfortante saber que eu não estava sozinho.

Encerrei a ligação minutos depois.

Fui ao banheiro, lavei meu rosto e escovei os dentes. Minha vontade era de tomar uma ducha, mas a curiosidade de saber onde Blue estava era ainda maior.

A noite anterior tinha sido extremamente reveladora em todos os sentidos para mim. A fragilidade que enxerguei nos olhos dela ao falar da relação mal resolvida com Valentim me deixou intimidado, entretanto descobri uma pequena brecha em seus sentimentos. Eu sentia que ela estava tendo uma luta interna com seu passado; lutando contra a Amálie.

Lutando contra aquilo que seu pai queria dela. E Valentim fazia parte disso, porque contribuiu com uma parcela da pólvora que incendiou tudo...

Blue contra Amálie.

Amálie contra Blue.

O quão insano era tudo aquilo?

Devidamente vestido, eu resolvi descer. Minha intenção era óbvia: encontrar Blue e me tornar a sombra dela pelo resto do dia. Mas assim que

cheguei ao andar de baixo vi que as coisas não saíam como o planejado. A sala estava repleta de homens de terno, mas numa reunião clara para falar dos ensinamentos da bíblia. Aparentemente, meu querido sogro estava expondo um pouco mais do seu lado hipócrita — palpitando a respeito da vida alheia — mas sem analisar as próprias atitudes.

Rolando os olhos, eu me afastei vagarosamente. Não queria que me vissem, pois não tinha certeza se conseguiria segurar minha língua.

Segui até a cozinha, encontrando a minha sogra. A mulher estava tão perdida em suas tarefas, que não notou minha presença, o que me deu tempo para analisá-la. Os traços do seu rosto me diziam que ela era mais velha do que a própria idade em si, o qual eu acreditava não passar dos quarenta anos. Entretanto, ali estava nítido o quanto a rotina pesava na vida daquela pobre mulher. Minha primeira impressão ao conhecê-la havia sido outra, e embora Blue houvesse comentado sobre a conversa que as duas tiveram há poucas horas, eu ainda não sabia o que pensar. Era difícil não julgar uma mãe tão relapsa, considerando que minha experiência maternal havia sido outra.

— Oh, bom dia — Ela piscou quando me viu. Seu rosto, de expressão sempre triste, estava ruborizado. — Está aqui faz tempo? Precisa de alguma coisa, querido? Já tomou café?

Empertiguei-me, constrangido com o nervosismo dela. Não era minha intenção deixá-la tão tensa.

— Eu não tomei café — Sorri sem jeito. — Mas na verdade, eu estava procurando pela Amálie.

Limpando as mãos no avental, ela me serviu uma xícara de café.

— Eu não a vi hoje — respondeu. — Acordo cedo, mas com tantas tarefas, eu fico sem tempo e com a atenção prejudicada sobre o que acontece ao meu redor — queixou-se. — Está tudo bem com vocês?

— Oh, está tudo bem sim. Não se preocupe — falei, oferecendo um sorriso gentil. — A propósito, eu quero que a senhora saiba que ela ficou muito feliz com a conversa que tiveram ontem. — Os olhos da mulher brilharam. — Apesar de toda aquela postura de mulher independente, Amálie tem alma de menina. Ela apenas quer ser amada.

Os ombros da mulher penderam, e o olhar dela se tornou culpado.

— Eu sei. Infelizmente não fui a mãe que ela precisou, mas nunca deixei

de amá-la — declarou, quase como um segredo.

Abri a boca, mas acabei hesitando. Eu não saberia continuar sendo gentil com ela, não quando toda a dor da rejeição que a Blue sentia pairava em meu coração. Beberiquei o café de modo a calar todas as palavras de insulto que engasgaram na minha garganta.

No momento seguinte, Cecílie entrou na cozinha, quebrando a tensão que se espalhou no ambiente.

— Bom dia — O sorriso dela quando me viu iluminou todo seu rosto bonito. — Está procurando sua namorada, suponho.

Algo no seu tom me incomodou, mas ignorei aquela sensação. Depositei a xícara vazia na bancada.

— Você sabe onde ela está?

O sorriso continuava lá, como uma simpatia forçada.

— Venha comigo.

Assenti. Em seguida, eu me despedi da mãe delas e segui a pequena diabinha com face de anjo.

Obviamente que ela tinha traços que me lembravam da Blue; ambas eram mulheres atraentes. Mas meu coração já havia feito sua escolha.

Cecílie me levou para a parte de trás da casa, e eu agradeci quando ela optou por não passar pela sala no percurso. Eu não estava interessado em cumprimentar aqueles falsos profetas.

— Onde ela está, afinal? — perguntei, olhando ao redor.

A risada dela me obrigou a encará-la.

— Você realmente não conhece a minha irmã, não é mesmo? — Minhas sobrancelhas arquearam em total confusão, e ela apontou para um banco de madeira a nossa frente. — Amálie é manipuladora, então não fico surpresa.

— Do que está falando?

Ela soltou o ar.

— Quando éramos crianças, ela sempre agiu maldosamente comigo. Irritava-se quando eu recebia elogios dos nossos pais ou de amigos da família. Por várias vezes, ela riu de mim quando algo ruim acontecia comigo; era um prazer para ela, sabe? E, eu não entendia. Realmente me perguntava o que eu

havia feito. Certamente, como filha única, ela não ficou feliz com meu nascimento.

— Por que está me contando isso?

Aqueles olhos diabólicos se fixaram nos meus.

— Porque Valentim havia sido prometido a mim. Era para ele ser o meu marido, mas Amálie não se contentou com minha felicidade e o seduziu como uma... — a boca dela se contorceu e seus dentes rangeram. — Enfim, fez com que ele se apaixonasse por ela.

Sacudi a cabeça, descrente.

— Você realmente espera que eu acredite nisso?

Ela me ofereceu um sorriso frio.

— Certamente ela já o enfeitiçou entre as pernas, então fica difícil enxergar além dessa névoa de sexo enlouquecedor que ela oferece. — Fiquei quieto, porque em parte ela tinha razão. Blue havia me enfeitiçado antes mesmo de abrir as pernas para mim. — Depois que ela foi embora, Valentim não quis saber de mim. Porque além de ter sido enfeitiçado por Amálie, ela inventou mentiras a meu respeito.

Fiquei pensativo, apenas absorvendo aquelas palavras.

— Por que ela faria isso? O que ela ganharia?

— Prazer.

Pegando-me desprevenido, ela se levantou do banco.

— Venha.

Acompanhei-a pela mesma trilha que eu havia feito com Amálie na noite anterior. Antes mesmo de chegar ao terreno vizinho, eu pude notar alguém cavalgando.

— Valentim quer cancelar o casamento, Alejandro. — Parei abruptamente, chocado com aquela revelação. — Aparentemente, Amálie o deu esperanças.

— O quê? — Eu estava atônito com aquela reviravolta.

— Dê uma olhada onde sua namorada está agora — Ela apontou para além de nós dois. Blue estava recostada naquela mesma árvore. Naquele exato momento, Valentim descia do cavalo de pêlo igualmente preto e dourado. — É difícil acreditar que ela não esteja tentando atrapalhar minha vida, não? Confesso

que quando decidi convidá-la para o casamento, eu imaginei que os anos distante, houvessem a amadurecido. Mas me enganei redondamente. Amálie continua a mesma mulher venenosa de antes. Ouso dizer que ainda pior.

— Qual o seu interesse em contar tudo isso, além de me colocar contra sua irmã? — questionei, mordendo o maxilar.

Eu não queria acreditar em nada daquilo, mas o ciúme agia como um bichinho corrosivo em nossa mente.

— Você tem razão, eu quero justamente isso: colocá-lo contra ela — confessou me fazendo arquear as sobrancelhas. — Eu quero fazê-la provar do próprio veneno também, porque eu já não tenho mais nada a perder...

Travei o ar no momento em que ela se aproximou um pouco mais e preencheu uma das mãos com meu pau. Todo o meu corpo se tencionou.

— Podemos nos divertir bastante à custa dos dois — ofereceu, num sussurro sedutor. Em seguida, depositou os lábios bem próximos dos meus, e se afastou, rebolando.

O corpo dela estava amoldado num vestido simples e abaixo dos joelhos, porém extremamente justo nas curvas certas. Meus olhos traidores a seguiram por alguns segundos, até a voz da Blue interromper a conexão.

— O que vocês dois estavam conversando?

Virei meu corpo na direção dela, que me encarava com desconfiança. Desci o olhar por seu corpo, coberto por uma saia jeans e uma camiseta larga. Por que diabos aquela mulher conseguia ser tão linda sem o mínimo esforço? Aquilo era uma tremenda injustiça com as outras mulheres, e com meu pau, que se alegrava como a um cãozinho vendo sua dona.

Meus lábios se abriram num sorriso libidinoso.

— Você está com ciúmes? — questionei dando alguns passos mais perto. — Porque se estiver, eu posso contar todos os detalhes, apenas pelo prazer de visualizar suas reações.

Ela rolou os olhos, tentando disfarçar, mas eu podia ver que ela estava incomodada.

— Não fale bobagens. — Deu de ombros. — Eu apenas perguntei, porque você sabe que Cecílie não é minha fã. Tenho medo que ela encha sua cabeça com mentiras.

— Mentiras?

Ela suspirou baixinho, em seguida, se virou e começou a caminhar até a entrada para o terreno vizinho.

— Minha irmã está com raiva de mim, Alejandro.

Notei que seus ombros ficaram tensos. Essa percepção me deixou em alerta.

— Você parece preocupada. Por acaso tem alguma coisa a temer, Blue?

Ela se virou na minha direção com a testa franzida.

— O que está insinuando?

Cruzei os braços, tentando disfarçar o incômodo do ciúme.

— Por que não me disse que Valentim morava ao lado da casa dos seus pais?

Ela não respondeu de imediato, mas um sorriso se abriu aos poucos, como uma flor desabrochando.

— Você está com ciúmes?

— A questão aqui não é o ciúme, Amálie, mas o respeito. Não estou aqui para ser feito de idiota.

Ela se aproximou de mim.

— Você sendo feito de idiota? Certamente esse é um papel que não cabe a você, querido. Quem é que está cavalgando em cima do cavalo usado para nossa transa de ontem, hun? — Sua língua deslizou para fora, umedecendo meus lábios entreabertos e sedentos.

Gemi, sentindo meu pau latejar na mesma hora.

Rindo do meu nítido desespero, ela se afastou e seguiu na direção do casarão da família do Valentim.

— Aonde vai?

— Nós fomos convidados, pelos pais do Valentim, para almoçar com eles — respondeu, sem pausar os passos e sem dar mais detalhes.

Rapidamente, eu a alcancei, segurando seu braço e freando seus movimentos. Nossos rostos ficaram próximos e vi quando ela engoliu em seco.

— O que está me escondendo, Amálie? — questionei, ciente de que havia

algo. Nem tudo o que escutei da Cecílie era sem sentido afinal. — Por que quando acordei não encontrei você ao meu lado?

Ela se soltou do meu aperto em seu braço, totalmente arisca.

— Oh, saímos de casal fictício, para um casal de verdade, da noite para o dia? — ela sussurrou. — Por acaso comer a minha boceta fez você fantasiar algo que não existe, Alejandro?

— Parece que não preciso fantasiar, porque as coisas estão claras diante de mim — sibilei, tão irritado quanto. — Acho que sua irmã pode ter razão a respeito de muitas coisas sobre você — cuspi.

Ela arregalou os olhos, atônita e pálida. Vi o momento em que abriu a boca para falar, mas foi interrompida.

— Oh, você está aqui, querida. — Uma mulher de estatura baixa se aproximou de nós. Pareceu sentir a tensão, mas ignorou.

— Senhora, Raina — Blue se esforçou para sorrir. A mulher ficou me encarando com curiosidade estampada nos olhos. — Esse é Alejandro González. Meu... — pigarreou: — namorado.

Travei o maxilar, enquanto encarava os olhos dela. Ambos estávamos putos um com o outro; com questões não resolvidas.

Desviei o olhar, e peguei uma das mãos da adorável mulher.

— É um prazer conhecer você, querida. — Beijeí sua pele macia.

Suas bochechas rechonchudas ruborizaram, e ela se empertigou.

— Por favor, me sigam, queridos. O almoço está quase pronto — disse, agitada. — Amálie, querida, você poderia chamar o Valentim para mim?

Rangi os dentes na mesma hora. Blue assentiu, mas não se dignou a me dar um mísero olhar enquanto se afastava. Não entendi se por covardia ao ter que me encarar e descobrir o quanto eu achava aquilo era ridículo, ou pelo simples fato de não dar o braço a torcer.

De uma coisa eu tinha certeza, eu a faria pagar... de uma maneira deliciosamente torturante.



Capítulo 10

Alejandro

Eu estava num canto afastado, perto da porta, quando Blue passou e eu a puxei. Ela inspirou uma respiração profunda quando me viu.

— Por acaso já marcaram a data do casamento? Será numa igreja tradicional, ou algo menos extravagante? A cerimônia será íntima, ou algo mais mediático?

Observei o arqueamento incrédulo da sua sobrancelha.

— Está brincando comigo?

— Considerando tudo o que presenciei até agora...? — entortei os lábios, balançando a cabeça — Não. Na verdade, eu não estou para brincadeiras, Amálie.

Meu tom cáustico a fez vacilar.

— Por alguma razão, Valentim desistiu do casamento com minha irmã por minha causa. — As bochechas dela se tornaram rubras. — E, eu estou tentando reverter isso.

— Agindo como a namoradinha dele?

— Isso não está acontecendo, Alejandro.

— Então como você pensa em reverter isso, hun? Esfregando a boceta na cara do imbecil?

Meu tom de voz soou pura geleira.

— Claro que não!

— Vem cá, Blue. — Meu olhar aquecido pareceu puxá-la para o local atrás de nós.

Eu não fazia ideia de onde aquela porta nos levaria, mas ignorei todo meu bom senso naquele momento. Entramos numa espécie de despensa. Segurei Blue pelos ombros e girei-nos até que as costas dela estivessem contra a parede.

— O que estamos fazendo? — Sua voz era um sussurro sem fôlego.

Em vez de responder, eu me inclinei sobre ela. Meus olhos ajustaram-se à falta de luz, e seu olhar caramelo entrou em foco. Puxei seu cabelo sem cuidado.

Mantendo seu olhar, eu instalei uma palma na sua coxa.

— Abra as pernas. Quero tocar em você.

O choque cobriu seu rosto.

— Enlouqueceu?

Neguei.

— Está com medo? — instiguei, sabendo o quanto ela gostava de um desafio.

Vi o momento em que suas pupilas dilataram, e ela abriu as coxas, permitindo que eu passasse uma mão por baixo da sua saia. Passei os dedos sob a pequena calcinha, que proporcionava a única barreira ao meu toque. Minha boca permaneceu polegadas de distância, lábios ligeiramente separados enquanto sondava sua boceta. Nossas respirações cresciam mais pesadas a cada segundo que passava.

Um gemido correu solto da sua garganta. Sem vergonha, ela espalhou as coxas e arqueou em meu toque, querendo... precisando sentir meus dedos mais fundo.

— Você está me deixando duro, Blue. — Rapidamente, a mão dela desceu para conferir e, eu mordi um palavrão quando senti sua mão me apertando com vontade.

— Vou te fazer gozar aqui na casa dos teus ex-sogrinhos, com seu admirador a poucos metros no corredor.

Ela apertou os lábios, juntos, mas não disse nada.

— Alguma objeção aos meus planos? — questionei, totalmente ciente da sua excitação pulsando no ápice das suas coxas.

— Sou incapaz de raciocinar agora.

Eu ri de seu descontrole. Blue já estava completamente entregue aos meus desejos devassos.

Inclinei minha cabeça, e meus lábios escovaram sua orelha.

— Me implore para aliviar seu desconforto. — Minha voz soou propositalmente rouca enquanto meus dedos massageavam seu clitóris por cima do tecido da calcinha. Com a outra mão, eu a impedi de continuar me tocando.

Aquele momento não se tratava de mim, mas dela.

Eu me afastei para trás e mantive o seu olhar, até ouvi-la dizer:

— Por favor, Alejandro.

Eu deixei-me deslizar para os seus pés, empurrei suas coxas separadas, levantei a sua saia e arranquei sua calcinha minúscula. Seu cheiro afrodisíaco inundou minhas narinas e, eu me senti como um alucinado; um homem faminto. Arrastei a língua, direto para o centro da sua boceta, ansiando me deleitar com aquele banquete.

— Alejandro! — Ela apertou minha cabeça, se contorcendo contra minha boca. Minhas mãos arrastaram-se quentes sobre sua pele macia e igualmente febril. As palmas das minhas mãos deslizaram até a parte interna da coxa, e meus dedos cavaram pela carne molhada. Blue se preocupou em se manter bem aberta para minha boca faminta.

Oh, porra.

Ergui os olhos no momento em que visualizei sua cabeça cair para trás com a ponta da minha língua acariciando seu clitóris. Um gemido escapou. Suor fazia cócegas na minha testa. Meu pau latejou quando a vi apertar os próprios mamilos, perdida no próprio prazer. Agarrei uma das suas pernas e preendi sobre meus ombros, e ela se arqueou sobre a porta.

Peguei o seu olhar e o brilho era devasso. Ela gostava de toda aquela adrenalina. Ali, eu pude enxergar a verdadeira Amálie. A minha Blue.

Totalmente livre de regras.

Livre para amar.

Arriscar.

Se dar e receber prazer.

— Tente não fazer muito barulho — falei, inclinando-me em um sorriso arrogante quando abaixei a cabeça para o ápice do seu sexo novamente. Bombeando os dedos entre suas pernas, eu movimenteiei a língua para frente e para trás sobre seu clitóris, lançando-a tão alto que ela teve dificuldade para respirar.

Seus gemidos.

Eles eram tudo o que eu ouvia.

Tão fora de controle.

Tão sem vergonha.

Soltei um rugido descontente contra seu clitóris inchado e pulsante, porque eu sabia que ela estava perto, mas não a deixaria gozar. Então, eu me levantei ficando sob meus pés.

— Mas eu não... — calei suas reclamações com meus dedos sobre seus lábios.

— Você tem um gosto muito bom. — Estávamos frente a frente. — Mas você sabe que não está merecendo gozar, Blue.

Diante do seu olhar incrédulo, eu me afastei e aprumei minhas roupas de modo tranquilo. Obviamente que meu pau estava dolorido, mas ignorei esse detalhe.

— Isso não se faz com uma mulher como eu, Alejandro — rosnou, ainda no mesmo lugar. Seus olhos soltavam faíscas na minha direção. Ri internamente.

Retirei sua calcinha do meu bolso e levei o tecido ao meu nariz, inalando com vontade seu aroma viciante. Novamente as pupilas dela dilataram.

— Prepare-se para a diversão, *tigresa* — Pisquei, em seguida, abri a porta e saí.

No corredor, eu me deparei com Valentim. Blue estava prestes a tecer uma enxurrada de xingamentos contra mim, mas freou a língua e os movimentos, quando também viu o idiota.

— O que vocês... — ele se calou, a expressão se contorcendo de raiva. — Inacreditável, Amálie.

— Espero que não se importe, mas eu e minha namorada precisávamos dar uma rapidinha, então usamos a despensa. — Pisquei de modo arrogante.

Uni minha mão com a da Blue, que estava petrificada no lugar, e a arrastei para longe.

— Você não deveria ter me exposto dessa maneira — ela sussurrou, reclamando.

— Será que não percebeu ainda? — perguntei, usando o mesmo tom sussurrado. — A porra do seu ex acha que você me trouxe até aqui como uma maneira de se vingar dele. O fato de ele ter cogitado desistir do casamento com sua irmã deixou isso bem claro para mim.

— Eu quero que ele se foda! E, eu quero que você se foda também! —

rosnou, quase num tom agressivo. Meu pau pulsou, ciente do motivo de toda aquela irritação. Ela queria gozar, por isso estava tão furiosa comigo.

Ela puxou sua mão da minha, desesperada para se afastar. Assisti seu rebolado, deliciando-me com o fato de saber que ela estava sem calcinha; totalmente a minha mercê.

Chegamos à sala de estar, enquanto a mãe de Valentim nos conduzia através das portas para a sala de jantar formal.

— Você parece nervosa... — brinquei, sussurrando no ouvido da Blue, quando me aconcheguei a ela.

— Desgraçado! Eu tenho certeza que tenho um refletor na minha testa que diz: Fui comida na despensa da casa do meu ex por meu falso namorado. Perverso, porque não me comeu direito.

Segurei o riso.

Blue optou por fazer um caminho curto para duas vagas na extremidade da mesa. Ouvi seu arquejo baixo enquanto ela mergulhava no assento. Ela deu uma rápida olhada na minha direção quando deslizei ao seu lado.

— Saiba que estou te odiando muito mais nesse momento por ter me feito uma pilha de nervos.

Eu me inclinei para ela.

— Estaremos fora daqui em breve, e eu vou adorar ser alvo da sua punição, *tigresa*.

Ela não disse nada, ao invés disso, encarou a nossa frente. Valentim sentou-se diante de nós, ao lado dos pais.

— Amálie nos contou que você é um empresário de muito prestígio, González — A voz do homem de aparência quase idêntica ao Valentim se fez presente, quebrando a tensão daquele silêncio ensurdecedor. — Qual o ramo que você trabalha?

— Eu e meus irmãos herdamos os negócios do nosso pai — respondi. — Trabalhamos com criações de peças automotivas. Nossa empresa é uma das melhores no ramo, e reconhecida em vários países.

— Você é um homem de poses, então — Valentim alfinetou, e eu o fuzilei por insinuar nas entrelinhas que Blue estava comigo por causa do meu dinheiro.

— Sou. — Sorri abertamente. — E me orgulho de poder proporcionar o

melhor para minha adorável namorada e futura noiva.

— Ah, que coisa linda. Então vocês estão pensando em se casar? — questionou a anfitriã.

Repousei uma mão na coxa de Blue, e virei minha cabeça na direção dela, que estava me estudando com aqueles olhos caramelos afiados. Ela não disse nada, então me obriguei a responder.

— É tudo o que mais quero, mas parece que Amálie gosta de me torturar e vive sempre adiando esse passo tão importante.

— Oh, querida, acabou se esquecendo dos ensinamentos? — questionou a simpática senhora. — O casamento sela todas as arestas. É muito importante que os dois estejam unidos perante Deus e os homens.

Blue ficou sem jeito, e me encarou com fúria sabendo exatamente o que eu estava fazendo. Eu a estava pressionando; deixando claro para todos que ela era minha.

Embora, aquela viagem houvesse se iniciado com outro propósito, naquela altura do campeonato as coisas haviam mudado drasticamente entre nós. Eu não ia permitir que ela se esquecesse disso.

— Eu sei da importância do casamento, senhora Raina. A propósito foi exatamente sobre isso que conversei com o Valentim mais cedo.

A mulher encarou o filho, ao lado dela.

— Saiba que eu e meu marido ficamos muito felizes que, apesar do passado turbulento de vocês dois, encontraram uma maneira de se acertarem. Naquele tempo as coisas ficaram muito confusas e, eu fiquei muito entristecida com o rumo que tudo tomou.

— Mãe...

A mulher voltou a encarar a Blue, ignorando os possíveis apelos do filho.

— Se eu soubesse que seu pai...

— Não se preocupe, senhora Raina — Blue a cortou, nervosa. — Eu precisava daquilo, porque a vida me empurrou exatamente para onde eu deveria estar. — Pegando-me desprevenido, ela me olhou. — Ao lado do homem que me faz feliz como jamais fui.

Não consegui decifrar a expressão presente em seu rosto, assim como não pude ter certeza se ela estava sendo sincera, ou apenas atuando na frente

daquelas pessoas que um dia tanto a magoaram.

— Querida, assim eu vou ficar vermelho — brinquei para aliviar o clima tenso, e fui presenteado com o som de algumas risadas.

O olhar de Valentim lançou dardos na minha direção por um segundo, e eu lhe ofereci um sorriso arrogante.

Por alguns minutos, nos preocupamos em nos servir com aquela abundância de pratos apetitosos. Os assuntos saíram da zona da intimidade e se tornaram mais leves e descontraídos.

Preso na certeza da impunidade, eu voltei a depositar minha mão sobre a coxa da Blue, que se retraiu. O ar se deslocou entre nós e eu subi a mão sobre sua coxa, fazendo seu corpo vibrar sob meus dedos.

Nossos olhares se encontraram em uma colisão fatal de pura luxúria.

Desenhei o lábio inferior entre os dentes quando deslizei a mão entre suas coxas. Meu olhar deixava claro minhas intenções malvadas.

Eu peguei um pedaço de carne, enquanto acariciava Blue por baixo da mesa. O idiota do Valentim sabia exatamente o que se passava ali, e era por isso que ele continuava me oferecendo aquela expressão assassina.

Naquele momento, meus dedos estavam fazendo uma reivindicação extremamente memorável da Blue. Eu mergulhei um deles no centro molhado dela, fazendo-a segurar a borda da mesa. Um suspiro audível soprou fora dos seus lábios, e adorei a maneira como suas bochechas aprofundam-se naquele rubor "sexy", contrariando o seu “ar” de mulher fodona.

Eu aproveitei e, finalmente deslizei dois dedos no seu núcleo encharcado. Caramba, ela era tão deliciosamente apertada.

— Alguma coisa errada com a comida, Amálie? — A senhora Raina quis saber, apontando para o prato intocado.

Ela levantou o olhar e enfeitou os lábios com um sorriso tenso. Então, pigarreou:

— Não é nada. Eu só... — voltou a pigarrear na tentativa de abafar um gemido, já que girei os dedos nas profundezas úmidas da sua bocetinha suculenta. — Não estou me sentindo bem.

Um sorriso minúsculo tomou conta da minha boca. Do outro lado da mesa, Valentim estabeleceu seu copo de suco com uma mão pesada. Eu não me

incomodei com seu olhar gritante. Todavia, minha atenção estava em Blue, que empurrou minha mão e se levantou em seguida.

Uma vez em pé, ela deu um passo para trás e me encarou com tanta intensidade que quase perdi o fôlego.

— Se importa de me acompanhar, querido? Certamente precisarei da sua ajuda para amenizar meu incômodo.

Meus olhos aumentaram quando a insinuação por trás de suas palavras veio à superfície.

Assenti, mudo. Porque meu corpo e minha mente estavam repletos de erotismo, então eu não estava em condições de raciocinar sobre nada além da ideia de me esbaldar do corpo dela.

— Oh, meu Deus! O que seu pai achou dessas tatuagens, Amálie? — A pergunta da mulher nos pegou desprevenidos. Ela parecia chocada ao analisar o corpo da Blue, e de um jeito muito ruim.

Que maneira de quebrar o clima.

— Com todo respeito, senhora, mas o que o pai dela acha, ou deixa de achar pouco me importa, porque eu acho cada uma delas, incríveis — falei com desprezo mal contido. — Aliás, Amálie está louca para tatuar meu rosto entre os seios, que é uma das partes da sua anatomia que eu mais gosto, mas ainda estamos discutindo a possibilidade.

O pai do Valentim se ergueu e, praticamente, soltou um estrondoso grito enquanto espalmava as palmas das mãos sobre a mesa de mogno.

— Mas que falta de respeito é essa, rapaz? — Ele apontou o dedo na minha direção, mas não se demorou a encarar a Blue, que estava gélida. — Tenho certeza que seu pai te criou melhor do que isso, Amálie.

Eu esperei, em silêncio, que Blue se defendesse, que afirmasse que era uma mulher adulta, dona das suas próprias decisões. Mas ela não fez nada disso. Em vez disso, ela pediu desculpas.

— Acho que devemos ir. Desculpe se estraguei o almoço, senhora Raina.

Eu queria gritar com ela. Forçá-la a ser tão dura com eles — que lhe faltavam com respeito constantemente — quanto ela era comigo na maioria das vezes. Mas antes que eu pudesse falar novamente, ela praticamente me arrastou da sala.

Lá fora, sobre o calor do sol, eu parei de caminhar quando estávamos na metade do caminho.

— Estou desapontado com você, Blue.

— Eu estou mais brava com você por ter feito uma cena lá dentro. Foi desnecessário e longe de ser adequado.

— Você está brava por eu tê-la defendido? — Franzi a testa, confuso.

— Não é nada disso, Alejandro. É só que... eu...

Apenas as lágrimas escapando pelos cantos dos olhos dela me mantiveram calmo enquanto eu me aproximava, puxando-a para mim num abraço acalentador.

— Acalme-se, baby. — Apertei meus braços ao seu redor. — Sei exatamente do que você precisa. — Deixei um beijo em seu ombro. — Vou cuidar de você.

Ficamos em silêncio por alguns minutos enquanto nos conduzíamos o resto do caminho para a casa dos pais dela. Estávamos ambos tremendo, devido à expectativa do prazer que viria, quando que ela abriu a porta.

A sala estava silenciosa e agradei quando não nos deparamos com ninguém pelo caminho. Eu não toleraria mais interrupções.

Blue agarrou minha mão e me puxou em direção ao andar de cima. Entramos no quarto, e ela virou em uma luz suave antes da porta se fechar atrás de nós. E, eu não perdi tempo em despi-la.

— Vá para o chuveiro — ordenei, com meus dedos trabalhando nos botões da minha camisa.

— Por quê?

— Porque consigo sentir o cheiro daquele idiota em você.

Se ela percebeu meu nervosismo, ignorou.

— Puta que pariu! Você está parecendo um homem das cavernas — murmurou, embora esbanjasse um sorriso divertido. — Falando desse jeito, até parece que acabei de sair da cama do Valentim.

— Não aja com ingenuidade comigo, baby, porque ambos sabemos que isso não funciona. Você é mais inteligente do que isso.

Ela me agarrou, praticamente rasgando a camiseta que já estava pronta

para sair do meu corpo.

— Pela última vez: Eu.Não.Quero.O.Valentim — pausou, sem desviar os olhos dos meus. Em seguida, avançou sua boca na minha.

Aceitei de bom grado toda aquela fome de beijos, e começamos um delicioso duelo de línguas, enquanto dávamos passos na direção do banheiro, nos livrando do restante das nossas roupas no percurso.

Assim que entramos na suíte, Blue me empurrou contra a porta fechada, e começou a deslizar para baixo do meu corpo. Agarrei seu cabelo.

— Vou reduzi-lo aos joelhos com a necessidade de gozar — Seu olhar me prendeu por alguns segundos. — Mostrar que sou a detentora de todo maldito poder aqui...

Suas palavras fizeram minha respiração engatar. Eu queria dizer que tanto eu quanto ela mexíamos um com o outro, e de forma quase insana, mas minha voz se perdeu no caminho daquele pensamento.

Minha mão se instalou na parte de trás da cabeça dela quando ela se arrastou um pouco mais. Seus olhos subiram pelo meu abdômen até encontrar os meus. Abri a boca num “o” mudo quando visualizei o movimento dos seus lábios sobre a coroa molhada do meu eixo.

Porra.

Fechei os olhos. Ela agitou a língua em volta da fenda, e eu puxei um maldito fôlego.

Soltei a respiração quando ela amaciou os lábios e deslizou a boca para baixo do meu eixo, e iniciou um ritmo lento. Engole, solta, engole — sua língua passava rapidamente ao longo da fenda da minha coroa, antes de retornar a viagem lânguida em direção a base. E ela voltava novamente para a ponta e deixava um beijo lá.

— Caralho, Blue! Você me tem aos seus pés, porra.

Ela passou um bom tempo me provocando, e eu fui me tornando mais agitado.

Mais desesperado.

— Merda — gemi. — Sua boca é o maldito inferno de tão pecaminosa.

Entranhei as mãos em seus cabelos, bagunçando-o e firmando sua cabeça exatamente onde eu a queria, embora eu estivesse cedendo o controle a ela.

— Leve-me até sua garganta.

Ela continuou a me provocar, e começou um tremor em meus braços antes de viajar através das minhas pernas.

Assisti o momento em que ela tirou meu pau da sua boca, apenas para engoli-lo novamente. Minha testa já estava repleta de suor.

E meu corpo...

... ele estava tremendo com a necessidade de gozar na garganta dela.

— Você acha que me tem nas mãos, mas está enganado, Alejandro.

— A única que se engana aqui é você, Blue, que prefere ignorar que há algo entre nós...

Ela seguiu em frente, mas eu sabia exatamente o que ela estava fazendo. Tentando encobrir o foco do perigo da minha afirmação.

Num movimento abrupto, eu a ergui e, em seguida, impulsionei seu corpo de modo a ter suas pernas ao meu redor.

— Vou comê-la sem camisinha — avisei. — Confia em mim?

De olhos arregalados, ela assentiu. A mulher dominadora de instantes atrás se foi, agora eu estava diante de uma mulher completamente entregue.

Eu me forcei para frente, apoiando suas costas contra a parede fria. Segurando a base do meu eixo, eu empurrei a cabeça contra sua entrada.

— Beije-me — Apesar da pressão firme do meu pau, eu dei a ordem em um tom suave.

Blue inclinou a cabeça, permitindo que eu empurrasse contra sua boceta no mesmo momento em que ela ofereceu sua boca para mim, num beijo tão arrebatador quanto o calor das suas entranhas pélvicas.

Um rosnado baixo emanou de meus lábios, pressionados aos dela.

— A porra da sua boceta está estrangulando meu pau, Blue...

Por um instante, pausei os movimentos, ou gozaria antes da hora.

As unhas da Blue entranharam em minhas costas e esse detalhe apenas piorou o meu estado crítico, porque me excitou de maneira sobrenatural. Nunca uma mulher me deixou tão insano como ela.

Com ela em meus braços, eu caminhei até o Box e liguei o chuveiro

fazendo com que a ducha de água morna caísse sobre nossos corpos quentes.

Passei a impulsioná-la, castigando suas nádegas com meus dedos, que moíam sua carne. Blue abandonou meus lábios e arrastou a língua pelo meu pescoço, mordendo minha pele com força calculada. Ela queria me marcar?

Não tive muito tempo para pensar nisso, porque voltei a sentir o aperto dos seus músculos pélvicos ao redor do meu pau, e no instante seguinte, senti que Blue estava se desmanchando em meus braços. Jamais visualizei cena erótica tão linda quanto aquela; Blue extremamente perdida em seu próprio prazer, mas chamando pelo meu nome.

O meu nome, porra!

Assim que senti que seus espasmos se acalmaram, eu me retirei de dentro dela apenas tempo suficiente para depositá-la no chão e virá-la de costas para mim.

— Eu quero gozar nesse cuzinho apertadinho.

Arrastei meus dedos, da sua boceta melada até seu buraquinho enrugado, de modo a estimulá-lo antes de invasão. Enfie um dedo, depois o outro, antes de lentamente penetrá-la com meu pau. Mordi seu ombro, tentando controlar a vontade absurda de me atolar de uma vez.

— Alejandro...

Blue virou a cabeça em busca da minha boca. Ofereci a ela meus beijos, e o movimento de seu corpo auxiliou para que meu pau terminasse o caminho dele. Rosnei contra seus lábios. Depositei ambas as mãos em seu quadril e iniciei um movimento lento de vai e vem ao som dos gemidos dela.

Poucos tempo depois, eu apertei os olhos fechados, e minha mandíbula foi esculpida em granito enquanto empurrava com violento desespero. O som do contato de nossos quadris chocando-se pairava no ar. Minha pele vibrou quando soltei um rosnado e minha libertação quente esguichou dentro dela.

Lentamente, eu retirei meu pau daquele aperto insano do seu cuzinho, e virei o corpo dela para mim, tomando o cuidado de mantê-la nos meus braços.

Ainda estava me recuperando quando finalmente coloquei minha atenção na Blue. Embora, ela estivesse me oferecendo um sorriso enquanto abraçava-me pelos ombros, eu podia enxergar o medo naqueles belos olhos.

Peguei seu rosto em minhas mãos e forcei seus olhos nos meus.

— Por que está com medo?

Ela não tentou negar aquela percepção, apenas tentou desviar o olhar do meu, mas não permiti.

— Não fuja da minha pergunta, Amálie. — Seu verdadeiro nome em meus lábios parecia servir como um gatilho para algo dentro dela. — Por que está com medo?

— Estou com medo de... ficar muito perto de você.

— Por quê?

— Porque em pouco tempo você está me fazendo sentir coisas que eu jurei nunca mais sentir.

— E isso é ruim?

— Sim, porque eu estou confusa e assustada. E quando estou assim, eu faço muitas merdas — confessou. — E se eu estiver apenas usando você?

Sorri, malicioso.

— Por acaso você está me vendo reclamar desse detalhe? Querida, você pode me usar quando e como quiser. Desde que essa equação signifique você, eu e meu pau atolado nessa sua bocetinha, eu me sentirei satisfeito.

Ela revirou os olhos, mas acabou sorrindo.

Voltamos a ficar em silêncio enquanto nos encarávamos.

— Eu gosto dessa equação. Mas gosto ainda mais se acrescentarmos ao cálculo o meu cuzinho, que adora somar com você.

Putá que pariu!

Aquela mulher nasceu apenas para enlouquecer o inferno fora de mim!



Capítulo 11

Blue

Eu consegui evitar meu pai durante todos aqueles dias. Mas com os últimos acontecimentos, aquilo se tornou inevitável. Eu estava no escritório dele, minhas mãos suadas entrelaçadas nas minhas costas, sentia que estava na minha infância novamente.

As últimas horas haviam sido extremamente prazerosas ao lado de Alejandro; ele tinha o poder de me transportar para um lugar mágico, onde eu me libertava de todas as minhas armas emocionais. E funcionou muito bem depois que, praticamente, fomos expulsos da casa dos pais do Valentim, poucas horas atrás.

— O que trouxe você aqui, Amálie?

Embora ele não tivesse especificado, eu entendi que ele se referia ao meu retorno à cidade.

— Estou aqui, porque a Cecílie me convidou para o casamento dela com o homem que o senhor julgou inapropriado para mim — alfinetei.

Os olhos dele chisparam na minha direção.

— Na verdade, a família dele julgou você, inapropriada, já que estava agindo feito uma pecadora. — Os dentes dele rangeram no final da frase. — Eles sempre foram membros fieis da nossa igreja, Amálie. Você e Valentim cresceram juntos; aprenderam os ensinamentos bíblicos, juntos.

— O senhor falou certo, meu pai. Juntos. Então, Valentim e eu “pecamos”, juntos. — Fiz aspas com os dedos, porque tudo aquilo era surreal. — Entretanto, eu fui a única taxada como Jezabel, não é mesmo? A vagabunda. A filha rebelde, que apenas trazia desgosto ao seu pobre pai.

— Eu tinha outros planos para você — ele rugiu. — Não... isso... — apontou para meu corpo, coberto por um vestido leve, mas que deixava minhas tatuagens expostas. — Você era nossa primogênita, Amálie.

— Eu ainda sou, meu pai — corrigi, sentindo meu coração doer. — Ainda estou viva, e bem aqui... eu estou aqui.

Ignorei o desejo de me ajoelhar; implorar para que ele me amasse, que me

abraçasse e dissesse que sentia muito por todos aqueles anos.

— Cecílie me contou que você está tentando arruinar o casamento dela.

Pisquei, tentando clarear meus pensamentos diante daquela acusação descarada.

— Mas eu não...

— Ao contrário de você, sua irmã aceitou os planos de Deus para a vida dela, Amálie. Ela e Valentim estão seguindo os ensinamentos, e sua irmã sabe exatamente o lugar dela.

Fúria tomou conta de mim naquele momento.

— Ah, ela sabe? Suponho que esse lugar seja na cama dele, hun? Já que ela está grávida!

— JÁ CHEGA! — Ele gritou, socando a mesa com um dos punhos.

Meu corpo se arrepiou de puro pavor, porque me recordei das correções de infância.

— Eu não tenho culpa se Valentim ameaçou desistir do casamento por ter imaginado algo que não existe mais entre nós. Eu não dei esperanças. Não me insinuei se foi isso que Cecílie contou ao senhor.

— O que você estava fazendo na casa dele hoje cedo?

Engoli em seco.

— Estive lá exatamente para trazê-lo a razão. Eu não quero nenhum tipo de relacionamento com ele, então deixei isso claro. Além de tê-lo feito enxergar que ele precisava assumir suas responsabilidades como pai. Eu também estou comprometida. Amo meu namorado.

Vi que ele mordeu o maxilar proeminente.

— *Namorado* — repetiu, entortando os lábios. — Você chama isso de comprometimento? Uma relação sem regras, onde cada um vive e faz o que quer, sem ao menos morarem juntos? E onde ficam os ensinamentos da sua criação, Amálie? A palavra do Senhor diz que o casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro; pois Deus julgará os imorais e os adúlteros.

— Então isso me leva a crer que Cecílie é uma impura.

— Não ouse falar da sua irmã, porque ela nunca me causou

constrangimentos. Cecílie sempre buscou me respeitar e respeitar os ensinamentos do Senhor. Decidi aceitar o casamento dela com Valentim, porque eles pecaram, mas estão tentando corrigir os erros deles.

Coloquei a mão nas minhas têmporas, incapaz de segurar o riso amargo. Aquilo era inacreditável.

— E o que o senhor fez comigo há seis anos? Hun? Eu implorei por perdão, de algo que o senhor considerava pecado. Eu me entreguei ao Valentim, porque o amava, e depois fui condenada por amar demais. Eu merecia perdão também. Eu merecia amor.

— Mas eu amo você, Amálie. Sou um homem que ama suas filhas. O que não amo são as suas rebeldias. Não posso aliviar o cajado diante dos erros, só porque esses erros são cometidos pelos meus.

— O senhor não é Deus, meu pai. Não pode julgar conforme suas vontades.

— Julgo conforme as vontades de Deus! — reafirmou, convicto. — E na minha casa, eu quero respeito. A partir de hoje, não quero você perto do noivo da sua irmã. Você alega estar comprometida com aquele rapaz, então aja como tal. Outra coisa: Dê um jeito de esconder essas tatuagens, que são uma poluição visual para mim. A propósito, precisamos conversar sobre esse relacionamento de vocês. Ele é de família boa, eu suponho, mas ao ponto de deixá-la amparada? Se a resposta for sim, eu acredito que seja melhor...

Cortei suas palavras horríveis.

— Você não pode me dizer como viver a minha vida. Eu sou adulta.

— Concordo que você seja uma adulta — Ele disse, esfregando uma mão pelo seu cabelo. — Mas seu julgamento sugere o contrário. Só estou tentando te proteger, Amálie. Não quero que você pereça no caminho.

— Acredite pai, eu já pereci. E muito.

Ele se levantou atrás de sua mesa monstruosa e começou um passeio casual em torno de seu escritório.

— Alejandro González é um dos três irmãos que administram um dos maiores grupos corporativos de Madrid. O nome de sua família é extremamente conhecido entre os maiores e melhores empresários de diversos países. A fortuna desse homem é tanta que sou incapaz de calcular. — Ele parou na frente de sua estante gigante cheia de livros bíblicos. — Querida, casando-se com ele, você

poderá mudar não somente sua vida, mas a nossa também.

— Bem, o senhor obviamente fez sua lição de casa — falei, enojada. — Não bastou sua ausência na minha vida como pai, agora está tentando me usar como ponte para um casamento lucrativo. O senhor não tem vergonha? Por que não me exclui da sua vida de uma vez, hein, pai? Assim eu me sentiria menos merda.

Ele apertou o queixo, e temi por aquele olhar em seu rosto — todas as linhas rígidas, ângulos implacáveis e uma turbulência que era tudo muito familiar.

— Você sabe como me sinto diante dessa sua forma vulgar de falar.

— Peço desculpa — falei, mais por hábito do que pelo real sentido de remorso.

— Você precisa parar de viver no passado, Amálie. Está aqui agora, e eu realmente pensei que estivesse com intenção de mudar as coisas entre todos nós, querida.

Baixei a cabeça, absorvendo a mansidão em seu tom de voz; a mudança na sua postura, outrora agressiva. Eu não deveria me surpreender, já que o grande senhor Adamec sempre foi mestre na arte de manipular.

— Ok.

— Agora saia — ditou. — Preciso me preparar para a lição bíblica de mais tarde. — Pisquei, ainda desnorteada, mas me peguei assentindo enquanto abria a porta atrás de mim. — Por favor, se ver a sua mãe peça para ela me trazer uma taça de vinho.

— Uhum — Foi a única coisa que escapou dos meus lábios.

Fechei a porta e me vi lutando para controlar a enxurrada de lágrimas conforme firmava minhas costas na madeira da porta pelo lado do corredor. O ar ameaçava faltar diante da minha tentativa de não chorar; meu corpo inteiro tremia.

Ainda sentindo meus pés pesados, eu me vi incapaz de me mover e piorou quando Cecílie surgiu no meu campo de visão... Desfilando na minha frente com aquele olhar de desafio.

Ameaça.

Soberba.

Enxuguei uma lágrima solitária que acabei deixando deslizar por minha bochecha, mas não falei nada. Cecílie também não abriu a boca para falar enquanto passava por mim.

Embora não precisasse, porque seus olhos diabólicos me diziam tudo.

Eles sempre diziam.

Com meu coração despedaçado, eu me apressei a voltar para o quarto. Alejandro estava sentado numa das poltronas ao lado da cama, trabalhando em algo no seu laptop, mas se assustou com minha entrada abrupta. Sua testa vincou em preocupação assim que seu olhar se estabeleceu em meu rosto.

— O que foi? O que seu pai disse? O que ele fez? — Ele questionou, abandonando seu laptop e se preparando para vir até mim.

Seu cuidado comigo era tocante.

Aceitei seu aconchego quando ele me puxou contra seu peito. Mascarei aquele enorme nó na garganta e desejo de chorar, e fingi que nada tinha acontecido.

— Quer me levar para sair? — indaguei, jogando os braços em seus ombros.

A expressão de Alejandro se tornou deliciosamente fofa depois de ouvir minha pergunta; ele parecia genuinamente surpreso.

— Está me convidando para convidá-la pra sair?

Não segurei o desejo de rir enquanto encostava a testa no peito dele. Beijei seu ombro, adorando visualizar a marca da minha mordida em seu pescoço, deixada pouco tempo atrás.

— Você entendeu. — Me afastei dele, me preparando para trocar de roupa. — Podemos funcionar como guia e turista. Que tal? Eu duvido que você já tenha estado aqui antes. Ou já esteve? — Parei o que estava fazendo e o encarei, séria. — Oh, é claro que já esteve aqui. Você é rico. — Rolei os olhos. — Pode estar em qualquer lugar e no momento que bem entender.

Larguei as roupas sobre a cama, de repente me sentindo mal por serem roupas que tinham sido compradas por ele.

Alejandro caminhou até mim, e me segurou pelos ombros.

— Acalme-se, ok? Vamos dar o passeio que você quer — concordou. — E não, eu nunca estive em Český Krumlov. — Ofereceu-me um sorriso lindo que

me contagiou com força sobrenatural. — Vamos caminhar; virar em ruazinhas pequenas. Entrar em portões que parece não serem locais públicos.

— Eles provavelmente são — comentei, sorrindo junto com ele.

— Vamos atravessar passagens estreitas entre ruas. Ir para o outro lado do rio. Ir até a beira do rio. Ir até outra ponte. Procurar diversos ângulos para fotografarmos — disse, enquanto revirava as minhas roupas. — Use esse short, em conjunto com essa blusa bordô.

Neguei, arregalando os olhos.

— Todas as minhas tatuagens ficarão visíveis, com esse par de roupas, Alejandro. Então, eu não acho que...

— É exatamente isso que eu quero, Blue. Que elas fiquem visíveis aos olhos de todos. Você é perfeita do jeitinho que é.

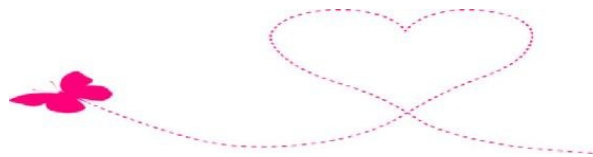
Quase chorei, mas segurei as lágrimas. A conversa com meu pai tinha me deixado bastante sensível.

— Está bem. — Num surto de coragem, eu peguei as peças das suas mãos. — Vou aceitar apenas por admitir que claramente você é um homem de bom gosto.

A risada dele inundou o quarto, aquecendo meu coração acelerado.

— Por isso estou com você — Não foi uma pergunta.

— Eu disse que você tem bom gosto. — Pisquei um olho, marota.



— Desde o seu nascimento até os anos 1900, Český Krumlov foi propriedade de praticamente apenas três famílias nobres, famosas pela capacidade comercial e também pelo amor à arte e à arquitetura: os Rosenberg, os Eggenberg e os Schwarzenberg. Foram elas que garantiram o desenvolvimento econômico, arquitetônico, cultural e social da cidade, muito ajudadas pelas conexões fortíssimas com a nobreza da vizinha Áustria e pelas rotas comerciais das quais Český Krumlov fazia parte. — Caminhávamos a passos lentos pelo castelo da cidade. — Além desta ajuda dos seus governantes antigos e da posição geográfica, Český Krumlov teve a sorte de escapar de grandes batalhas e não sofreu nenhum bombardeio durante a Segunda Guerra.

Para finalizar, a partir da metade dos anos 1960, começou a receber atenção maior do governo nacional em busca da sua preservação, até ser totalmente protegida pela Unesco.

— A maneira como você fala da sua cidade natal é tão intensa, que fica nítido o quanto você ama esse lugar, Amálie — disse, Alejandro, orgulhoso de alguma forma.

— Concordo que seja terrivelmente difícil falar sobre o lugar que nasci, porque faltam adjetivos que traduzam o que eu sinto; nada do que eu fale parece estar à altura, entende? As fotos parecem não mostrar o que eu realmente enxergo. — Sorri, me permitindo sentir as emoções gostosas de estar, depois de tanto tempo, perto das minhas raízes. — Český é uma cidadezinha que apaixona milhares de pessoas, mesmo aquelas que passam apenas um dia aqui; um cenário que parece ter saído de um estúdio de cinema, mas é real e original, combinando com perfeição um castelo — apontei ao nosso redor —, ruas estreitas, prédios lindíssimos, clima charmoso, morros, ilhas, um rio cheio de curvas e um lindo penhasco.

— Você se esqueceu de mencionar sobre as mulheres nativas — Soltei um gritinho assim que os braços dele me enjaularam. — Elas são deliciosamente gostosas e bem receptivas. — Ele sussurrou com a boca próxima do meu ouvido.

Dei risada, embora tentasse a todo custo controlar o desejo de me contorcer, porque a rouquidão de sua voz, juntamente com sua aproximação tinha feito um estrago caótico na minha calcinha.

— Safado. — Belisquei sua barriga recheada de gominhos.

Continuamos nossa caminhada, e em vários pontos tivemos uma visão ótima da cidade, do alto. Logo depois da entrada nas dependências do castelo, nós vimos o fosso, que era habitado por ursos. A presença daqueles animais ali era uma tradição iniciada há séculos pelos Rosenberg. Não conseguimos ver os bichos, pois eles passavam a maior parte do tempo escondidos.

No fundo do castelo encontramos os jardins. Eles eram lindíssimos. Alejandro e eu passeamos por todos os cantos e não deixamos de seguir em frente quando chegamos ao início do bosque, que ficava no fundo do terreno. Seguimos até o final, onde eu sabia que existia um pequeno lago. Optei por isso, principalmente, porque estávamos no outono, então o cenário era deslumbrante.

— Poucos turistas vão até esta parte, o que faz dela o lugar perfeito para um pouco de silêncio e paz — comentei.

— É incrível — Alejandro exclamou, enquanto pisávamos sobre as folhas amareladas. — Aposto que você sentiu falta daqui, hun?

Ofereci a ele um sorriso triste e um pouco pensativo. Antes de falar, eu me ajeitei ao seu lado, quando ele decidiu sentar-se no chão.

— No começo, eu evitava pensar, falar ou relembrar a respeito de qualquer assunto relacionado à República Checa. Porque isso me entristecia. Feria a minha alma e meu coração — declarei num suspiro doloroso. — Meu pai me expulsou de casa, entretanto teve o cuidado de me amparar com uma boa quantia em dinheiro. Não que isso justifique o que ele fez, mas foi o que me ajudou a iniciar minha vida, sabe? Escolhi Madrid meio que aleatoriamente. Iniciei o curso de enfermagem, embora ainda estivesse em dúvidas sobre o que verdadeiramente queria para minha vida, e com o passar do tempo descobri que não poderia ter feito escolha melhor.

— É porque você encontrou uma profissão que lhe completa, Blue. Então você trabalha com paixão. Com amor.

Sorri, abobalhada.

— É verdade.

Alejandro enlaçou nossos braços e uniu nossas mãos, admirando algumas das minhas tatuagens.

— Como você as conseguiu?

— Ah. Cada uma tem uma história. Umas loucas, outras nem tanto. — Sorri, sentindo-me tensa ao encontrar seus olhos nos meus, tão profundos, como se quisesse me decifrar. — Mas elas funcionam como um mapa das minhas aventuras.

A risada que ele deu foi tão gostosa que tive vontade de avançar em seus lábios com os meus.

Nos próximos minutos, nós começamos a conversar sobre o passado um do outro e, por um momento, eu me esqueci do motivo das minhas decepções; da minha dor constante. Alejandro era um homem tão confiante e divertido, que era impossível não sorrir ao lado dele.

— E, então? — ele perguntou, de repente. — Quer conversar?

Não precisava ser um gênio para deduzir que ele estava querendo saber sobre a conversa que tive com meu pai, horas atrás. O sol estava se pondo diante

de nós, e mirei meus olhos no horizonte.

Por mais que Alejandro e eu estivéssemos nos entendendo, ele não merecia saber sobre aquela podridão. Eu não teria coragem de expor aquele lado negro do meu pai. Apenas o fato de ter ouvido tudo aquilo saindo da boca dele, já me envergonhava.

— Ele apenas quis saber sobre o que aconteceu na casa do Valentim mais cedo. — Não olhei para ele quando respondi. — Só isso.

Tentei sorrir um pouco para aliviar a tensão que crescia no meu peito.

— Tem certeza? — Ele tocou meu queixo e o ergueu, forçando meu olhar. — Estou sentindo você um pouco tensa.

Pigarreei, nervosa com sua percepção.

— Está tudo bem. — Toquei nossos lábios num selinho rápido. — Aliás, você ainda não me contou o que Cecílie lhe disse mais cedo. O que conversaram, afinal?

Ele desviou os olhos e encarou a paisagem à frente. Demorou um pouco para responder, como se estivesse em dúvida sobre o que ia falar ou não.

— Não conversamos sobre nada — respondeu no fim. — Eu queria saber onde você estava, então ela me levou até você.

Franzi o cenho, desconfiada daquilo. Conhecendo Cecílie como eu conhecia, ela jamais perderia uma oportunidade de me ferir.

— Só isso?

Novamente seu olhar encontrou o meu, dessa vez havia um brilho diferente em seus olhos.

— Afinal de contas, o que há entre você e sua irmã? Não consigo entender essa relação estranha de vocês, considerando que amo meus irmãos com a minha vida.

Dei de ombros.

— Cecílie meio que iniciou essa rivalidade desde que éramos crianças. Eu sou apenas dois anos mais velha, então ela passou a ter essa tendência de ser a melhor em tudo. Melhor nos estudos. Nas tarefas da casa. Nas obrigações dadas pelo nosso pai. Enfim... eu nunca quis isso, na verdade. Nunca quis nada disso.

Eu sabia que ele estava me encarando, mas não quis conferir, porque se eu

olhasse nos olhos dele temia não resistir ao desejo de me aconchegar nos seus braços e chorar todas as minhas mágoas.

— E o que você queria de verdade, Amálie? — Sua voz poderosa me chamou como a um imã. Arrepios trespassaram por todo meu corpo quando me deparei com o fogo em seus olhos. Seus cabelos estavam bagunçados por causa do vento, deixando-o com aquele aspecto sexy que eu adorava.

Nenhum homem nunca mexeu tanto comigo como ele, e isso estava me deixando confusa. Porque aquilo era tudo o que lutei com unhas e dentes para evitar depois da minha decepção com Valentim. E, Alejandro, poxa... ele era incrível. Doce e divertido. Safado e romântico. E, eu era apenas uma mulher perdida num mar de erros e acertos. Sequer tinha cem por cento de noção sobre o que eu realmente queria da minha vida.

Eu não o merecia.

— Blue?

— Hmm?

— Você percebe que tudo entre nós mudou, certo?

Minha respiração pareceu parar nos pulmões quando voltei meu olhar para o rosto dele.

— Nada tem que mudar, Alejandro.

— Diga-me algo — sussurrou, avançando a boca na minha direção. — Diga-me que, depois que tudo isso acabar, com toda a intimidade que compartilhamos, diga que ainda vai me querer na sua vida.

Evitando os seus olhos, eu falei:

— Eu não posso dizer isso.

— Não penso assim. — Afastou-se e, em seguida, ergueu-se nos próprios pés. — Levante-se.

Fiz o que ele pediu, embora minhas pernas estivessem tremendo visivelmente por causa do meu nervosismo.

— O que quer?

Alejandro abriu a boca para falar, mas foi impedido pela chegada de alguém. Aliás, pela chegada de uma bela mulher de cabelos gritantemente ruivos.

— Alejandro? — questionou, totalmente incrédula ao parar diante de nós. Afastei-me um pouco quando ela se aproximou dele. — Alejandro González? Oh, meu Deus! — Os olhos dela umedeceram.

— Nádia? — Alejandro perguntou, igualmente tomado pelo choque.

Minhas cordas vocais estavam congeladas. Não podia perguntar o que diabos estava acontecendo — tudo o que podia fazer era assistir enquanto ele abraçava aquela mulher.

Empurrei aquela maldita queimação do ciúme me corroendo por dentro, porque Alejandro não era meu, e eu não era dele.

Então o que era aquela sensação horrível me assolando?

Estava tentando engolir a dor e lágrima quando a voz calmante de Alejandro preencheu meus sentidos.

— Amálie, essa é Nádia. — Pisquei, quando novamente visualizei a mulher. Tive que engolir o arquejo de espanto, porque ela era linda e perfeita. A delicadeza não se restringia apenas em seu corpo curvilíneo, mas em seus gestos também. — Acredito que já falei sobre ela para você, hun? Namoramos durante a adolescência, mas por intermédio do destino, nós tivemos que nos separar.

Meu peito se apertou. Então eles já tiveram uma história.

Os beijos dele, um dia já tinham sido dela.

As carícias.

Os toques e cuidados...

— Oh, que surpresa — falei, sem jeito, enquanto cumprimentava a bela mulher. Limpei a garganta: — Que coincidência, não? — questionei, encarando os olhos esverdeados e rosto rubro.

— Sim, bastante — Ela disse, sorridente. Estava óbvio pela forma como ela encarava o Alejandro que o sentimento por ele ainda existia. — Está aqui a trabalho?

— Na verdade, eu estou de férias — respondeu e, eu o encarei.

A garota passou os olhos de mim para ele, com pura curiosidade estampada naquele rosto irritantemente bonito.

— Ah. Vocês dois estão...

— Não, não... — Alejandro cortou suas palavras — Amálie e eu somos

apenas amigos — Afirmou com os olhos nos meus, como se me desafiasse a contradizê-lo.

Somos apenas amigos? O mero pensamento me fez mal, e pedi silenciosamente para meu coração ficar inteiro enquanto minha boca pronunciava uma resposta, que provavelmente, não era a verdade.

— Claro. Somos bons amigos.

Um enorme sorriso iluminou as feições espetaculares daquela mulher. Minha resposta soou como uma ponte que a levaria até Alejandro.

Não soube o que fazer com aquilo, então eu tentei resistir tempo suficiente para dar o fora dali, para voltar para casa dos meus pais sem ter um colapso total. Eu aproveitei que os dois estavam entretidos em uma conversa, o qual fui excluída, e me afastei.

Ao me afastar, eu não percebi se eles notaram minha ausência, pois eu estava com medo de olhar para trás, porque estava preocupada, já que estava à beira de lágrimas.

Fixando minha mão na minha bolsa, eu tentei engolir o caroço de dor formando na minha garganta enquanto pegava meu celular e discava o número da única pessoa que poderia me ajudar naquele momento.

— Blue?

— Luna... — minha voz soou como um mero sussurro embargado.

— Blue? O que aconteceu? — A preocupação gritou em cada palavra pronunciada por ela.

— Eu... eu acho que fiz merda, Luna. Eu estraguei tudo — Minha garganta vibrou com aquele pensamento.

Ouvi-a praguejar do outro lado da linha.

— Acalme-se, por favor, porque não estou entendendo nada. Do quê, ou de quem você está falando?

— Do Alejandro.

Ela ficou em silêncio por um instante, mas quando falou, as suas palavras enviaram meu coração em uma queda sem fim. Porque Luna tinha o poder de me ler como nem eu mesma conseguia, às vezes.

— Você se apaixonou por ele.

E foi quando eu senti a pequena rachadura no muro. Era um vão minúsculo, mas estava lá, ameaçando romper. Eu realmente estava apaixonada por Alejandro González, mas aquela descoberta não mudava o fato de que eu não me enquadrava nos padrões da mulher ideal para ele.

Put a que pariu! Ele era um CEO renomado. E, eu? Bem, eu era apenas uma garota cheia de tatuagens e problemas de identidade.

Alejandro merecia mais.

Merecia muito mais do que uma mulher como eu.



Capítulo 12

Alejandro

Eu era um imbecil.

Eu merecia a raiva da Blue, mas reconhecer aquilo não impedia a perfuração que eu sentia no intestino. Enquanto dirigia-me para a casa dos pais dela, eu estava atormentado com a ideia do que ela deveria estar pensando.

O fato de eu ter reencontrado a *Nádia* propiciou para que tudo acontecesse rápido demais; eu me peguei pressionando e as coisas não saíram como planejei. Blue desapareceu debaixo dos meus olhos, e agora eu estava me sentindo um idiota.

Nem mesmo a música alta vibrando através dos alto-falantes do meu carro estava abafando o peso da bagunça em que me meti. Porra, eu deveria ter sido mais cuidadoso. Eu deveria ter feito um monte de merda, como não ter sido tão covarde, ignorando o que sentia por Blue. Quando eu me deparei com Nádia, eu tinha que ter sido sincero a respeito dos meus sentimentos, mesmo que meu coração e minha mente houvessem sentido o *baque* daquele reencontro.

Caramba! Nádia tinha sido a primeira mulher que me apaixonei. A primeira mulher com quem decidi planejar uma vida a dois. E por longos anos, meu coração se tornou recluso, incapaz de experimentar novamente aquele calorzinho... ao menos até me deparar com a tempestiva mulher de cabelos coloridos.

Blue era o oposto de Nádia, em tudo, e ainda assim era ela quem eu queria. Eu só precisava fazê-la entender isso de uma vez por todas.

Estacionei o carro em frente o casarão dos pais dela, e desci. Minha mente estava trabalhando rápido, tentando entender o que o destino queria ao trazer a Nádia até mim depois de tantos anos; tentando entender o que a reação da Blue significava, já que ela simplesmente sumiu.

Eu mal coloquei os pés na varanda, quando escutei a voz da Cecílie:

— Amálie não está aí dentro — conspirou.

Parei, com a mão na maçaneta.

— E você, como uma irmã solícita, pretende me contar sobre o paradeiro dela. Acertei? — Não consegui esconder o sarcasmo.

Virei a cabeça na direção dela, que estava recostada em uma das pilastras. Observei que seus cabelos escuros estavam soltos, iluminando seus olhos, que pareciam ainda mais maliciosos naquele momento. Assim que ela percebeu meu olhar sobre seus seios fartos, ela fez questão de abrir dois botões da blusa, a fim de deixá-los mais visíveis ao meu escrutínio. Sua risada chamou minha atenção.

— Eu imaginei que vocês tivessem brigado, considerando que saíram juntos, mas Amálie voltou de taxi e sozinha, um tempo depois. — Sua cabeça pendeu para o lado, como se estivesse pensando. — Terminaram? Se foi isso, honestamente terei certeza o quanto minha irmã é idiota, porque deixar um homem como você escapar é sinônimo de burrice.

Sacudi a cabeça, rindo. Porque a vulgaridade daquela situação era surreal demais.

— Você não se sente mal por se insinuar para mim dessa maneira tão vulgar? Você está noiva, garota. O propósito da minha chegada aqui com Amálie foi justamente o seu casamento com aquele otário.

— O único otário aqui é você — Ela sibilou, enraivecida. Entretanto diminuiu o tom de voz. — Amálie ainda ama o meu noivo que, infelizmente ainda se deixa ser seduzido por ela. O único e real motivo que ainda mantém a ideia desse casamento de pé é o fato de eu estar grávida. — Arregalei os olhos, chocado com aquela revelação. — Pois é, cunhadinho... parece que sou eu o empecilho que impede os dois de, finalmente, ficarem juntos. Não você.

Mordi o maxilar, lutando para não acreditar naquelas palavras. Mesmo que ela conhecesse a Blue melhor do que eu, devido ao laço sanguíneo que tinham, eu ainda custava a acreditar que Blue pudesse ser tão maldosa.

Sua risada me fez piscar.

— Não consegue acreditar em mim, não é? — questionou, entretanto soou mais como uma afirmação. Desencostando-se da pilastra de madeira, ela desceu os poucos degraus da pequena escada de acesso. — Venha, eu vou fazê-lo acreditar em mim.

Mesmo desconfiado, eu a segui. O dia ainda não tinha findado totalmente, porque era possível visualizar o mosaico que os raios solares faziam no céu, mas deixando claro, a sua despedida em breve. Reconheci o caminho quando Cecílie pegou a trilha que nos levaria para a casa dos pais do Valentim. Não quis acreditar, mas quase rosnei de ciúmes quando me deparei, ao longe, com Blue sentada naquela maldita árvore, e Valentim em pé diante dela. Eles conversavam alguma coisa, mas de onde eu estava não era possível ouvir.

Meus punhos se fecharam, enquanto eu amadurecia o desejo de abandonar minha calma e sutileza para poder socar a cara bonita daquele infeliz e, em seguida, jogar Blue no meu ombro e encher seu traseiro de tapas.

Eu não conseguia entendê-la. Por mais que admitisse para mim mesmo que precisava ser paciente, pois ela era uma mulher com o coração cheio de marcas, naquele momento, eu estava presenciando apenas uma mulher teimosa e infantil, e que não prezava pelo próprio orgulho.

— Acredita em mim agora? — Fixei os olhos em Cecílie, que me encarava com um sorriso perigoso no canto dos lábios.

Irritado, eu me afastei dela e comecei a marchar na direção dos dois.

Deveríamos ter tomado aquela tarde para nossa diversão. Esse era o plano. Depois, voltaríamos e tomaríamos um banho juntos, em seguida, ela dormiria nos meus braços. De manhã, eu beijaria seus lábios lindos, desceríamos para tomar café da manhã, para depois passarmos o dia descobrindo mais novidades de nós. Em vez disso, eu estava irritado enquanto trilhava um caminho com passadas duras e que me levaria para a mulher que deveria estar comigo, mas preferia estar em companhia de um cara que a magoou.

Apertei o nó na minha garganta. Embora eu tivesse deixado Nádia no hotel em que ela estava hospedada, a menos de quarenta minutos, eu sentia que havia sido há mais tempo. Ali, infectado pela sementinha corrosiva do ciúme, minha mente passou a me presentear com diversos cenários.

Blue e Valentim juntos, ele tocando o caminho em que eu a toquei, dizendo a ela o quão bonita ela era e sussurrando as mesmas palavras que eu sussurrei. Eu estava sufocado de ciúmes, sabendo que ele, provavelmente tinha uma conexão com ela que eu não tinha.

Um laço que os unia por conta do passado.

Algo que para sempre os vincularia juntos.

Eles se calaram quando me aproximei, e esse detalhe serviu apenas para inflamar um pouco mais o meu lado selvagem, porque reforçou a ideia de que eles tinham algo a esconder.

— Alejandro? — Ela se levantou, nervosa e um pouco pálida.

— Por que desapareceu, Amálie? — Apontei o indicador. — Você tem noção do quanto fiquei preocupado com você? — gritei, descontrolado.

— Ei, não ouse erguer a voz para ela, cara.

Minha fúria subiu de forma inimaginável e quando percebi, meu punho foi de encontro ao rosto daquele idiota, que tombou feito um saco vazio.

— Oh, meu Deus! — Blue exclamou enquanto ia até ele. — O que deu em você?

Minha expressão deveria estar horrenda, porque por dentro eu me sentia como uma bomba prestes a explodir.

— O que deu em mim? O que deu em mim?

— É! O QUE DEU EM VOCÊ, CARALHO! — Ela gritou, se erguendo e vindo até mim, tão enraivecida quanto. Nossos olhares só faltavam soltar faíscas. — Você não tinha o direito de agredir o Valentim dessa forma.

— Ah, não? Então você entende isso... — gesticulei ao nosso redor —, você e seu ex, que agora é noivo da sua irmã, conversando debaixo de uma árvore, como algo normal? Pois eu não acho, Amálie. Esse imbecil está louco para entrar na sua calcinha, e a menos que você me diga que quer esfregar a boceta na cara dele...

Fui calado com um tapa de mão cheia, que fez minha cabeça girar.

Minha respiração tornou-se áspera e tudo o que eu conseguia pensar era em socar alguma coisa. Eram raras às vezes em que eu me sentia tão irritado. E antes que eu fizesse algo que fosse me arrepender depois, eu optei por me afastar.

— Alejandro! Alejandro! Por favor, me desculpe.

Ignorei seus lamentos e continuei andando. Precisava sair dali. Precisava ficar longe dela naquele momento.

Sua mão agarrou meu braço e, eu parei, com as mãos no rosto, esfregando-o com agressividade.

— Olha só, vamos conversar. Você não pode sair assim.

— O meu rosto está sentindo a sua intenção para conversar, Amálie — rugi, apontando para minha pele, possivelmente avermelhada, já que estava ardendo.

— Você estava me ofendendo, Alejandro. Eu apenas me defendi.

— Eu não preciso ofendê-la, Blue, porque você já faz isso sozinha — aponte para o Valentim, que estava se aproximando de nós —, e muito bem. Explica para mim... — cruzei os braços — Que tipo de assunto você tem para conversar com o cara que tirou a sua virgindade e depois a abandonou a própria sorte? Hun? Devem ser somente assuntos interessantes, já que você preferiu me deixar sozinho feito um idiota. O que foi? Pensou que eu precisava de espaço e quis agir como um maldito cupido do amor?

— Eu não... — pigarreou, mas não finalizou o pensamento.

Aproximei-me dela, quase colando nossas testas.

— Você *não* o quê?

— Eu não posso, Alejandro. — Um tremor na voz dela traiu sua atitude indiferente.

— Eu o quero fora da minha propriedade, cara — soou a voz do Valentim, atrás de nós.

Entretanto, nem eu e nem a Blue demos importância. Ao invés disso, nós continuamos nos encarando; conversando silenciosamente. Eu queria tanto que ela entendesse o quanto queria estar com ela. Queria tanto que ela percebesse que eu era o homem certo para estar ao lado dela.

— Eu falei que quero você fo...

— CALA A BOCA! — Blue e eu gritamos em uníssono, fazendo-o se calar com os olhos arregalados.

Voltei a encará-la, mas me senti cansado demais para continuar discutindo. Sacudi a cabeça e me virei nos calcanhares, ciente que ela não me seguiria.

Uma vez no quarto, eu segui direto para o banheiro. Meu corpo e minha mente ferviam, e eu precisava me acalmar. Quando fechei a porta atrás de mim, eu pude pegar a visão do meu rosto através do espelho. Não consegui decifrar minha expressão — era um coquetel de raiva, dor e decepção.

Eu sabia que Blue sentia algo por mim. Eu sentia isso. Mas ela não era boa

em demonstrar. O que me deixava atordoado. Perdido em meus próprios devaneios e desconfianças.

Liguei o chuveiro e soltei um arquejo de satisfação quando a água fria ricochetou em minhas costas. Meus músculos retorcidos pela frustração e todo aquele estresse estavam doloridos. Eu estava praguejando internamente quando uma rápida olhada no piso molhado da parede me fez recordar dos momentos recentes que Blue e eu vivemos ali, naquele pequeno espaço do Box. Seus gemidos inundaram meus ouvidos, e eu senti o calor por todo o meu corpo. Fui incapaz de parar a excitação com aquela lembrança, mesmo com todo aquele jato de água fria.

Irritado, eu desliguei o chuveiro e abri o Box. Toda aquela maldita confusão estava ocasionando em uma dor de cabeça, que começou fraquinha, mas aos poucos estava se tornando muito incômoda. Enrolei uma toalha na cintura e, em seguida, abri a porta surpreendendo-me ao me deparar com Blue sentada na beirada da cama.

Em silêncio, eu fui até minha mala em busca de uma peça de roupa limpa. Eu sentia seus olhos em minhas costas, mas quando me virei para ela e deixei a toalha cair em meus pés, ela desviou o olhar da minha nudez.

— O que foi? Está com vergonha de mim? Não faz muito tempo, Blue, mas você estava rebolando deliciosamente no meu pau, querida — lembrei-a.

Ela não disse nada, o que me deixou mais frustrado.

Depois de vestido, eu voltei ao banheiro para pendurar a toalha molhada, e ao retornar ao quarto, Blue bateu a mão no seu lado da cama, convidando-me para me sentar também. Sem falar nada, eu fui e me sentei. Meus olhos estavam nela a todo o momento, tentando decifrar qualquer coisa; qualquer emoção...

Mas Blue era indecifrável para mim.

— Temos que conversar — disse, e eu assenti, enquanto esfregava as mãos no tecido da minha calça, para impedir aquele desejo insano de puxá-la contra mim. Vi o momento em que ela inspirou forte. — Primeiramente, eu gostaria de pedir desculpas por ter agredido você, Alê. Eu não tinha esse direito. Por favor, me desculpe.

Meu olhar caiu para o movimento veloz do peito dela. Porra, aquela blusa de alças caía tão bem nela com todas aquelas tatuagens sensuais, que minhas mãos contorceram-se com a necessidade de trazê-la para meu colo.

— Tudo bem, Blue, eu também me excedi com você. Ambos erramos aqui.

Ela assentiu, parecendo soltar o ar que estava preso em seus pulmões. Depois pigarreou:

— Mais cedo, quando você reencontrou sua ex-namorada, eu pensei que sair de fininho seria a decisão certa a tomar, porque nós dois... bem, nós não temos nada sério, Alejandro.

— Não temos?

— Transamos algumas vezes. O que há de sério nisso? — Ela rolou os olhos, em seguida, desviou o olhar. — Caramba! Aquela garota é perfeita e o destino a trouxe de volta para você. E, eu não ficarei no caminho.

Preparei uma enxurrada de argumentos contra aquela ideia absurda dela; argumentos que a fariam entender que a única mulher que eu queria estava ali bem na minha frente, mas minha boca não abriu. Ao invés disso, eu deslizei para mais perto.

Ela soltou um suspiro frustrado.

— Não estou interessada nisso.

— Nem eu estou — menti. — Apenas deixe-me desfrutar da sua visão por um tempo.

O olhar dela era cheio de calor e desejo na minha direção.

— Você não é o tipo de homem que apenas olha, Alejandro.

Num surto de ousadia, eu a puxei para meu colo e a segurei pela cintura. Peguei sua bochecha na palma das minhas mãos. Sua pele era macia e quente ao toque, e eu fiquei duro apenas com o cheiro sutil dela. Aquilo não era avassalador como a maioria dos perfumes. Mas ele me levava a inalar a essência dela. Tentava-me a prová-la.

— Eu fiquei louco atrás de você, Blue, e encontrá-la com o Valentim inflamou meu lado mais sombrio — confessei, fazendo carinho no ponto sensível por baixo da sua orelha. Delicadamente, mordendo a carne dela, gemendo com o seu sabor na minha língua. Ela inclinou a cabeça para trás, e eu beijei um caminho pelo pescoço abaixo.

— É isso que estou tentando dizer, Alejandro... as coisas se tornaram complicadas demais. Estamos nos magoando, quando o plano era apenas

fingirmos um relacionamento.

— Esse é o problema, Blue. Eu não quero mais fingir — Eu murmurei, então a segurei pela nuca e abaixei sua boca na minha. Os lábios dela bateram nos meus, enquanto ela passava seus dedos pelo meu cabelo. Ela estava esfregando-se contra meu tesão, rolando os quadris em um ritmo constante que estava me deixando louco. Desci meu rosto para o V de seu decote e passei a língua pelas curvas dos seios.

— Puta que pariu, Alejandro — Eu coloquei meus polegares sobre seus mamilos, amando como eles endureceram e espetaram sob o tecido macio da sua blusa. Sua respiração engatou. Eu estava prestes a reclamar por ela ter saído do meu colo, mas me calei quando ela caiu de joelhos e me surpreendeu, desabotoando minha calça. Seu olhar era puro fogo quando ela arrastou meu zíper lentamente para baixo. Minha ereção se tornou livre, e Blue varreu a língua em seu lábio inferior antes de marcá-lo com os dentes.

— Você sabe exatamente o que está acontecendo entre nós — Eu acusei.

— Por favor, seja claro, Alejandro. Você já deveria saber que não sou adepta a essas coisas de romantismo — O tom dela soou inocente, enquanto suavemente ela juntou as unhas da base do meu eixo até a ponta melada.

— Você está mentindo para mim e para si mesma.

— Está enganado.

— Então me diga: Por que fugiu mais cedo quando reencontrei a Nádia?

— Porque enxerguei o amor nos olhos dela. Ela ainda ama você.

— Então decidiu por mim?

Nossos olhares se cruzaram e, eu estava segurando minha respiração enquanto ela se inclinava para frente, com o cabelo fazendo cócegas no meu eixo. Entretanto, ela permitiu que vários segundos se passassem, mantendo-me suspenso. Porra! Aquilo era dolorido.

Finalmente, ela se moveu, e eu expulsei um longo gemido quando sua boca quente deslizou, molhada sobre a ponta. Eu a agarrei pelos cabelos, tentando, em vão, obter algum controle ali.

— Eu decidi por mim — afirmou, depois que soltou meu pau da sua boca gulosa. — Não acho certo continuar com algo que não nos levará a nada. Não sou a mulher ideal para você.

— Eu discordo. Meus planos são outros, Blue — Eu praticamente respirei as palavras, meu peito subindo e descendo rápido devido ao desejo que ela despertou em minhas veias. — O meu erro foi ter pressionado você daquela maneira na frente da Nádia, ao invés de ter tomado a frente. Eu deveria ter dito a verdade de uma vez.

Ela mergulhou para frente novamente e fez movimentos de sua língua sobre a cabeça do meu pau. O cabelo bagunçado emoldurou o seu rosto, parcialmente obscurecido por seus olhos, e eu enrolei seus cabelos ao redor do meu punho.

Oh, porra!

A mulher de joelhos era ousada e confiante e tinha todas as habilidades para me deixar louco. Quando ela fechou seus lábios em torno de mim novamente, eu fechei meus olhos e me concentrei em ficar calmo.

— De que verdade você está falando? — ela quis saber.

Abri os olhos, semicerrando-os com toda a névoa de prazer correndo em minhas veias, especialmente com a forma como a língua dela estava trabalhando a parte inferior do meu pau.

— Caralho, Blue — Eu gemi, segurando seus cabelos com um pouco mais de força. — Você está me deixando louco.

Se ajustando entre meus joelhos, ela firmou os dedos em torno da base e balançou a boca na cabeça, sugando-me com força. Seu pequeno gemido vibrou direto para as minhas bolas. Senti meu pau pulsando com intensidade.

— Droga... — eu sufoquei. — Mais rápido... não pare...

Os olhos dela ergueram-se para encontrar os meus.

— Você não me respondeu.

Ela tirou meu pau, mas o aperto firme da sua mão me manteve sob o seu feitiço. Eu arqueei meus quadris, empurrando meu pau dentro de seu punho, meu corpo implorando para que ela me chupasse mais rápido. Ela me atacou com renovado fervor e seus ruídos e minha respiração rápida se juntaram tornando-se um só. Continuando até a base do meu apoio, ela levou-me fundo o suficiente para a garganta dela relaxar.

Eu estava quase explodindo meu gozo na garganta dela, quando respondi o que ela tanto queria ouvir:

— A verdade, Blue. Que eu estou apaixonado por você.

Ela interrompeu, lábios imóveis em torno do meu pau e esperou; talvez querendo que eu falasse que aquilo era mentira, ou que não passasse de uma simples brincadeira. Mas não. Era real.

O que tínhamos era real.

A boca dela deslizou para fora do meu pau.

— Isso não, Alejandro — A amargura em sua voz era inconfundível. Ela enfiou-me de volta dentro da calça e empurrou o zíper. Apesar da interrupção indesejada, eu ainda estava duro, meu pau furioso, esforçando-se contra a costura da calça.

Olhei para ela com as sobrancelhas arqueadas.

— Não o quê? — Eu a segurei pelos ombros. — Não finja que não sabia, Blue. Caramba! Estou atrás de você há meses — pausei, encarando seus olhos e tentando encontrar alguma resposta neles. — Você não me quer mais? É isso que quer dizer?

Ela desviou os olhos.

— Não sei.

Eu deixei seus ombros, peguei suas bochechas e fechei o último pedaço de distância entre nós.

— Começamos essa relação em cima de uma mentira, mas não minta que seu coração não sente nada, Blue.

— Não estou dizendo isso.

Eu inclinei seu queixo, até que ela olhasse nos meus olhos.

— Reencontrar a Nádia não mudou nada — Meu olhar pousou em sua boca, e escovei meu polegar em seu lábio inferior. — Mas você já sabe disso. Acho que você está usando ela para me afastar — fiz uma pausa. — De que tem tanto medo? Isso tem a ver com o Valentim?

Ela se afastou de mim completamente, tomando uma distância considerável enquanto ficava de costas.

— Isso tem a ver conosco, Alejandro. Eu e você — respondeu. — Não sou a mulher certa.

— Você não sabe. Por favor, não tome a decisão por mim.

— Estou tomando por mim, caramba! — Ela se virou para me olhar. — Nós dois... — apontou de mim para ela —, foi um erro. Eu quebrei todas as regras que eu mesma criei e me deixei levar pelo seu maldito poder de sedução. Mas agora já chega.

— Não há como voltar atrás, Amálie.

— Mas podemos parar por aqui. Você não precisa de uma mulher complicada na sua vida. E, eu não preciso carregar o peso de saber que me tornei a péssima escolha de um homem tão incrível como você. Você merece mais, Alejandro.

Eu abaixei minhas mãos e senti meus dentes rangerem. Eu odiava quando ela se colocava tão para baixo, e odiava ainda mais a maneira como ela não acreditava em nós dois, juntos.

— Não importa o que eu digo, não é? Você não acredita em nós.

— Eu acredito nas circunstâncias. E elas não estão ao nosso favor.

Não precisava ser um gênio para perceber a mensagem pelas entrelinhas; ela havia se referido ao meu reencontro com Nádia.

Meu telefone começou a tocar, vibrando sobre o criado-mudo. Assim que peguei o aparelho, ouvi a pergunta:

— É ela?

Eu queria gritar e ranger os dentes e torcer o pescoço dela. Em vez disso, eu fechei os olhos brevemente e soltei um suspiro frustrado.

— Não sou obrigado a respondê-la, Blue.

Antes de fazer algo estúpido, como jogá-la por cima do meu ombro e arrastá-la para cama, para fazê-la reconhecer o quanto éramos bons juntos, eu decidi sair do quarto.



Capítulo 13

Blue

Uma confusão estava vindo da área leste da casa e, eu apenas rolei os olhos, entediada. Era a festa de despedida dos noivos e, embora eles houvessem decidido realizar uma festa única, as coisas estavam divertidas, apesar do meu mau-humor insuportável.

De onde eu estava era possível ver a alegria nos olhos de Cecílie, e mesmo que não nos déssemos bem, eu torcia pela felicidade dela apesar dos pesares. Na verdade, desde sempre, eu quis que ela gostasse de mim; eu ansiei que minha única irmã me amasse. De todos os meus arrependimentos, eu me condenava com a culpa de não ter me esforçado um pouco mais lá no passado; Cecílie, talvez buscasse algo de mim que eu não enxerguei na época.

Agora era tarde.

Havia um abismo entre nós.

Admirando-a de longe, eu fui incapaz de não sentir inveja. Porque ela não parecia sentir nada do que eu sentia, pelo contrário.

O quão libertador seria me esquecer tudo e apenas me perder no momento?

Aquele era um pensamento perigoso.

Deixei-me cair num dos bancos do jardim lotado, e abaixei minha cabeça em minhas mãos. Minha vida parecia estar desmoronando e, eu realmente poderia usar minha melhor amiga para me ajudar, mas Luna estava obviamente ocupada, considerando que tinha um recém nascido para cuidar, e um marido carente para dar atenção.

Apenas naquele momento que tive tempo para processar minha discussão com Alejandro, há quase uma semana, e aquilo estava começando a me bater de verdade. Não conseguia acreditar no que tinha acontecido, e nem na distância enorme que criamos um do outro.

A cada amanhecer, eu me perguntava o que ainda fazia ali, naquela casa, naquela cidade, uma vez que, parecia uma intrusa. Uma estranha no lugar que deveria ser acolhida, mas era tratada com indiferença. Alejandro me perguntava o que eu queria provar; entretanto, eu mesma não sabia a resposta para tal

pergunta. A única certeza que rondava minha mente era sobre amá-lo, e estava foda pra caralho lutar contra esse amor.

Foda pra caralho lutar contra o medo de acordar e perceber que ele havia ido embora, cansado de todas as merdas da minha família. Cansado de todas as minhas merdas.

Escutei um zumbido na minha jaqueta avisando-me sobre a chegada de uma nova mensagem. Com um suspiro, esfreguei as mãos pelo meu rosto antes de pegar o telefone.

Alejandro: Você deveria tirar essa jaqueta, porque ela está cobrindo a obra de arte. E, eu como um bom apreciador, estou muito descontente com isso.

Um sorriso besta pairou no canto dos meus lábios. Aquela era a primeira vez, desde nosso desentendimento, que ele estava conversando comigo num tom leve, considerando que havíamos nos transformado em dois estranhos, com ele saindo da minha cama para dormir no chão.

Eu: Onde você está?

Olhei ao redor, mas não consegui encontrá-lo.

Alejandro: Estou no quarto, completamente nu e esperando por você, tigresa.

Fiz uma pausa, meus dedos pairando acima da tela, mas antes que eu fosse capaz de formular uma resposta, ele enviou outra mensagem:

Alejandro: Não fique nervosa, querida. Eu estou perto da beira do lago.

Eu: Está tudo bem?

Alejandro: Por que a pergunta? Será que é pelo fato de que você me deu um fora depois que confessei estar apaixonado? Ou pela culpa de me fazer dormir no chão tendo uma cama enorme somente para você?

Talvez eu estivesse me sentindo muito para baixo e, cansada, mas não quis discutir. No âmago do meu ser, eu queria ficar bem com ele.

Alejandro: Está se sentindo culpada, né? Confesse que você está com saudade de nós dois, juntos. Eu estou.

Eu: Não consigo acreditar que existe “um nós”.

Alejandro: Eu sei que você não acredita nessa maldita afirmação, Blue. Pare de continuar mentindo para si mesma.

Dor subiu na minha garganta. Ficamos distante durante aqueles dias, mas eu sabia que ele e Nádia estavam mantendo contato. Engoli antes de enviar outro texto.

Eu: O que Nádia quer de você? Eu sei que vocês estão conversando.

Muitos segundos se passaram, o que só fez com que meu coração batesse mais rápido. Eu bati meu pé enquanto esperava pela sua resposta.

Alejandro: Não importa o que ela quer. A única mulher que eu quero é você.

Sua resposta me aqueceu de dentro para fora.

Eu mordisquei o lábio, sentindo a tentação de jogar a precaução ao vento e lhe dizer para me levar para longe da confusão que criei da minha vida. Podia me ver na minha casa, cozinhando algo para nós dois, enquanto os braços de Alejandro abraçam-me pela cintura... por um momento, eu realmente quis aquilo.

Mas aquilo seria uma decisão precipitada, e sexo não resolveria os problemas entre nós.

Eu: Eu sei que é difícil admitir, mas você sabe que não sou a mulher certa para você.

Alejandro: A única coisa que eu sei é o quanto sua bocetinha se encaixa perfeitamente no meu pau, e que você está me castigando com essa baboseira de não se achar ideal para mim. Desde quando você se tornou covarde, Blue?

Oh, droga! Não pude resistir ao desejo de juntar minhas pernas devido ao choque que senti ao ler suas palavras sujas.

Provavelmente ele estava certo, porque eu estava agindo como uma covarde. Mas eu sabia que não poderia sobreviver àquele tipo de destroço emocional, considerando que ele podia ficar comigo e acabar descobrindo que eu não era aquilo que ele almejava como mulher. Ele já havia roubado tanto de mim — pequenos pedaços que eu nunca recuperaria. Talvez ele tivesse fazendo isso desde o início, só que eu não estava prestando atenção.

Céus! Eu o queria e, eu continuaria querendo.

Alejandro: Você está pensando em meu corpo nu, não é?

Pude escutar seu tom arrogante em minha cabeça.

Eu: Não seja presunçoso, González.

Aguardei sua resposta, mas estranhamente ela não veio. Agoniada, eu decidi ir atrás dele.

Enquanto caminhava, eu me perguntava a respeito da hipocrisia do meu pai; aquela festa basicamente feria a ideologia dele ao que se referia à vida santificada. Por que ele havia permitido para Cecílie, mas comigo agia com mãos de ferro? Talvez a resposta estivesse nítida, mas eu não quisesse enxergar, porque feria minha alma. Ele não me amava na mesma proporção, então meus erros se tornavam uma maldita placa de neón na minha testa.

Assim que cheguei ao local que Alejandro tinha dito que estava, percebi que toda a bagunça que notei mais cedo, vinha dali. Havia uma pequena aglomeração ao redor de uma mesa, e quando meus olhos focaram, eu vi Valentim disputando uma queda de braço com...

— Ah, não — sussurrei, assim que vi Alejandro, e reconheci aquele olhar perigoso no rosto dele.

Desviei de algumas pessoas, na tentativa de me aproximar, mas estava difícil. Gritei pela Cecílie, que estava ao lado de Valentim, totalmente eufórica com tudo aquilo. O alvoroço se tornou ensurdecedor quando a batalha foi iniciada. Empurrei o corpo de um homem, em seguida, me vi diante da mesa.

— É só isso que você tem, *Valentina*? — Alejandro zombou, parecendo não estar fazendo a mínima força enquanto Valentim expressava toda sua dificuldade em vencê-lo.

— Vai amor. — Cecílie enrolou os braços no pescoço do noivo enquanto

sussurrava em seu ouvido. — Você é capaz, querido.

Alejandro gargalhou, enquanto mantinha o braço intacto mesmo com toda a força que Valentim empunhava.

— Você é capaz, *Valentina*? — Ele aproximou o rosto, e pude enxergar a fúria nos seus olhos direcionada totalmente ao Valentim. — É capaz?

— Cala a boca, seu filho da puta!

— Ah, ficou *nervosinha*? — Alejandro continuou provocando. — Sabe o que eu fico me perguntando, *Valentina*? — Nesse momento, os olhos dele encontraram os meus, e eu engoli em seco. — O que você tem de tão especial? Porque convenhamos, você seduziu duas irmãs. E puta que pariu, você ainda é considerado um bom moço — Ele gargalhou descontrolado.

— Ale...

Calei-me, porque a cena seguinte me deixou sem fôlego. Valentim, num surto de explosão, tentou forçar o punho de forma mais voraz, entretanto Alejandro o derrotou com uma única batida, que ocasionou num pequeno acidente.

— Puta que pariu! Ele quebrou a minha mão. Esse cara quebrou a minha mão.

A histeria foi geral, contudo eu não conseguia me mexer. Meus olhos estavam presos em Alejandro, que me encarava com uma espécie de cobrança. Desafio. Seu olhar exigia que eu me libertasse de tudo aquilo. Silenciosamente, ele me pedia para abandonar toda aquela loucura. Mas eu não podia...

Não conseguia me libertar.

Droga!

Pisquei, assustada, quando Cecílie estapeou meu rosto.

— Acorda, droga! Você é enfermeira, então, por favor, ajude o meu noivo.

Olhei para além dos ombros dela, e vi o Valentim sendo amparado por algumas pessoas. Ele gritava de dor.

Aproximei-me dele, ainda atordoada. Ao virar a cabeça na direção em que Alejandro estava, eu não o encontrei mais. Meu coração doeu, porque imaginei a decepção dele. Eu engoli o carço na minha garganta. Deixei várias batidas passar, e o silêncio pareceu crescer mais alto com cada bomba de sangue para meu coração.

Eu era uma idiota.

Eu era uma covarde.



Capítulo 14

Alejandro

— Está de mau-humor?

Hugo questionou depois que eu atendi sua ligação. Eu olhei para a garrafa de cerveja em minha mão, que mesmo não querendo, eu estava bebendo de qualquer maneira. Se eu estava de mau-humor, era porque as coisas não estavam funcionando.

— O que posso dizer? Eu tenho tido dias de merda.

Nem o retorno de Nádia conseguiu tirar Blue da minha cabeça, e quanto mais ela persistia em me afastar, mais eu a queria, porra. Mas ela pediu espaço e, eu estava determinado a dar a ela.

— Problemas no paraíso?

— Duvido que eu esteja no paraíso. Aqui está mais para inferno.

— Quer conversar sobre isso?

— Eu reencontrei a Nádia, irmão.

Houve um momento de silêncio.

— A nossa Nádia?

Eu ri.

— Tecnicamente ela era minha, Hugo.

Ele riu também.

— Caralho! Como esse mundo é pequeno — comentou, ainda atordoado pela notícia. Tanto ele quando David adoravam a Nádia. — E, então? Como está sendo tudo isso na sua cabeça romântica?

Ignorei seu tom sarcástico, e ergui meus olhos para admirar a lua.

— Eu não tenho dúvidas quanto aos meus sentimentos, mas Blue chutou minha bunda depois que Nádia retornou. E, porra! Estávamos quase lá, irmão.

— Puta que pariu! Então vocês estão tendo um problema — Não foi uma pergunta.

Bebi um longo gole da minha cerveja.

— Ela não acredita que possamos dar certo — falei. — E ainda precisa lidar com os sentimentos relacionados à família louca dela. — Tomei outro gole da minha cerveja, mas o líquido passou a ter um gosto ruim na minha língua. Coloquei a garrafa em cima de uma mesa. — Meia hora atrás, eu quebrei a mão do noivo da irmã dela, porque ele é um otário. — A risada do Hugo preencheu meus ouvidos. Aproveitei para narrar toda a história para ele a respeito do passado da Blue com Valentim, o que demorou alguns minutos.

— Correndo o risco de soar como um idiota insensível, você tem certeza que Blue ainda não é apaixonada por esse cara?

— Ela diz que não. Mas já não tenho certeza de mais nada.

— Irmão, isso é um golpe duro. Você está enfrentando o peso de um passado que provavelmente deixou marcas nela.

— Sim, eu sei. E pode parecer loucura, mas eu ainda acredito que possamos dar certo.

— Por isso que ainda continua aí? Insistindo?

— Nunca desisti sem lutar, Hugo. Blue ainda não enxerga, mas a mulher que eu quero é ela. Não a Nádia.

— Você e Nádia estão mantendo contato depois do reencontro?

— Sim, mas sem interesse. Ao menos não da minha parte — expliquei. — Ela está trabalhando com o pai, que acabou se tornando um forte empresário no ramo têxtil. Nádia é, basicamente, a intérprete, já que o pai não tem paciência para aprender novos idiomas, e não confia em mais ninguém, além da filha.

— Uau! E o que ela disse sobre reencontrar você, irmão? Lembro que a despedida de vocês foi bem dramática, considerando que se amavam bastante na época.

— Não dei brecha sobre relacionamentos, Hugo. Nádia não é a mulher que eu amo.

— Blue já sabe disso?

— Sim, mas ela não se acha suficientemente boa para mim.

— Entretanto você não está conseguindo acreditar nessa desculpa e acha que ela ainda sente algo por essa *Valentina*.

Dei risada, sentindo-me agraciado por ter irmãos tão incríveis, que sentiam minhas dores.

Estava prestes a abrir a boca para explicar a confusão na minha mente, quando notei que Blue estava me ligando.

— Hugo, eu preciso desligar agora. Depois que quebrei a mão daquele infeliz, Blue e a irmã levaram o *pobre* para o hospital. Eu não fui, mas agora a Blue está me ligando. Preciso atender, irmão.

— Ok. Você sabe que pode contar conosco para qualquer coisa, não é? Alejandro, eu sei que você a ama, mas tenha em mente que há lutas que é mais fácil desistir.

Soltei o ar.

— Eu sei, Hugo. Obrigado por cuidar de mim, irmão.

Nos despedimos, em seguida, eu retornei a ligação perdida de Blue.

— Eu preciso de você — Ela disse, assim que atendeu.

O distanciamento ainda estava ali, mas eu conseguia sentir o quanto a dor daquela situação nova entre nós também mexia com ela.

— Como ele está? — perguntei a contra gosto. Pouco me importava com o bem estar dele. — Espero que saiba que eu não tive a intenção, Blue.

Escutei seu baixo suspiro.

— Sou eu, Alejandro, então não precisa mentir para mim.

Um sorriso despontou no canto dos meus lábios.

— Tudo bem. Estou pouco me fodendo para o idiota.

Eu podia imaginá-la revirando os olhos naquele momento, do outro lado da linha.

— Você sabe que foi uma atitude imprudente e covarde, não é? Alejandro, você quebrou a mão dele. O Valentim irá para a cirurgia daqui a pouco e, provavelmente enfrentará meses de fisioterapia. O que estava pensando?

— A pergunta não é essa, Blue. Mas: O que você está pensando? Por que continua insistindo nisso quando está na cara o quanto você é humilhada constantemente? Aliás, por que está tão preocupada com o cara que foi motivo para sua desgraça lá atrás? O que esse filho da puta tem que eu não tenho, porra?!

— Antes de tudo, eu sou humana, Alejandro. Não poderia fechar os olhos diante do sofrimento visível dele, e faria isso por qualquer pessoa. Não sou

médica, mas minha profissão também é importante no quesito de salvar e ajudar uma vida — explicou.

Fiquei quieto.

— Alejandro? Ainda está aí?

— Estou.

— Por favor, não fique chateado comigo — pediu com a voz abatida. — Acredite em mim quando digo que não estou atrás dele. Valentim não passa de um homem infeliz, e eu apenas me esforço para deixar meus sentimentos claros a ele, porque não quero me tornar a vilã da história mais uma vez, entende? Poxa, eu ainda não me sinto pronta para aceitar que minha própria família me rejeita.

Esfreguei o rosto, sentindo-me impotente diante daquilo.

— Caralho, Blue! O que eu faço com você?

Ela também suspirou do outro lado da linha.

— Apenas respeite meus motivos — pediu.

— Tá legal. Por que me ligou, afinal?

— Cecílie está passando mal diante do susto. O médico recomendou que ela fosse pra casa, mas eu não posso sair daqui agora, porque nenhum parente do Valentim chegou ainda. Você poderia vir buscá-la?

— Para que você fique de acompanhante daquele babaca? Será que você tem consciência do quanto isso é insano, Blue?

— Alejandro...

— Eu não sei até quando vou continuar aguentando isso, Blue, porque já ta foda pra caralho!

Não a deixei retrucar e encerrei a chamada.

Furioso.

Era o que resumia meu estado naquele momento.

Mesmo em meio a todos aqueles sentimentos contraditórios, eu me preparei para ir até o hospital. Havia muita bagunça por onde eu caminhava, o que me fez, por diversas vezes, desviar o caminho.

Assim que eu passei pela sala e abri a porta, o rosto carrancudo de Konrád

Adamec surgiu no meu campo de visão.

— Bom vê-lo, meu rapaz. Porque, nós precisamos conversar — ele disse e, em seguida, sem preâmbulo, se virou e caminhou em direção ao seu escritório.

Eu fiquei tentado a ignorá-lo e continuar seguindo meu caminho, mas felizmente não fui criado tão mal. Eu prezava pelo respeito e bons modos, mesmo que o alvo em questão não merecesse nem uma coisa e nem outra.

Ele estava esperando no escritório, uma mão sobre a porta aberta.

— Depois de você — disse ele, gesticulando para que eu entrasse.

Honestamente, eu brinquei com a ideia de que ele estivesse planejando me matar e jogar meu corpo em algum lugar. Apenas naquele momento, pensei que ter quebrado a mão do otário do Valentim tivesse sido uma péssima atitude.

Eu deslizei para dentro, e Konrád tomou o assento atrás da sua mesa depois de ter fechado a porta.

— Do que se trata? — perguntei.

— Bom, você é um homem de negócios e, certamente, não gosta de rodeios. Por isso, eu irei direto ao ponto.

— Por favor.

— Amálie nunca foi uma garota manipulável, pelo contrário, sempre foi teimosa. E foi a rebeldia dela que nos trouxe até aqui. — Ele pausou e, eu fingi interesse entediado enquanto o esperava seguir em frente. — Veja bem, Alejandro González, minha família tem enfrentado muitas dificuldades desde que fiquei doente e não pude mais trabalhar. Minha esposa faz bolos e doces; e também sobrevivemos com a ajuda das ofertas da igreja. Mas as coisas não estão fáceis.

— Onde o senhor pretende chegar, Adamec?

— Minha filha é uma jovem impressionável. Teimosa demais, e essa realidade me leva a crer o quanto errei na educação dela, já que deveria ter insistido mais para ensiná-la outros valores e ideais. Contudo, estou satisfeito que ela encontrou você, um homem maduro o suficiente para entender como as coisas funcionam. — Ao olhar para mim, ele pegou uma caneta e rabiscou algo em um pedaço de papel. — Mesmo com todo aquele egoísmo, eu sei que Amálie é uma boa garota. E nada como um homem astuto como você para colocá-la na linha, já que eu não consegui.

— Não entendo — falei com uma inclinação de cabeça, desejando que ele parasse de falar em enigmas e fosse claro de uma vez.

— Eu quero que você se case com minha filha.

Pisquei algumas vezes, antes de deixar escapar uma risadinha.

— Bem-vindo ao clube, porque eu também desejo isso. Mas sua filha é adulta e pode tomar as próprias decisões.

— Nós, como homens, precisamos nos impor, González. E, eu como pai, não aceito que minha primogênita fique de fornicação. Vocês precisam se casar para que Deus possa abençoar a união dos dois.

— Eu preciso me impor? Hmmm... Então, eu devo pegar a Amálie pelos cabelos e arrastá-la para o altar? — zombei.

Minhas palavras bateram sob sua pele como eu pretendia, e seu rosto ficou vermelho.

— Você entendeu exatamente o que eu quis dizer, rapaz. — Ele passou aquele pedaço de papel para mim e, eu peguei, como se aquilo fosse me queimar. — Esse é o *preço da noiva*^[1]. O valor que eu quero. Amálie ainda é minha filha e, eu tenho direito de receber o pagamento.

Levando o olhar para aquele pedaço de papel, meu coração parou com a quantidade de zeros.

— Que porra é essa?

— Tenho certeza que você será generoso em atender meu pedido, considerando que essa quantidade não fará falta a você. Para mim, será de grande valia já que poderei arcar com minhas dívidas e viver muito bem com minha esposa.

Aquele homem era o próprio satanás encarnado.

Rangendo os dentes, eu olhei para ele.

— Você por acaso percebe que está, praticamente, vendendo a sua filha? Eu posso não ser um bom homem. E se eu for um psicopata? Então o senhor estará entregando a sua filha para um torturador e assassino.

Ele simplesmente deu de ombros.

— Depois de casada, a mulher passa a ser responsabilidade do marido e não mais do pai.

— Que tipo de monstro é você?

Ele ficou embaraçado com o insulto.

— Sou apenas um homem que preza pelo bem estar da própria família, rapaz.

A raiva fervendo dentro de mim era galopante, quase impossível de conter. Estava prestes a rasgar aquele papel em pedaços e jogar na cara do desgraçado, mas eu tive uma ideia melhor, em vez disso. Tomei uma respiração profunda, coloquei o papel no bolso e me ergui.

— Estamos acertados? — perguntou, expectante enquanto agarrava meu braço.

Encolhi os ombros e tirei sua mão da minha pele. Virei um olhar de pura ira para ele.

— Você saberá logo.

Ao dizer isso, eu simplesmente deixei o escritório, batendo a porta com força exagerada, já que meu desejo era socar a cara daquele velho, especialmente para arrancar aquele olhar presunçoso dele.

O desgraçado estava disposto a vender a própria filha. Aquilo pra mim tinha sido a gota d'água.

Blue precisava saber, e não havia nada mais eficaz do que ver a prova com seus próprios olhos. Eu sabia que ia doer pra caralho, mas ela precisava enxergar de uma vez por todas que ali não era o lugar dela. Que aquela família não a amava de verdade.

E se depois disso, ela ainda insistisse em continuar, então eu iria embora.

Meu coração doeria, mas eu a deixaria... sozinha.



Capítulo 15

Alejandro

Demorei algum tempo para encontrar o hospital, e quando encontrei não demorei a sair do carro. Na recepção, eu fui informado sobre onde ficava a sala de espera, mas não precisei ir até lá, porque Blue veio ao meu encontro. Ela sinalizou o lado de fora do lugar, em seguida, passou por mim, rabo de cavalo balançando. Antes que ela ficasse longe, eu puxei o elástico preto do cabelo dela fazendo-o cair em seus ombros.

— Ei?! — Ela reclamou, voltando-se para mim.

— O próximo passo será fazê-la retornar com as mechas azuis. — Pisquei.

Ela revirou os olhos, mas não disse nada e nem pediu o elástico de volta. Considerei uma pequena vitória.

A umidade da noite banhou nossas cabeças, e eu inspirei com vontade a fim de tentar amenizar o desconforto no meu corpo.

— Valentim já entrou em cirurgia? — perguntei, mais para iniciar uma conversa.

— Não, mas entrará daqui alguns minutos. Cecílie ficou com ele para encorajá-lo.

— Você veio pra fora para deixá-los à vontade, ou por que não aguentou ver os dois juntos?

— Por que continua insistindo nessa loucura, Alejandro? Caramba! Quantas vezes, eu terei que dizer que não sinto mais nada por ele?

Travei o maxilar, rangendo os dentes.

— Talvez porque confessei estar apaixonado e você simplesmente me afastou como se eu não significasse nada.

Ela abaixou o olhar, e quando voltou a erguê-lo seus olhos estavam úmidos.

— Eu estou magoando você, Alê. É isso que eu faço. Eu erro. Eu magôo as pessoas. Eu constranjo quem não deveria. Meu pai tinha razão quando afirmava que eu não prestava.

A menção ao pai dela me fez lembrar o maldito pedaço de papel alojado em meu bolso, contudo a revelação dele podia esperar. Não tive coragem de acrescentar mais lenha àquele fogo de pura dor.

Meus pés tomaram o espaço entre nós, e levei seu rosto entre minhas mãos.

— Por favor, não vá por esse caminho, querida — soprei. — Você é melhor do que todos eles juntos.

— Você não pode afirmar isso — Ela me empurrou até estarmos separados um braço-comprimento. — Não conhece o meu coração.

— Mas conheço o meu. E ele pertence a você.

Ela me encarou com um olhar sofrido. Doloroso.

— Você não deveria me amar, Alejandro. Será que não vê? Droga! — Ela virou de costas, como se não aguentasse mais olhar para mim. — Não posso mais nem ser a sua amiga, porque você estragou tudo.

— Eu estraguei tudo? — Meu tom saiu tão incrédulo quanto minha expressão.

— Sim — Ela me encarou, com lágrimas deslizando por suas bochechas. — Porque ficar perto de você agora machuca. Machuca, porque eu sei que você está sofrendo. Machuca, porque você diz que me ama, mas eu jamais serei sua. Nós somos de mundos diferentes, Alejandro. — Ela fez uma pausa, e eu percebi que estava segurando minha respiração. — Talvez fosse melhor que você voltasse para Madrid.

— O quê? — Parecia ter areia na minha garganta.

Ela levantou um ombro.

— Tenho certeza que será a melhor decisão. Eu não posso continuar magoando você. Não é justo.

Foda-se! Eu agarrei-a pela nuca e reivindiquei sua boca, enrolando minha língua na dela de modo que ela não pudesse escapar tão facilmente.

Ela era minha.

Impulsionado por puro instinto, eu aprofundei minha posse de sua boca até que ela estava gemendo na minha língua. Eu seria amaldiçoado se aquela fosse a última vez que eu pudesse sentir o sabor dela.

Antes que o beijo se tornasse algo que nenhum de nós pudesse se afastar, Blue tirou meus lábios dela.

Abri a boca, para um possível protesto para fazê-la vir à razão, mas ela pressionou um dedo contra meus lábios.

— Não se incomode em discutir. Você não vai ganhar essa, Alejandro.

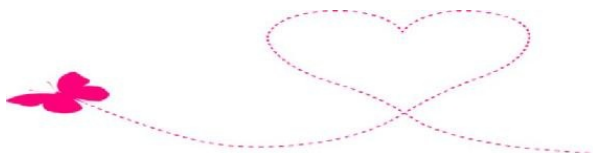
Segundos intermináveis se passaram, enquanto nos encarávamos.

Cecílie se aproximou e, eu sabia que ela estava tagarelando alguma coisa, mas nem eu e nem a Blue, parecíamos nos importar com qualquer coisa além de nós dois.

Além da nossa dor.

Eu precisava ir embora antes que eu não pudesse. Antes que os olhos lacrimejando e lábios trêmulos tornassem impossível que eu seguisse em frente. A fraqueza era a ruína dos apaixonados, porque me vi inclinando-me outra vez sobre ela, apenas para depositar um último beijo em seus lábios doces. Foi casto e sutil. E, eu pude sentir o gosto salgado de suas lágrimas.

Num surto de coragem, eu lhe virei às costas.



— Está tudo bem com você e minha irmã? — Veio a pergunta da Cecílie, no silêncio sufocante daquele carro. — Senti muita tensão entre vocês dois.

— Não aja como se isso incomodasse você, Cecílie. Ambos sabemos que você é uma vadia sem coração — falei, sem me incomodar em tentar ser sutil. Naquele momento, eu não estava me importando com mais nada.

Ao contrário do que eu imaginei, ela não se ofendeu, mas soltou uma risada sonora.

— Você tem razão. Mas não me culpe por tentar ser gentil.

Rolei os olhos.

— Guarde sua gentileza para o otário do seu noivo, porque ao que tudo indica, ele vai precisar de cuidados.

— Aaaaah... agora entendi toda a sua revolta — disse ela, espantada. — A Amálie contou, não é?

Virei minha cabeça na direção dela. Minhas sobrancelhas arqueadas tentando entender onde ela queria chegar.

— Contou o quê? Do que você está falando?

Ela me ofereceu um sorriso sinistro.

— Ela pretende cuidar dele durante a recuperação — respondeu. — Como enfermeira, e parte da família, ela achou melhor que fosse ela. — Deu de ombros, como se aquilo não fosse nada demais.

Como se aquilo não ferisse ainda mais o meu ego.

Como se não inflasse um pouco mais a ira nas minhas veias.

— Sabe, Alejandro, eu não consigo entender o porquê um homem como você ainda está preso a uma mulher tão baixa como a minha irmã. Por que, olhe pra você... atraente, inteligente e rico. Pode ter a mulher que quiser.

Não falei nada.

— Honestamente, mais cedo quando você usou de força contra o Valentim, quebrando a mão dele, eu achei aquilo incrível.

Sacudi a cabeça.

— Você é doente, garota.

Ela riu.

— Nada disso. Eu apenas luto por aquilo que quero. Sou capaz de passar por cima de quem for preciso para conquistar meus objetivos.

De soslaio, encarei seus olhos perigosos.

— E seu objetivo da vez é seduzir o namorado da sua irmã — Não foi uma pergunta.

— Ambos sabemos que vocês não namoram de verdade.

Arregalei os olhos quando deixei de mirar a estrada e encarei seu rosto completamente.

— Quem disse isso?

O sorriso diabólico estava lá, me dando boas-vindas.

— Ah, querido, não adianta me dar esse olhar — disse, tranquila. — Eu escutei uma conversa aqui e outra ali... sei que a Amálie contratou você para estar aqui, fingindo ser namorado dela. Mais um motivo para que acredite em

mim quando afirmo que ela ainda ama o Valentim. Trazer você com ela apenas me mostra uma tentativa ridícula de tentar fazer ciúme nele. Será que não enxerga isso?

Irritado, eu joguei o carro no acostamento e freei de modo abrupto.

— Wou! Eu gosto de uma adrenalina, mas também prezo pela minha vida, cara.

Suspirei, e encostei a testa contra o volante. A raiva de toda aquela situação estava me deixando sufocado e exausto psicologicamente.

Não tinha sido dessa forma que imaginei passar aqueles trinta dias.

— Finalmente está conseguindo entender, né? Eu realmente sinto muito, porque sei que ela o seduziu da mesma forma que fez com Valentim.

Virei a cabeça na direção dela e a analisei. Ela era tão bonita quanto a Blue, mas apenas por fora. Porque por dentro, ela era uma mulher ruim. Maldosa e invejosa.

Sem que ela percebesse, eu peguei meu celular do bolso e acionei o gravador.

— Não seja mentirosa, Cecílie. Não diga que sente muito, porque está na cara o quanto você se satisfaz com a desgraça da sua irmã.

— Assim, eu me sinto ofendida.

Dei risada. Em seguida, me ajeitei no banco, com minhas costas contra o encosto, dando a ela uma visão melhor do meu peitoral.

— Não há ofensa quando a verdade é dita, querida. Você odeia a sua irmã, o que há de mal nisso, hun? Nada.

— Você acha? Porque, às vezes, eu me condeno por isso. Na verdade, eu a invejo pela coragem dela, sabe? Porra! Ela sempre enfrentou meu pai contra todas aquelas loucuras dele, coisa que eu nunca fui capaz.

— Mas eu pensei que você gostasse de ser a queridinha do papai — zombei. — Pensei que você meio que disputava com sua irmã... por atenção, por amor, por mérito...

Vi quando ela se empertigou no lugar, também se recostando no banco.

— No começo era, porque era divertido. Não podíamos brincar com outras crianças, porque meu pai não deixava. Então, eu não tinha nada para fazer, além

de me divertir à custa do sofrimento da minha irmã.

— E depois?

— Por que estamos falando disso? — Ela retrucou, em seguida, inclinou o corpo, com os olhos em meus lábios. — Eu acho que podíamos aproveitar esse momento de maneira mais prazerosa, hun?

Virei o rosto para impedi-la de me beijar, contudo ergui a mão até sua nuca. Eu não queria desestimulá-la, mas também não estava a fim de permitir que aquela loucura fosse tão longe.

— Oh, querida, eu sei o quanto você está louca para dar essa boceta pra mim, mas não tenho certeza se isso não será apenas como uma forma de se vingar da sua irmã. Não me leve a mal, mas é meio brochante.

Suas mãos embrenharam-se em meus cabelos, e aceitei quando ela me beijou, mas me esquivei de sua língua. Apenas um selinho aqui e outro ali.

— Alejandro, eu odeio a Amálie, mas não é por isso que quero transar com você.

— Não? — estimulei, enquanto acarinhava seu rosto. Ela negou. — E quanto ao Valentim?

— Valentim serviu apenas para me mostrar o sexo. Eu não tinha mais ninguém, e ele era o único a estar ali. Então o seduzi. Não foi tão difícil... — riu, como se estivesse contando uma piada — A verdade é que transei com ele para poder sair de casa, mas infelizmente eu acabei engravidando e minha mãe descobriu. Eu sempre odiei a minha família. Sempre odiei toda essa merda de igreja. Puta que pariu! Eu sonho com a ideia de sair sem rumo pelo mundo, sabe? Descobrir coisas novas, experimentar coisas ilegais e, claro, transar muito.

— Ah, você quer transar?

Ela assentiu, lambendo os lábios.

— Quero transar com um cara por noite, ou com vários de uma vez só. Quero ser a puta que meu pai tanto teme ter na família... — de repente, ela começou a rir descontrolada. — Ele é tão hipócrita. Eu ia adorar ver a cara dele, aliás, eu ia adorar ver a cara de todo mundo quando descobrissem sobre minha gravidez; quando descobrissem que toda essa ideia de casamento se deu para abafar...

— Para abafar o quê? — insisti quando ela se calou.

Levei o rosto na dobra do seu pescoço, beijando sua pele enquanto uma das mãos apertava sua cintura. Eu queria continuar seduzindo-a de modo a estimulá-la a falar mais.

— Eu descobri que meu pai mantém um caso com a mãe do Valentim — respondeu, rindo. De repente, seu riso foi abafado por um gemido de prazer quando mordeu seu queixo. — Eu ameacei contar para todos e depois ir embora, mas no fim acabei descobrindo que estava grávida. De que adiantaria minha liberdade com uma maldita criança nos braços? Então ambos me convenceram a casar com o idiota do Valentim.

— Com que condição? Já que sua intenção, desde o começo, era sair de casa.

— Depois que o bebê nascesse, eu poderia ir. Meu pai disse que tentaria conseguir um bom dinheiro para que eu pudesse viver minha vida da maneira que eu tanto sonhei, e bem longe daqui.

Eu estava chocado.

Meu peito pareceu sufocado pela dor e decepção que certamente Blue sentiria quando descobrisse tudo aquilo. Tudo começou a fazer sentido naquele momento... aquela quantia exorbitante que o velho exigiu de mim foi justamente para poder calar a filha. Aproveitou a oportunidade para me extorquir na intenção de poder cobrir seus podres lá na frente.

Parei de gravar, porque já tinha o suficiente.

Na verdade, eu estava quase vomitando diante de tantos absurdos.

Com mãos trêmulas, eu voltei a ligar o carro.

— Vai me levar para um lugar mais sossegado?

Fingi um sorriso.

— Você verá. — Foi a única resposta que eu fui capaz de dar.

Decidi manter-me calado pelo restante do trajeto, porque não tinha certeza se conseguiria me controlar. Quando Cecílie percebeu que eu não tinha intenção de levá-la para outro lugar, ela ficou possessa.

Estacionei o carro em frente à casa dela.

— Eu pensei que estávamos nos entendendo. É sério que ainda prefere aquela vadia da minha irmã?

Peguei-me respirando fundo, enquanto fechava meus próprios punhos.

— Nem em seus mais profundos sonhos, você chegará aos pés da sua irmã. Sabe por quê? Porque a sua essência é podre. Você é da mesma laia do seu pai, querida. — Me afastei, e abri a porta do carro. — Além disso, eu não costumo transar por caridade. — Pisquei, maroto.

Infelizmente minha estadia ali havia chegado ao fim, e meu coração doía com o fato de que teria que voltar para casa... sozinho.



Capítulo 16

Blue

Eu tinha acabado de sair do hospital e tinha pedido um taxi. Passei longos minutos, pensando e repensando sobre a situação em que eu havia me metido. Aliás, pensar estava sendo a única coisa que eu vinha fazendo de melhor nos últimos dias.

Desde criança, eu me imaginava vivendo um amor de causar suspiros; daqueles que nos faz realizar loucuras. E, eu pensei que tivesse encontrado na época. Entretanto, momentos atrás, ao analisar o Valentim naquele leito de hospital, eu cheguei à conclusão de que não poderia ter estado mais enganada. O que ambos vivenciamos no passado foi algo ilusório, vazio. O homem que imaginei que ele fosse não existia, e foi essa a minha real decepção. Porque eu o idealizei como nos meus sonhos e acabei vivendo um pesadelo.

Honestamente, eu nem sequer sentia raiva dele, porque Valentim não era o culpado pelas minhas expectativas altas em relação ao amor. Ambos nos usamos: eu para sentir o prazer de ser amada de verdade, e ele para sentir o prazer da carne.

Ali, dispersa naqueles pensamentos, eu me condenei pela minha sorte de merda. Eu havia experimentado tantas coisas, durante aqueles anos; tinha vivido tantos amores diferentes; uns leves e outros intensos. Entretanto, nenhum tinha tido a capacidade de me desarmar tão bem quanto Alejandro foi capaz. E, ele foi o único que eu tentei evitar. E isso não era justo.

Fechei os olhos por um momento, permitindo que a imagem dele viesse em meus pensamentos... Alejandro era tão lindo. Tão surpreendentemente incrível em todos os sentidos que eu, às vezes, custava a acreditar.

Ao vê-lo no hospital, momentos antes, eu quis ceder aos meus sentimentos. Era irônico que eu sempre tivesse lutado para que minhas emoções fossem libertadas, mas agora estava obrigando meus sentimentos a se sufocarem no meu peito. Contudo, eu não poderia agir diferente... Alejandro era um empresário bem sucedido e de um coração enorme. Merecia uma mulher que estivesse à altura dele. Não eu.

Droga! Olhar para ele com aquela camisa preta de mangas longas que enfatizava a amplitude dos seus ombros e braços e seu abs perfeito, me obrigou a

conter o impulso de me pressionar contra ele, para envolver-me em seu calor e cheiro delicioso. Eu quis confessar-lhe todo o meu amor.

Que meu coração também pertencia a ele.

Meu celular vibrou, indicando a chegada de uma nova mensagem. Era da Luna.

Luna: Saudades. Como estão as coisas?

Mordi os lábios, pensando no que dizer. A verdade é que as coisas estavam muito ruins, e eu não fazia ideia de quando meu coração se reconstruiria. Resolvi mentir.

Eu: Está tudo bem, Luna.

A resposta veio quase imediatamente.

**Luna: Não minta, Blue, porque conheço você melhor do que ninguém.
Anda, desembucha.**

Se minha situação não estivesse tão caótica, eu daria risada da perspicácia da minha amiga.

Suspirei, antes de mandar o próximo texto.

Eu: Terminei com Alejandro, e mandei-o embora.

No minuto seguinte, ela me ligou.

— Você enlouqueceu, Blue? — Luna praticamente gritou quando atendi.
— Por quê? Por favor, diz que você conversou com ele sobre seus sentimentos.

Esfreguei o rosto, ciente da minha derrota.

— O que há de errado, Blue? Você está com dúvidas? Não que eu veja Alejandro como um estúpido, mas eu, como amiga, preciso perguntar: Ele agiu como um maldito cretino? Por acaso, eu preciso acabar com ele?

— Não — Não controlei a risada. — É na verdade o oposto. Ele disse que está apaixonado por mim.

Houve um silêncio momentâneo.

— E isso é algo ruim? Não entendi.

— Pelo amor de Deus, Luna. Acorda! Estamos falando de mim e de toda a minha carga de merdas. Eu não posso trazer isso para a vida perfeita dele.

— Não que eu esteja dando crédito para toda essa palhaçada, mas o que ele disse a respeito? Porque isso é um absurdo, Blue. Você é uma mulher íntegra, linda e tão digna quanto qualquer outra.

— Eu vi a ex-namorada dele, Luna. A mulher é tão maravilhosa que eu cheguei a ficar sem ar, sabe? Não há como disputar contra àquilo. Caramba! Os dois tiveram uma história linda, que foi quebrada apenas porque ela teve que mudar de cidade.

— É, eu sei. David comentou a respeito dela esses dias, mas eu estava esperando que você me contasse. É uma tal de Nádia, né?

Meus lábios se tornaram uma linha rígida.

— Se o David já sabe do retorno dela, então Hugo também sabe. É sinal de que Alejandro mencionou para eles. É óbvio que ele sentiu algo, Luna. Eu não sou idiota. Eu mesma vi o entrosamento dos dois.

— Não precipite as coisas, Blue. Não há dúvidas de que ele contaria aos irmãos, ora. Pelo que entendi a garota foi importante para todos eles. Mas isso não significa que Alejandro ainda a ame. E, caramba, Blue! Ele confessou estar apaixonado por você. Por você! Não procure desculpas para colocar barreiras. Você já fez isso por anos. O amor te assusta, mas não deveria ser assim. Permita-se, minha amiga.

Abri a boca para respondê-la, mas o taxista parou em frente à casa dos meus pais.

— Eu preciso desligar agora, Luna. Ficarei bem. Eu prometo.

Antes de desligar, ela se preocupou em utilizar mais argumentos para me convencer a respeito da minha vida amorosa, eu apenas assenti, porque na verdade não sabia o que fazer ou falar.

Guardei o celular na bolsa e paguei pela corrida. Depois segui na direção da porta de entrada. Estava tão desnorteada que não prestei atenção se o carro do Alejandro estava na garagem. Pensei em retornar para conferir, mas a presença da minha mãe me parou.

— Está chegando agora, querida?

Eu sorri, sem jeito. Ainda não me sentia a vontade perto dela.

— Sim. Tive que aguardar até que a mãe do Valentim chegasse ao hospital, porque ele não podia ficar sem acompanhante.

— Foi seu namorado quem quebrou a mão dele? — Assenti, pensando que ela falaria alguma coisa sobre o Alejandro, mas me enganei. Ela riu. — Daria tudo para ter visto essa cena, filha.

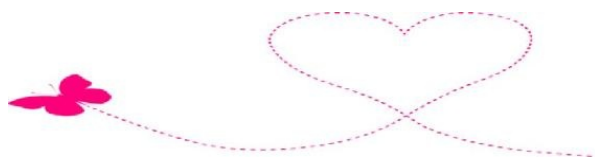
Arregalei os olhos, cobrindo a boca com uma das mãos.

— Mamãe! Que malvada.

— Apenas vivo para ver os “maus” pagarem, filha. Só isso. Venha... — ela me puxou pela mão —, vamos tomar um chocolate quente. Quero ouvir algumas das suas histórias.

O espanto no meu rosto logo foi coberto pela surpresa.

E a surpresa deu lugar para o amor.



Perdi totalmente a noção do tempo enquanto conversava com a mamãe; foi como se tentássemos compensar em horas, o que perdemos em anos. Era impossível. Mas eu acreditava que poderíamos criar novos momentos. Novas memórias.

Carregando um sorriso nos lábios, eu abri a porta do quarto.

— Alejandro? — chamei.

Fechei a porta atrás de mim, em seguida, rastreei o quarto em busca de qualquer sinal de que ele tivesse estado ali, mas não encontrei. Fui até o banheiro, mas o mesmo também estava vazio.

— A mala não está mais aqui — comentei quando me dei conta daquele detalhe.

Não!

Peguei meu telefone para ligar para ele, mas vi algo sobre a cama que me fez pausar o movimento.

Arrastei meu corpo sobre o colchão e de repente me vi diante de uma carta com meu nome no verso.

“Blue, eu e você sabemos o quanto esse momento foi inevitável. Entretanto, eu imaginei que você estaria retornando comigo. Ao contrário do que você pensou, eu aceitei toda essa loucura por você. Para estar com você. Porque eu queria conhecê-la de verdade. E, eu não poderia ter feito escolha melhor na minha vida, querida, porque você é uma mulher incrível. Apaixonante. Divertida. Todos os seus esforços para me manter longe foram em vão, porque apenas serviram como um imã. Eu quis você ontem. Quero você hoje. E vou continuar querendo amanhã. Sabe, por quê? Porque eu a amo. E isso não é algo que pode ser mudado ou concertado. O sentimento existe e vai continuar existindo mesmo que você não queira.

Voltar para Madrid não significa que eu desisti, Blue, mas que me obriguei a fazer por você. Porque você precisa aprender a lutar suas batalhas, meu amor. Precisa aprender a se levantar por si mesma, e eu apenas estava estragando as coisas, exigindo de você algo que ainda não está pronta para me dar, mas que eu sei que está aí... eu sinto!

Eu sinto muito pelo que você vai descobrir, mas eu espero que você consiga entender, de uma vez por todas, onde é o seu lugar. Onde é sua verdadeira casa.

Junto dessa carta, há um pedaço de papel contendo uma anotação. É a letra do seu pai. E esse foi o valor em dinheiro que ele tentou extorquir de mim para que eu me casasse com você. Basicamente, ele tentou vendê-la, querida. E não pareceu sentir qualquer remorso diante dessa barbárie.

Eu realmente sinto muito, porque isso deve estar sendo duro e, eu queria muito estar ao seu lado agora para cobri-la com meus braços. Mas sei da sua força, Blue. Por favor, use-a.

Abra seu laptop. Deixei um presentinho para você.

Mesmo que não acredite, eu amo você. E estarei esperando o seu retorno, você gostando ou não, tigresa!”

Eu estava engasgada quando terminei de ler. Minhas cordas vocais estavam congeladas e uma dor aguda atingiu meu peito e o centro da minha alma, por suas palavras. Eu estava prestes a quebrar. Era iminente, o caroço dolorido na minha garganta. Uma queimadura horrível atrás de meus olhos.

Trêmula, eu abandonei a carta e avistei o pequeno papel mencionado por ele. As lágrimas desceram em abundância quando reconheci a letra do meu pai.

Meus olhos estavam embaçados e minha respiração entrecortada quando passei a me dar conta do quão estúpida eu tinha sido.

Eu pisquei os olhos e pisquei de novo... então pisquei um pouco mais, e tentei engolir para limpar minhas cordas vocais. A quantidade de zeros era exorbitante, e tive vontade de vomitar.

Por que meu pai me odiava tanto assim? Meu pulso estava pulsando nos meus ouvidos e adrenalina correu através de mim rápido demais. Eu estava tonta com tudo aquilo.

Eu estava completamente desesperada para tentar agradá-lo. Eu estive disposta a mudar alguns hábitos para agradá-lo. E para quê? Por que alguém faria algo tão baixo? Porra, tão cruel? Que tipo de pai é capaz disso?

Talvez um que não ame.

E ali estava... a realidade que eu não queria enxergar. Aliás, que eu jamais quis enxergar. Eu amava sozinha.

Sempre amei... sozinha.

Passei as mãos em meu rosto para enxugar as lágrimas. Em seguida, me levantei e peguei meu laptop. De momento, eu não mexi nele. Estudei o equipamento como se ele fosse uma espécie de quebra-cabeças. A verdade é que eu estava com medo do que encontraria ali.

Depois de longos minutos, eu abri o aparelho. Alejandro havia deixado o aplicativo de som aberto, então eu apenas apertei o play sobre o arquivo selecionado.

Era uma gravação.

Não imaginei que pudesse sofrer mais.

A voz da Cecílie se misturava com a de Alejandro, mas o teor da conversa estava me embrulhando o estômago. Quanto mais eu ouvia, mais irritada eu ficava.

Minha mente me fez voltar para um par de anos atrás, quando éramos crianças. Eu sempre tentando me esforçar para que nos déssemos bem. Para que ela se sentisse confortável. Para que se sentisse amada. Por vezes, cheguei a levar a culpa por ela, porque era exatamente isso que as irmãs mais velhas faziam... como eu estava errada.

Como eu fui burra.

Enquanto apertava o replay pela quinta ou décima vez, já tinha perdido as contas, eu só conseguia pensar em apenas duas coisas, que rondavam minha mente.

Eu *precisava* desmascará-los.

E precisava que o momento fosse *épico*.



Capítulo 17

Alejandro

Fazia pouco mais de dez horas que eu tinha retornado a Madrid, mas sentia como se meu espírito ainda estivesse na República Checa com a Blue. Foi uma decisão difícil, considerando que eu sabia o quanto ela sofreria depois que tudo viesse à tona. Entretanto, foi necessário. Apesar de toda força expressada por fora, Amálie era frágil por dentro.

Era como uma rosa envolta em seus espinhos.

Obviamente que mesmo apreciando a forma como eu mexia com ela; eu ainda sentia medo. Medo de não ser correspondido. Medo de não conquistar o coração dela, como ela conquistou o meu, mesmo não querendo.

Eu sempre fui um homem aberto para o amor, embora houvesse crescido no meio de uma união de mentira, já que meu falecido pai não foi capaz de cumprir os votos que fez a minha mãe no dia do casamento deles. Por um tempo, eu me vi sem uma base sólida, perdido em minha própria bagunça emocional. Era difícil ter que aprender sozinho. Foi difícil não ter me tornado um canalha com as mulheres depois de ter presenciado somente isso do meu pai. O homem que deveria ter sido o meu guia, mas que acabou se transformando num exemplo claro do que eu não deveria ser. Em algo que eu não deveria seguir.

Recordava-me que em uma das últimas conversas que tive com minha mãe, antes de ela falecer, nós falamos sobre o amor. Sobre a esperança. E sobre o perdão. Na época, eu não lhe dei ouvidos, porque eu estava com raiva.

De tudo.

Do meu pai.

Da mulher que foi amante dele.

Do mundo.

Eu demorei a enxergar, contudo, eu vi. Minha amada mãe queria que eu entendesse a grandeza daqueles sentimentos, assim como ela conseguiu entender antes de partir. Mesmo depois de tudo, ela foi uma mulher nobre o suficiente para perdoar, e encontrou refúgio no sentimento que tanto lhe feriu. No amor.

E foi exatamente o que eu fiz. Concentrei-me em tornar-me um homem

íntegro. Honrado. Capaz de dar felicidade para uma mulher. E, eu me orgulhava disso.

Dispersei meus pensamentos quando cheguei em casa depois de uma longa corrida matinal. Estranhei a presença de carros na minha garagem, mas reconheci como sendo dos meus irmãos. Eu era o único que morava num bairro afastado, porque preferia o silêncio da natureza ao barulho da cidade.

Assim que cheguei à varanda, eu abri a porta e fui presenteado com o som das vozes dos meus familiares.

— Ele chegou, gente! — Lea exclamou quando me viu. Abri os braços para recebê-la quando a mesma se aproximou de mim, eufórica.

— Eu não estava esperando por essa invasão — confessei, brincando, enquanto depositava um beijo na testa dela recebendo um sorriso lindo como resposta.

— A ideia foi do Hugo, eu juro — ela disse, nervosa.

Eu estava suado da corrida, e ansioso por um banho e um bom descanso.

No próximo instante, Hugo surgiu no meu campo de visão, juntamente com David e Luna com o pequeno Romeu nos braços.

— Qual de vocês dois têm uma cópia da minha chave? — intimei, rindo enquanto recebia-os com um forte abraço.

— Não sei do que você está falando — David respondeu, fingindo um ar inocente. Em seguida, enlaçou minha nuca com a mão e esfregou meus cabelos. — Sentimos sua falta, irmão.

Sorri, emocionado.

Hugo fez a mesma coisa, puxando-me para si.

— Você não avisou que viria antes do tempo — reclamou.

— Pois é, Alê, nós ficamos sabendo pela Blue — Luna complementou.

Olhei para ela, em alerta.

— Quando você falou com ela? Ela falou de mim?

Meus irmãos bagunçaram meus cabelos, debochando do meu desespero.

— Vá tomar um banho, primeiro — Hugo disse. — Depois, você nos conta o que aconteceu, e também poderá fofocar a respeito da sua amada com a Luna.

— Trouxemos algumas guloseimas para tomarmos um delicioso café em família. — Lea se aproximou de mim, passando a mão nas minhas costas. Seu sorriso me cativou. Trouxe sua mão aos meus lábios e beijei, sentindo-me agraciado.

Fui até a Luna e me inclinei para poder dar um cheirinho no meu sobrinho, que dormia serenamente nos braços dela.

— Nossa, como ele cresceu durante esse tempo que fiquei fora. — surpreendi-me. — Está cada dia mais lindo. A sorte que puxou a você, cunhada.

David me cutucou, e eu ri.

Deixei-os conversando enquanto corria para o banheiro a fim de tomar um banho.



Quando retornei para a cozinha, todos estavam à mesa, conversando e rindo.

— Ainda não entendi como conseguiram entrar na minha casa — falei em tom leve, enquanto puxava uma das cadeiras vagas. — Isso foi invasão, vocês entendem o significado disso, não?

— Em minha defesa, eu, como irmão mais velho, preciso ter passagem livre na casa de vocês — disse Hugo. — Além disso, eu gosto da ideia de ter um refúgio para quando a Lea estiver naqueles dias e quiser chutar meu traseiro.

A risada foi espontânea.

— Acho que ela não precisa necessariamente estar naqueles dias para querer chutar sua bunda, irmão — David brincou, arrancando uma gargalhada da Lea.

— Ah, que engraçadinho, você. Tão cheio de piadinha, né? Homem das pernas moles.

Não controlei a risada. Infelizmente, para o azar do David, o desmaio dele no parto do filho ficaria eternizado entre nós.

Tanto Hugo quanto eu, nos esquivamos de algo que ele jogou na nossa direção.

— E, então? Conte-nos sobre suas férias. — Luna perguntou depois de algum tempo.

Levei a xícara de café à boca, pensando no que dizer.

— Você deve saber como é a família da Blue, Luna. Eles são horríveis. Horríveis com ela.

Passei os próximos minutos narrando as diversas situações para eles; obviamente ocultando detalhes que não precisavam ser expostos, entre Blue e eu.

— Eu juro que quis bater nela quando ela me contou que mandou você embora, Alejandro — Luna comentou.

Romeu começou a chorar, então ela se levantou e foi até a sala, para atendê-lo. Fui atrás dela.

— Mas está na cara que ela está com medo. Depois do Valentim, ela nunca mais se permitiu amar de novo.

Sentei-me ao seu lado no sofá, e aceitei quando a mesma me ofereceu o pequeno Romeu. Ajeitei aquele pedacinho de gente em meus braços enormes.

— Eu acho que ela se sentiu intimidada com a Nádia, porque a mudança veio depois — falei, pensativo. — Estávamos numa boa sintonia, e eu estava sentindo que finalmente seguiríamos para a próxima etapa, sabe? Blue é uma mulher irritantemente teimosa e continua insistindo em me afastar mais e mais.

— O que você sente pela Nádia? Alguma coisa a Blue deve ter notado, Alejandro, porque não é possível que seja tudo loucura da cabeça dela.

Esfreguei meus dedos sobre a pequena mãozinha do Romeu, sorrindo quando ele agarrou meu polegar.

— Garanto que é tudo loucura da cabeça dela, Luna. Você sabe que aceitei ir até lá com ela, apenas para tentar conquistá-la, porque já vínhamos nesse lenga-lenga, há meses. Sou um homem decidido e, extremamente, consciente do que quero para minha vida. E, eu quero a Blue. É ela que eu vejo ao meu lado no futuro. Somente ela e mais ninguém.

O sorriso enorme enfeitando os lábios dela, me fez ter certeza que aquela era a resposta que ela esperava de mim.

— Então, meu amigo, eu sinto dizer, mas você ainda tem um longo caminho pela frente para convencê-la de que isso é real. De que ela é

merecedora do seu amor.

Inspirei fundo, assentindo com a cabeça.

— Eu sei. Não estou disposto a desistir ainda. — Ergui o Romeu, trazendo seu rosto na direção do meu nariz, deleitando-me com seu cheirinho gostoso.

— Não desista, porque Blue sempre colocou a teimosia na frente das emoções e sentimentos. Mas ela ama você, Alê. Ela mesma disse isso para mim.

Arregalei os olhos diante daquela revelação. Meu coração passou a martelar no meu peito num misto de alegria e susto.

Abri a boca para falar, mas acabei hesitando com a interrupção dos meus irmãos e da Lea, que decidiram se juntar a nós.

— Já sabe quando pretende voltar ao trabalho, Alê? — Hugo perguntou, querendo tirar o Romeu dos meus braços, mas não deixei.

— Na próxima semana. Por quê? Estão fazendo muita merda sem mim, hun?

Ambos riram.

E assim passamos uma boa parte da manhã, entre risos e conversas animadas. Eu pude me esquecer, por um momento, a saudade que sentia da minha *tigresa*.



Já era noite, e eu estava em minha sala, com meu laptop na mão, tentando me reiterar das últimas negociações e contratos, quando minha campanha tocou. O relógio marcava 22hs quando verifiquei. Franzi o cenho, mas num instante de esperança, eu peguei meu celular a fim de ver se havia recebido alguma mensagem ou ligação da Blue. E se talvez ela finalmente tivesse tomado uma atitude?

Animado, eu quase corri até a porta, mas não consegui evitar o desapontamento quando me deparei com quem eu menos esperava... ali, sorrindo graciosamente para mim.

— Alejandro.

— Olá, Nádia.



Capítulo 18

Blue

Enquanto analisava a cena, parada em um dos cantos daquela sala, eu fazia minha mente voltar para alguns dias atrás.

Depois que, finalmente, enxerguei a verdade sobre os meus, eu relutei comigo mesma para não escancarar tudo de uma vez. Ao invés disso, eu decidi agir friamente. Usei os dias que antecediam o casamento para planejar.

E, eu planejei.

Aproveitei cada oportunidade que tive para atuar diante deles. Meu pai pensava que Alejandro precisou sair às pressas por causa de um problema urgente na empresa, mas que voltaria a tempo para a cerimônia. Ele sequer disfarçava o desejo de receber o valor que exigiu. Ele sequer fazia um esforço para que eu acreditasse que se preocupava comigo.

Mas, felizmente, meu coração já não doía mais. Consegui entender que meu lugar não era ali e nem nunca foi. E que eu apenas insistia em algo que jamais existiu:

Lar.

Família.

Com ressalvas, minha mãe — que embora se acovardasse naquele comodismo — deixou claro o seu amor por mim. Entretanto nem mesmo isso me acalentava. Meu coração havia se fechado.

Enquanto assistia minha irmã se preparando para seu casamento, que aconteceria dentro de pouco menos de uma hora, eu me perguntava o sentido de toda aquela farsa; questionando-me como que aquelas pessoas conseguiam serem tão hipócritas umas com as outras.

— Você está linda, querida. Valentim ficará encantado quando vê-la entrando na igreja — disse uma das mulheres que estavam no quarto.

— Amálie, querida, não fique aí no canto. Aproxime-se.

Todas elas olharam para mim e, eu me esforcei para sorrir. Eu já estava pronta, usando um vestido longo de renda vermelha que terminava abaixo dos joelhos. A gola dele era no ombro e as mangas eram compridas. Apesar de me

sentir sufocada, o vestido era bonito.

— Fiquei sabendo que seu namorado não poderá vir. Isso significa que você ficará sem par, querida.

— Ah, mas tenho certeza que esse detalhe ficará ofuscado com toda a beleza da minha amada irmã — falei, sorrindo e fixando os olhos em Cecílie, através do reflexo do enorme espelho. — Olhem só para ela... parece um verdadeiro *anjo*.

Nenhuma delas percebeu o sarcasmo por trás das minhas palavras, mas Cecílie notou.

— Amadas, vocês podem me deixar sozinha com a minha irmã, por favor? Quero conversar um pouquinho com ela.

Não demorou até o quarto esvaziar, sobrando somente nós duas. Assim que a porta se fechou atrás da última mulher, Cecílie se virou para mim.

— Você precisa se esforçar mais, irmã, porque está dando para notar a sua frustração com meu casamento. Eu sei que sua vontade era estar no meu lugar, mas não tenho culpa que o Valentim preferiu a mim.

Dei risada, enquanto esquadrihava o corpo dela, que estava sentada numa cadeira em frente a uma penteadeira de madeira antiga.

— Eu não estou incomodada com seu casamento, Cecílie, mas com as suas escolhas — respondi. — Você sempre escolheu ser má comigo, mesmo que minha mão estivesse estendida.

Ela riu, sacudindo a cabeça.

— Não seja cínica, Amálie. Ambas sabemos que você pouco se importava comigo, sequer parecia se lembrar que tinha uma irmã. Sua preocupação era apenas em chamar a atenção do nosso pai com sua rebeldia sem fim. O que você queria, hein? Uma fã incondicional?

— Eu queria uma irmã, Cecílie. Uma irmã que me amasse.

— Não, você não queria. Porque eu sempre estive ali, mas você preferiu priorizar suas vontades, não?

— Nada do que eu fiz ou deixei de fazer tinha a ver com você, Cecílie — defendi-me. — Você mais do que ninguém sabe a infância rígida que tivemos e, eu nunca aceitei o absurdo daqueles ensinamentos.

— É, eu sei que você não aceitava. Não aceitava, porque mesmo novinha

já queria dar a boceta por aí — rugiu.

Arregalei os olhos, assustada com sua explosão. Entretanto, o choque logo passou dando lugar ao entendimento.

— Eu nunca fui a razão do problema, não é mesmo? — Ela me encarou, confusa. Aproximei-me um pouco mais, e comecei a passar o dedo em seus ombros. — O problema era a minha coragem. A coragem que você não teve e ainda não tem, porque é uma fraca. Até engravidar daquele fracassado do Valentim, você engravidou, porque além de fraca é burra.

— Cala a boca!

Dei risada enquanto me afastava dela.

— O que foi? Falei alguma mentira? — continuei provocando. — Eu tentei, Cecílie. Eu juro que tentei entender você, mas isso é impossível, porque está além da minha compreensão. Você me excluiu da sua vida gratuitamente, ousei afirmar que fez isso por pura diversão. Porque você é má.

Levantando-se, ela alinhou o vestido de noiva.

— Não tente dar uma de coitadinha pra cima de mim, porque não vai rolar, Amálie. Você é tão falsa quanto seu namoro com aquele espanhol. O que foi? — Seus olhos malignos estavam nos meus. — Perdeu o tal poder de sedução para lidar com os homens? Agora precisa pagar para ter alguém ao seu lado, irmã? Que coisa triste, tsc tsc...

Meu sangue ferveu nas veias e, eu tive que me segurar para não agarrá-la pelos cabelos ali mesmo. Ela não tinha o direito de mencionar o Alejandro, não quando passei todos aqueles dias controlando minha fúria perante a certeza de que ela tentou ir pra cama com ele diante do meu nariz.

— Triste é a sua vida, Cecílie. Pois ela é uma total mentira. — Baixei os olhos, suspirando baixo. — Você diz que me odeia, mas a verdade é que odeia a si mesma, e esse sentimento transformou você numa farsa. Uma mulher traiçoeira, incapaz de medir esforços quando o objetivo é fazer mal para alguém.

— A única farsa aqui é você, Amálie. Caramba! Você decidiu contratar um homem para fingir um relacionamento. O que você queria provar com isso? Que não era a vadia que todos viram sair daqui?

Eu sorri, embora tentasse disfarçar o quanto suas palavras me feriram.

— Eu demorei a perceber, mas agora sei que não preciso provar nada para

ninguém. Eu sou o que sou, e não preciso me envergonhar disso. Diferente de você, que é um demônio por trás dessa carinha de anjo. — Caminhei na direção da porta. — Me diga uma coisa, irmã: Qual seria a reação das pessoas lá fora se descobrissem a vadia sem coração que você é? Será que você seria apedrejada como a Maria Madalena?

Pela primeira vez desde o início da nossa conversa, eu vi que sua presunção deu uma balançada. Ela ficou com medo.

— O que está querendo dizer com isso?

Sacudi a cabeça. Em seguida, abri a porta.

— Espero você lá fora, querida irmã. — Pisquei.

Deixei o quarto sob seus protestos desesperados.



Depois da cerimônia na igreja, Cecílie pareceu relaxar. A todo o momento, enquanto o padre realizava a cerimônia, ela olhava para mim, de soslaio, como se estivesse esperando qualquer ataque meu. Fiz minha melhor expressão de paisagem, e parabeneizei os noivos assim que o padre declarou-os marido e mulher.

A festa estava sendo realizada na casa dos pais do Valentim, porque o espaço do terreno era muito maior, então abrangeeria uma boa quantidade de convidados. Naqueles últimos dias, eu me preocupei em participar ativamente dos preparativos, porque queria ter certeza que tudo saísse conforme os planos.

Os *meus* planos.

— Poderia ser eu e você.

Assustei-me com o som daquela voz atrás de mim. Virei a cabeça e me deparei com Valentim, me encarando, enquanto bebia uma taça de champanhe. Ele ainda estava usando a tipóia por conta do ferimento na sua mão.

Aquele detalhe me fez lembrar o Alejandro, contudo expulsei aquele pensamento para um compartimento da minha mente o qual poderia ser aberto em outro momento.

— Eu concordo — falei. — Pena que você foi um maldito covarde e

decidiu me abandonar a própria sorte.

Meu braço foi segurado por ele quando tentei me afastar.

— Mas eu tentei, Amálie.

— Não adianta chorar depois que o leite foi derramado, Valentim. Sua atitude já tinha me destruído em pedaços, então não havia mais o que fazer.

— Amálie...

— Você escolheu engravidar e se casar com a minha irmã — cortei suas palavras inúteis. — Agora aprenda a conviver com suas escolhas.

Dizendo isso, eu me afastei. Olhando ao redor, notei que alguns conversavam animadamente, enquanto uma banda tocava uma música calma no palco improvisado. Aproveitei aquele momento para agir.

Aproximei-me do técnico de som, e entreguei a ele um *flash drive*, explicando, por alto, o que ele deveria fazer quando eu desse o sinal. Sorridente, eu subi no palco, pedindo desculpas para o vocalista da banda ao me apropriar do microfone. Assim que a música parou, alguns reclamaram, mas um a um passou a me dar atenção total. De onde estava, eu pude notar um desespero evidente nos olhos da Cecílie.

— Boa tarde, caros convidados — falei, abrindo um sorriso. — Como madrinha da noiva, eu me senti na obrigação de vir aqui explicar algumas palavras em comemoração a esse dia tão especial. Bom, eu poderia iniciar esse discurso dizendo o quanto sou orgulhosa da minha irmã; poderia dizer que ela é uma pessoa incrível, amável e fiel com todos ao seu redor... — pausei, olhando para cada rosto expectante diante de mim — Seria fácil dizer que somos amigas, somos irmãs e que carregamos no coração um amor único e condicional. — Naquele momento, meus olhos estavam nela. — Cecílie, eu queria dizer que você significa tanto para mim que chega a ser difícil explicar com palavras todo amor que sinto por você. Você é a pessoa que eu mais confio no mundo, e aquela que sempre procuro para desabafar. Você me apóia em todas as situações, e é ao seu lado que vivo os melhores momentos. Nunca haverá distância ou qualquer circunstância capaz de nos separar, pois nossa ligação é muito forte e eterna. — Me calei quando o silêncio foi quebrado por fortes aplausos. Cecílie foi abraçada por Valentim, e algumas pessoas resmungaram algumas palavras a ela, provavelmente emocionadas diante do meu discurso. — Todavia, nada disso é verdade, meus caros amigos. — Fiz uma expressão, fingida, de pesar. — Infelizmente, eu tenho a pior irmã do mundo. Muitos não sabem, mas tive um

envolvimento com o Valentim no passado...

— Amálie! Desça já daí — sibilou meu pai, aproximando-se do palco.

Eu ri.

— Meu pai me expulsou de casa, senhores. Isso mesmo! Ele me expulsou de casa, porque me pegou transando com o Valentim. — O alvoroço foi geral, mas continuei: — Na época, ele alegou que eu o envergonhava como filha, e que se eu gostava de viver como uma mulher promíscua, então que fizesse isso longe dos olhos dele. — Dei risada. — Mas vejam só a ironia... A minha amada irmã, a doce Cecílie está grávida. — Observei o espanto nos olhos de todos. — Mas nosso pai não a expulsou como fez comigo, pelo contrário, ele a acolheu. E quanto a mim? Fui jogada aos lobos.

— Amálie...

— Por muitos anos, eu me condenei internamente por não ter sido capaz de fazê-lo se orgulhar de mim, meu pai, mas finalmente consegui perceber que o senhor não ama ninguém. Não ama a mim. Não ama a minha mãe. Nem mesmo ama a Cecílie, que é uma vadia.

— Já chega, Amálie! Pare agora — Dessa vez foi a Cecílie quem me interrompeu. — Não consegue ver que está fazendo papel de idiota? As pessoas estão comentando. Pelo amor de Deus, irmã, eu sinto muito que você não consegue aceitar que o Valentim tenha me escolhido. Por favor, aceite isso e vá ser feliz.

Gargalhei, chocada com o poder que ela tinha de manipular as situações ao seu favor.

— Valentim escolheu você? Será que foi da mesma maneira que você escolheu se jogar pra cima do meu namorado? — Olhei para o técnico de som, que estava abobalhado com toda a cena, e dei o sinal para que ele apertasse o play.

O áudio, gravado pelo Alejandro, foi ao ar, para o pavor de Cecílie.

“— Valentim serviu apenas para me mostrar o sexo. Eu não tinha mais ninguém, e ele era o único a estar ali. Então o seduzi. Não foi tão difícil... — ri, como se estivesse contando uma piada — A verdade é que transei com ele para poder sair de casa, mas infelizmente eu acabei engravidando e minha mãe descobriu. Eu sempre odiei a minha família. Sempre odiei toda essa merda de igreja. Puta que pariu! Eu sonho com a ideia de sair sem rumo pelo mundo,

sabe? Descobrir coisas novas, experimentar coisas ilegais e, claro, transar muito.

— Ah, você quer transar?

— Quero transar com um cara por noite, ou com vários de uma vez só. Quero ser a puta que meu pai tanto teme ter na família... — de repente, ela começou a rir descontrolada. — Ele é tão hipócrita. Eu ia adorar ver a cara dele, aliás, eu ia adorar ver a cara de todo mundo quando descobrissem sobre minha gravidez; quando descobrissem que toda essa ideia de casamento se deu para abafar...

— Para abafar o quê?

— Eu descobri que meu pai mantém um caso com a mãe do Valentim — respondeu, rindo. — Eu ameacei contar para todos e depois ir embora, mas no fim acabei descobrindo que estava grávida. De que adiantaria minha liberdade com uma maldita criança nos braços? Então ambos me convenceram a casar com o idiota do Valentim.

— Com que condição? Já que sua intenção, desde o começo, era sair de casa.

— Depois que o bebê nascesse, eu poderia ir. Meu pai disse que tentaria conseguir um bom dinheiro para que eu pudesse viver minha vida da maneira que eu tanto sonhei, e bem longe daqui.”

Eu estava quase vomitando, mas o sorriso de triunfo estava em meus lábios.

— Não há como explicar o inexplicável, não é mesmo, irmã? — Ela estava pálida.

— Que porra é essa, Cecílie? — questionou Valentim. — Você tentou dar a boceta para aquele filho da puta?

Enquanto eles discutiam, eu voltei a entoar minha voz pelo microfone.

— Debaixo de cada mesa espalhada pelo lugar, eu tomei o cuidado de deixar um envelope, preso por uma fita — expliquei, ignorando o alvoroço entre meus familiares e os de Valentim. — Dentro do envelope, vocês verão fotos da prova de que meu pai, o pastor da igreja da maioria que está aqui, é um infiel e adúltero. Demorei a conseguir pegá-los no flagra, mas fui paciente. — Sorri para meu pai, que me encarava com ódio nos olhos. — Espero que cada um que

compareceu a esse casamento de mentirosos, tenha aprendido que as aparências enganam. — Rasguei as mangas do meu vestido, expondo algumas tatuagens. — É mais fácil julgar isso... — aponte para os desenhos — mas garanto que há muitos lobos em pele de ovelhas. Como vocês mesmo acabaram de presenciar.

Meu peito estava sufocado. Abandonei o microfone e tentei deixar o palco, mas meu pai se atravessou no meu caminho.

— O que você fez? — rugiu.

Cecílie veio logo atrás, fulminando-me com os olhos inchados, devido ao choro.

— Você acabou com a minha vida, sua vagabunda.

— Tecnicamente eu lhe fiz um favor, irmã. Agora você poderá libertar, finalmente, a vadia que existe dentro de você. E agora sem reservas. — Pisquei, marota.

— Você está merecendo uma surra como antigamente, Amálie — meu pai sibilou, entre dentes.

— Não ouse tocar um dedo na minha filha, Konrád, ou essa será a última coisa que você fará, porque me encarregarei disso, pessoalmente — ameaçou minha mãe, surgindo na minha frente e me protegendo com seu corpo.

— Mas o que é isso, mulher? Que falta de respeito é essa com o seu marido?

— Eu me recuso a continuar sendo casada com um marido adúltero. E me recuso a continuar abaixando a cabeça para suas atitudes absurdas. Já chega!

— Mamãe... — tentei acalmá-la, mas ela simplesmente me pegou pela mão e nos tirou dali. — Mamãe? — insisti.

— Você precisa sair agora, querida. Precisa sair de casa, porque não confio em nenhum deles.

Ela parecia fora de si, então me obriguei a frear os passos, quando já estávamos bem longe do alvoroço.

— Mamãe, por favor, me escute. — Ela também parou e, finalmente me encarou. — Acalme-se. Está tudo bem. — Sorri, puxando seu corpo para um abraço apertado. — Não se preocupe.

Seus braços me apertaram com força, enquanto ela cheirava meus cabelos.

— Estou muito orgulhosa de você, querida. Obrigada por ser tão forte. Obrigada por abrir meus olhos.

Afastei meu rosto, e com os olhos úmidos, encarei os dela, igualmente molhados.

Não havia mais palavras.

Ela estava ali por mim, e sempre esteve.



Capítulo 19

Alejandro

Eu sei que tinha dito que manteria distância; sei que falei que daria o espaço que a Blue precisava, mas os planos precisavam ser mudados. Principalmente, porque já fazia quase uma semana desde que ela tinha retornado a Madrid, e estava ignorando todas as minhas tentativas de contato.

Eu não estava pronto para desistir ainda.

Os últimos dias estavam sendo difíceis, porque pela primeira vez, desde muito tempo, eu não conseguia me concentrar em absolutamente nada. Tudo parecia girar em torno da minha vida amorosa bagunçada. Da confusão que minha mente estava fazendo comigo desde que Nádia voltou e decidiu que ainda poderíamos dar certo... juntos.

Seria fácil aceitá-la na minha vida outra vez, porque Nádia sempre foi uma garota incrível em todos os sentidos. Juntos, nós vivemos os melhores momentos da minha juventude, que ficariam eternizados na minha memória. Mas bastava fechar os olhos que era o rosto da Blue que aparecia. Era com ela que eu sonhava acordado. Era o rosto dela que surgia em meus sonhos eróticos.

Eu não queria outra.

Eu não precisava de outra.

Amálie estava grudada em minha pele e em cada parte do meu ser.

Estacionei o carro em frente à casa dela no exato momento em que Luna e David estavam saindo pelo portão.

— Por favor, vá com calma, Alejandro — Ela disse assim que visualizou a expressão assassina em meu rosto.

— Eu estou há dias tendo calma, Luna. Há dias esperando por ela, pacientemente. Aí você me manda uma mensagem dizendo que ela está numa espécie de encontro com um cara na casa dela. Como você espera que eu fique calmo?

— Meu irmão tem razão, amor — David me defendeu e Luna o fuzilou.

— Não piore as coisas — ralhou com ele. Em seguida, voltou sua atenção a mim. — Eles são amigos de longa data, Alejandro. Mas eu chamei você,

porque conheço a Blue o suficiente para afirmar que ela está tentando esquecer o que vocês dois tiveram por puro medo e teimosia. E, como melhor amiga, eu preciso ajudar de alguma forma. Então, por favor, vá e faça minha amiga entender o quanto você a ama. Vocês dois merecem viver esse amor.

Aceitei quando ela me puxou para um abraço.

— Desejo sorte.

— Obrigado, cunhada. — Beijeí sua cabeça.

David socou meu ombro, piscando maroto.

— Boa sorte, irmão.

Sorri, devolvendo o soco em seu braço.

Afastei-me deles e me encaminhei para a porta de entrada. Aguardei até que Luna e David fossem embora — já que eu não estava a fim de platéia — e apertei a campainha. Para minha surpresa, quem atendeu foi o tal acompanhante dela. Sem esperar nem mais um segundo, eu agarrei-o pelo colarinho da camisa brega e, em seguida, arrastei seu corpo para o lado de fora.

— Se manda!

Blue surgiu, espantada ao se deparar comigo.

— O que é isso?

— Eu quem pergunto, querida. Porque até dias atrás, nós éramos namorados. Você sabe que eu não gosto de dividir.

Ela ficou muda por alguns instantes.

— Blue, você quer que eu chame a polícia?

Franzi a testa e me obriguei a desviar o olhar.

— Você ainda está aqui, cara?

Ele tentou me agredir, mas consegui desviar e o surpreendi quando girei seu corpo de modo a repousar meu braço direito abaixo do seu pescoço, forçando-o contra sua traquéia.

— E agora, valentão?

— Já chega, Alejandro! Solte-o agora. — Blue começou a me estapear e, rindo, eu acabei soltando aquele idiota.

Assisti, tranquilo, enquanto ela o dispensava, pedindo desculpas pelo

ocorrido, mas garantindo que eles se encontrariam em outro momento.

— Para o seu próprio bem é melhor que não volte mais aqui, cara. Eu me tornarei a sua sombra e garantirei que você não tenha paz nem mesmo durante o banho — falei em tom ameaçador.

— Alejandro! — Blue se desesperou, mas eu apenas dei de ombros, sorrindo inocentemente para ela, que me fulminou com seu olhar.

Depois de mais alguns minutos, ela se despediu do idiota e tentou passar por mim e fechar a porta na minha cara, mas eu não permiti. Ao invés disso, eu forcei minha entrada e fechei a porta atrás de mim.

— Não ouse tentar me deixar para fora, *tigresa*...

— Você não tinha o direito de ter feito aquilo, Alejandro — rosnou, e eu enlacei sua cintura, grudando seu corpo delicioso no meu.

Nossas bocas ficaram bem próximas.

Ela estava com uma maquiagem bem leve e usava um vestido justo, mostrando todas aquelas curvas que vinham perturbando meus sonhos há dias.

— Diga que não tenho o direito novamente.

Ela tremeu em meus braços, mas continuou teimando comigo.

— Você não tem o direito.

Então eu a apertei um pouco mais, esfregando-me contra ela, desavergonhado.

— Repita.

— Você não tem o direito.

Joguei-a contra a parede e ouvi seu gemido baixo. Levei a boca perto do seu ouvido.

— A sua boca parece não ter qualquer acordo com seu corpo, porque ele está me dando todos os sinais de que sim, eu possuo todos os direitos aqui, querida.

Deslizei minhas mãos em seus quadris e num impulso, eu a peguei no colo.

Guiei-nos, por puro instinto, até a cozinha espaçosa. Deixei-a sentada em cima da bancada central do cômodo. Estendi a minha mão, espalmando seu quadril.

— Senti saudades... — gemi.

Ela colocou sua mão em um dos lados do meu rosto, e meu coração começou a bater loucamente. Batendo e vibrando.

— Alejandro, nós não deveríamos... nós... — ela sussurrou alguma tentativa de me fazer parar.

— Na verdade, nós não deveríamos ficar longe um do outro, querida — Minhas palavras saíram roucas quando apertei a parte externa da sua coxa e a puxei mais perto da beirada.

Seus lábios entreabertos chamaram a atenção dos meus e não resisti à tentação de lambê-los.

Saboreá-los.

Quase morri quando ela deixou escapar um gemido, perdida em suas próprias sensações.

— Viu? Você não tem nada com que se preocupar, *tigresa* — murmurei contra sua boca, e ela gemeu novamente, seus dedos presos na pele dos meus ombros. Beijei-a um pouco mais profundo, e aquela doce língua deslizou contra a minha.

Ela agarrou meu cabelo, enquanto meus dedos arrastavam-se para a parte superior de sua coxa descendo para a lateral. Esfreguei meus dedos ao longo da borda da renda que ela vestia.

Um gemido e, ela me mostrou que não estava mais interessada em tentar resistir, enquanto eu estava empurrando a sua calcinha de lado, expondo sua boceta, que era tão deliciosa quanto o resto dela. Molhada e latejante. Passeei meus dedos por sua fenda, circulando em torno de seu clitóris inchado, meus olhos nunca abandonando seu rosto.

— Alejandro...

— Sim? — Eu respondi. Com a mão livre, agarrei seu joelho e enganchei seu calcanhar na borda da bancada, brincando com ela o tempo todo, antes de dois dos meus dedos estarem mergulhados dentro do poço quente de seu corpo. Suas paredes apertaram, latejantes e necessitadas. Comecei a fodê-la com meus dedos.

Ela gritou quando eu puxei meus dedos para fora, e então vi seus olhos vidrados quando ameacei levá-los para sua boca. Como uma boa menina, ela

abriu os lábios e, então mergulhei os dedos lambuzados em sua boca.

A safada chupou todos até limpá-los.

— Deliciosa e ousada do jeito que eu gosto.

Ela gemeu. O som vibrou em torno dos meus dedos, e eu retirei-os. No mesmo segundo, eu estava segurando a parte de trás do seu pescoço e puxando-a para mim. Beije-a enquanto meus dedos voltaram ao trabalho, deslizando profundos e certos, porque porra, não deixaria aquela casa sem levar aquela mulher à loucura como ela estava me levando.

Ela engasgou quando de repente, eu me abaixei e abri mais suas pernas. Retirei sua calcinha e, em seguida, lambi de cima a baixo. Seu clitóris. Sua bunda. Todo o resto.

Suas mãos agarraram meu cabelo, e não pude deixar de sorrir. Ela estava me guiando para seu clitóris.

— Por favor. Aqui... Eu preciso de você aqui.

Lambi e chupei enquanto ela continuava a sussurrar palavras incoerentes.

Sua própria tentativa de clamor.

Eu impulsionei meus dedos dentro dela, deixando a minha outra mão passear na fenda da sua bunda, onde eu já estive algumas vezes.

A atmosfera mudou ao nosso redor.

Blue gozou com um grito. Com os dedos enrolados no meu cabelo. Com seu coração louco e sua respiração forte.

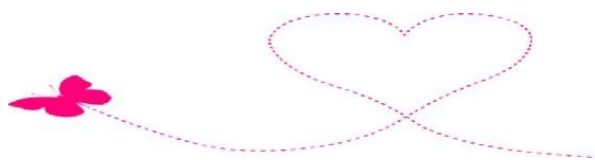
Ela caiu para frente.

Tremendo.

Sem forças.

De pé, eu deslizei um braço sob suas pernas e outro sob suas costas, e, cegamente, eu a levei para seu quarto.

Por todo o caminho, eu rezava para que ela não me pedisse para parar, porque, porra! Meu pau estava todo animado para brincar.



Sentando-me na cama, eu olhei através do jogo de sombras do lado de fora da janela, onde a luz da lua lentamente violava o céu.

Depois do que tinha acontecido entre Blue e eu, eu esperava que ela encontrasse segurança em mim, porque estava cansado de enxergar aquele tormento em seus olhos.

Eu queria compreendê-la.

Desejava que ela abraçasse os sentimentos que cresciam entre nós.

De forma constante.

Avidamente.

Eu tinha visto isso na nossa primeira vez em Český Krumlov, República Theca, emergindo em meio à tempestade nos seus olhos, descamando aquelas muralhas que ela construiu em torno de si e caindo livre para o outro lado.

Ela continuou me permitindo ir mais e mais profundamente, abaixo daquelas camadas que lutavam para permanecer ocultas, mas ainda assim, parecia continuar fugindo.

— Espero não ter estragado a sua noite com aquele idiota — comentei, virando a cabeça na direção dela, que estava nua e esparramada na cama com aquela satisfação sexual no olhar. — Embora minha ideia houvesse sido exatamente essa.

Ela gargalhou, enquanto se ajeitava de lado.

— Não ia acontecer nada, Alejandro. Ele era somente um amigo.

— Nós também éramos amigos.

Sua testa franziu quando eu disse aquilo.

— Nunca fomos amigos. Você sempre me deixou ciente de que queria me levar para cama, e eu sempre lutei para resistir.

— Analisando por esse lado... — ponderei, rindo.

Ela me puxou para voltar a deitar com ela.

— Não pense que o sexo de agora mudou alguma coisa — lembrou. — Eu ainda não acredito que formamos um casal.

Ignorei o quanto sua afirmação me enervou e magoou ao mesmo tempo, e resolvi perguntar a respeito de sua família.

— Afinal, como foi o casamento?

O suspiro que ela deu, a princípio, me assustou, mas conforme ela começou a narrar os detalhes de tudo o que aconteceu, eu não consegui frear a força do meu sorriso. Nunca me senti tão orgulhoso de alguém.

— Eu queria ter estado lá para aplaudi-la de pé — falei, jogando meu corpo pra cima dela, e beijando seus lábios. — Como você se sentiu?

— Ah, na hora eu fui movida pela adrenalina da raiva, então não senti o baque de tudo aquilo — explicou. — Mas, honestamente, depois me senti muito mal, Alê. Comecei a me questionar: Será que eu deveria ter feito realmente tudo aquilo? Sei lá, talvez eu devesse apenas ter ido embora sem causar toda aquela repercussão.

— Nada disso. Você não fez aquilo, querida, eles fizeram. Entendeu? A culpa não é sua. Você nunca teve culpa de nada. — Ela assentiu, sorrindo e me encarando com aquele olhar intenso. — E a sua mãe?

O sorriso se alargou um pouco mais.

— Estamos em contato direto agora — respondeu, eufórica. — Ela disse que expulsou meu pai de casa, já que o imóvel sempre foi dela, que herdou do meu avô, pai dela. Parece que ele tentou fazer aglomerado, mas ela chamou a polícia e, ele acabou aceitando a decisão. Minha mãe se mostrou ser mais forte do que eu pensei que seria, Alejandro. A única coisa que está deixando ela preocupada é o sumiço da Cecílie.

— Sua irmã sumiu?

Ela assentiu.

— Sim. Ela simplesmente abandonou tudo e a todos. Sumiu no mundo.

— O que você acha disso?

Vi quando ela inspirou profundamente.

— Ah, eu acho que era exatamente isso que ela queria, sabe? Explorar tudo o que foi negado a nós quando éramos pequenas. Apesar de sermos unidas apenas pelo laço sanguíneo, eu torço por ela. Torço para que ela consiga encontrar a felicidade que sempre almejou.

Meu coração estava vibrando e batendo insanamente apaixonado. Eu toquei seu rosto, sem nem mesmo tentar conter o sorriso que tomava conta do meu rosto.

— Você é uma mulher simplesmente maravilhosa.

Ela riu, depositando os braços ao redor do meu pescoço. Sua boca logo tomou a minha, como se não conseguisse controlar o desejo.

A fome.

Contudo, eu precisava manter o controle ali. Porque eu ainda não tinha vencido a guerra, apenas uma batalha.

Pensando nisso, eu me afastei e voltei a me sentar.

— Quero lhe fazer um convite, Blue.

— Que tipo de convite?

— Uma das ONGs pelo qual sou o principal embaixador organizará um evento a fim de angariar mais fundos para os diversos projetos que temos. Contudo, eu não quero comparecer desacompanhado.

Ela negou na mesma hora, mas eu argumentei:

— Você precisa retribuir o favor, Blue, já que decidi acompanhá-la até sua cidade natal.

Seus olhos semicerraram na minha direção.

— Isso não é justo, Alejandro.

Sentou-se também.

— O que não será justo é você me deixar ir sozinho. Esses eventos são chatos e são cheios de mulheres insuportáveis querendo ser fodidas.

Ela riu, embora sacudisse a cabeça pelo meu comentário rude.

— Eu até posso aceitar ir, mas não acho que me enquadro nisso. — Gesticulou. — Vestido de gala. Minhas tatuagens e piercings.

— Uma porra que não! Você é linda e se enquadra em qualquer lugar.

— Você não ficaria com vergonha dos engravatados me analisando e se perguntando de onde você me tirou?

Sorri, me inclinando sobre ela, forçando seu corpo novamente contra o colchão.

— Não tenho motivos para sentir vergonha de você, e ficarei mais do que feliz que eles fiquem imaginando coisas a seu respeito, mas será ao meu lado que você estará. E, acredite, eles pensarão em tudo, menos de onde você veio,

querida.

Uni nossas bocas num beijo lascivo não dando brecha para que ela viesse com suas malditas objeções.

Ao descer meus lábios por seu pescoço, ela disse, sem fôlego:

— Eu nem mesmo tenho uma roupa apropriada — queixou-se.

— Não se preocupe, porque faço questão de escolher o vestido ideal, *tigresa*.

Arrastei a língua por sua pele e voltei para sua boca, mordendo seu queixo no caminho. Nos encaramos com intensidade.

— Você tem certeza?

— A única que tem dúvidas aqui é você, Blue — murmurei. Em seguida, empurrei seu corpo nu para cima antes de me ajeitar sobre ele com o meu. — Além disso, eu exijo que você refaça suas mechas azuis nos cabelos. Eu quero você do mesmo jeitinho de quando a conheci. Livre. Totalmente livre.

— Você está muito exigente para meu gosto — sussurrou.

Afastei suas pernas com as minhas e, em seguida, eu a penetrei de uma vez só. Puta que pariu! Aquele era meu lugar preferido em todo mundo.

— Não é errado exigir aquilo que é meu, Blue. E, lá no fundo, você sabe que pertence a mim. Assim como eu pertenço a você, querida.

Inclinei a cabeça para reivindicar sua boca da mesma maneira que reivindicava seu corpo com investidas famintas, fortes e rápidas.

Eu ainda não estava pronto para desistir dela.

Não estava pronto para desistir de nós.



Capítulo 20

Blue

— Acalme-se, Blue.

— Quem disse que eu estou nervosa? — contrapus, analisando meu rosto enquanto me maquiava. A penteadeira de cor branca trazia um amplo espelho com luzinhas em volta.

— Você irá sair com o Alejandro e veio se arrumar aqui na minha casa, Blue, então é óbvio que você está nervosa.

Mordi os lábios, percebendo que ela estava certa. Meu reflexo no espelho me mostrava uma mulher forte, mas não era a mesma por dentro. Terminei de passar a sombra nos olhos e virei para encarar a Luna, de pé, na minha frente. Ela estava me encarando, séria, enquanto balançava o Romeu, que me encarava igualmente sério. Até parecia um complô contra mim.

— Você sabe como eu me sinto em relação a toda essa coisa com o Alejandro, Luna. — Me levantei, retirando o robe e revelando minha semi-nudez para ela, já que eu estava com apenas uma lingerie de renda branca. Fui até a cama, onde estava a caixa com o vestido comprado por Alejandro. — Olha o vestido que ele quer que eu use. — Mostrei para ela. Ele era um modelo preto, curto e justo com gola. E havia um detalhe de cordão no busto deixando o decote extremamente ousado.

— Foi ele quem comprou?

Assenti.

— Chegou hoje pela manhã lá em casa — complementei, enquanto me preparava para vesti-lo. — Eu me sentirei ridícula ao lado dele, Luna. Até imagino as chamadas das manchetes amanhã, ridicularizando um dos maiores CEOs de Madrid.

— Blue, eu não entendo o problema. O vestido é lindo e ficará ainda mais lindo em você, que é uma mulher autêntica e perfeita do jeitinho que é.

Rolei os olhos, mas não disse nada. Luna e nem ninguém entendia o meu dilema interno. Ao invés disso, eu virei para frente do espelho, verificando meu visual completo dessa vez. Apesar de ser acostumada a usar roupas extravagantes e ousadas, eu nunca me senti tão desconfortável quanto naquele

momento com a expectativa de sair com Alejandro. Meus cabelos destacavam-se por causa das mexas azuis, que foram renovadas com sucesso.

— Não entendo porque ele continua insistindo em mim, sendo que a ex-namorada está na cidade — falei mais para mim mesma.

Luna fez um som estranho, forçando-me a me virar para ela. Seu olhar me dizia que ela achava que eu era louca.

— Segura o bebê — exigiu, oferecendo o pequeno Romeu na minha direção. Franzi o cenho, mas acabei pegando o menino nos braços. De repente, Luna apontou o dedo indicador contra mim, furiosa comigo. — Olha só, já chega dessa mania de se auto-rebaixar, entendeu? Antes de o Alejandro ser um CEO fodão, ele é um homem, Blue. E é um homem como todos os outros, e que ama você do jeito que você é... — apontou para meu corpo — com todas essas tatuagens lindas e sinistras e sensuais. Então pare de usar isso como desculpa, porque já perdeu a graça. Está chato. Ou você quer ficar com ele, ou não quer, minha amiga. E pelo pouco tempo que conheço o Alejandro, eu sei que ele não vai esperar por muito tempo.

Pisquei, e só então notei que estava chorando.

Droga!

— Pronto — ela disse, nervosa com meu estado. — Agora devolva o Romeu para mim e vá se recompor. — Em seguida, ela se preparou para sair.

Eu ainda estava trêmula e muda quando ela se virou, antes de deixar o quarto, e disse:

— Você é minha melhor amiga, Blue, e quero somente o melhor para você. É meu dever tentar tirar a venda dos seus olhos.

Abri a boca para falar, mas acabei hesitando e, ela saiu, me deixando sozinha com meus pensamentos conflitantes.

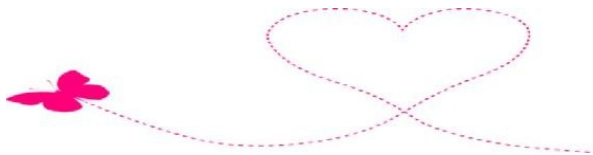
Desde que Alejandro apareceu na porta da minha casa, uma semana atrás, ele decidiu não me dar sossego. O homem era insistente, dominante e doce. Exigindo meu prazer repetidamente. Meu corpo foi reivindicado. Meu coração foi reivindicado.

Embora eu não precisasse das ligações ou mensagens para me lembrar dele, já que sua essência estava gravada em cada célula do meu ser. Sua imagem assombrava minha mente em sonhos e até mesmo quando eu estava acordada; o som da sua respiração e dos seus gemidos estavam em meus ouvidos até quando

eu estava trabalhando, tomando banho, pensando, dormindo...

A verdade era que amá-lo havia se tornado uma obsessão e, ao mesmo tempo, uma realidade do que eu não poderia ter. Porque era algo inalcançável.

Suspirando para me acalmar, eu me virei novamente para o espelho. Precisava limpar aquela bagunça de lágrimas borradas no meu rosto.



— Com todo respeito, Blue... mas você está perdida — David soltou, assim que surgiu na sala. — Quando meu irmão colocar os olhos em você, você estará em apuros. Comece a rezar, querida, porque você está acabada.

— Pare com isso, David — Luna ralhou, rindo.

Eu também ri, tentando esconder a emoção que me pressionava. Um pulsar que latejava e vibrava, apenas com a promessa do que eu sabia do que Alejandro era capaz de fazer comigo em todos os sentidos.

— Você está maravilhosa. Maravilhosa — Luna disse com pura convicção nas palavras. — Você merece isso. Merece essa felicidade. Merece ser amada. Merece aquele homem. — Cada palavra que saía da boca dela era leve e recheada de amor e carinho.

Eu queria tanto conseguir acreditar. Odiava aquela parte feia em mim que estava envolta em dúvida. Acontecia que, inseguranças antigas eram difíceis de largar.

— Luna... — eu mal tinha aberto a boca para falar, quando minha atenção foi para a porta de entrada com a chegada de Alejandro.

Céus! Ele me deixava sem ar.

— Puta merda! — Ele exclamou, olhando diretamente para mim. O som de sua voz arrepiou minha pele e causou calafrios por todo meu corpo.

— Ainda duvida de que você seja a única apaixonada aqui? — Luna sussurrou.

Eu queria encontrar minha voz, mas ela simplesmente me abandonou quando aquele homem lindo, sexy e bem vestido começou a caminhar na minha direção, atirando-me infinitas promessas eróticas através do olhar. O homem era

tão poderoso... tão bonito, que eu tinha dificuldade para raciocinar.

— Você está mais linda do que achei ser possível — disse com um tom de voz afetado, embora lutasse para manter certo distanciamento, já que não estávamos sozinhos. Uma de suas mãos tomou a minha, levando aos lábios para, em seguida, depositar um beijo demorado. Os olhos nunca deixando os meus.

Pigarreei:

— Obrigada.

Depois disso, ele entrelaçou nossos dedos e nós nos despedimos de Luna e David. Seguimos para fora da casa deles, em silêncio. O que permitiu que meu tormento pessoal viesse à tona sem a minha permissão. O medo de não conseguir fazer aquilo. De falhar antes mesmo de ter a chance de começar.

Mas o choque reprimiu quando Alejandro caminhou comigo até o carro e me apoiou contra o veículo. Todo o distanciamento que ele tentou usar se dissipou. Em seu lugar estava o mesmo homem atraente que me puxava e me provocava desde o dia que eu o conheci.

— Ei! — Olhei para ele, tentando decifrar o que estava em seus olhos.

Fome.

Desejo.

Adoração.

Fiquei parada quando ele deu um passo para trás apenas para me analisar com calma. Sua mão subiu para resvalar às pontas dos dedos na minha pele desnuda, medindo cada movimento; cada reação minha com seus olhos atentos.

— Você não faz ideia do quanto está linda, Blue. Está esplêndida nesse vestido, que destacou cuidadosamente suas curvas e todos esses desenhos que eu acho sexy pra caralho. E esse cabelo? Porra! Você acabou de foder com meu juízo.

Sorri, embora por dentro estivesse em chamas.

— Você acha que vou chamar a atenção?

Minha voz mergulhou naquela provocação, e ele suspirou, tenso. Suas duas mãos estabeleceram-se acima da minha cabeça. Ele se aproximou, prendendo-me ao carro. Ele girou minha mente, o calor dele incendiando cada pedaço do meu corpo e da minha alma. Puta que pariu. Ele era demais. Devastador, esmagador e irresistível.

Quando ele falou, sua voz soou grossa e um pouco rude.

— Mais do que eu gostaria — confessou com uma pontada de possessão.

Não consegui pensar sobre suas palavras, porque sua boca logo estava na minha. Meu coração acelerou e minha respiração tornou-se artificial como sempre acontecia quando eu estava nos braços dele.



O local escolhido para o evento era enorme o bastante para acomodar muitas pessoas e, certamente, todas que estavam circulando por aquele salão tinham suas carteiras recheadas.

Assim que eu e Alejandro colocamos os pés no lugar foi como se um projetor houvesse sido acionado diretamente nas nossas cabeças, porque todas as atenções se focaram na nossa chegada. E por mais que Alejandro mantivesse um dos braços ao redor da minha cintura, eu não conseguia sentir-me segura naquele meio luxuoso.

— Estão todos olhando para nós, Alê, e isso está me deixando ainda mais nervosa — confessei, baixinho.

— Eles estão encantados com você, Blue, que é a mulher mais exuberante do evento — sussurrou, inclinando a cabeça para poder falar no meu ouvido. Um riso fraco tremulou em meus lábios e, virei a cabeça para encarar seu lindo rosto. Mordi o lábio inferior e isso fez com que Alejandro apertasse os dedos em minha cintura, arrancando-me um suspiro. — Juro que estou tentando não pensar em seus lábios em volta de mim agora, Blue.

Arquejei, mas não tive tempo de revidar a provocação, porque fomos interrompidos.

— Boa noite, González. É uma satisfação imensa tê-lo conosco — disse um homem, igualmente vestido com requinte.

Alejandro aceitou seu cumprimento, apertando a mão dele.

— E espero que a maioria que esteja aqui hoje, possa nos alegrar com uma generosa contribuição — Ele brincou, fazendo o homem robusto sorrir. Seus olhos não disfarçavam o interesse em mim, então Alejandro me apresentou, com orgulho. — Essa é Amálie.

— É um prazer conhecê-la, querida — ele disse, beijando o dorso da minha mão. Fiquei constrangida quando seu olhar parou na rosa negra tatuada entre meus seios, visível, graças ao detalhe dos cordões do vestido.

— Obrigada — Foi a única coisa que consegui dizer.

Percebendo que eu estava pouco a vontade, Alejandro pediu licença e nos afastou.

— Estou com a sensação de que serei comida viva — murmurei, quase claustrofóbica, e Alejandro riu.

— Essa sensação não poderia estar mais certa, porque será exatamente isso que farei com você, *tigresa*. — Sua boca repousou um beijo em meu pescoço.

Os próximos longos minutos, eu passei deslizando pelo salão de um lado ao outro, acompanhando Alejandro em conversas, ou melhor, tentando, já que havia assuntos que fugiam do meu domínio.

Houve momentos constrangedores, que tive que segurar meu vocabulário vil, quando duas mulheres, em ocasiões diferentes, tentaram seduzir Alejandro, mesmo comigo ao lado dele. Ficou nítido que a falta de decência não se prendia a dinheiro ou aos menos afortunados; porque o caráter não podia ser comprado. Ou você tem, ou não tem.

— Eu garanto a você que os dados dos gráficos são impressionantes, González. Honestamente, será um ótimo investimento, porque o retorno virá em questão de meses.

— E o mercado é abrangente? — Alejandro perguntou.

Estávamos sentados diante de uma das mesas, e Alejandro estava entretido numa conversa que girava em torno de negócios milionários. Não que eu estivesse prestando atenção no teor do assunto, porque eu pouco me importava com a forma como eles gastavam ou investiam seus milhões de euros; minha preocupação estava em beber da beleza daquele homem ao meu lado.

Em observá-lo.

Tentando manter aquele sentimento retido. Tentando não ficar muito longe de mim mesma.

Mas eu podia sentir. Era exatamente para essa direção que eu estava indo quando eu escutava a maneira poderosa como Alejandro tratava de negócios. Ele

era tão inteligente quando se prontificava a explicar o seu ponto, a sua visão de determinado assunto. Toda a sua exuberância e gentileza não se restringiam apenas a um grupo seleto de pessoas, não, Alejandro era gentil com todos, até mesmo com os funcionários que estavam servindo as bebidas e o jantar. E aquilo não podia ser fingimento.

Não podia ser um personagem.

Era ele.

Ele era real.

Um homem perfeito.

E, porra...

Eu o queria.

Desesperada para sentir algum contato, eu deposei a mão sobre a coxa dele, que se retesou na mesma hora e engasgou, tossindo agressivamente. Nossa mesa estava recheada de homens com todas as idades. Eu era a única mulher entre eles.

— Toma um gole do champanhe, querido — falei, no tom mais inocente que consegui.

Os olhos dele encontraram os meus, quentes e fervorosos. Tive que controlar o desejo de esfregar minhas coxas juntas.

Assim que ele bebeu, eu aguardei que ele retornasse o diálogo e, então voltei a provocá-lo um pouco mais. Minha mão arrastou-se até sua virilha, e sem cerimônia alguma, eu me atrevi a apertar seu membro, porque foi inevitável, já que ele estava deliciosamente duro. Alejandro estava tão excitado quanto eu, e constatar aquilo apenas me estimulou a continuar com aquela provocação.

Lentamente, eu abri o zíper da braguilha. Com um pouco de dificuldade, consegui puxar aquela delícia para fora. Mordi os lábios assim que minha mão encontrou o calor de sua pele em meus dedos. Porra. Ele estava pulsando fervorosamente em meus dedos. Engasguei, sentindo minha boca salivar e minha própria excitação inundar minha calcinha.

Assegurada pelo fato de ninguém, além de nós dois, saber o que se passava debaixo daquela mesa, eu fingi que tinha deixado o meu brinco cair, apenas para poder ter a chance de abaixar e abocanhá-lo com toda a fome que eu estava sentindo. Não fazia ideia de como ele disfarçaria as sensações diante dos

outros, mas eu não podia resistir ao desejo de preencher minha boca com aquele pau suculento e repleto de veias salientes nem que por apenas alguns instantes.

Assim que eu o engoli pela terceira vez seguida, sua mão apertou meus cabelos, forçando minha cabeça um pouco mais, contudo, eu me afastei. Eu era louca, mas também era consciente de que já estávamos arriscando demais.

Com a maior expressão de inocente, eu voltei a me erguer, fingindo que estava recolocando o brinco na orelha. Não ousei disparar um olhar ao Alejandro, porque tinha certeza que ele estava puto. De repente, eu arrastei a cadeira com intenção de me levantar.

— Com licença, senhores, mas preciso ir ao toalete.

Naquele momento, todos eles se levantaram, demonstrando um cavalheirismo que jamais presenciei. Senti-me agraciada diante de toda aquela gentileza.

Nervosa e pegajosa entre as pernas, eu trilhei aquele salão o mais rápido que consegui. Eu precisava acalmar as reações quentes circulando por meu corpo.

Prestes a entrar no banheiro, uma mão forte e quente agarrou meu braço e, praticamente fui arrastada para dentro, com a porta se fechando atrás de nós.

— Mas... — me calei assim que percebi que era o Alejandro.

Ele ergueu meu vestido, em seguida, me levantou, ajeitando minhas pernas em volta da sua cintura. Seu glorioso pau esfregou-se contra minha calcinha em pura provocação e parecia desesperado por liberação.

— Porra, Blue. O que você está fazendo comigo? Fazendo-me perder a cabeça. Não tenho controle quando você está perto.

Arquejei, sentindo arrepios por todo meu corpo.

— Então estamos empatados. Porque me sinto da mesma maneira.

Ele beliscou minha boca, me beijando, balançando contra o meio das minhas pernas abertas.

— A única coisa que sei é que quero você desesperadamente. Eu quero isso desesperadamente. E quero agora.

Levando a mão para baixo, ele arrastou minha calcinha para o lado e me tocou intimamente. No auge de toda aquela loucura, alguém forçou a porta do banheiro para entrar. Ambos nos assustamos e, Alejandro pausou os movimentos

e me colocou no chão.

Trêmula, eu ajeitei meu vestido, enquanto gemia ao visualizar Alejandro chupando os dedos que estavam em mim, há poucos segundos, como se fosse um doce muito saboroso. Seu olhar era tão safado que tive que segurar o desejo de gemer feito uma gata no cio.

Rindo e sussurrando sacanagens um para o outro, decidimos abrir a porta, imaginando que a mulher que tivesse tentado entrar já tivesse desistido, porque seria constrangedor encontrá-la do outro lado, esperando, já que Alejandro estaria saindo dali ao meu lado.

Contudo, nada me preparou para encontrar Nádia do lado de fora. Seu olhar, assim que ela nos viu foi tão chocado quanto o meu ao vê-la ali. Nos últimos dias, eu tinha evitado mencionar o nome dela, embora Alejandro também deixasse claro que não tinha o desejo de falar sobre ela quando estávamos juntos.

— Alejandro — Ela soprou, naquele tom doce e irritantemente meigo.

Tenso, ele me soltou e se inclinou para poder cumprimentá-la com um abraço rápido. Em seguida, pigarreou:

— Eu não sabia que você estaria aqui. — Ele me olhou de relance, como se estivesse mandando aquele recado para mim, para garantir que eu não pensasse coisas.

Mas era tarde demais, porque eu já estava pensando.

Especialmente enquanto analisava o vestido lindo daquela mulher e toda a sua elegância e delicadeza ruiva. O vestido era vermelho no estilo ombro a ombro; a saia era rodada, bem princesa. Deslumbrante.

—... e fui obrigada a comparecer ao evento. — Pisquei, assim que ouvi o final da frase pronunciada por ela. Forcei um sorriso quando ela me encarou.

— Bom, fiquei feliz em revê-la, Nádia — disse Alejandro, sem jeito. Voltou-se para mim. — Aguardarei você no salão, querida. — Seus lábios repousaram-se em minha cabeça.

Tanto eu quanto ela permanecemos admirando-o enquanto ele se afastava de nós e se perdia entre as pessoas do salão.

— Eu não sabia que vocês tinham algum tipo de relacionamento. — Virei na direção dela, encontrando seu olhar curioso em mim.

— Então esse é o momento em que você tenta utilizar de algum tipo de veneninho para me afastar dele? Porque está obvio para mim o quanto você ainda o ama.

Ela sorriu, mas foi um sorriso quase triste.

— Não, Amálie. — Ergui as sobrancelhas, surpresa que ela ainda se lembrasse do meu nome. — Não sou esse tipo de mulher.

— Não?

Droga!

Ela voltou a olhar para o caminho vazio, que Alejandro tinha passado instantes atrás.

— Eu apenas desejo que Alejandro seja feliz, mesmo que a felicidade dele não seja ao meu lado. Eu e ele tivemos uma história, que infelizmente teve que ser cancelada pelo destino. — Seu lindo rosto voltou a encarar o meu. — Sei que ele não me ama, porque é nítido o quanto é louco por você.

Meu coração estava em galope.

— Eu...

— Se não for para compartilhar do mesmo amor e devoção que aquele homem merece, então é melhor que você o deixe. Se não for para fazê-lo feliz, Amálie, então o liberte.

Com suas palavras, eu congelei, meu coração virando uma pedra no centro do meu peito antes de começar a bater novamente. Bater com a possibilidade.

Com a possibilidade de que ela estivesse certa.

Eu me afastei para procurar Alejandro entre aquele mar de pessoas. Mas não foi difícil encontrar seus olhos através da escuridão dos meus. O ar estava pesado ao meu redor. O medo e a devastação escritos através de mim.

— O que foi?

— Eu quero ir embora — Consegui dizer, mas antes que me afastasse, ele me segurou.

— Acalme-se, eu levo você.

Assenti, e seguimos para o lado de fora do salão. A tensão o tempo todo ameaçando me sufocar.

O silêncio no carro foi quebrado algumas vezes por Alejandro, que tentava

entender minha mudança repentina, entretanto eu ainda estava remoendo minha decisão; tentando digerir todos os meus anseios e lutando para criar coragem.

Certa de que não seria capaz de abrir a boca para falar naquele momento, eu tentei abrir a porta assim que ele estacionou o carro em frente a minha casa, mas novamente ele me impediu.

— Que porra é essa, Blue? O que eu fiz? Foi alguma coisa que eu falei? — insistiu em pleno desespero. — Eu preciso saber para poder fazer minha defesa, porra.

Meu peito ficou tão apertado que tive certeza que ia explodir.

— Foi por causa da Nádia? Olha, Blue, eu e ela não temos mais nada, entendeu? Ficou no passado. Confesso que ela me procurou assim que retornei a Madrid, mas eu garanti que meu coração é seu. Eu amo você, Blue. Você.

Ergui a mão e toquei em seus lábios, calando-o.

— Não tem nada a ver com você ou com a Nádia. Sou eu. O problema sou eu, Alejandro.

— O que está querendo dizer? Não me diga que...

— Eu não quero mais vê-lo. Não adianta insistir em algo que sei que não serei capaz de dar a você, não poderei dar o que você precisa. Caramba! Eu chupei seu pau debaixo da mesa hoje. Que tipo de mulher faz isso num evento tão importante? Alejandro, eu não sou adequada. Não sei me comportar. Quanto tempo até constrangê-lo na frente de outras pessoas?

— Esse é o maldito problema, Blue. Sua intuição não tem base. Você está indo na direção errada.

Intensa dor nasceu dentro do meu peito, e eu lutei contra a queimadura de lágrimas. Eu não queria chorar na frente dele. Mas fui impotente para detê-las.

— Talvez, mas não quero arriscar magoá-lo.

Tentei sair, mas ele estava novamente me segurando antes que eu conseguisse abrir, seu peito me aquecendo através do meu vestido. Sua presença me prendendo e, eu tremi, com minha determinação ameaçando vacilar.

— Blue, não faça isso. — Ele acariciou meu pescoço, e sua respiração era uma carícia quente na minha pele, um lembrete indesejado de como era estar perto dele. — Eu tenho medo que se você sair por essa porta, nós nunca mais teremos outra chance.

— Sua felicidade não está comigo, Alejandro. Por favor, não me procure mais.

Finalmente abri a porta.

— É isso mesmo o que quer?

Seu tom estava atado de desespero, e fiquei com medo de olhar para ele, porque estava preocupada, que ele estivesse à beira de lágrimas por causa da tensão de suas palavras como se as cordas vocais estivessem presas em algo.

— Sim — Selei nosso destino.

Adrenalina estava correndo através de mim quando eu cheguei à porta da minha casa, e quando abri e entrei tudo me atingiu no peito. Lágrimas nublaram minha visão quando deslizei as costas contra a madeira e sentei no chão.

Minha mente gritava aos meus ouvidos que eu havia tomado a decisão certa. Mas por que meu coração afirmava que eu tinha acabado de mandar embora o amor da minha vida?



Capítulo 21

Blue

Para um sábado à noite, o clube de dança que eu estava era discreto, mas ainda havia muita gente para meu humor anti-social. Meu acompanhante e eu encontramos uma mesa de canto.

— Você gostaria de algo para beber? — Lorenzo perguntou. O cara era quente como o inferno, moldado naquelas roupas estilo selvagem.

— Aceito um Rebujito para começar — respondi, tentando mostrar animação, mas quase não consegui disfarçar minha cara de desgosto. O cara deu um sorriso e, em seguida, foi buscar nossas bebidas. Eu me ajeitei na cadeira para esperar, observar as pessoas e ouvir o pulsar através do clube de hip-hop.

Eventualmente, eu olhava para a pista de dança me perguntando o que estava fazendo ali e com aquele cara.

A verdade é que depois do meu término com Alejandro, há quase duas semanas, eu tinha me tornado alérgica a diversão. Eu me sentia traída por ele, que estava fazendo exatamente o que eu pedi — se mantendo longe — e, ao mesmo tempo, estava me sentindo culpada pelo inferno que vinha sendo meus dias, já que era consequência das minhas escolhas. Sempre das minhas malditas escolhas.

Pensando numa forma de melhorar meu humor, eu aceitei sair com um colega de uma colega de trabalho. Praticamente, me arrastei para fora de casa.

— Está animada para dançar? — Lorenzo depositou dois copos de bebida sobre a mesa antes de se deslocar para o meu lado.

— Oh, não, não.

— É que você estava olhando para a pista. Pensei que estivesse com vontade de dar uma sacudida.

— Eu não sei dançar, mas obrigada — menti, e tomei um gole do meu drink.

— Graças a Deus, porque eu também não sei — ele disse com um suspirar de alívio e, eu ri.

Estudei o perfil do rosto dele. Mandíbula forte. Boca larga e sensual que

chamaria a atenção de qualquer mulher com um pulso. Talvez até mesmo de alguns homens.

— Há quanto tempo trabalha como enfermeira, Blue? — ele perguntou.

O olhar dele moveu-se em minha direção.

— Pouco tempo se considerar os anos que levei para me formar — respondi. — E você? Faz o quê da vida?

— Advocacia.

Arqueei as sobrancelhas.

— Interessante, mas não acho que você esteja contente com sua profissão. Acertei?

— Eu não... por que acha isso?

— Porque é verdade? — repliquei, mas acabei rindo. — Apenas deduzi pela sua forma de falar antes. Não senti entusiasmo no seu tom.

Ele expeliu uma respiração.

— É, você me pegou. Meu sonho era ser engenheiro, mas meu pai acabou me influenciando nos sonhos dele para mim, e... — calou-se, dando de ombros.

—... você abriu mão dos seus — completei sua linha de raciocínio.

— Pois é.

Tinha que admirar a coragem que ele teve para se anular daquela maneira, mas me senti mal por ele. Provavelmente porque reconheci a frustração do rosto dele no meu, embora por motivos um pouco diferentes.

— Uma coisa, eu digo, Lorenzo: o dia que você conseguir se libertar desse peso será o dia mais satisfatório da sua vida. Experiência própria.

— Você fazia outra coisa antes de fazer enfermagem? Honestamente, eu não consigo imaginá-la como enfermeira com todas essas tatuagens. — Gesticulou para a parte visível do meu corpo, onde mostrava meus desenhos. Eu optei por uma blusa azul de alças, e um short jeans.

Entortei os lábios.

— Uau! Isso foi um pouco rude.

— Você está certa, me desculpe. Acho que estou enferrujado para isso.

— Por que diz isso? — Eu quis saber, genuinamente intrigada.

— Saí de um relacionamento de longo prazo há poucas semanas.

— Ah. Sinto muito.

— Não, não sinta. — Ele pegou sua bebida e levou tudo em um gole só.
— As coisas já não estavam bem há muito tempo. Foi a melhor decisão que tomei.

— Será? — desafiei. — Algo me diz que você não é muito bom em suas decisões, Lorenzo, já que optou por abandonar seus próprios sonhos para seguir os passos do seu pai.

Eu sabia que tinha ido longe demais, mas era meu próprio humor oscilando.

— Quem você pensa que é para me julgar dessa maneira? Você sequer me conhece, garota! — rosnou, deixando-me chocada.

— E nem pretendo conhecer — resmunguei, esvaziando meu copo num gole generoso. — Imagino que tenha partido da sua ex a decisão de terminar o relacionamento. Você é um grosso.

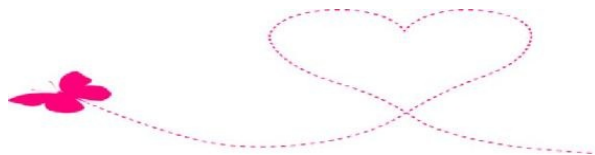
— Você não sabe de nada.

Ignorei seus murmúrios, e me levantei na intenção de ir embora, contudo parei assim que o ouvi novamente falando das minhas tatuagens. Girei meu corpo, de frente para ele e, estiquei meu dedo.

— Minhas tatuagens fazem parte de mim, elas são a minha identidade. Entretanto, nem todos possuem o instrumento necessário para explorar esse mapa... — gesticulei ao redor do meu corpo e, de repente parei a mão entre minhas pernas —, em busca do tesouro.

Dizendo isso, eu simplesmente virei nos calcanhares e me afastei. Aquele encontro tinha sido inútil, para não mencionar injusto comigo mesma. Aquele não era um homem que eu estava interessada em conhecer, aliás, nenhum homem, já que eu estava apaixonada por outra pessoa.

Alejandro.



— Já chega desse enclausuramento, Blue — Luna disse. Seu tom não

deixando nenhuma pergunta sobre os seus sentimentos sobre aquilo. Ignorando os meus protestos, ela se moveu em torno do meu quarto, pegou a roupa suja no chão e empilhou pratos e caixas contendo restos de comida sobre a cômoda.

— Não estou a fim de sair — Eu falei, erguendo as cobertas até minha cabeça.

Ela simplesmente puxou as cobertas de cima de mim.

— Nada disso. Faz dias que você não sai de casa, a não ser para ir ao trabalho. No começo, eu entendi, porque você estava uma confusão de sentimentos, mas já está na hora de reagir. — Ela começou a abrir as cortinas, fazendo a luz do sol entrar no quarto.

— Você não tem coisa mais importante para fazer, hun? Cadê o Romeu? Uma criança pequena como ele precisa da mãe, sabia?

Ela parou na minha frente, com as mãos na cintura fina. Seu olhar direcionado a mim era de irritação.

— Ah, tão engraadinha você... Romeu está com o pai dele — respondeu com rispidez. — Agora, levante-se e vá pentear o cabelo. Aproveite para escovar os dentes e vestir roupas limpas também.

Ergui-me, sentando-me na cama. A verdade é que eu não tinha ânimo para fazer nada.

— Não suporto vê-la tão deprimida — disse ela, indo para o meu armário. — Você precisa sair dessa escuridão que se tornou os seus dias, Blue. Hoje é sua folga. Que tal sairmos juntas, somente eu e você como antigamente? Podemos nos divertir.

— Não estou no clima para me divertir — resmunguei, ranzinza.

— Faz dois meses, Blue. Você escolheu isso, e agora não está querendo arcar com a consequência da sua escolha.

— Isso não tem nada a ver com o Alejandro — menti descaradamente.

— Você espera que eu acredite realmente nisso, ou apenas está tentando se convencer?

Com um suspiro cauteloso, voltei a deitar na cama e abracei o meu travesseiro.

— Eu apenas preciso dar um tempo.

— Você precisa dar um tempo é de ficar enfiada nesse quarto — ralhou.
— A sua vida continua, Blue. Alejandro está vivendo a dele sem você.

— É, eu sei disso. Inclusive fazendo visitas na sua casa com aquela Nádia — murmurei com amargura. — Você é uma traidora, Luna.

— Eu, traidora? Foi você que decidiu afastá-lo, Blue. E dessa vez, eu estou do lado dele, porque não é justo insistir por alguém que não sabe o que quer. Alejandro apenas quer ser feliz.

— E ele está feliz com ela?

— Sem chance! Você perdeu o direito de saber sobre a vida dele depois que o expulsou da sua. Agora, anda, se levanta dessa cama.

Gemi, inconformada.

— Você é uma péssima amiga, sabia? — falei, me rendendo à sua insistência. — Ao menos você pode me dar a alegria de dizer que Hugo e o irmão mau a odeiam?

Ela começou a rir da minha tentativa ridícula de encontrar refúgio naquilo, mas os cantos da sua boca se curvaram.

— Eles a adoram. E o David não é mais o irmão mau, Blue — concluiu com um revirar de olhos. — Ele é um cara incrível e um pai melhor ainda.

Esfreguei o rosto.

— Ah, você tem razão. Eu apenas estou irritada e toda essa coisa de amor me irrita mais ainda.

— Podemos dar uma volta no shopping e aproveitamos para fazer um lanche por lá mesmo — decidiu.

No meu armário, ela deslizou vários cabides para o lado antes de puxar um vestido simples. Em seguida, ela escolheu um par de saltos de tiras verdes e uma bolsa correspondente.

— Você não vai me deixar em paz, não é?

Ela negou com a cabeça.

— Você terá que lidar, e aprender a recomeçar sua vida. — Ela depositou o vestido, sapatos e acessórios na cama. — Não há nenhuma razão para que você fique sentada em casa como uma solteirona, porque essa não é a Blue que eu conheço. Sua história com Alejandro acabou, mas nada impede que você crie

outras.

Tremi internamente com aquela nova perspectiva. Mas desde que aconteceu de eu vê-lo pela cidade com Nádia — duas vezes — eu percebi que tinha o perdido. Senti as feridas sangrando meu coração.

— *Tá legal.* — Eu me levantei. — Não acredito que estou deixando você me convencer disso quando meu desejo é continuar exatamente aqui.

— Remoendo suas feridas? — perguntou, sarcástica.

Abri a boca para revidar, mas hesitei quando seu telefone começou a tocar. Deixei pra lá quando notei que era o David, e fui direto para o banheiro.

A mulher que me saudou quando olhei para o espelho era praticamente uma desconhecida; olheiras evidentes, cabelos sem um pinga de brilho. Em poucos dias, eu havia me tornado uma mera sombra da mulher que fui um dia.

— Blue?

Revirei os olhos.

— Eu já vou sair, Luna — falei, impaciente. — Vou apenas tomar um banho rápido e, eu serei toda sua.

— Ok. Não tente me enganar, hein?

Peguei-me sorrindo.

Ok, talvez eu estivesse um pouco insuportável. Mas eu realmente sentia saudades de Luna, e a verdade era que eu precisava de companheirismo e amizade. Daquele sentimento de pertencer, quando os últimos dias fizeram com que eu sentisse como se tivesse saído dos eixos.



Capítulo 22

Blue

Quando chegamos ao shopping, Luna me levou a uma lanchonete local, para que pudéssemos lanchar.

— Você já decidiu se pretende contratar uma babá? — perguntei, enquanto caminhávamos em direção ao lugar.

— Não gosto dessa ideia — respondeu com um suspiro doloroso. — Lea está idealizando uma creche dentro da empresa, porque têm muitas funcionárias que passam pela mesma experiência. Nenhuma mãe quer deixar o filho com estranhos. Nenhuma mãe quer ficar longe.

— Seria maravilhoso, porque traria conforto para todos vocês, inclusive para as mães que ainda amamentam, como é o seu caso.

— Esse é o ponto mais importante — disse, sorrindo.

Quando entramos na lanchonete lotada e andamos até o balcão, notei alguém olhando para mim. Entretanto, eu não estava no clima para flerte; tudo que eu queria era um hambúrguer. Um grande e, suculento cheeseburger duplo com um pouco de bacon, muitos pickles e maionese.

— O cara ao lado não tira os olhos de você — Luna confidenciou num sussurro.

— É, eu sei. Mas não estou interessada. — Eu podia sentir seus olhos em mim, praticamente queimando um buraco no meu corpo.

— Você está pronta para fazer o pedido?

Eu olhei através do balcão para o jovem servidor ansioso que estava sorrindo brilhantemente. Meu humor azedo quase não me permitiu sorrir e manejar o tom.

— Eu quero a opção de número três, por favor, com bastante pickles e maionese. Sem tomates. — Olhei para Luna. — E você?

Enquanto Luna tagarelava com o funcionário, eu olhei de soslaio para o lado. O cara ainda estava me encarando, além de estar bem mais perto.

— Você por acaso tem algum problema comigo? — Eu perguntei de uma maneira irritada, acenando para ele.

— Nenhum. Apenas estou admirando a beleza das suas tatuagens — respondeu, dando de ombros. — Nunca vi mulher mais linda na minha vida.

Rolei os olhos.

— Oh, por favor, essa foi a cantada mais fraca que eu já recebi. Poupe meu tempo, cara, porque não vou sair com você.

O choque nos olhos dele me surpreendeu.

— Você deveria aprender a ser mais amigável.

— E você deve aprender que nem todas as mulheres são suscetíveis às suas cantadas. — Minhas narinas se abriram, mas em vez de encará-lo, continuei a olhar para frente.

— Você é brava assim o tempo todo? — perguntou ele. — Sempre com suas defesas em alta?

— Eu sorrio muito quando estou gostando da companhia de alguém — lancei em sua direção, ainda me recusando a voltar a olhar para ele.

— Uau! Tão bonita, mas tão mal-humorada — Suas palavras saíram mais que um sussurro, mas elas ainda me enfureceram.

Virando-me para encará-lo, eu pretendia deixar claro o meu mau-humor, mas Luna me arrastou para longe, carregando nossos lanches.

— O que deu em você, hein?

— Eu disse que não queria sair de casa — respondi, tentando me manter séria, mas não consegui e dei risada sendo acompanhada por ela.

— Ele ficou assustado — Ela disse, assim que nos sentamos em uma das mesas espalhadas pelo lugar. — Acho que a partir de hoje, ele vai pensar duas vezes antes de paquerar alguém.

Voltamos a gargalhar.

— Eu realmente estou insuportável — resmunguei, deixando minha cabeça pender em minhas mãos. — Estou tão ácida quanto minha irmã.

— Oh, falando dela, ela já apareceu?

Neguei.

— Conversei com minha mãe ontem e, ela garantiu que ninguém sabe da Cecílie.

Ambas começamos a saborear nossos lanches.

— Mas e o Valentim? Ele é o pai do bebê, não?

Dei de ombros.

— Ele não está nem aí, Luna. No fundo, eu acho que ele se sentiu aliviado, já que se casou por obrigação.

— Mas o bebê não tem culpa de nada.

— Eu sei, mas estamos falando de pessoas que foram aprisionadas por muito tempo, Luna, e agora o que querem é apenas viver a liberdade deles.

Ela resmungou, inconformada com aquilo.

— Além disso, a mamãe falou que ele conseguiu anular o casamento. Então, ele e Cecílie não são mais nada um do outro. Eu só espero que onde ela estiver, que ela esteja cuidando da saúde dela e do bebê, que não tem culpa de nada.

Levei o copo de suco à boca.

— Como você está se sentindo diante de tudo isso? Eu sei do seu histórico familiar, Blue, e imagino que tudo que aconteceu esteja sendo difícil para você digerir.

Dei de ombros.

— Eu nunca tive um relacionamento tão bom com a minha mãe como estou tendo agora, então acredito que no final das contas, tudo acabou bem para nós duas. Ambas nos fortalecemos, sabe? Ela aprendeu a se erguer por si mesma e, eu, finalmente, entendi que não preciso mendigar o amor de ninguém.

— É muito bom ouvir isso — disse ela. — Foi exatamente sobre esse assunto que conversei com minha terapeuta na semana passada. É muito importante aprender a se amar e, ela me disse algo que me marcou profundamente.

— Sério? O que ela disse?

— Sim. Ela disse: Aceite-se. Reconheça suas qualidades e aceite as imperfeições, afinal, todo mundo tem!

Rolei os olhos, soltando um suspiro desanimado.

— Juro que estou tentando.

— Se trancando dentro de casa? Uhun, sei... — provocou e, eu sorri sem

jeito.

A conversa passou a se dividir entre diversos assuntos, enquanto lanchávamos e ríamos com a leveza de sempre. No fundo, eu me senti agradecida por ter saído de casa, pois precisava daquela distração.

— Eu não acredito! — exclamou Luna, depois que narrei um episódio que aconteceu no meu trabalho.

Eu ri.

— Estou dizendo. Aconteceu ontem — falei. — O homem apareceu na emergência vestido naquele terno de luxo, falando baixinho... — comecei a rir —, e quando fiquei sozinha com ele, eu descobri que, acidentalmente, ele tinha deixado um vibrador cair dentro do ânus.

— Acidentalmente?

Gargalhamos, embora cobrindo a boca com as mãos na tentativa de abafar.

Entre risos e brincadeiras, eu virei a cabeça para o lado no exato momento em que um casal — que eu, definitivamente, não fazia questão de ver — surgiu no meu campo de visão. Alejandro e Nádia caminhavam, conversando e sorrindo um para o outro como todo casal apaixonado. A camisa dele estava com as mangas desabotoadas e erguidas, mostrando os antebraços fortes.

Minhas bochechas esquentaram quando seu olhar se conectou com o meu.

Eu tinha certeza que todos perto de mim podiam ouvir a batida frenética do meu coração. Estar tão perto de Alejandro González era impressionante.

— Luna...

Eu não precisei terminar a frase, porque ela olhou na mesma direção que eu e entendeu meu desconforto.

— Eu entendo, mas você não precisa se apressar para longe dele e agir como uma vadia total. Afinal, não era isso que você queria? — provocou e, pela primeira vez eu quis esganá-la.

— Torcer pela felicidade dele não significa que anseio vê-lo desfilando por aí com outra mulher, Luna — sibilei entre dentes.

Meu corpo estava tremendo de desconforto quando inspirei profundamente na esperança de poder controlar minha ansiedade. Do lado de fora, eu parecia uma cadela de coração frio, mas por dentro, meu corpo estava descontrolado, e eu não conseguia me acalmar.

Por um momento, nossos olhos voltaram a permanecer trancados um no outro, e uma sensação de vibração encheu meu peito. O jeito que ele olhava para mim, escaneando meu rosto fez a sensação quente e confusa se transformar em uma chama ardente que se formou no meu estômago.

Alejandro González me arruinou para outros homens. Ninguém mais iria se comparar. E vê-lo seguindo em frente, ou melhor, seguindo sem mim, partia meu coração em pedacinhos. Tudo dentro de mim estava gritando para jogar a cautela ao vento e viver novamente.

Desde a primeira vez que nos vimos, Alejandro me apavorou. Ele me fez questionar todas as regras que eu tinha criado, e tais regras sempre funcionaram para mim — até conhecê-lo. Eu estava tentando muito não ceder aos meus sentimentos por ele. Tinha certeza de que podia manter aquilo até que ele ficasse cansado e seguisse em frente. E, eu afirmava a mim mesma que conseguiria ser forte quando isso acontecesse.

Mas eu não estava conseguindo ser forte.

Vê-lo com outra mulher apenas estava me machucando e, eu não podia fazer nada, porque era culpa minha.

Era tudo culpa minha.



Capítulo 23

Alejandro

Quando decidi sair com Nádia no sábado de manhã, eu tinha outros planos em mente e, definitivamente, não traziam Blue na equação. Eu tomei uma respiração afiada, e uma sensação intoxicante assumiu quando ela se virou e me viu, olhando para ela.

Desde que a conheci, o rosto dela se tornou o que eu via quando me masturbava, gemendo seu nome e imaginando-a gemendo o meu nas mesmas circunstâncias. Estava sendo uma ocorrência diária desde que ela terminou comigo.

Porra. Como continuar me mantendo distante quando tudo o que meu corpo e meu coração queriam era mantê-la por perto?

Meu corpo já estava vibrando com a necessidade de voltar a senti-la pressionada contra mim, sua respiração se espalhando sobre o meu pescoço e ombro enquanto eu empurro dentro dela.

Sacudi a cabeça, sentindo-me sujo, porque a Nádia não merecia aquilo. E, eu prometi que tentaria. Eu garanti a ela que me esforçaria para que déssemos certo outra vez.

No fundo, eu sentia que estava vivendo sob pressão, porque sentia a necessidade de ter uma parceira, uma companheira para amar e ser amado assim como meus irmãos tinham as suas.

Meu coração clamava pela dona dele...

Amálie.

Mas a vida estava passando bem debaixo do meu nariz, e eu não podia esperar para sempre. Não podia lutar por um amor não correspondido. Não podia continuar me humilhando por uma mulher que não devotava o mesmo amor que eu. E Nádia estava bem ali, disposta a me amar de volta. Mesmo eu tendo deixado claro que meu coração pertencia à outra.

Eu sacudi meus pensamentos e voltei minha atenção para Nádia, que estava de pé diante de mim, a centímetros do meu corpo duro, sorrindo para mim. Seu sorriso se estendeu por seu rosto, tocando seus olhos. Embora, eu soubesse que por dentro, ela estivesse nervosa.

— Eu juro que não sabia — confidenciou. — Se soubesse, eu jamais teria trazido você até aqui, Alê.

Levantei a mão e permiti que meu dedo percorresse sua bochecha, sentindo e absorvendo a suavidade de sua pele.

— Está tudo bem, Nádia. Blue faz parte da família e sempre fará — falei. Em seguida, entrelacei nossos dedos. — Vamos cumprimentá-las rapidamente antes de pedir nossos lanches.

A ideia era simplesmente dar um “oi” e sair, mas como sempre acontecia, aquela maldita mulher conseguia me manter cativo dela em qualquer circunstância; mesmo que naquele momento eu devesse estar odiando-a por ter me chutado da sua vida como se eu não significasse nada, meu desejo era de puxá-la contra mim. Saudade brotava dos meus poros e me abraçava formando uma aura densa e firme ao meu redor.

Eu a queria mesmo que ela estivesse me olhando com indiferença.

Eu a queria mesmo sabendo que ela não me amaria por igual.

Eu a queria mesmo consciente que estava agindo feito a porra de um masoquista.

Caralho!

— Eu não sabia que vocês tinham planos de fazer um passeio. — Pisquei quando meus ouvidos escutaram a voz da Luna, que estava abraçando a Nádia com carinho. — E saiba que você está linda.

Quando voltei a olhar para a Blue, vi que agora ela estava mexendo em algo no celular, ignorando totalmente a nossa presença. *A minha presença.*

Inferno.

Não que aquela indiferença fosse alguma surpresa para mim, mas eu imaginei, aliás, eu torci para que ela também estivesse sofrendo com nosso afastamento. Eu ainda tinha esperanças de que ela sentiria a minha falta e voltaria atrás com aquela decisão absurda de me manter longe da vida dela.

Era muito difícil ser obrigado a concordar com a realidade nua e crua.

A realidade que dizia que eu havia sido o único a me apaixonar.

— Sim, eu deixei o Romeu com o pai dele para poder desfrutar de um encontro entre amigas — disse Luna, estendendo a mão para apertar o ombro de Blue. Seu ombro muito nu e sexy.

Tudo em que pude me concentrar era no quanto continuávamos afastados, embora estivéssemos a poucos metros de distância.

— Alejandro?

Eu olhei em direção a Luna.

— O quê? — Eu não quis que o meu tom soasse rude, então franzi o cenho.

Nádia entrelaçou um braço no meu numa clara tentativa de me acalmar, mas aquilo não estava funcionando. Porque a raiz dos meus problemas estava bem ali, e não fazia a mínima questão de me olhar.

— A Luna perguntou se você aceita jantar com eles mais tarde — Nádia murmurou, sem jeito.

Toquei seu braço, enquanto encarava seu lindo rosto, que estava rubro naquele momento.

— Claro. — Passei meus dedos por suas bochechas, recebendo um sorriso como recompensa. Em seguida, eu voltei a encarar a Blue, que naquele momento estava me encarando diretamente. — Olá, Amálie.

Seus lábios tentadores formaram um bico desgostoso.

— Não me chame pelo meu nome de batismo, por favor.

Com a testa franzida, eu descruzei os braços com a Nádia e senti meu corpo empertigar.

— Por quê? — perguntei, totalmente disposto a brigar. — Eu não acho que sua personalidade realmente se identifique com o pseudônimo que você criou, Amálie, uma vez que, você apenas mudou o exterior — sibilei entre dentes. — O interior continua o mesmo.

— Alejandro... — Luna tentou me controlar, mas eu já estava irado demais.

Percebendo minha falta de controle e todo o clima tenso, ela se levantou e pegou Nádia pelo braço. — Você poderia me acompanhar ao banheiro?

Eu sequer desviei o olhar, porque tudo que me importava naquele momento era a mulher que continuava me encarando com aqueles olhos que me desnudavam sem o mínimo esforço.

— Você não sabe do que está falando — ela murmurou baixo. Pareceu

engolir em seco diante do meu olhar frio e furioso. — Não tem o direito de...

Espalmei ambas as mãos sobre a mesa de modo a crescer meu corpo sobre ela, que continuava sentada. Os olhos nos meus.

— Não tenho o direito de quê, hun? De afirmar que você continua a mesma mulher sem identidade? Sem perspectivas e fugindo de tudo aquilo que lhe exige amor?

Nesse momento, ela se levantou e tentou fugir, mas dei a volta na mesa a tempo de segurá-la pelo braço magro e frear seu movimento.

— Covarde e fraca. É isso o que você é, Amálie.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas, mas não me importei. Não naquele momento. Porque eu queria que ela sentisse alguma coisa nem que fosse dor.

— Alejandro, por favor, pare com isso — pediu com a voz embargada, mas sem olhar para mim.

Audaciosamente, eu toquei seu queixo e forcei seus olhos nos meus.

— Por que não quer me encarar, hun? Está com medo de ver o que você fez comigo?

Seu esforço de segurar as lágrimas já tinha ido por água abaixo naquela altura do campeonato, e seu rosto estava banhado por elas.

— Eu não fiz nada, Alejandro — sibilou com a voz fraca. — Eu apenas libertei você para que encontrasse a felicidade que jamais encontraria ao meu lado.

— Olhe para mim, Amálie, e veja se estou feliz — exigi e, ela pareceu sofrer nitidamente.

As pessoas ao redor estavam olhando para nós quando visualizei a paisagem ao nosso redor. Levei as mãos na cintura e inspirei fundo antes de rosnar de forma dura:

— Você era o meu sonho em forma de arco-íres, Blue, mas de uma hora para outra acabou se tornando o meu pesadelo. E, eu nunca odiei tanto amar alguém como eu amo você.

Dizendo isso, eu simplesmente virei nos meus calcanhares e saí pisando duro. Todas as minhas terminações nervosas estavam vibrando e, eu me sentia a ponto de explodir literalmente.

Parei assim que avistei Nádia e Luna caminhando na minha direção; elas estavam conversando de maneira leve e, eu agradeci internamente pelo fato da minha cunhada ter tirado a Nádia a tempo de ela presenciar toda aquela cena grotesca.

Definitivamente, ela não merecia aquela humilhação.

— Me desculpe por isso, por favor — soltei assim que ficamos frente a frente.

Ela sorriu, olhando para mim.

Luna apertou meu ombro, em seguida, se despediu de nós dois e se afastou.

— Está tudo bem, Alê — Nádia afirmou, encarando meus olhos atormentados. — Você e ela tiveram uma história recente, então é normal que ainda role esses desentendimentos.

E veio mais perto na intenção de tocar meu rosto com suas mãos, mas impedi seu movimento.

— Não, não está tudo bem. Será que não percebe? — Segurei suas mãos, mas a mantive perto de modo a encarar seus olhos. — Eu prometi a você que tentaria voltar a amá-la como quando éramos jovens, mas não tenho certeza se conseguirei cumprir essa promessa, Nádia. Puta que pariu. Você acabou de presenciar o que aquela mulher desperta em mim. Ela... ela...

— É a mulher que você ama, eu sei — ela me interrompeu. Em seguida, segurou meu rosto enquanto colava nossas testas. — Está tudo bem, Alê. Eu estou aqui com você. Antes de tudo, nós somos amigos.

Completamente engasgado, eu aceitei quando ela tocou meus lábios com os seus num beijo casto antes de me apertar num abraço de conforto.

Eu esperava que ela gritasse comigo e exigisse ir para casa, mas aquela reação me deixou nervoso, e eu não sabia o que pensar.

Apenas no quanto eu me sentia sozinho e perdido.



Capítulo 24

Blue

Um mês depois

Eu passava os meus dias, enterrada no trabalho para tirar minha mente de Alejandro. Plantões de doze horas. Casa. Mais plantões de doze horas. Casa... aquilo já tinha virado um ciclo vicioso, mas eu não sabia como me livrar daquele labirinto. Ao menos não depois que, finalmente, percebi a grande burrada que cometi na minha vida ao empurrar Alejandro para longe. Não se empurra o próprio coração para fora do corpo, porque o resultado disso é fatal. Mortal. Exatamente como eu estava vivenciando...

A própria morte.

Levei um tempo para perceber que o que influenciou minhas decisões nada teve a ver com Alejandro, mas apenas comigo. Tudo foi sobre mim e minhas fraquezas emocionais. Ele tinha razão quando afirmou, poucas semanas atrás, que minha mudança havia sido apenas por fora. Naquele dia, eu chorei como uma garotinha, consciente de ter perdido o melhor homem e melhor amigo que a vida já me presenteou.

Eu tinha usado a desculpa do medo de não ser o suficiente para ele, mas na verdade, eu tive medo de não ser amada o suficiente.

Anos sob o domínio doentio do meu pai me adornaram com um complexo de inferioridade absurdo e, meus próprios pensamentos me sabotavam dominando a minha forma de agir ou pensar.

Durante as últimas semanas, de tanta insistência da Luna, eu acabei cedendo aos pedidos para procurar ajuda terapêutica e entendi que sofria de uma síndrome chamada: Síndrome do Impostor. Pessoas que têm esse problema se sentem como uma verdadeira fraude, pois acreditam que todas as coisas boas que fizeram foram por mera sorte ou que não são tão bons quanto os outros dizem. Mesmo vendo os resultados do seu trabalho, não se convencem de que têm qualidades. Apesar de ser uma condição mais evidente no âmbito profissional, a síndrome do impostor também influencia nos relacionamentos, principalmente, os amorosos. Nesse sentido, um indivíduo que se acha inferior e indigno de amor, age como se o outro estivesse fazendo um favor ao estar ao

lado dele. Assim, a relação que deveria vir para somar, se transforma em motivo para grande sofrimento.

Exatamente o que aconteceu comigo e Alejandro.

Eu estava na sala de descanso e olhei para as ruas de Madrid, mudando de posição, me perguntando se havia alguma maneira de tirá-lo da minha cabeça. Por mais que eu estivesse sofrendo com tudo o que causei a nós dois com aquela maldita separação, eu não me sentia no direito de estragar o relacionamento dele com a Nádia.

Ele tinha direito a continuar seguindo em frente.

Ele merecia ser feliz.

Mesmo me ardendo de ciúme, eu ainda me sentia incapaz de atrapalhar a tentativa dele de superar a nossa história; e o fato da mulher escolhida ser amada por todos, até mesmo pela minha melhor amiga, me desmotivava tremendamente. Porque eu poderia ser vista como a vilã sadomasoquista que apenas buscava brincar com o coração do Alejandro.

Droga!

Eu estava cansada.

Meu telefone vibrou na minha mesa, chamando minha atenção, e quando olhei para o visor, enxerguei o nome da minha mãe. Atendi rapidamente:

— Oi, querida. Como estão as coisas? — Ela perguntou.

Nossa relação estava cada dia melhor e, eu sentia que era aquilo que estava conseguindo me manter de pé. Era maravilhoso, finalmente ter para onde correr quando os monstros ameaçavam atacar.

— Sim, mamãe. Bom, eu ainda me sinto mal, mas estou me esforçando. A terapia está me ajudando bastante — falei, referindo-me a minha história com Alejandro, que ela já estava por dentro de todos os detalhes. — E a senhora, como está? Alguma notícia da Cecílie?

— Ah, filha, eu estou muito bem. Meus bolos nunca venderam tanto, e devo isso à sua dica para que eu fizesse aqueles cursos de especialização de marketing de vendas. Foi quase um milagre.

Eu ri.

— Não foi milagre nenhum, mãe. A senhora apenas uniu estratégia com seu dom para preparar bolos. Bolos incrivelmente deliciosos e engordecadores.

— Engordecedores? Existe essa palavra? — Ela perguntou, divertida.

Ri um pouco mais.

— Não sei, mas certamente se enquadra perfeitamente nessa situação.

Ela gargalhou do outro lado da linha.

— Está certo — disse entre risos. — Bom, a sua irmã ligou para mim ontem à noite.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Ela disse onde está?

— Disse apenas que eu não preciso me preocupar, porque ela está bem e feliz.

Soltei um suspiro de preocupação.

— Eu não tenho muita certeza disso, mãe.

— Eu também, Amálie, mas estamos de mãos atadas. Infelizmente.

Houve um momento de silêncio, como se cada uma houvesse se perdido nos próprios pensamentos. Até que eu quebrei:

— E o papai?

— Olha, depois de tudo o que aconteceu e, ele quase ter morrido na mão do Valentim, as coisas estão mais calmas agora.

— Céus! Eu ainda não consegui digerir isso, mamãe. Nunca imaginei que Valentim pudesse ser capaz de algo assim.

— Infelizmente o seu pai plantou somente o ódio e a intolerância, filha, então não poderia colher outra coisa. Ele era um homem manipulador, e Valentim foi uma das marionetes. E se dando conta disso, somando-se a humilhação que o pai dele sofreu com a traição da esposa, ele se revoltou completamente. Ainda bem que chegaram a tempo e evitaram o pior, mas ele vai passar algum tempo na cadeia.

— Coitado.

— Pois é. Depois que a poeira baixou, seu pai e a vagabunda da Raina foram embora, juntos. Parece que estão em Praga e abriram uma igreja.

— Abriram uma igreja? Não acredito!

— E digo mais: Com o foco maior em aconselhamento de casal.

Ambas gargalhamos, porque aquilo era tão absurdo quanto cômico.

Continuamos conversando por mais um bom tempo, até que tive que desligar depois que meu *Pager* começou a apitar avisando que eu estava sendo requisitada para a sala de cirurgia.

Corri, entrando no meu *modus operandi*, concentrando-me em fazer bem o meu trabalho.

Depois de devidamente preparada e vestida adequadamente, eu passei longos minutos lavando e escovando minhas mãos, antebraços, unhas e cutículas com sabão anti-séptico. Pronta, eu entrei na sala juntamente com o neurocirurgião, que me explicou que o paciente havia sido vítima de um grave acidente de trânsito e que corria risco de morte.

Antes de me aproximar da mesa cirúrgica, a pergunta do especialista em traumas a respeito da descrição dos ferimentos do paciente me fez pegar a ficha médica nas mãos.

— Homem. Vinte e oito anos, vítima de um acidente de carro, que ocasionou em múltiplas lesões, sendo a mais grave no cérebro. Também quebrou o braço e lesionou a coluna.

Uma vez que, terminei de ler, eu levei os olhos para o equipamento que indicava o controle do traçado cardíaco, frequência cardíaca, pressão arterial, oxigenação sanguínea e nível de anestesia. Estava mais do que claro que o caso era muito grave, e que aquele homem parecia estar lutando pela vida dele.

Por mais que eu estivesse acostumada com aquele tipo de situação tensa, eu não conseguia deixar de sentir, porque era somente naqueles momentos que era possível ver o quanto a vida era frágil, o que facilitava as brechas para os temíveis arrependimentos.

Ah, se eu tivesse falado e feito aquilo antes...

Ah, se eu tivesse amado mais...

Honrado mais.

Talvez perdoado...

E foi com aqueles pensamentos que voltei os olhos para a ficha médica em minhas mãos, especificamente sobre o campo onde indicava o nome do paciente.

Alejandro González

Meus joelhos ficaram fracos.

Eu me vi congelada de medo. Tudo ficou mais lento e o medo paralisante me tomou com força total. Meus olhos lacrimejaram e meus ouvidos tamparam.

— Não — Eu sussurrei, a palavra queimando minha garganta. — Não — repeti, recusando-me a aceitar que aquilo pudesse realmente estar acontecendo.

— Senhorita, Amálie — disse um dos médicos da equipe, sua voz atada com preocupação. — Amálie. — Ele tentou novamente.

Eu consegui sair do transe, apenas para avançar na direção da mesa cirúrgica. O rosto do Alejandro estava totalmente irreconhecível, por isso não percebi antes. Mas era ele ali.

Era o meu coração fora do peito.

O amor da minha vida.

Tudo ao meu redor se desfez, exceto ele.

Exceto a certeza de que eu poderia perdê-lo para sempre.

Não sabia como, mas acabei sendo arrastada para fora da sala sob protestos. Eu sabia que estava sem condições psicológicas de auxiliar na cirurgia, mas o medo falou mais alto.

Trêmula, eu corri para a sala de espera, contendo assim que cheguei lá, eu vi Hugo e David abraçando a Nádia, que estava aos prantos. Luna estava desesperada tentando acalmar o Romeu, que chorava sem parar como se sentisse que algo muito ruim tinha acabado de acontecer. Ameacei me aproximar, mas o que eu diria?

Eu havia perdido o direito quando abandonei Alejandro lá atrás.

Com isso em mente, eu recuei e me enfiei numa das salas de mantimentos. Permiti-me chorar ali mesmo, sozinha.

Extremamente sozinha.



Capítulo 25

Blue

Não sei quanto tempo fiquei trancada naquela sala, chorando, mas em determinado momento, eu acabei saindo. Minha supervisora me viu, e já sabendo do meu pequeno surto dentro da sala de cirurgia, ela recomendou que eu fosse para casa descansar.

Agindo no automático, eu fui ao vestiário e troquei de roupa. Eu me sentia anestesiada e tentando entender se aquilo fazia parte da minha realidade, ou se apenas era minha mente me pregando peças. Constantemente, apareciam casos de pacientes graves no hospital onde a comoção era geral, porque por trás do jaleco existia um ser humano com um coração capaz de sentir toda a dor do próximo. Mas eu nunca pensei que estaria do outro lado da sala; sofrendo com a família. Chorando e revivendo cada momento que passei ao lado de Alejandro, e me remoendo porque a última vez que nos vimos, um mês atrás, foi marcada por aquela discussão horrível no shopping.

Eu não queria aceitar que aquela se tornasse a nossa última lembrança. Não era justo conosco.

Carregando a minha bolsa, eu me encaminhei diretamente para a sala de espera. Luna foi a primeira a me ver e meu rosto inchado pelo choro deixou óbvio que eu já sabia do acontecido.

— Foi horrível, Luna — choraminguei nos braços dela. — Eu descobri na sala de cirurgia e fiquei totalmente sem condições de auxiliar. Acabei sendo expulsa.

— Eu sinto muito — disse ela. — Eu tentei te ligar, mas só dava ocupado — explicou e deduzi que foi enquanto eu conversava com minha mãe. Nos afastamos. — Alejandro tinha acabado de sair da empresa e perdeu o controle do carro, que bateu de frente a um poste de energia.

— Por que ao invés de ficar chorando, você não vai atrás de informações, hein, Blue?

Olhei por sobre o ombro da Luna, me deparando com o olhar frio de David. Ele parecia zangado comigo.

— E-eu... — engoli em seco —, acabei sendo liberada, então não tenho

autorização para entrar lá.

Ele jogou as mãos para cima, num sinal de frustração e impaciência. Luna tocou meu ombro, chamando minha atenção para ela, que me olhava com um pedido silencioso de desculpas. Eu entendia. Naquele momento, eles precisavam de alguém para culpar; alguém para ser o alvo de toda raiva acumulada.

De soslaio, eu olhei para a Nádia, sentada num canto e com o pequeno Romeu nos braços. Ela chorava baixinho, amuada e totalmente derrotada. Seu rosto estava extremamente vermelho. Não havia dúvidas dentro de mim de que aquela mulher verdadeiramente amava o Alejandro, porque seu sofrimento equiparava-se ao meu.

— O quadro clínico dele era muito crítico? — Luna quis saber.

Funguei, enquanto enxugava as lágrimas com as costas das mãos.

— Infelizmente. O acidente ocasionou múltiplas lesões.

Meu peito se comprimiu e me deixou com dificuldade para respirar.

Apertei as mãos da Luna, e fui até o David, mas esse me ignorou completamente. Cabisbaixa, eu fui até o Hugo, que conversava com alguém pelo celular.

— Ainda não sabemos de nada, meu amor. Os médicos não deixaram a sala de cirurgia — ele dizia, provavelmente para sua esposa Lea. De repente seus olhos fixaram-se nos meus quando percebeu minha presença. — Por favor, cancele todo e qualquer compromisso nosso. David e eu não sairemos daqui até termos certeza que nosso irmão ficará bem.

Ele ficou mudo por mais alguns instantes, até encerrar a chamada.

— Hugo, eu gostaria de dizer que sinto muito — falei com a voz embargada. — Meu coração está sangrando e a dor está insuportável. Sei que apenas palavras não são suficientes, mas quero que saiba que meu sentimento é sincero.

Meus olhos estavam nublados, mas ainda fui capaz de enxergar seu olhar de indiferença. Hugo apenas assentiu e passou por mim como se eu fosse uma estranha. Senti-me sufocada quando o assisti acolhendo Nádia, que agora chorava copiosamente nos braços dele. Mais a frente, Luna consolava o marido, que praguejava baixinho.

Engoli os soluços, sentindo-me uma intrusa ali. Era como se eu não fizesse

parte da família mesmo meu coração dizendo o contrário.

Vagarosamente, eu me afastei.

Fora do hospital, eu fui brindada pelo sol escaldante, mas não me importei e comecei a andar sem rumo. Desnorteada, eu acabei esbarrando em uma mulher idosa.

— Oh, por favor, me perdoe — pedi, sem controlar os soluços, segurando-a pelos ombros.

A mulher se compadeceu da minha dor e acalentou meu rosto molhado.

— Oh, criança, que sofrimento doloroso, eu vejo nos seus lindos olhos. — Suas mãos buscaram pelas minhas, frias e suadas. — Venha comigo, querida. Você está precisando se sentar um pouco.

Eu estava tão abalada emocionalmente e fisicamente que, como uma boneca, eu me deixei ser guiada por aquela senhora amável até um dos bancos dispostos pelo enorme espaço. Havia algumas árvores espalhadas que concediam sombras refrescantes em dias quentes como aquele.

Assim que me sentei, eu senti como se uma torneira houvesse sido ligada dentro de mim fazendo com que as lágrimas brotassem sem fim dos meus olhos. Eu chorava de soluçar, sentindo todo o meu interior se contorcer com aquela dor insuportável.

A dor de não poder fazer nada.

A dor de estar de mãos atadas.

— Você perdeu alguém?

Olhei para o lado, para o rosto enrugado daquela senhora adorável. Funguei o nariz, tentando, em vão, parar de chorar.

— Tecnicamente sim — respondi em prantos. — Por puro medo, eu mandei o homem da minha vida embora, e agora ele está lá dentro — aponte para o prédio atrás de nós —, numa sala de cirurgia, entre a vida e a morte. E, eu sequer tenho direito de chorar junto com a família dele, já que a namorada atual está lá.

— Oh, querida, eu realmente sinto muito. — Ela apertou nossas mãos, juntas. — Mas diga-me: O amor da sua vida sabe que você está aqui fora sofrendo por ele e torcendo com todas as forças para que ele fique bom logo?

Fiz uma análise rápida dos últimos dias e cheguei a conclusão óbvia.

— Não. Eu nunca confessei meus sentimentos a ele — falei, sentindo-me ridícula. — Até um tempo atrás, eu pensei que estava fazendo a coisa certa, sabe? Porque Alejandro é a melhor pessoa que conheci e merece somente o melhor da vida.

— E você pensou que não fazia parte do pacote — Não foi uma pergunta.

Assenti, derrotada, olhando para nossas mãos unidas. Havia uma aura tão acolhedora vindo dela, que, aos poucos, eu fui me acalmando.

— Sabe, criança, quando tinha a sua idade, eu conheci um rapaz chamado Miguel; ele era mais velho do que eu, três anos. Tanto minha família quanto a dele não aceitaram o nosso romance. Meu pai se recusava a aceitar um genro negro e pobre. E de tanto falarem argumentos contrários, o homem da minha vida começou a acreditar que talvez fosse melhor não ficarmos juntos, porque toda a nossa teimosia apenas estava trazendo tristeza e sofrimento para todos nós.

— O que aconteceu?

— Nos separamos — ela disse com pesar e, eu quase voltei a chorar. — Cada um seguiu por um caminho totalmente diferente do que tínhamos planejado. Eu me casei com outro, que na opinião do meu pai, era digno. Tive filhos e por um bom tempo, eu não soube mais nada do Miguel, porque ele mudou de cidade depois que terminamos. Mas eu nunca consegui esquecê-lo. Nunca fui capaz de apagar as nossas lembranças da minha memória, mesmo depois de tantos anos.

Ela se calou.

— Eu não entendi porque a senhora me contou essa história triste — resmunguei. — Não me ajudou em nada.

Ela riu.

— Mas quem disse que a história acabou? — Voltei a encarar seus olhos cansados.

— Não? — Havia esperança no meu tom de voz.

— Eu estou na cidade, porque minha filha acabou de dar a luz ao meu segundo neto, aqui, nesse hospital — explicou. — E, na primeira vez, que vim visitá-la, surpreendentemente, eu acabei me perdendo e fui parar no andar errado e na sala de outro paciente.

Um sorriso de entendimento pairou no canto dos meus lábios.

— Vai dizer que... Do Miguel?

Ela cobriu a boca com uma das mãos, sorrindo num misto de timidez e alegria. Suas bochechas enrugadas ganharam um tom rosado deixando-a com aquele ar de menina sapeca.

— Nos reconhecemos de imediato e, a partir daquele momento, não nos separamos mais. Descobri que ele vive sozinho há alguns anos e que não teve filhos. Já eu, fiquei viúva há dois anos. Miguel está no hospital tratando de uma pneumonia, mas assim que o médico conceder a alta, nós dois pretendemos nos casar.

Dei um gritinho agudo de puro êxtase naquele momento, enquanto puxava o rosto dela para o meu a fim de beijar suas bochechas.

— Que lindo!

Ela começou a rir.

— Eu e Miguel ainda nos amamos, mesmo depois de tantos anos. Eu não me arrependo do passado, porque minhas escolhas não me trouxeram apenas sofrimento, elas me trouxeram meus filhos e netos, que hoje são meus maiores tesouros. Mas lá no fundo, eu me sinto entristecida pelos momentos que perdi com Miguel, entende, querida? — Assenti, sabendo onde ela queria chegar. — Você ainda é tão jovem. Por favor, não faça como eu. Não tenha medo de lutar por sua felicidade.

Mordi os lábios, digerindo suas palavras.

— Mas eu não sei se ele ainda quer.

— Você só saberá se tentar. Somos o que ganhamos, mas se quiser ser melhor, então saia da sua zona de conforto. Pare de falar e comece a agir, porque lamentar não te trará nenhum benefício. Acorde e lute! Mude o rumo da sua vida. Não queira apenas ler a história, mas faça parte dela.

Senti o deslizar de uma lágrima solitária pelo meu rosto.

— Obrigada — soprei, assim que ela se levantou e se inclinou para depositar um beijo carinhoso na minha testa antes de se despedir. Seu cheirinho de morango impregnou em minhas narinas mesmo depois que ela havia se afastado, deixando-me pensativa quanto as suas sábias palavras.

Olhei para uma das tatuagens no meu pulso esquerdo, onde trazia — um

ponto e vírgula — que traduziu perfeitamente o momento que eu estava passando.

Ponto e vírgula numa frase significa uma pausa, mas não o fim. Traz a mensagem de que mesmo que pareça que você parou, você ainda está lá, firme e forte!

Eu não parei.

Minha história ainda não acabou.



Capítulo 26

Blue

“O estado dele é grave e, ele seguirá internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), sendo monitorado com toda a atenção da equipe médica enquanto se encontrar em coma induzido.”

As palavras do chefe da cirurgia não saíam da minha cabeça e, eu odiava não poder fazer nada para mudar aquele prognóstico. Contudo, todos respiraram aliviados quando Alejandro venceu as primeiras vinte e quatro horas.

Os dias seguintes se arrastaram, pois a expectativa crescia cada vez mais para uma melhora no quadro clínico dele, ainda mais depois que os médicos decidiram diminuir a sedação a fim de ver se Alejandro voltava do coma.

Hugo e David, praticamente, revezavam nos plantões, assim como Nádia, que vinha dormindo na sala de espera.

Eu tentei conversar com eles mais algumas vezes, mas a indiferença no tratamento me venceu e acabei desistindo de tentar uma nova aproximação. Sabia que tinha alguma coisa errada, mas esperaria o momento certo para perguntar. A situação não condizia.

Tinha acabado de passar nos quartos dos pacientes do pós-operatório quando meu telefone vibrou com uma nova mensagem.

Luna: Está livre para tomar um café comigo?

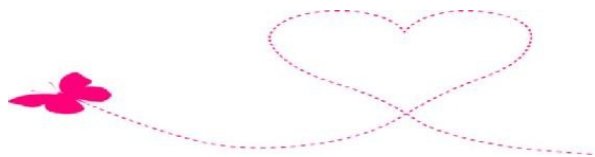
Li e reli umas duas vezes, mas acabei ignorando.

— Ah, Amálie?

— Sim, doutor.

— Você pode dar uma verificada na senhora Hernandez para mim? — perguntou, entregando a ficha médica dela. — Foi administrado glicose no soro dela após jejum de 12 horas. Agora, eu preciso que você faça o teste padronizado de tolerância à glicose (TTG) após a administração de 75 gramas de glicose anidra por via oral, com medidas de glicose no soro ou plasma nos tempos de 0 e 120 minutos após a ingestão.

— Claro.



Eu estava tomando uma vitamina de frutas, enquanto ouvia uma música do Metallica quase no último volume. A intenção era silenciar todo e qualquer pensamento ruim; tentar esquecer minha dura realidade.

— Você vai acabar ficando surda desse jeito, Blue.

Ergui os olhos no exato momento em que Luna parou diante da minha mesa, sorrindo para mim. Ela se sentou, e eu tentei me levantar.

— Ei? — Sua mão segurou a minha. — Por que está se esquivando de mim? É por causa da Nádia? Olha, Blue, eu não posso simplesmente tratar a garota mal por causa do seu ciúme bobo.

— É isso o que você acha, Luna? — perguntei, presa entre a incredulidade e a raiva. Esquivei-me do seu toque. — Faz pouco mais de três semanas que Alejandro deu entrada nesse hospital, e eu me sinto como um zumbi. Eu choro todos os dias e todas as noites, mas não tenho direito de chorar junto da família dele, porque por alguma razão, eu estou sendo tratada com uma indiferença cortante. Meu coração está sangrando e, eu estou sozinha para cuidar das minhas feridas. Estou sozinha, Luna. Sozinha. Porque minha melhor amiga prefere consolar a mulher que chegou agora — confessei em prantos. — Eu não estou dizendo que você deva ignorar a dor da Nádia, porque sei que é real. Ela ama o Alejandro tanto quanto eu. Mas eu precisei de você, Luna. Precisei de você e fui ignorada por todos vocês. E dói ainda mais saber que você faz pouco caso da minha dor afirmando que é apenas ciúme.

Com lágrimas nos olhos, eu decidi me afastar.

— Blue?

Ignorei seus chamados.

— Eu pedi para você esperar, droga! — Ela resmungou, voltando a me segurar.

— Agora não, Luna.

Sem dar a mínima para meu pedido, ela simplesmente me arrastou para o lado de fora do hospital. O céu estava cinzento, antecipando a chuva que cairia a qualquer momento. Com um safanão, eu me soltei da Luna e fiquei de costas

para ela.

— Blue, olha para mim — pediu. — Poxa, Blue, eu sinto muito. Eu fiquei tão focada na dor deles e na minha, que acabei me esquecendo de você. Isso é imperdoável, eu sei. — Fiquei quieta e, ela se empertigou. — Sou uma péssima amiga. Vai, pode dizer...

Virei-me para ela, que me encarava com os olhos úmidos.

— É, você já foi melhor — falei, rindo fraco.

Ela abriu um sorriso e se jogou nos meus braços, apertando-me com toda a força que pôde.

— Me perdoe, Blue. Eu amo você.

Ambas choramos nos braços uma da outra por longos minutos, até sentarmos em um dos bancos. Nos permitimos ficar em silêncio por alguns instantes.

— Como você está conseguindo administrar tudo isso? — Ela perguntou no fim.

— Ah, eu sou grata pelo meu trabalho, porque assim consigo distrair a mente — respondi. — Mas nas horas livres, eu fico na frente da sala da UTI, torcendo pela recuperação dele. — Ri, amarga. — É engraçado, porque cresci dentro da igreja, mas agora que preciso, eu não sou capaz de orar. Não sei falar com Deus.

Luna pegou minha mão e apertou entre as suas.

— Você realmente o ama? — Assenti. — Então Deus conhece o desejo do seu coração, minha amiga. O pior já passou. Alejandro é forte.

Respirei profundamente, tentando acreditar naquelas palavras.

— David me contou o que aconteceu.

Levei meus olhos para ela, totalmente alerta.

— No dia do acidente, horas antes, ele e Hugo começaram a pressioná-lo a respeito da Nádia, porque eles acreditavam que o irmão deveria seguir em frente, coisa que ele parecia não estar fazendo.

— Ele e Nádia não estavam bem? — perguntei com a testa franzida.

Luna suspirou.

— Ele nunca deixou de amar você, Blue. E nunca escondeu isso de

ninguém.

Engoli com dificuldade, sentindo meus batimentos cardíacos acelerarem.

— Mas meu marido e meu cunhado decidiram que essa situação precisava ser revertida, porque eles amam a Nádia. — Nesse momento, ela me encarou, séria. — A garota realmente é incrível.

Revirei os olhos, mas eu sabia que ela estava certa.

— Então eles discutiram, porque Alejandro não aceitou que se metessem na vida dele daquela maneira — Ela continuou. — E furioso, ele saiu mais cedo da empresa, mas devido a todo estresse da discussão, ele acabou perdendo o controle do carro e sofreu aquele acidente.

— Oh, porra! Por isso que os dois não estão falando comigo — deduzi, chocada. — Eles acreditam que sou a culpada.

— Não, Blue. Por favor, não vá por esse lado — Luna explicou rapidamente. — Eles apenas estão nervosos com tudo. Nenhum deles culpa você.

— Mas...

Hesitei quando alguém se aproximou de nós.

— Nádia?

— Desculpe atrapalhar, mas o David pediu para chamá-la, Luna. O Romeu está incomodado, acreditamos que ele esteja com fome. — Ela sorriu.

Luna assentiu, em seguida, se levantou e olhou para mim.

— Você vem?

Levantei-me, mas parei quando ouvi a voz da Nádia.

— Você se importa de ficar mais um pouquinho, Amálie? Eu quero conversar com você.

Luna me olhou com um olhar preocupado, mas garanti que estava tudo bem. Ela se afastou, tranquila, e Nádia e eu nos sentamos lado a lado.

— Há dias, eu venho observando você — ela começou a falar —, e vejo o quanto está sofrendo. O que me faz acreditar que você ainda o ama. Estou certa?

Soltei um arquejo cansado.

— Quando eu deixei Alejandro, erroneamente, eu pensava que não seria o

suficiente para ele. Você pode não acreditar, Nádia, mas eu me senti intimidada quando conheci você. Quer dizer? Olhe só para você... — soltei uma risada nervosa —, é toda linda e delicada. Que homem não amaria ter você ao lado dele?

Ela me ofereceu um sorriso triste.

— O Alejandro — respondeu sem deixar qualquer brecha para dúvidas. — Ele chegou a me amar quando éramos jovens, mas não chegou nem perto da intensidade do amor que ele sente por você, Amálie — garantiu e, eu fiquei sem ar diante daquela confissão. — Quando o procurei, dizendo que pretendia voltar a Madrid, e que se ele ainda me quisesse nós poderíamos retornar de onde paramos, ele disse que se esforçaria. E, ele se esforçou. Esforçou-se para me amar de volta. Mas como lutar contra algo que foge do próprio controle?

— Por que está me dizendo isso?

Ela sorriu triste.

— Porque eu o amo, mas quero a felicidade dele. E a felicidade dele não é ao meu lado, mas no seu.

Consegui escutar as batidas ensurdecadoras do meu coração. Sua mão buscou a minha.

— Estou disposta a me afastar dele se você prometer lutar por esse amor.

— Mas... — engoli em seco, sentindo minha garganta queimar —, e se ele não quiser?

— Então eu também lutarei por ele — decretou, séria.

Respirei fundo, digerindo tudo que acabei de ouvir, com calma.

De repente, meu *Pager* apitou, e meus olhos se arregalaram.

— O que foi?

Com meus olhos cheios de lágrimas, eu olhei para o rosto daquela linda mulher, que nada tinha em comum comigo, a não ser o amor pelo mesmo homem.

— Ele acordou. Alejandro acabou de acordar.



Capítulo 27

Alejandro

Eu estava sentindo meu corpo pesado e muito dolorido. Não fazia ideia de onde estava e muito menos o que estava acontecendo.

Pessoas estranhas começaram a mexer no meu corpo e a fazer perguntas.

— Senhor Alejandro, você pode me ouvir?

Eu estava assustado, mas consegui balançar a cabeça afirmativamente, já que minha garganta queimou na minha única tentativa de abrir a boca para falar.

— Bom. Está sentindo dor? Consegue mexer suas pernas para mim?

Franzi a testa, mas assim como ele, eu olhei para baixo e ordenei aos meus pés que eles se mexessem. Demorou um pouco, mas mexeram. Assim como meu braço também. Percebi que um deles estava imobilizado.

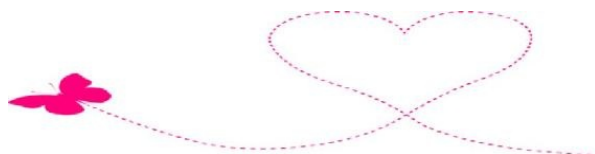
Dali em diante, eu fui submetido a uma série de exames minuciosos a fim de terem certeza se não havia sequelas. Minha mente ainda estava confusa, mas flashes do que tinha acontecido antes do acidente começaram a invadir minhas lembranças. Eu fechava os olhos lutando para mandar tudo aquilo embora, mas não tinha controle.

“— Você precisa parar de sofrer por uma mulher que não te quer, irmão. Puta que pariu. A Nádia está esperando uma atitude sua — disse Hugo.

— Será que pretende deixar a história se repetir e ela novamente ir embora da sua vida? Se o destino a trouxe de volta é sinal de que ela é a mulher certa. Não a Blue. — Dessa vez foi David quem falou.

— Já chega, porra! Parem de se meter na minha vida, caralho. Em que momento eu me meti na vida amorosa de vocês, hun? Inferno!”

Minha cabeça doeu devido ao esforço de tentar recordar o que aconteceu depois. Eu estava cansado e tudo o que queria era sair daquele lugar. Eu queria ir para casa.



Voltei a abrir meus olhos, percebendo que agora estava num quarto. O som das gotas de chuva batendo na janela e deslizando pelo vidro teve a minha atenção. Ao menos até o rosto da mulher que vinha atormentando minha mente surgir no meu campo de visão.

Amálie.

Ela ainda não tinha percebido que eu estava acordado, então tive a oportunidade de observá-la um pouco melhor. Estranhei as manchas escuras abaixo dos seus olhos como se ela não estivesse dormindo direito. Ela parecia mais magra também. Tê-la ali tão perto de mim me fez desejar puxá-la para meus braços para sentir que ficaria tudo bem; para voltar a sentir a conexão que tínhamos antes de tudo desandar. Por que o amor causava tanta dor? Não era justo o amor visitar o coração de alguém que não seria correspondido.

Comecei a me lembrar das noites que passei em claro depois do nosso desentendimento no shopping, e cheguei a conclusão de que a amaria para sempre, contudo estava cansado de sofrer. Eu queria ser feliz.

De repente, nossos olhos se encontraram e vi que ela arquejou de susto, mas não escondeu a emoção de me ver olhando para ela.

— Você acordou.

Gentilmente, ela levou os dedos ao meu rosto, acariciando.

— Você pode me falar seu nome e o motivo de estar aqui? — Ela sussurrou.

Parei um pouco para analisar e absorver sua pergunta.

— Meu nome é Alejandro González — Minha garganta parecia ter sido arranhada por cacos de vidro. — Eu estou no hospital por causa de um acidente de carro.

Ela sorriu, feliz por minha resposta.

— Muito bem, Alê, isso é maravilhoso, porque mostra que seus estímulos neurológicos estão funcionando perfeitamente. Você já passou pelo exame físico, onde foi verificado o tônus, a força muscular, a sensibilidade, os reflexos, a postura, o equilíbrio e tudo aquilo que possa dar suporte as atividades de vida diária como o equilíbrio. Sua recuperação está bem rápida. — Ela começou a mexer em algo que estava ligado a mim, em seguida, verificou minha ficha médica antes de administrar um medicamento direto em minhas veias.

— Onde estão os meus irmãos? — perguntei, ainda desacostumado com o som estranho da minha voz. O gesso em um dos meus braços também estava extremamente incômodo.

Ela parou ao meu lado.

— Eles estão lá fora, apenas esperando para vê-lo — Ela disse. — Mas confesso que me achei no direito de roubar esses minutos a sós com você, Alejandro, porque precisava ver com meus próprios olhos que não o tinha perdido. — Ela buscou minha mão e a apertou. — Foram dias infernais sem saber o que aconteceria com você, mas eu não perdi a esperança. Sabia que voltaria para nós. Para mim.

Ela se inclinou e beijou meus lábios.

— Sei que você não está entendendo nada, mas eu percebi que a vida é muito curta para viver com medo. Entendi que cometi um erro com você, Alejandro, e que se ainda me quiser, eu estou disposta a passar o resto da minha vida ao seu lado e provando o quanto amo você.

Minha garganta se fechou com a vontade de chorar diante daquela revelação que tanto almejei ouvir da boca dela. Mas, infelizmente, eu não estava convencido de que ela realmente me amava ou se de repente estava apenas impactada com o acidente.

Saber que quase perdi minha vida por culpa do que meu sentimento por ela causava em mim me desestabilizou e me senti derrotado. Derrotado por amar demais e não ser correspondido.

Pela primeira vez, eu percebi que ela tinha razão quando dizia que eu merecia mais.

— Será que você pode pedir para minha família entrar, por favor? — pedi e vi a confusão em seus belos olhos. — Preciso ver a minha namorada.

Meu corpo se enrijeceu e vi seu rosto sendo tomado por mágoa e dor.

Ela não respondeu de imediato, apenas permaneceu me encarando tentando ler meus olhos. Tentando compreender o que estava escrito no meu olhar.

Eu havia desistido.

Não havia mais um “nós” ali.

— Claro. Entendi — falou no fim, lutando para esconder a tristeza na voz,

mas eu percebi.

Cabisbaixa, ela se afastou e abriu a porta. Logo em seguida, Hugo, David, Lea, Luna e Nádia entraram no quarto, que rapidamente foi tomado por comoção.

Todos perguntavam e atropelavam as perguntas, uns dos outros, eufóricos para saber como eu estava me sentindo.

Senti-me amado e agraciado por ter cada um deles na minha vida, e embora ainda não me sentisse verdadeiramente completo, eu sabia que conseguiria seguir em frente, porque eu era um González.



Último Capítulo

Blue

— Como ele está? — Eu não me surpreendi que minha mãe se preocupasse em perguntar primeiro sobre o estado de saúde de Alejandro, ao invés de saber como eu estava.

— Teve alta na semana passada — respondi, sorrindo de puro alívio. — A recuperação dele se sucedeu maravilhosamente bem e, em pouco tempo. Agora ele deverá enfrentar mais alguns meses de fisioterapia, mas nada que não tire de letra, já que passou pelo pior.

— Que notícia boa, filha. — Ela vibrou. — E você? Conseguiu falar com ele?

Mordi os lábios, nervosa.

— Ah, mãe, eu não tive mais oportunidades — respondi. — E todas as outras vezes que tentei falar, ele se recusou a me ouvir.

— Então pretende desistir de novo? — acusou sem um pinga de remorso.

— Não é questão de desistir, mãe, mas de saber o momento de dar uma pausa.

Ela ficou em silêncio, apenas digerindo minhas palavras.

— Amálie Adamec, o que você está planejando?

Eu sorri, me preparando para narrar meu plano.



Dois meses depois

— A senhorita pode entrar agora — declarou a secretária.

Ergui-me, e passei as mãos sobre minha saia lápis na intenção de tirar qualquer amassado perceptível.

Eu queria que tudo fosse impecável.

Com a cabeça erguida, eu segui a passos firmes na direção da imponente porta de madeira diante de mim. O som do contato dos meus saltos contra o chão só não era mais alto do que o som dos meus batimentos cardíacos, que ressoavam em meus ouvidos. Indicando o quanto eu estava nervosa.

Trêmula, porém sem deixar transparecer, eu abri a porta e entrei. O primeiro rosto que vi foi o de Luna, seguido pelo do David, Lea, Hugo e por último... Alejandro.

Nenhum deles conseguiu esconder a confusão que minha presença ali causou. Mas não tive pressa para explicar. Uma, porque eu estava lutando para encontrar minha voz. Duas, porque eu precisava de tempo para me preparar.

Depositei uma pasta sobre a mesa, em seguida, liguei a tela do retroprojetor.

— O que significa isso, Blue? — Luna ressoou em voz alta a dúvida presente no rosto da maioria. — Foi realmente você que nos convocou para essa reunião?

— Sim — respondi, estalando os dedos e me colocando de frente para todos eles. — Eu gostaria de reunir todos vocês, mas não sabia como. Então Lea me ajudou. — Apontei para ela, que sorriu lindamente.

Respirei fundo, antes de focar o olhar em Alejandro, que continuava sério e calado, mas não deixava de me encarar. Seu corpo ainda carregava as marcas do acidente, mas ele ainda continuava lindo.

Engoli com dificuldade devido à tensão que seu olhar intenso causou em todo o meu corpo.

— Bom, não é novidade alguma a maneira como entrei para a família de vocês, já que minha melhor amiga e irmã se tornou esposa do David, que, aliás, me deve alguns favores — lembrei-o. — Vocês me julgaram e me trataram com indiferença no momento em que Alejandro ficou mal, mas ninguém parou para entender o meu lado nem mesmo a minha melhor amiga.

Luna baixou a cabeça, envergonhada.

— Sei que minha trajetória não colaborou para que vocês me dessem um crédito, mas eu posso garantir que todo o sofrimento me fez amadurecer, e não somente a entender meus sentimentos, mas a me conhecer também. Aprendi a lutar pela minha felicidade. Aprendi que todos possuem o direito a uma segunda chance — Voltei a olhar para o David, que assentiu entendendo a mensagem

pelas entrelinhas. — E, eu sei, Hugo, que tanto você quanto seu irmão só almejam a felicidade do Alejandro. A felicidade completa que somente eu posso dar a ele.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Isso apenas meu irmão poderá nos dizer. — Ele apontou para Alejandro, que mexeu a boca para falar, mas acabou hesitando. Depois, ele se jogou contra o encosto da cadeira e permaneceu me olhando.

Esperando.

Observando.

Sentindo os espasmos da tremedeira pelo meu corpo, eu apertei o play no meu celular, e algumas imagens começaram a passar na tela do retroprojeto. Eram fotos minhas com Alejandro quando estávamos na República Checa. A maioria tirada por ele.

— Esses momentos foram os mais felizes da minha vida — falei, tirando os olhos da tela e olhando para ele. — Porque você estava do meu lado, me amando e me mostrando que eu merecia o melhor. Alejandro, você não media esforços para me defender, mesmo que isso fosse contra o que eu acreditava, porque eu estava cega na época. Mas agora consigo entender quando você dizia que eu não deveria aceitar migalhas. Você me ensinou o verdadeiro sentido do amor. Ensinou-me a não somente amar você, mas a me amar também. E hoje, eu me amo. Eu me aceito. Sou a Blue, a garota doida e cheia de tatuagens, mas também sou a Amálie, a garota cheia de vulnerabilidade. — Me aproximei dele. — Eu amo você, Alê. E todo esse circo que eu armei foi apenas uma forma desesperada de tentar chamar sua atenção; para fazer você entender que eu quero recomeçar ao seu lado. Eu quero de verdade. E prometo que não vou mais fugir.

O silêncio na sala estava ensurdecedor.

Permaneci encarando-o por segundos intermináveis, e quando o constrangimento começou a tomar conta de mim, eu abaixei a cabeça. Prestes a reunir toda a minha insignificância e ir embora, eu ouvi a voz dele:

— Por favor, pessoal deixem-nos a sós.

Eu cruzei os braços, porque simplesmente não encontrei jeito melhor de aplacar a onda de nervosismo abatendo meu corpo enquanto assistia, em silêncio, a sala esvaziando.

Assim que ficamos sozinhos, Alejandro se levantou, ajeitando o paletó.

Fiquei parada no mesmo lugar quando ele se recostou na ponta da mesa. Seu braço, outrora com gesso, agora carregava uma tipóia.

— O que tem nessa pasta? — indicou com o queixo.

Pigarreei, esfregando as mãos suadas sobre a saia:

— Bom, eu descobri que você pretendia pedir a Nádia em casamento, então isso me fez tomar medidas drásticas.

Com a testa franzida, ele pegou a pasta nas mãos e retirou o único papel que tinha lá dentro.

— Isso é um pedido de casamento por escrito? — perguntou, incrédulo, porém com um sorriso nos lábios. — Você está me pedindo em casamento, Amálie Adamec?

Eu dei de ombros, sem jeito.

— Você sabe que não sou muito boa com essas coisas de romance.

A risada dele foi o melhor som do mundo.

— Vem cá — pediu. Dei alguns passos e logo fui puxada para o calor do seu corpo. — Eu e Nádia não estamos juntos.

— Não? — Eu estava confusa.

Ele negou.

— Não. Acabamos descobrindo que, apesar do que vivemos na juventude, funcionávamos melhor como amigos. Ela até foi embora de Madrid.

— Nossa! Que pena.

Ele parou e me encarou com olhos examinadores.

— Sério?

Dei risada.

— Não — confessei. — Para falar a verdade, eu estou vibrando com essa notícia.

Ele riu junto comigo.

— Blue, honestamente, eu não esperava por isso. — Gesticulou ao redor, referindo-se a reunião que preparei. — Desde o começo, eu deixei claro que queria estar com você, que queria amá-la. E, eu lutei por isso.

— Sim, você lutou. E, eu estou aqui agora. — Segurei seu rosto. A barba

comprida fez cócegas nas palmas das minhas mãos.

— Você tem certeza que é isso que quer?

— Sim, eu tenho. De corpo, alma e coração — respondi, convicta. — Estar aqui agora, parece certo, e imaginar o resto da minha vida com você, parece perfeito. Eu e você tivemos nossos altos e baixos. Mas tudo o que vejo agora é a possibilidade de crescermos juntos. Somos perfeitos um para o outro.

— Somos?

Sorri da sua zombaria.

— Sim, nós somos. Meu amor por você é forte e só vai crescer.

Ele parou um pouco para analisar minhas palavras. Em seguida, passeou a mão, livre da tipóia, por meu braço, depois pelo meu rosto. Admirando meus traços sem parecer ter pressa.

— Uma vez que, você seja minha esposa, eu vou mostrar a você todos os dias o que realmente é o amor, e você nunca estará sozinha.

Um sorriso enorme tomou conta dos meus lábios e não consegui me conter, beijando-o freneticamente, até que sua mão firmou minha cabeça através da minha nuca. O olhar selvagem estava lá, prestes a me devorar.

— Isso significa que você aceita meu pedido de casamento?

Ele sorriu.

— Tecnicamente o pedido foi meu, *tigresa*. — Sua língua invadiu minha boca num beijo voraz. Um beijo de saudade. De fome. De sede. — O próximo passo que vamos dar será o selo final do nosso amor.

Voltamos a nos beijar, e quando o fôlego nos abandonou, eu me afastei.

Olhando para ele com a melhor expressão de safada que consegui, eu levei os dedos no elástico da saia para baixá-la apenas o suficiente para mostrar minha nova tatuagem. “*Um pequeno redemoinho de fogo ao redor do nome dele, e uma seta indicando o caminho do paraíso.*”

Quando voltei a encará-lo, ele estava totalmente paralisado.

— Vo-você tatuou meu nome na sua boceta? — Sua voz falhou e, eu ri, mordendo os lábios.

— O nome do único homem que a faz chorar sem o mínimo esforço.

— Puta que pariu, Blue. — Ele me puxou contra seu peito novamente,

sem dar a mínima para o braço ferido. — Olha o que você faz comigo... — esfregou-se me fazendo sentir a dureza da sua excitação.

Enrolei meus braços ao redor do seu pescoço, chorando, finalmente me sentindo completa.

— Eu amo você, Alejandro — soprei, unindo nossos lábios. — Amo você com tudo de mim.

— E, eu a amo mais, minha *tigresa*. Você é perfeita para mim com todas as suas imperfeições.

E com aquela declaração, ambos daríamos início ao nosso: felizes para sempre.



Epílogo

Blue

Quando deixamos a empresa, minutos atrás, a ideia era seguir para a casa do Alejandro, mas nosso desejo era tanto que acabamos decidindo ir direto para a minha, porque era mais perto.

A tensão sexual que se instalou, parecia uma corda esticada entre nós. Mantendo-nos mais perto. Trêmula, eu estendi a mão para a porta da minha casa, mas Alejandro foi mais rápido e a abriu para mim. Tão ansioso quanto eu.

— Você está muito nervosa, querida. Até parece que não vê a hora de estar cavalgando sobre meu pau.

Ele deu um sorriso que me perfurou como uma flecha.

— Você está certo, mas temo que, eu precisarei seguir algumas recomendações médicas.

Lentamente, eu me virei para encará-lo.

Sua presença enviava ondas vibrantes de energia por todo o meu corpo; a aterradora visão dele o tornava dono do meu ar.

O homem era assustadoramente lindo.

— Do que exatamente você está falando? — Sua testa se enrugou.

Fechei a porta atrás de nós, e agarrei seu pescoço avançando em sua boca.

— Eu vou cuidar de você — soprei contra seus lábios, antes de beijá-lo.

Alejandro soltou o ar de seu peito, quando chegamos ao quarto e, eu o fiz deitar sobre a cama. O fato de ele estar impedido de movimentar um dos braços estava deixando-o um pouco frustrado, já que restringia seus toques em meu corpo.

— Aonde vai? — quis saber quando notou minha intenção de sair do quarto.

— Vou me preparar para cuidar de você.

— Você tem certeza que eu aguentarei por muito tempo? — A mão dele desceu para massagear-se por cima da calça social.

Sorri, mordendo os lábios.

— Talvez esse seja um risco que eu esteja disposta a correr. Além do mais, temos a vida inteira para matar toda essa saudade. — Pisquei, sendo presenteada pelo seu lindo sorriso.

Minutos mais tarde, eu retornei ao quarto, vestida com meu uniforme de enfermeira.

— Recebi um alerta de que existe um paciente muito necessitado aqui nesse quarto — falei, desfilando pelo cômodo. — Confere?

Ele já estava deliciosamente nu, e me encarava com aquele olhar sexy, que me deixava louca.

— Depende. A senhorita é capacitada, enfermeira? — perguntou, safado, entrando na brincadeira. Meus olhos fixaram-se na sua mão, que fazia um lento movimento de vai e vem no seu pau.

— Oh, sim... — rastejei-me sobre o colchão —, sou muito caprichosa no meu trabalho. Tenho certeza que o senhor vai se surpreender com meus talentos. — Abri um sorriso sedutor.

Coloquei-me sobre seu corpo, tomando cuidado para não colocar peso sobre seu braço, e peguei o lugar da sua mão lá embaixo, sentindo o calor do seu delicioso pau entre meus dedos.

Ele gemeu e colocou sua mão em meu rosto. O homem ofegava, desesperado, seu nariz escovou o meu.

— Caralho, Blue. Puta que pariu.

Sua boca tocou a minha.

Avassaladora.

Esmagadora.

Estonteante.

Lábios, línguas e mordidas.

Desci com meus lábios pelo seu pescoço, arrastando minha língua, sem pressa, pelo seu peitoral definido. Ainda era possível visualizar as marcas de alguns hematomas, mas beijei cada uma delas, com carinho e amor.

— Olha só o que temos aqui... — falei, quando seu pau grosso ficou na minha frente, ao nível dos meus olhos.

Inchado e duro.

Tão grande, áspero e bonito como o resto dele, a cabeça já gotejando com sua excitação.

Uma inundação de desejo me tomou. Calor espalhou-se rapidamente e pulsou entre as minhas coxas.

— Parece que encontrei um *grande* problema — dei ênfase a palavra grande, e, ele sorriu, satisfeito. — Está doendo aqui? — perguntei, inocente, massageando seu pau bem lentamente.

— Oh, porra, enfermeira, sim — respondeu, enlouquecido.

— Será que se eu der alguns beijinhos vai melhorar?

— Acho que não — disse, sem vergonha. — Precisa de umas lambidas generosas também.

Gargalhei.

Deslizei minha mão para cima e para baixo no seu eixo, enquanto Alejandro puxava meu cabelo com força. Mas não me importei com seu aperto severo. Ele inclinou os quadris para frente, esfregando a cabeça do seu pau ao longo da costura da minha boca, banhando meus lábios com seu pré-goço.

Minha língua disparou para fora, fazendo Alejandro assobiar uma respiração entre dentes cerrados.

Meus olhos foram até o rosto dele, e o encarei de maneira ousada segurando o seu olhar enquanto abria meus lábios. Lentamente, eu empurrei sua ereção para dentro mergulhando-o no calor da minha boca sedenta.

— Bendito inferno! — Ele rosnou.

Meus lábios se fecharam em torno do eixo, e minha língua fez redemoinhos na cabeça. Eu chupava com vontade, sugando-o com força e pressão.

Alejandro passou a mover os quadris em um ritmo constante, saqueando minha boca sem piedade e indo para o fundo da minha garganta.

— Foda-se, Blue, mas eu vou gozar — Ele gemeu.

E no instante seguinte, eu arrastei um orgasmo dele direto na minha garganta. Lambi tudo como uma excelente profissional.

Deixando-o trêmulo, eu abandonei a cama para poder retirar minhas roupas.

— De acordo com seu prontuário médico, eu vi que você precisa de algumas injeções. — Ele arregalou os olhos, e eu ri. Nua, eu voltei para a cama. — Mas, eu estou disposta a tomá-las no seu lugar... — falei, sentando-me com as pernas abertas em seu quadril. Sua ereção cutucando a minha entrada molhada.

Prestes a nos encaixar, Alejandro me surpreendeu ao puxar meu corpo para ele, de modo a lambar meu umbigo e minha tatuagem feita em homenagem a ele. Gemi quando ele deu uma lambida generosa na minha abertura, beijando-me como se eu fosse um banquete delicioso.

— Já chega... — falei sem fôlego — Hora da injeção, querido...

Novamente sobre seus quadris, eu me ergui, apenas o suficiente para segurar e guiar seu pau em direção a minha entrada ansiosa, e, eu simplesmente, sentei.

Nossas respirações se tornaram palpitantes.

— Porra, que saudade — Ele murmurou incoerentemente, me puxando para beijá-lo, enquanto estabelecíamos um ritmo gostoso.

Eu choquei minha boca na dele para poder beijá-lo mais forte.

Ele disse meu nome e, eu continuava beijando sua boca enquanto cavalgava sobre ele com tudo de mim.

Sem controle.

Sem reservas.

Totalmente livre.

Livre para amar e ser amada.

Acariciei os músculos definidos de seu abdômen, que saltaram e estremeceram sob o meu toque.

— Você está me enlouquecendo, Blue. Porra!

Desejo vinha dele em ondas inebriantes.

— Alejandro... — gemi, apertando meus mamilos.

— Deus... Blue... Blue... é tão bom. Porra... tão bom. Essa boceta — Uma torrente de palavras escapou de sua boca quando ele tomou o controle das investidas e passou a me foder com força.

Descontroladamente.

Loucamente.

Avidamente.

E a visão dele... A visão era magnífica.

Senti seu pênis pulsando e consegui pegar o exato momento em que ele gozou. Cada centímetro glorioso dele ficou rígido.

Ele pulsou com seu orgasmo, e sua cabeça caiu para trás com um rugido gutural quando ele se deixou ir.

Lentamente ele abriu os olhos, mas o mesmo frenesi permanecia neles. Fogo. Ele rapidamente me jogou para o lado.

Antes que eu pudesse entender, ele ergueu e equilibrou uma das minhas pernas, seu pau voltou a me penetrar, preenchendo-me com força.

Seus olhos estavam desesperados enquanto ele me acariciava profundamente. Eu gemi quando ele me fodeu implacavelmente, a boca sugando meus mamilos túrgidos e me trazendo ao êxtase.

Meu corpo explodiu em pedacinhos. E, eu gritei.

Meus dedos cavaram seus ombros enquanto eu gozava. Onda após onda.

Ele diminuiu, ofegante, seus olhos ainda selvagens.

Olhamos um para o outro, sorrindo. Aquela sensação gostosa de finalmente estar em casa. De que tudo estava certo. No lugar.

— Espero que você esteja melhor, senhor Alejandro, porque essa injeção acabou comigo — Ele riu. — Estou drenada.

Ajeitei-me em cima do seu peito, suspirando, satisfeita, por estar novamente nos braços do homem que eu amava.

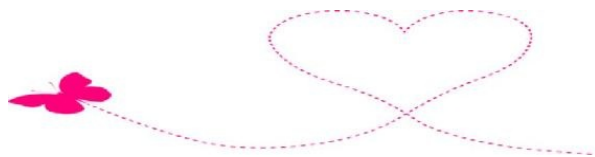
— Eu senti saudades, meu amor — Ele disse, beijando minha cabeça.

— Eu também. — Ergui os olhos. — Me perdoe por ter demorado tanto.

Ele sorriu, amável.

— Você chegou na hora certa, Blue, porque agora está pronta para mim. Totalmente livre para me deixar amá-la.

Sorri, e aceitei quando seus lábios buscaram os meus.



Algumas semanas depois

Alejandro: Você tirou tudo?

Sorri, mordendo os lábios.

Eu: Sim. Lisa e molhadinha do jeito que você gosta.

A resposta foi imediata.

Alejandro: Caralho, Blue. O que eu faço com você?

Prestes a responder, eu fui impedida pela chegada de alguém na sala de descanso.

— Blue, tem uma moça atrás de você na emergência.

Franzi o cenho, estranhando.

— Quem é?

— Sei não. Vim apenas te avisar.

Num misto de curiosidade e desconfiança, eu corri até a emergência e só não tropecei em meus próprios pés, porque consegui me segurar na parede a tempo.

— Cecílie? — engasguei, ainda incrédula.

Ela estava mais gorda, cabelos pintados e, repleta de piercings. Seu rosto estava carregado de maquiagem borrada, devido ao choro de dor.

— Você pode me ajudar, irmã?

Nitidamente, ela estava em trabalho de parto.

Pisquei para dispersar o choque do meu corpo, em seguida, peguei uma cadeira de rodas e fui até ela.

— Onde você esteve nesse tempo todo, Cecílie? Deixou a mamãe e eu muito preocupadas.

— Isso não vem ao caso agora — sibilou entre dentes. — Apenas faça

essa maldita dor passar.

Rolei os olhos.

— Ei, flor da noite? Eu estarei aqui fora te esperando — disse um homem, chamando a atenção dela, que sorriu para ele.

— Quem é esse? — perguntei, confusa.

— Alguém que se importa.

Ignorei seu sarcasmo, e me concentrei no que precisava fazer.



— A sua menina é linda, Cecílie. — Levei a saudável bebê para os braços dela. — Ela tem os seus olhos.

Cecílie estava com ar cansado, mas ainda sim, eu enxerguei amor nos olhos dela quando admirou a filha.

— Ela é tão pequena — disse, emocionada.

— É sim. — Enxuguei uma lágrima que acabou rolando sem que eu pudesse impedir. — Você já sabe como irá chamá-la?

— Eva.

Sorri.

— É um lindo nome.

Fiquei mais algum tempo com elas, até que minha irmã pediu para descansar. Então peguei a pequena Eva do colo dela e coloquei no berço ao lado da cama.

Quando olhei para o lado, Cecílie estava dormindo. Parecia exausta. Aproximei-me e beijei sua testa.

— Eu amo você, minha irmã.

Fora do quarto, eu comecei a ligar para todo mundo. Nossa mãe ficou eufórica e já começou a fazer planos para a chegada da neta, sem nem saber se a Cecílie tinha intenção de voltar para casa.

Tentei acalmá-la, em vão, então apenas sorri e compartilhei das suas

loucuras.

Alejandro ficou tão surpreso quanto eu assim que soube e nem me esperou pedir para que viesse ao hospital, porque ele mesmo avisou que estava a caminho.



— Como foi? — Ele quis saber, depois de beijar minha testa. — Ela simplesmente apareceu?

Conversávamos enquanto seguíamos para o quarto de Cecílie.

— Sim, eu fiquei em choque, porque ela estava em trabalho de parto.

— Você está bem? — perguntou, sem esconder a preocupação.

Assenti, puxando seu rosto para poder beijar seus doces lábios.

— É uma menina. — Sorri.

Abri a porta do quarto, animada, mas tal foi minha surpresa em encontrar o cômodo vazio e a pequena Eva chorando, sozinha.

— Cadê ela?

Desesperada com aquele choro, eu fui até o berço e peguei a menina nos braços.

— Eu não sei. — Fui ao banheiro, mas o mesmo também estava vazio.

— Blue?

Voltei ao quarto. Alejandro balançava um papel nas mãos.

— Encontrei sobre a cama.

— O que é?

Meu coração galopava no peito.

— Uma procuração. Sua irmã passou a guarda para o seu nome.

Eu me obriguei a sentar, porque tive medo de cair.

— Como aquela vaca teve coragem, Alejandro. — Comecei a chorar copiosamente. — Olhe para ela... — aponte para a menina.

Ele se aproximou de mim, circulando minha cintura com o braço bom.

— Tão novinha e já foi abandonada pela mãe — concluí com pesar.

Alejandro inclinou a cabeça para olhar aquele pequeno ser nos meus braços.

— E quem disse que ela foi abandonada?

Olhei para ele sem entender.

— Mas...

Ele pegou o papel.

— Aqui diz que ela tem uma mãe chamada Amálie Adamec e um pai chamado Alejandro González.

Funguei devido aos soluços.

— Vo... Você...

— Vo... Você... — ele me imitou e, eu ri. Sua boca tocou a minha num beijo apaixonado. Depois enxugou o rastro de lágrimas com os dedos. — Se você quer, eu também quero. Eu topo tudo com você, Blue. — Ele disse, fazendo meu rosto se contorcer com novas lágrimas. — E se a sua irmã deixou a filha dela com você, é porque ela sabe que estaria em boas mãos. Cecílie a ama, por isso confiou a você, o seu bem mais precioso.

— Como fazer para amá-lo mais? — perguntei, abobalhada.

O sorriso que ele me ofereceu foi tão lindo quanto perigoso.

— Fica tranquila quanto a isso, *tigresa*, pois já estou estudando novos métodos para fazê-la gozar enlouquecidamente. Então logo serei a única razão do seu viver.

Gargalhei, puxando sua boca na minha e me perguntando: Como poderia ser mais feliz?

Impossível!

Prólogo

(A proibida do CEO)

Romeu e Eva

Fazia alguns minutos que eu estava observando a garota que atormentava meus pensamentos a mais tempo do que eu podia me lembrar. Isso, porque ela não se comparava a nenhuma que eu já tivesse tido a oportunidade de conhecer ou ficar. Não. Eva era delicada e inocente. Inteligente e sarcástica quando queria. Eu não tinha certeza o momento que comecei a enxergá-la com olhos maliciosos, contudo, o momento não importava, mas o fato em si. Eu era a porra de um cretino que sonhava em comer a prima.

De várias formas e ângulos diferentes.

Em cada canto do meu apartamento.

Eu queria respirar aquela inocência dela e roubá-la para mim. Puta que pariu! Eu seria mandado apenas com passagem de ida para o inferno.

Os cabelos negros como a noite, naquele momento, caíam como cascatas em seus ombros desnudos. Seus lábios rosados estavam deliciosamente presos entre seus dentes brancos enquanto ela me encarava, expectante. Seus olhos me faziam cativo com tanta facilidade que eu me sentia fora de controle com o efeito que ela possuía sobre mim e meu corpo.

Nenhuma outra tinha aquele poder.

— Você pode repetir, Eva? Juro que estou tentando não acreditar que você veio até meu apartamento para me pedir um absurdo desses.

Ela rolou os olhos, demonstrando toda a sua impaciência. Incrivelmente ela conseguia ficar ainda mais linda quando estava irritada.

— Romeu, nós crescemos juntos, poxa! E, eu sei que você já comeu a maioria das minhas amigas. Então por que não quer me comer também?

Fúria invadiu meus poros quando ouvi suas palavras.

— Nunca mais se refira a você dessa forma tão baixa, Eva — vociferei, indignado. — Nenhuma das suas amigas se compara a você. Nenhuma significou nada para mim. Você é diferente. Pelo amor de Deus.

Levantei do sofá, nervoso com toda aquela situação.

Fiquei de costas, esfregando o rosto e tentando raciocinar qualquer coisa que não fosse meu pau indo de encontro ao calor reconfortante entre as pernas da minha prima quente como o inferno.

— Mas eu não quero ser diferente, será que não percebe? — Ela me puxou para ela, e vi as lágrimas banhando seu lindo rosto. — Estou cansada de ser tratada como a garotinha perfeita mesmo tendo dezenove anos. Eu estou a fim de um rapaz, mas ele sequer se aproxima, porque tudo em mim... — ela gesticulou para o próprio corpo —, berra inexperiência.

— Então você quer que eu lhe ensine o sexo? — Minha voz quase não saiu.

A proximidade dela, em contrapartida com aquela proposta indecente e tentadora estavam fazendo um ótimo trabalho entre minhas pernas.

E lá estavam eles novamente, os dentes castigando seus deliciosos lábios. Será que ela fazia ideia do quanto a imagem dela assim era erótica pra caralho?

— É isso que eu quero — Veio a resposta num tom rouco, porém firme.

Ali, na minha frente, Eva parecia a própria perdição em forma de mulher. Deliciosamente dentro daquele vestido curto e sexy. Os pés carregavam o tipo de salto que eu simplesmente ficava louco, alto e fino. Minha mente passou a criar múltiplas cenas, onde eu a fodia com ela usando apenas aqueles saltos, cravando-os nas minhas costas.

Trêmulo, e tentando controlar meus piores instintos, eu acariciei seu rosto angelical.

— Eu adoraria poder ajudá-la, meu *anjinho*, mas não posso fazer isso. Além dos nossos pais me matarem, eu nunca me perdoaria se levasse você para a minha selvageria.

Irritada, ela retirou minha mão do seu rosto num gesto agressivo. Admirei seu traseiro arrebitado quando ela se inclinou para pegar a mochila do chão, ao lado do sofá, em seguida, marchou para a saída.

— Não se preocupe, porque encontrarei quem queira me ajudar. Garanto que não faltará preten...

Não a deixei terminar de falar, porque apenas imaginá-la fazendo aquela mesma proposta a outro, já me fazia querer matar alguém.

— Ok, eu ajudo. — Espalmei a porta, impedindo ela de sair.

Eu estava sem fôlego.

— Sério? — perguntou, eufórica. — Uau! Graças a Deus, porque não queria que fosse outra pessoa.

Respirei fundo antes de me voltar para ela. Meu olhar estava escuro na sua direção, e ela parou de sorrir.

— Se eu fosse você, eu não perdia tempo clamando por Deus, porque nem ele poderá te ajudar depois do que eu pretendo fazer com você, Eva. — Enlacei-a até mim, inspirando seu aroma com toda a fome que eu possuía dela. — Você quer aprender a ser uma putinha na cama? Ok, eu vou ensinar, *anjinha*. E quando terminarmos, você terá se transformado numa verdadeira diabinha. Eu prometo.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, que me supre todos os dias.

Obrigada a você leitor, que abraçou esses irmãos com tanto ímpeto e amor. Certamente, eles não seriam nada sem cada um que torceu e compartilhou a história deles.

Ao meu marido, que é minha base, juntamente com meus filhos.

Novamente agradeço demais a autora e amiga Silmara Izidoro, que é sempre tão paciente comigo e me socorre em meus momentos de apagão... rrsrrs Obrigada de coração!

E por último, mas não menos importante, eu agradeço a uma leitora especial, que acabou se tornando uma amiga querida, Raquel Garcia. Obrigada, minha linda, por cada áudio motivador e palavras de incentivo. Foi muito importante para mim.

Enfim, amores meus, nos vemos na história de Romeu e Eva?

Um beijo!

CONHEÇA OUTROS TRABALHOS

Disponíveis no site: www.amazon.com.br

(SÉRIE EM BUSCA DO AMOR)

Eu sou a amante do meu marido — 1
Em busca do perdão da minha mulher — 2
Uma chance para recomeçar — 1,5
Eu sou dela — 3
Depois da Despedida — 4
Eu sou seu menino mau — 5
BOX com todos os cinco livros

(SÉRIE CAFAJESTE)

Um Cafajeste em Apuros — 1
Um Cafajeste no meu pé — 2

Trilogia Pecaminoso

(CONTOS)

Identidade G
Ela não pode saber — As aventuras de um noivo atrapalhado

(HISTÓRIAS ÚNICAS)

A Luz dos teus olhos
Outra vez em seus braços
11 homens e uma mulher
A Paixão do CEO
A Obsessão do CEO

(PARCERIA COM A AUTORA BABI DAMETO)

Rendido pelo amor
Rendida pelo perdão
Backstage — Dean (Livro 1)

SIGA A AUTORA EM SUAS REDES SOCIAIS

Facebook: /saradojonas
Instagram: @saraejonas
Wattpad @SaradoJonas

^[1] Preço de noiva^[1] é [o dinheiro](#), a [propriedade](#), ou outra forma de [riqueza](#), paga pelo noivo ou sua família, para a família da mulher

com quem ele vai se [casar](#) ou está se casando.